

EDDIE VAN FEU

Trono SEM REI





Eddie Van Feu

O Trono Sem Rei

Ilustrações:
Carolina Mylius

O Trono Sem Rei

Copyright © 2012 Eddie Van Feu

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma, ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto em casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

Direitos reservados

Editora Linhas Tortas

Rua Engenheiro Adel, 83/102

Rio de Janeiro - CEP: 20260-210

Tel: (21) 3872-4971

Endereço Eletrônico: linhastortas@alcateia.com

Site: www.linhastortas.com

Conselho Editorial:

Renato Rodrigues

Luciana Werneck

Ricky Nobre

Capa e ilustrações: Carolina Mylius

Design: Ricky Nobre

Revisão: Josephine Samuelle

Visite nosso endereço no outro plano (o virtual): www.linhastortas.com

Sumário

[PREFÁCIO](#)

[Capítulo 1](#)

[Mudança de Hábito](#)

[Capítulo 2](#)

[Sorvete Interrompido](#)

[Capítulo 3](#)

[As Coisas em Que Acreditamos](#)

[Capítulo 4](#)

[Jesus, Moisés e o Velhinho](#)

[Capítulo 5](#)

[A Festa](#)

[Capítulo 6](#)

[A Verdade, Nada Mais que A Verdade](#)

[Capítulo 7](#)

[Pratos Limpos](#)

[Capítulo 8](#)

[Um Pouco de Loucura É Bom](#)

[Capítulo 9](#)

[O Inesperado](#)

[Capítulo 10](#)

[Que As Verdades Sejam Ditas](#)

[Capítulo 11](#)

[Buscando um Caminho](#)

[Capítulo 12](#)

[As Coisas Nunca Saem Como Planejamos...](#)

[Capítulo 13](#)

[Uma Noite na Vila](#)

[Capítulo 14](#)

[A Fada-menina](#)

[Capítulo 15](#)

[O Rei](#)

[Capítulo 16](#)

[A Fuga](#)

[Capítulo 17](#)

[Surpresa!](#)

[Capítulo 18](#)

[Meu Querido Pônei](#)

[Capítulo 19](#)

[Um Velho Amigo](#)

[Capítulo 20](#)

[Andarilhos](#)

[Capítulo 21](#)

[Manhã Azul](#)

[Capítulo 22](#)

[A Princesa e o Soldado](#)

[Capítulo 23](#)

[Rainha da Ventania](#)

[Capítulo 24](#)

[Jenny Dentes-Verdes](#)

[Capítulo 25](#)

[O Recado de Paralda](#)

[Capítulo 26](#)

[Reencontro](#)

[Capítulo 27](#)

[Na Taberna](#)

[Capítulo 28](#)

[A Caminho do Norte](#)

[Capítulo 29](#)

[As Escadas Escuras](#)

[Capítulo 30](#)

[Medidas Extremas](#)

[Capítulo 31](#)

[A Fuga](#)

[Capítulo 32](#)

[Fogo, Cinzas e Asas](#)

[Capítulo 33](#)

[Recomeçando](#)

[Epílogo](#)

[A Autora](#)

[A Ilustradora](#)

[**Conheça nossos outros livros!**](#)

PREFÁCIO

Poucas pessoas acreditariam na história de Bianca. Poucas mesmo! Quando Analice, sua melhor amiga desapareceu, ninguém acreditou quando ela disse que a garota tinha realmente sumido no meio de uma ventania inexplicável que invadiu a biblioteca da família. Então ela decidiu fazer suas próprias investigações, e chegou à conclusão, depois de pistas tão bizarras que é melhor nem contar, que Analice tinha sido levada para o Mundo das Fadas. Como se sua teoria já não fosse surreal o bastante, ela foi a esse outro mundo com a ajuda de um jovem anjo chamado Zacariel.

As coisas que aconteceram a partir do momento em que ela deu esse passo para um outro mundo mudaram Bianca para sempre. Ela honrou o sentido da amizade verdadeira, conheceu o amor e descobriu uma coragem que não sabia que tinha. Foi uma aventura inesquecível com grifos, dragões, trolls, elfos, fadas e seres que ela jamais imaginaria que existiam. Foi a aventura da primeira luta, do primeiro beijo, da primeira dança, da primeira canção de amor, da primeira queda e da primeira grande perda. Enfrentara perigos, saiu ferida, mas conseguira se recuperar de tudo. Menos da perda de Zacariel...

Como você pode ver, poucas pessoas acreditariam na história de Bianca. Por isso mesmo, ela não a contou a ninguém.

Capítulo 1

Mudança de Hábito

Bianca tinha mudado. Todo mundo tinha notado isso. Seu pai achou que ela estava deprimida, sua mãe achou que ela estava apaixonada e seu tio Marcos achou que ela estava em alguma dessas dietas malucas em que as adolescentes entram. Bianca estava mais calada, mais observadora e mais triste. Seu pai e sua mãe acertaram. Ela estava apaixonada, e deprimida por ter pedido irreparavelmente seu primeiro, e assim sentia seu coração, único e verdadeiro amor, por mais dramático que isso pudesse soar. Mas havia uma outra mudança em Bianca que ninguém sabia dizer exatamente qual era. Ela parecia mais... madura.

Sim, Bianca havia crescido, como crescem todas as meninas. O que deixava as pessoas que a amavam confusas é que elas não haviam percebido quando isso acontecera. Em um dia, lá estava a menina engraçada e curiosa que falava o tempo todo. No outro, essa menina tinha se transformado numa jovem de olhos distantes e constantemente concentrada em silêncio em seu caderno de desenho.

O que eles não sabiam é que o tempo prega peças nos humanos. Especialmente no mundo das fadas. Passam-se dias, semanas, meses por lá e no mundo dos homens são anos, décadas, séculos... Bianca havia estado lá, ela sabia que o tempo podia ser um sacana.

A Bianca que convivia com eles já tinha visto muitas coisas, sentido muitas coisas, voado com grifos e pranteado sua dor quando seu coração fora arrancado de seu peito e esmagado sem nenhuma chance. Eles não perceberam porque... bem, porque o tempo pode mesmo ser um sacana.

Há coisas que nos mudam. Nos mudam para sempre. As coisas que nos mudam são as que afetam nosso coração e nossa mente. A visita de Bianca ao mundo de fadas fez as duas coisas. Ela nunca seria a mesma depois de pisar nas terras de Paralda.

O problema é que ninguém no mundo dela sabia dessa visita. Ela vivia agora com um segredo, e toda a sua dor, toda a sua tristeza, todo o fardo que carregava estavam presos dentro desse segredo. De uma única tacada, Bianca perdera a melhor amiga e o amor de sua vida, e não podia conversar com ninguém a respeito disso, porque tudo envolvia uma história muito louca com fadas, dragões, trolls, gigantes mal humorados, castelos assombrados, sereias e ex-sereias. Às vezes, ela se sentia tão desesperada que conversava com Cacau, sua vira-*latinha*. Cacau prestava atenção, desde que ela continuasse lhe fazendo carinho no pescoço. Sempre que Bianca se distraía em seu monólogo e esquecia de acariciá-la, Cacau puxava sua mão com a pata, lembrando-a que sua atenção tinha um preço. Infelizmente, Cacau não parecia entender muito bem o que ela dizia.

Bianca se sentia incrivelmente só.

– Estou preocupado com Bianca.

Lorena pegou duas xícaras de chá de cerejas e se sentou à mesa da cozinha com o marido. Urbain olhou para ela com os grandes olhos negros que conquistaram tantas mulheres no passado (literalmente) e ainda faziam muitas moças suspirarem.

– Eu a levei hoje para se encontrar com as colegas no *shopping* – continuou ele. – E ela parece incrivelmente infeliz!...

– Dê tempo a ela... – respondeu Lorena, bebericando seu chá quente. – Todo coração se cura com o tempo.

– E se não for isso? – insistiu Urbain. – E se ela estiver com uma dessas coisas que dá na televisão? Os jovens de hoje estão cheios de problemas! Déficit de atenção, depressão, ansiedade, hiperatividade... No meu tempo, os jovens tinham apenas que sobreviver às pragas e aos inimigos. Então, comíamos o melhor que podíamos e aprendíamos a manejar uma espada. Era muito mais simples! Não tinha todos esses problemas! Não dava tempo!

Lorena sorriu com os lábios na xícara de borda dourada.

– Ela vai ficar bem, Urbain.

– Como você sabe? – perguntou ele, que ainda não tinha tocado em seu chá.

– Porque somos mulheres. Nos recuperamos de corações partidos. É nossa natureza.

Urbain pegou a xícara e tomou um gole, o rosto ainda preocupado com uma situação aparentemente fora de seu controle. E, de repente, alguém entrou pela porta da cozinha com um ensolarado “Oi!”, surpreendendo os dois.

Bianca entrou correndo com um grande sorriso, beijou Lorena e Urbain e abriu a geladeira com um entusiasmo que há muito não viam. Tirou de lá um grande pudim de tapioca com calda dourada e colocou em cima da mesa, oferecendo um pedaço aos pais. Eles aceitaram, e ela os serviu, falando como o dia estava lindo lá fora e como fora uma ótima ideia sair.

Urbain e Lorena se entreolharam confusos, vendo-a devorar um imenso pedaço de pudim dourado de calda.

– Que bom! – disse Lorena. – Sabia que sair ia lhe fazer bem!

– Foi ótimo! A melhor coisa do mundo! – respondeu ela, parecendo esfuziante.

– E como foi o filme? – perguntou Urbain.

– Que filme? – perguntou de volta a filha.

– O filme que você e suas amigas foram ver! Não foi pra isso que elas te chamaram? Pra ver um filme?

– Ah, é! – Bianca deu aquele olhar que eles conheciam de que ela não estava sendo de todo sincera. – É, acabamos não vendo.

– E o que vocês fizeram? – perguntou Lorena, acompanhando a filha no pudim que estava até então intocado na geladeira.

– Demos uma volta... Passeamos – resumiu Bianca, sem olhar pra eles. – Ei! Vocês sabiam que não se pode mandar dinheiro pelo Correio? Mas o engraçado é que em vários países da Europa pode! Então, se você mandar uma carta daqui pra lá ou alguém te mandar uma carta de lá pra cá com dinheiro dentro, você não pode reclamar se sumir, porque por lei não pode aqui, embora possa lá!

Lorena e Urbain encararam a filha, que parecia ter contado a coisa mais interessante do mundo, até que Urbain rompeu o silêncio.

– Você está usando drogas?

– Pai!!! – espantou-se Bianca. – Não! Claro que não!!! De onde tirou isso???

Bianca começou a rir histericamente da hipótese e pegou mais um enorme pedaço de pudim que chegara rapidamente na metade. Cobriu-o com um monte daquela calda dourada que ela adorava, lembrando com alegria que o sabor daquele pudim era muito parecido com um dos maravilhosos doces que experimentara no mundo das fadas. Começou a rir de novo quando se imaginou contando isso para seus pais. Aí é que eles iam ter certeza de que ela estava chapada mesmo. Mas ela não precisava nem citar fadas e dragões. Vendo-a se acabar de comer e rir até chorar, naquele momento seus pais já tinham quase certeza de que ela estava doidona.

Todo mundo sabe que é muito difícil entrar na cabeça de uma adolescente. Porém, algumas adolescentes são ainda mais complicadas que outras. Bianca sempre foi uma garota meio estranha, vivendo suas aventuras imaginárias em páginas de livros e vendo o mundo através de lentes coloridas. Vê-la sombria preocupou seus pais. Vê-la subir as escadas aos saltos rindo sozinha e cantarolando “Blue Moon” os preocupou um pouco mais.

Mas Bianca não é assim tão complicada quando a conhecemos melhor. Ela entrou no quarto, fechando a porta atrás de si. Atirou-se na cama de costas e ficou sorrindo, olhando para o teto, onde estrelas fosforescentes brilhavam. Um quadro de Blackmore Knight, uma banda com ares medievais, coloria a parede de tom salmão. Um computador repousava na bancada branca e quadros de sua família e de Analice coloriam prateleiras. No mural, alguns lembretes e fotos inspiradoras. Antes, o mural era coberto com fotos de Johnny Depp, Chris Hemsworth, Tom

Hiddleston, Jesse Spencer e Shakira. Agora, as celebridades dividiam seu espaço com imagens de fadas, dragões e grifos.

Depois de semanas vivendo em melancolia profunda, Bianca estava pela primeira vez feliz. Não conseguia parar de sorrir. Ela vivera uma aventura. E fizera escolhas. Sofrera uma perda da qual achou que jamais iria se recuperar. Viu o amor de sua vida desvanecer em seus braços e soube, naquele momento, que nunca mais amaria daquele jeito de novo. A partir de então, sofreu em silêncio doloroso, até que a dor se afastasse.

Porém, de repente, ele estava de volta. Num encontro fortuito numa praça, Bianca encontrara novamente Zac. Talvez fosse uma maneira do Universo lhe dar uma segunda chance. Bianca meteu a mão no bolso e pegou o pedaço de papel onde ele anotara seu e-mail e telefone. Passou os dedos delicados por cima, como se acariciasse o rosto dele. Colocou o papel no coração e voltou a olhar para o teto.

Tinha certeza de que era ele. Era o mesmo sorriso que a fazia querer sorrir também, os mesmos olhos daquele tom de azul que parecem faróis num mar no meio da noite. Sim, era ele, claro que era!

Porém, ele não mencionou absolutamente nada de sua aventura no mundo das fadas, muito menos o que aconteceu depois. Por mais que Bianca desse pistas – porque ela também não queria parecer uma louca falando de fadas e dragões com alguém que acabara de encontrar – ele não reagiu a nenhuma.

Mas ela se lembrava muito bem de tudo e sabia o que tinha acontecido antes dela voltar para seu mundo. Queria saber o que aconteceu depois, por que ele estava ali e se era ainda um anjo. A ideia dele não se lembrar de nada a preocupou. Se ele não se lembrava de nada, também não se lembrava dela. Seu pai costumava dizer que se algo não está na lembrança, esse algo não existe de fato. E se ele a tivesse esquecido por completo?...

Bianca deu um longo suspiro enquanto pensava nisso, sentindo o coração doer um pouquinho. Cacau subiu na cama, alvoroçada como sempre, o rabo enrolado balançando freneticamente e um tipo de sorriso que a fazia parecer uma hiena. A moça fez-lhe o carinho exigido e voltou a mente para a mudança de situação. Se Zac não se lembrava dela, então ela daria um jeito dele lembrar.

Capítulo 2

Sorvete Interrompido

Indo contra todas as convenções sobre ligar para o rapaz que conhecera no dia anterior, Bianca ligou para Zac assim que o horário permitiu. Estava ansiosa e suas mãos suavam. Desligou antes de teclar os números quatro vezes. Errou o número outras cinco. Passou as costas da mão na testa percebendo-se suada. Sentiu-se uma idiota e respirou profundamente. Pegou no telefone de novo, já insegura pelo fato dele não ter ligado ainda. Assim que terminou, desligou sem ouvir a resposta e se levantou afoita. Achou que se tomasse um banho, ficaria mais apresentável para falar no telefone.

Pegou a toalha com uma imagem dos Piratas do Caribe que seu tio Marcos trouxera de sua última ida à Disneylândia e se meteu no banheiro. Estava debaixo do chuveiro, deixando a água cair sobre os cabelos, tentando acalmar os pensamentos, quando alguém bateu insistentemente na porta. Saiu do box molhada e abriu uma brecha da porta. Deu de cara com sua mãe, Lorena, lhe estendendo o telefone.

- É pra você!
- Estou pelada! Não posso falar!
- Peço pra ele ligar depois, então... – respondeu Lorena.
- “Ele?”

Bianca arrancou o telefone das mãos da mãe e fechou a porta a seguir. Ouviu a voz dele e seu coração disparou.

- É uma hora ruim? – perguntou ele. – Posso ligar depois.

Bianca se deu conta de que ele ouvira o que ela dissera e pediu-lhe pra esperar um minuto. Pegou a toalha e se embrulhou rapidamente.

- Pronto! Já posso falar!
- Tem certeza? Não quer passar um perfume?
- Por quê? O que tem de errado... – e assim que percebeu o papel de boba que estava fazendo, Bianca relaxou e riu um pouco.
- Estou te ligando...

Bianca segurou as batidas do coração imaginando o que ele falaria. Ele estaria ligando porque não conseguira parar de pensar nela desde a tarde anterior, porque não podia fechar os olhos sem vê-la, porque ela era o seu primeiro e grande amor, porque ele precisava vê-la com tanta urgência que achava que ia morrer se ela não se teleportasse para lá imediatamente, porque ele queria segurá-la na proa de um navio gigantesco antes dele bater num iceberg e afundar...

Bianca viajou tanto nas possibilidades do motivo dele estar ligando que não ouviu quando ele disse o real motivo.

– Desculpe! – disse ela. – Eu não ouvi!

– Eu disse que estou ligando porque tem 16 ligações feitas desse telefone para o meu celular.

Os ombros de Bianca caíram e seu rosto desmoronou em desapontamento. No entanto, tudo o que conseguiu dizer foi:

– É mesmo?

– Eu queria aproveitar e pedir desculpas por não ter ligado antes – continuou ele. – Inaugurou uma sorveteria muito boa aqui na praça. Quer dizer, dizem que é muito boa. Você não gostaria de ir lá hoje?

– Gostaria! Gostaria muito! Eu adoro sorvete!

Ela não podia ter certeza, mas podia apostar que ele sorriu do outro lado, aquele sorriso largo que fazia seus olhos incrivelmente azuis se apertarem um pouco e sorrirem também.

– Legal! Então está combinado! Onde a gente se encontra?

Bianca pensou em pedir pra ele buscá-la em casa, mas isso implicaria em muitas explicações para seu pai super protetor e com um histórico de encrencas preocupantes. Então, ela achou melhor administrar aquela situação sozinha antes de envolver sua família.

– Que tal na praça? – sugeriu ela. – Tem uma árvore enorme e um coreto. Ficarei ali perto!

– Ótimo! E o que você vai estar vestindo para que eu possa reconhecer você?

Bianca não entendeu a piada, até que ele lhe explicou que era uma piada. Ela bateu na própria cabeça, se perguntando por que estava ficando burra. Marcaram a hora e se despediram alegremente.

Quando desligou o telefone, deu vários saltinhos de alegria e fez uma dancinha embrulhada na toalha, respingando água pelo chão.

Ela tentou não parecer uma garota ansiosa esperando pelo seu primeiro encontro. Tentou dar aquele ar despreocupado que garotas bonitas costumam ter. Pensou em usar óculos escuros, mas já estavam no final da tarde e temeu que óculos de sol a fizessem parecer uma deficiente visual. Olhou para o relógio pela oitava vez nos últimos dez minutos e secou as mãos úmidas no vestido. Um minuto tinha se passado da hora marcada e ela olhou em volta em agonia.

– E se ele não vier? – perguntou a si mesma.

– Se ele não vier, é porque é um idiota! – respondeu uma voz atrás dela.

Bianca deu um salto com o susto. Virou-se e se deparou com o belo rosto do qual se lembrava.

– Desculpe! – disse ele olhando para o relógio. – Estou 55 segundos atrasado!

Bianca sorriu sem graça, sabendo que ele tinha visto sua agonia.

– Tudo bem, mas que isso não se repita! – respondeu ela.

Eles começaram a caminhar pela praça, na direção da nova sorveteria. Crianças brincavam e pessoas despreocupadas passeavam com seus cachorrinhos, num fim de tarde perfeito.

Eles não falaram nada pelos primeiros passos, e quando falaram, foi ao mesmo tempo. Cada qual pediu desculpas e deu a vez ao outro para falar.

– Eu queria dizer que fiquei feliz de ver você – disse ele.

– Eu também fiquei feliz em ser vista! – respondeu ela, começando a ficar mais calma.

– Não estou muito acostumado a chamar alguém pra sair, entende?

Bianca olhou para o rapaz com incredulidade. Ele era, definitivamente, o garoto mais lindo que ela já vira fora de uma tela de cinema. Como podia ser tímido ou sem jeito para chamar alguém para sair? Era só ele estalar os dedos e meia dúzia de super modelos se atirariam aos seus pés. Mas ela também se lembrou de que ele não era um simples rapaz. Ele era um anjo. Um anjo recém-chegado.

– Eu também não sou exatamente uma veterana no assunto, então podemos relaxar e ser estúpidos juntos! – respondeu ela.

Ao atravessarem a rua, ele pegou na mão dela e olhou com cuidado para os lados. Então atravessaram em segurança. Bianca riu. Algumas coisas nunca mudam. Ele ainda tomava conta dela, exatamente como no mundo das fadas.

Entraram na sorveteria que tinha cores pastéis em sua decoração e uma música do Offspring tocando em uma altura confortável. Havia uma parte com opções de sorvete à quilo onde eles pararam. Bianca pegou um potinho verde e percebeu que Zac parecia confuso.

– Algum problema? – perguntou ela.

– Esse monte de coisas me deixa confuso! – reclamou ele, com uma careta.
– Eu misturo um monte de coisas que acho que gosto e quando vejo, virou uma maçaroca doce demais!

– Que tal pedirmos uma banana split então? – perguntou Bianca, devolvendo o potinho de plástico.

Zac concordou com alívio e foram para as mesas de fundo onde um cardápio muito colorido foi entregue.

Bianca falou da música, tentando entender um pouco da letra que falava sobre começos difíceis e tombos na estrada, e Zac acompanhou o raciocínio. Escolheram os sabores e a garçonete levou os cardápios. Começaram a conversar sobre começos, dificuldades e histórias inspiradoras. O papo começou a fluir e Bianca percebeu que estava tranquila e segura, como se tudo estivesse no lugar certo e tudo estivesse perfeito de novo. E ela podia ter deixado assim. Aceitado o que o Universo, o Cosmo, a Divindade, o Senhor, o Espaço Sideral, ou o que quer que seja lhe tivesse mandado, mas ela simplesmente não podia olhar para Zac diante dela e não tentar saber a verdade.

– Você ainda é um anjo? – perguntou ela do nada, no meio de uma conversa sobre grupos de rock.

Zac olhou para ela nitidamente confuso.

– É o nome de alguma banda nova?

– Eu quero saber se você ainda é um anjo? Se suas asas estão retraídas agora, como você fazia lá no Mundo das Fadas!

Zac a olhou por um momento e ela pôde ver em seus olhos que ele não tinha a menor ideia do que ela estava falando.

– Desculpe, não estou entendendo...

– Tudo bem! – disse ela. – Foi só uma piada! Deixa pra lá! Quantos anos você tem?

– Dezenove – respondeu ele. – E você?

– Dezessete – respondeu ela, já adiantando a idade que faria no próximo aniversário em algumas semanas.

O rapaz parou o milkshake e a olhou surpreso.

– Tem certeza? Parece mais madura!

– Acho que ainda me lembro da minha idade...

Eles riram e Bianca ouviu risinhos em uma mesa do outro lado da sorveteria. Olhou e reconheceu as três meninas que olhavam para sua mesa entre risos e comentários. Eram de sua classe e bastante populares. Bianca voltou a olhar para Zac, sem manter o contato visual com as meninas. Elas nunca haviam falado com ela antes, não havia por que começar agora.

– E você está estudando ou coisa assim? – tornou Bianca, ainda interessada em saber um pouco mais sobre Zac. Afinal, se ele caiu de paraquedas ali, como poderia ter um passado?

– Terminei o segundo grau e preferi ir trabalhar. Meu irmão escolheu a faculdade, mas eu não sei ainda se quero seguir esse caminho.

– Irmão? Você tem um irmão?

– Sim, o Ronald, ele é o meu irmão mais velho. Veja, tenho uma foto dele aqui comigo.

Ele retirou a carteira do bolso e mostrou uma foto onde um palhaço vestido de amarelo e vermelho numa lanchonete sorria cercado de crianças.

– Err... Seu irmão é o Ronald MacDonald? – perguntou Bianca.

– Não, sua boba! – Zac riu. – Somos nós aqui, eu e ele, as crianças da direita.

Bianca olhou de perto e reconheceu imediatamente as feições do jovem diante dela no garotinho sorridente da foto. Aquilo fez seu mundo balançar. Então ele tinha um passado. Se ele tinha mesmo um passado, se já estava ali quando ela foi até o mundo das fadas, não podia ser o anjo por quem se apaixonara. Era apenas um rapaz como outro qualquer e nada mais.

– Algum problema? – perguntou ele, vendo que ela parecera subitamente triste.

– Não, nenhum – ela lhe entregou a foto.

Bianca comeu um pedaço de banana com o sorvete e então pousou a colher prateada na tigela, olhando diretamente para o jovem diante dela.

– Zac, você não se lembra de nada mesmo? Do mundo das fadas, dos trolls, de Paralda, de Jack, o Acorrentado, de Frabato e seu castelo assombrado, de Danzir, de Ipso e Facto, de Eileen,.. Você não se lembra de Eileen?

Ele olhou nos olhos dela, vendo que havia tristeza e um quase desespero naquela pergunta. Ficaram em silêncio por alguns segundos, ele sem saber o que dizer e ela esperando que não estivesse enganada.

– Desculpe... – disse ele, por fim. – Eu não tenho ideia do que você está falando...

Os olhos dela se encheram d'água. Não era Zacariel. Não era o seu Zac. Seu anjo não tivera afinal uma segunda chance depois que tivera suas asas covardemente arrancadas.

– Oi, Beatriz! Tudo bem? Legal te encontrar por aqui!

Ela se virou para ver a dona da voz um tanto irritante que acabara de invadir seu momento de decepção. Viu Cláudia, a loirinha popular da sua classe que, como suas outras amigas ainda na mesa do outro lado da sorveteria, nunca tinham falado com ela.

– É Bianca – respondeu ela, com a voz mais gelada que o sorvete que estava tomando.

– Que seja! Nós estávamos ali do outro lado e vimos você com... – e Cláudia se voltou com seu melhor sorriso para Zac. – ...Quem é esse mesmo, Bianca? É seu irmão? Primo?...

Zac e Bianca se olharam totalmente sem graça, sem saber como responder àquela pergunta. Era seu segundo encontro e Bianca achava que, depois das perguntas estranhas que fizera, também seria o último.

– Somos amigos – respondeu Bianca.

– E seu amigo tem nome? – insistiu a loira.

– Zac, muito prazer – o rapaz se levantou um pouco estendendo a mão para um cumprimento formal, mas Cláudia o puxou para si, forçando dois beijos na bochecha.

– Por que vocês não se juntam a nós na nossa mesa?

Bianca não pôde evitar um ranger de dentes. Cláudia parecia não ter limites. E não tinha mesmo. Sabia que na escola ela sempre conseguia o que queria. Era uma dessas pessoas que passaria pelo mundo pegando o que quisesse, fazendo o que quisesse, e provavelmente sairia impune, porque era rica e bonita. E Bianca a odiava!...

– Err... Já estamos acomodados aqui... – respondeu Zac, percebendo o olhar fulminante de Bianca para a outra.

– É? Não tem problema! Nós podemos vir pra cá, então!

Ela fez um sinal para as amigas e todas pegaram seus refrigerantes lights e bolsas de grifes, indo até eles. Cláudia apresentou Zac para elas como se ele fosse um amigo de longa data e elas o cumprimentaram com beijinhos estalados nas bochechas coradas com blush. Elas puxaram cadeiras, apertando-se em volta da pequena mesa redonda cor de salmão e começaram a lhe fazer perguntas, ingressando num papo fútil.

Cinco minutos depois, Bianca se levantou, pegando sua bolsa pendurada na cadeira.

– Bem, é melhor eu ir indo.

– Eu te levo em casa! – disse o rapaz, levantando-se também, parecendo mais desesperado para sair dali do que ela. – Foi um prazer!

Pagaram e deixaram o troco de caixinha para saírem ainda mais rápido.

– Eu sinto muito por isso... – disse ele, depois que já tinham dado alguns passos na rua arborizada. – Eu não sei lidar com pessoas muito bem... Espero que suas amigas não tenham ficado ofendidas.

– Elas não são minhas amigas! – riu ela. – Elas nem falam comigo na escola. E nem falaram comigo lá na mesa. Só estavam interessadas em você.

Ele ruborizou e pareceu desconfortável.

– Tudo bem, Zac. Não é culpa sua.

– Mas você ficou chateada... Eu não queria que ficasse chateada...

Bianca estava de fato chateada, mas por um motivo que ele nem sonharia. Quando viu a foto, teve certeza de que tudo não passara de um mal entendido. No entanto, ao olhar para o rosto dele de novo, sentiu o coração se aquecer.

– Não fiquei, acredite... – disse ela por fim, dando-lhe um sorriso.

– Não?

– Não.

Ele respirou aliviado.

– Que bom!... Bem, que tal fazermos outra coisa, já que nosso sorvete foi brutalmente interrompido? Que tal um cinema?

– Cinema? Parece ótimo!

Então ele pegou na mão dela e sorriu e ela sentiu o corpo estremecer, enquanto sorria sem sentir. Caminharam até o cinema do shopping e assistiram a um filme do qual nunca ouviram falar. Conversaram e riram sobre muitas coisas no caminho de volta, até que ele a deixou em casa quando a lua já surgia no céu.

– Eu adorei! – disse ela. – Obrigada!

– Eu também! Precisamos repetir!

– Que tal amanhã?

Ele tinha parado de sorrir e ela interpretou isso como um não. Quando ia dizer algo, ele se inclinou e a beijou docemente na bochecha, fazendo-a corar imediatamente. Quando ele se afastou, ela mergulhou no azul dos olhos dele, sentindo-se flutuar, exatamente como da outra vez...

– Amanhã está ótimo... – sussurrou ele.

E então se despediram. A brisa trouxe um perfume doce de lilases e Bianca entrou, ainda sem sentir os pés no chão. Assim que chegou na sala, se deparou com seus pais à espera.

– Muito bem, mocinha! – disse seu pai, com voz de trovão. – Explique-se!

Capítulo 3

As Coisas em Que Acreditamos

Os tempos mudaram! Hoje, a mulher é independente desde cedo! Meninas saem por aí namorando e beijando desconhecidos em boates aos 13 anos! Adolescentes têm permissão para levar seus namorados ou namoradas para passar a noite em suas casas! Vivemos numa época dourada de liberdade e tolerância!!!

Não na casa de Bianca. Lá, as coisas ainda eram como antigamente. Bianca nunca ligou muito pra isso... até aquele momento.

– É bom que tenha uma explicação para estar chegando a essa hora... – disse seu pai com um tom de voz que ela raramente ouvira e que preferia nunca mais ouvir de novo: rouco, baixo, grave e assustador, o tom de voz que a fazia achar que ele ia matá-la e enterrar seu corpo no quintal. Seu sotaque francês, mais suave quando estava calmo, ficava muito mais acentuado quando ele perdia a calma.

– Mas não são nem onze horas! – tentou se explicar ela.

Urbain deu um passo a frente, os olhos negros muito duros encarando a filha, os braços cruzados.

– E é bom explicar também o rapaz que acabou de beijá-la no portão...

Bianca engoliu em seco. Olhou para a mãe num pedido de socorro. Seu pai sempre fora muito rígido e muitas vezes parecia alguém de algum século distante. Lorena interferiu.

– Nós confiamos em você, querida – disse Lorena, mantendo a calma. – Mas você ao menos podia ter ligado para dizer onde estava! Saiu para tomar um sorvete às cinco da tarde e só está voltando agora! O que houve com seu celular?

Foi quando Bianca se lembrou do erro fatal. Meteu a mão na bolsa e retirou o celular, confirmando suas suspeitas.

– Desculpe! – pediu ela, reconhecendo o erro. – Eu o desliguei quando entramos no cinema e esqueci de religar.

– Cinema??? – quase gritou seu pai. – Você foi ao cinema com aquele rapaz?! Sem nos avisar?

E, de repente, Bianca se encheu de uma revolta explosiva.

– Fui! E eu não preciso avisar cada passo que eu dou! As garotas da minha escola vão aonde quiserem, fazem o que quiserem e já andam com rapazes há muito tempo!

Urbain Grandier descruzou os braços e seus olhos faiscaram. Ele deu um passo na direção dela e Bianca teve certeza de que ele tinha crescido em algum passe de mágica, pois ele parecia subitamente ter mais de dois metros.

– As garotas da sua escola não são minhas filhas! E nenhuma delas vive debaixo do meu teto! Então, é bom não usar esse tom de voz com seus pais de novo, ou vai ter que esperar até o inferno congelar pra sair de casa de novo! Se continuar se comportando desse jeito, eu a meto num convento!

Os olhos de Bianca se encheram d'água, não pela ameaça absurda de mandá-la para um convento como se estivessem no século XVII, mas pelo tom de voz que o pai usou e pelo olhar que ele lançou a ela. Os dois sempre foram amigos e foi a primeira vez que essa amizade parecia ter sido momentaneamente rompida. Porém, ela também estava zangada e não queria que ele a visse chorando ou magoada. Virou-se e subiu as escadas correndo, ouvindo-o chamar seu nome algumas vezes. Entrou em seu quarto e trancou a porta.

Na sala, Lorena permanecia de braços cruzados, olhando calmamente o marido ter um chique. O temperamento de Urbain nunca fora lá essas coisas e ela já estava acostumada às suas explosões de ira. Ele se virou para ela perplexo.

– Você viu isso?! – disse ele.

– Vi – respondeu ela, sem se alterar. – Eu disse que o motivo das mudanças de humor dela era um garoto. Você não quis me ouvir. Vamos lá, Urbain, é melhor do que sua teoria dela estar envolvida com drogas.

Urbain passou a mão nos cabelos negros que lhe caíam pelos ombros. Há algum tempo as mechas das têmporas já tinham ficado prateadas, mas sua vaidade e orgulho não permitiriam que o tempo imprimisse nele sua marca. Decidiu que morreria com os cabelos da cor das asas do corvo e ficou grato aos milhares de produtos disponíveis para que isso fosse possível.

– Não é? – insistiu Lorena, esperando uma resposta.

– Espere, ainda estou pensando!

Ela foi até ele e o abraçou carinhosamente, puxando-o para o sofá, onde sentaram-se juntos.

– Urbain, nossa menina está crescendo... – disse ela. – Acontece com todos.

– Ainda ontem eu lhe trouxe doces do trabalho!... – dizia ele, incrédulo.

– E você ainda lhe trará muitos doces, porque ela continuará gostando de doces e continuará amando o pai dela. Ela vai namorar, se magoar, namorar de novo, noivar, casar, ter filhos e, mesmo quando tiver cabelos prateados, ainda será sua menininha. É assim com filhos.

– Como você sabe? – perguntou ele.

– Sabedoria de mãe. Agora, vá falar com ela. Não deixe que ela vá dormir achando que você a odeia ou coisa assim.

Ele suspirou. E então beijou a esposa e se levantou.

– E é bom que ela não fique com cabelos prateados! – disse por fim. – Ela que aprenda a enganar a idade como nós!

Em seu quarto, Bianca limpava as lágrimas, imaginando que se tivesse avisado onde estava, tudo isso teria sido evitado. Sentiu uma imensa falta de Analice, pois esta seria a hora em que ligaria para ela para chorar pitangas. Leves batidas na porta a fizeram se recompor mais rápido. Ouviu a voz de seu pai pedindo para vê-la. Já não parecia zangado. A menina abriu a porta e o viu pelo vão.

– Podemos conversar? – perguntou ele.

– Você vai conversar ou gritar comigo? – respondeu ela.

– Só conversar, eu prometo.

Ela terminou de abrir a porta e ele entrou. Ela se sentou na cama e abraçou uma ovelha amarela de pelúcia que, não sabia porque, sempre lhe dava um conforto imediato. Ele se sentou ao lado dela.

– Me desculpe pela minha explosão lá embaixo – disse ele. Urbain sempre fora muito orgulhoso e Bianca não tinha ideia de como tinha sido difícil para ele dizer aquelas palavras.

– Me desculpe por não ter avisado onde estava – respondeu ela.

– E com quem.

– E com quem – concordou ela.

– Sua mãe me falou que você estava crescendo e que eu vou ter que aprender a lidar com isso. Então, deixe-me perguntar, existe alguma chance de você continuar essa garotinha linda até, mais ou menos, os quarenta anos, e esperar eu morrer até procurar um namorado?

Bianca riu, aliviando a tensão.

– É, eu achei que não... – disse ele, sorrindo também. – Então, sua mãe tem razão. Terei que aprender a lidar com isso. E pra isso, preciso da sua ajuda. Preciso que siga algumas regras para que aquele cara nervoso que você viu lá embaixo não apareça de novo.

Bianca apertou a ovelha.

– Que regras?

– Pra começar, eu quero conhecê-lo. Não quero você andando por aí com um rapaz que eu não conheço e que não me conhece. Preciso que ele saiba que eu posso matá-lo se fizer alguma coisa errada.

Bianca pensou um pouco e concordou lentamente com a cabeça.

– Em segundo lugar, eu quero saber onde vocês estão. Não quero que suma, como fez hoje. Quero que avise a mim ou a sua mãe se forem esticar um cinema ou

coisa assim. E quero o celular dele também!

– E a identidade, CPF e comprovante de residência também, suponho.

– É uma boa ideia!

Eles riram de novo.

– Tudo bem, eu farei essas coisas todas – concordou ela. – Não são regras malucas. E de qualquer forma, é melhor que o convento!

– Ou um encontro com o Mr. Hyde!

Eles se abraçaram e Bianca ficou feliz em ter feito as pazes.

No jantar, Bianca contou um pouco sobre seu acompanhante, o pivô de toda a discórdia. Não teve muito tempo para pensar, até estar sozinha em seu quarto de novo. Uma luminária de fibra ótica enchia o quarto de cores, fazendo-a se lembrar do mundo das fadas. Seu coração se entristeceu. O anjo que a acompanhara em sua aventura atrás de Analice não voltara para ela, como pensara. As semelhanças, no entanto, eram tantas que ela não sabia como ele não podia ser o anjo. Buscou explicações. Talvez, a foto fosse falsa. Talvez, ele se lembrasse de tudo, mas estivesse mentindo para ela. Mas por que ele faria isso?

Deu um longo e profundo suspiro. E se não fosse ele? Sentia-se traindo sua memória ao sair com outro. Se não fosse ele, pensou, terminaria tudo...

Tentava entender as aplicações práticas da álgebra em seu livro com o lápis na boca quando alguém parou ao seu lado. Virou e deu de cara com Cláudia.

– Oi, Beatriz!

– É Bianca!

– Que seja! O seu... amigo, o Zac, quando vai vê-lo de novo?

– Hoje, por quê? Quer saber o endereço pra atrapalhar tudo de novo?

A loirinha riu sonoramente, dando-lhe um tapinha no braço.

– Você é hilária, Bia! Não, eu só queria entregar pra ele um convite para uma festa que vou dar neste fim de semana! Você pode ir também se quiser, é claro! Então... – ela estendeu um envelope preto com letras prateadas e perfume de rosas para Bianca, – Você entrega pra mim?

Bianca não pegou o envelope de imediato, mas com um suspiro, pegou-o da mão da loira, que abriu seu sorriso perfeito. Cláudia agradeceu e se juntou às amigas. Bianca tentou não pensar em porque elas riam tanto e voltou sua atenção para o livro.

– Você recebeu um convite para a festa da Cláudia?

Ela ergueu de novo a cabeça e deu de cara com Lucile, uma garota de cabelos lisos e castanhos que também nunca falara com ela. Subitamente, Bianca ficara popular.

– Mais ou menos.

– Mas ela lhe entregou o convite, não foi?

– Foi, mas ela não está interessada que eu vá. Ela quer que... um amigo meu vá.

– Aah... E ele vai?

– Sei lá, Lucile! Vai ver se eu tô na esquina, vai! Tô ocupada aqui!

– Ai, que garota grossa!...

O professor entrou na sala e todos voltaram aos seus lugares. Bianca ainda ouviu um burburinho e esperou que não envolvesse o nome dela, mas sabia que era um desperdício de pedido.

Assim que saiu da escola, foi para casa, tomou um banho e trocou de roupa. Lorena e Urbain estavam em seus trabalhos. A mãe trabalhava com restauração de livros antigos. Urbain era professor de História Francesa e Europa Medieval na universidade da cidade. Bianca os avisara que ia lanchar com Zac, e que, dessa vez, ela voltaria cedo. Passou um pouco de maquiagem, coisa que não costumava fazer e colocou um enfeite no cabelo. Passou um perfume que a deixou com cheiro de baunilha e foi embora.

Em alguns minutos, estava na pracinha e, dessa vez, ele já estava lá. Bianca estava decidida a não se deixar encantar por ele, a não se apaixonar ou se apegar, pois se confirmasse suas suspeitas de que ele não era quem ela achava que era, terminaria tudo. Ela não pensou que, independente do quanto se preparasse, ele não sabia disso, e poderia terminar com o coração irremediavelmente partido.

Mesmo com toda sua resolução, Bianca não conseguiu evitar que seu coração derretesse num sorriso quando o viu e ele abriu o maior sorriso para ela. Foram até uma pizzeria e Bianca olhou em volta pra ver se Cláudia e suas assecclas não estavam escondidas atrás de alguma moita ou debaixo de alguma mesa esperando para interromper de novo a conversa deles.

Conversaram sobre amenidades enquanto olhavam o menu.

– O que é a portuguesa mesmo? – perguntou Bianca.

– É aquela pizza que vem com tudo o que você não gosta em cima pra você ter o trabalho de ficar tirando – respondeu prontamente ele.

– Como o Big Mac! – completou Bianca. – Eu passo anos sem pedir um Big Mac, até que um dia eu vejo a foto e penso: “Parece tão bom! Por que eu nunca peço?” Aí eu peço e lembro que eu detesto cebola e pickles, e tenho que ficar tirando!

Decidiram-se por uma pizza de frango ao catupiry, e pediram seus refrigerantes. Enquanto ele falava dos pequenos acontecimentos do seu dia, Bianca procurava uma brecha para saber mais sobre ele, para ter certeza se ele era mesmo o anjo por quem seu coração batia.

– Eu esqueci de perguntar uma coisa! – disse Bianca, assim que a pizza chegou – Por que não traz na carteira uma foto mais recente de você e seu irmão? Ali, vocês ainda eram crianças!

O sorriso de Zac desvaneceu e ele pareceu triste.

– É que aquele dia foi especial. Pra nós dois.

Bianca poderia ter parado por ali, mas se parasse, não seria Bianca, que, muitas vezes, tinha a sutileza de um trator. Puxara isso de seu pai.

– Por quê? Foi a primeira vez que vocês ganharam um brinquedinho no MacLanche Feliz?

Zac a olhou nos olhos, a pizza ainda intocada.

– Foi a última vez que nossa família esteve toda junta – respondeu ele. – Nossos pais morreram num acidente de carro alguns dias depois.

Bianca sentiu todo o sangue parar de correr em suas veias. Naquele momento, desejou que terroristas armados ou psicóticos com metralhadoras invadissem aquela lanchonete e a matassem imediatamente. Mas nada disso aconteceu e ela continuou ali, olhando para ele.

– Eu sinto muito – foi o que conseguiu dizer.

– Tudo bem – disse ele, tentando disfarçar a voz que falhava. – Já faz muito tempo. Já superamos.

Bianca sabia o que era perder alguém que se ama de maneira tão súbita e sabia muito bem que não se supera esse tipo de coisa. A gente se acostuma com a dor. Mas ela sempre está lá.

– Nossa... Me sinto uma imbecil... Tem algum feitiço para que o chão se abra e me engula? Porque eu ficaria feliz de fazê-lo agora!

Zac riu, tentando descontrair um pouco a conversa.

– Não fique assim. É sempre um momento constrangedor quando o assunto vem à baila. E achei melhor que falássemos logo, assim pelo menos eu não fico esperando quando terei que falar disso. É como tirar um band-aid.

Começaram a comer a pizza e ele mesmo puxou outro assunto, percebendo que a moça continuava envergonhada e culpada.

– Sabia que somos quase vizinhos?

Ela ergueu os olhos para ele, um tanto surpresa.

– Moro a apenas duas ruas de você. Podemos ir lá um dia desses! Ronald tem um Wii que quase nunca usa, podemos jogar se você gostar.

– OK... Eu percebi que você gosta de ler – disse ela, pegando algo em sua bolsa. – E achei que você poderia gostar desse livro.

Ele pegou o livro curioso.

– O que é isso? – perguntou ele, enquanto folheava um velho livro de páginas amareladas repleto de ilustrações de seres encantados e textos escritos à mão sobre eles.

– Um livro sobre seres encantados.

Ele riu.

– Que interessante!

– Você gostou?

– Claro! Sempre fico surpreso com a imaginação dos artistas!

– Como assim?

Ele fechou o livro, voltando a olhar pra ela.

– Eu acho muito criativa a pessoa que faz um livro desses! Afinal, tirar tudo isso da cabeça não deve ser fácil!

– Isso não foi “tirado da cabeça”! – disse Bianca. – São descrições de um mundo que existe além do nosso!

Ele pareceu surpreso.

– Sério que você acredita nessas bobagens?

– Não são bobagens! – irritou-se Bianca.

– Desculpe, não quis ofendê-la! – disse ele, rindo.

Um telefone tocou Blue Moon na bolsa de Bianca.

– Melhor atender... – disse Zac. – Pode ser o Papai Noel com uma crise de logística...

– Vai se catar! Alô!

Bianca arregalou os olhos de surpresa. Não era o Papai Noel. Estava mais pra Grinch.

Quando desligou, retirou um envelope preto da bolsa e entregou pra ele.

– Aquela maluca da Cláudia me ligou agora pedindo pra eu não esquecer de te entregar.

Zac parou de rir e olhou em volta, procurando ver se Cláudia e suas amigas risonhas estavam por ali.

– Como ela sabia que você estava comigo?

– Sei lá! Ela deve ter um celular de última geração que capta imagens de câmeras de segurança. E eu nem sei como ela tinha o meu número!

Zac abriu o envelope e passou os olhos rapidamente.

– É um convite para uma festa... E aí? Vamos? – perguntou ele.

– Er... Não sei...

Bianca precisava de tempo para pensar. Cada vez mais acreditava que o rapaz na sua frente não era Zacariel, mas sim um rapaz como outro qualquer. Talvez devesse terminar tudo por ali mesmo...

– Preciso consultar meus pais.

Ele baixou os olhos, concordando com a cabeça. Bianca sentiu-se imediatamente mal. Primeiro, porque ele poderia achá-la uma criança que precisava de permissão até para ir ao banheiro. E segundo, porque ela tinha pais. Ele, não.

– Olha, eu não quis aborrecê-la com esse negócio de fadinhas... – disse ele.

– Tudo bem. Deixa pra lá. Vamos falar de outra coisa. Você acredita em anjos?

Quinze minutos depois de uma discussão acalorada, Bianca se levantou e saiu, mandando Zac ir catar coquinhos na estrada, e deixando-o rindo sozinho na pizzaria.

Capítulo 4

Jesus, Moisés e o Velhinho

Urbain e Lorena estavam tomando chá à mesa, quando a filha deles entrou chutando paredes e maldizendo o trânsito, o tempo e a péssima programação de TV que com certeza estava deixando todo mundo burro. Falou rapidamente com eles, reclamando de tudo, e subiu as escadas batendo os pés.

– Acho que o encontro não foi bom... – comentou Lorena.

– Ótimo.

Lorena lançou um olhar acusador para Urbain, por cima da xícara. Mas ele se defendeu com um inocente “O que foi”?

Urbain acreditou ingenuamente que essa aparente noite ruim faria tudo voltar ao que era antes, mas Lorena sabia que aquele era só o começo de uma longa história de idas e vindas. Mal sabia ela o quanto estava certa.

Bianca precisava extravasar sua ira e, ao mesmo tempo, calar sua mente, antes de ficar completamente louca. Pegou o vídeo game e resolveu matar zumbis. Matou quantos pôde, até finalmente ser atingida pelo sono e ir pra cama. Olhou para o teto, iluminado por todas as cores da luminária de fadas que tinha no criado mudo. De repente, se deu conta de que tinha terminado. Zacariel não voltara e, com certeza, o tal de Zacarias nunca mais ligaria para ela. Enfim, sua vida estava vazia de Zacs... Achou que isso, de alguma maneira, lhe daria a tranquilidade da certeza e a faria se sentir melhor. Mas não fez nem uma coisa, nem outra.

O dia seguinte foi enfadonho. Ficou feliz quando ele terminou, mas seu humor não foi ignorado por Lorena e Urbain na mesa do jantar.

– Como foi o seu dia? – perguntou Lorena.

– Uma droga...

– E a escola? – tentou Urbain.

– Uma droga também...

Eles se entreolharam e deram de ombros. Não havia nada a fazer além de esperar a tormenta passar. Só esperavam que ela não mergulhasse na estranha melancolia em que estava antes.

– Seu aniversário é em três semanas – disse Urbain, tentando animá-la. – Já pensou no que você gostaria de fazer?

– Ainda não...

A campainha tocou e Lorena se levantou para atender.

– Podemos fazer um voo de asa delta na Pedra Bonita, o que você acha?

– Pode ser...

– Muito bem, a sobremesa é pudim de tapioca e, se você recusar, vou chamar um padre para exorcizá-la, porque a Bianca que eu conheço estaria pulando de alegria em voar de asa delta!

Bianca ia responder alguma coisa, quando seu queixo caiu ao ver Lorena entrando com um convidado.

– Olha quem veio falar com você, Bianca! – disse a bela morena sorridente.

– Aproveitei para convidá-lo para jantar conosco!

Zac entrou na sala de jantar com um sorriso tímido.

– Eu não quero atrapalhar... – disse.

– O que é isso? Não atrapalha em nada! Não é, Urbain?

Urbain ainda o encarava como um policial.

– Não, claro que não – respondeu, fazendo um leve cumprimento com a cabeça.

Zac se sentou à mesa, de frente para Bianca, e Lorena o serviu.

– Bianca não falou que você viria, senão teria preparado algo mais interessante.

– Meu irmão e eu estamos acostumados com congelados, então, acredite, qualquer comida caseira ou que não venha em blocos já é muito bem vinda! – respondeu ele.

– Bianca não nos falou um monte de coisas – disse Urbain, servindo-lhe um copo de refrigerante. – Por exemplo, não disse como vocês se conheceram. Foi na escola?

– Não, senhor – respondeu Zac, comendo sua primeira garfada. – Eu não estou mais na escola. Nos conhecemos na praça.

– Ah... Na praça... Onde ladrões, mendigos e maníacos de toda sorte perambulam livremente... Que bom... Qual a sua idade, meu jovem?

– Dezenove... – Zac começava a temer um pouco o pai de Bianca.

– Bianca tem 16... mas você sabia disso, não?

– Já vou fazer 17! – interrompeu Bianca. – Daqui a alguns dias!

– Três semanas! – corrigiu Urbain.

– Deixe de drama, Urbain... São praticamente da mesma idade – interveio Lorena.

– E o que você faz, rapazinho?

– Eu trabalho, senhor. Nos Correios. Fico no departamento de reclamações.

E de repente Urbain e Lorena se olharam, percebendo o porque de Bianca falar tantas coisas malucas sobre correios nos últimos dias.

– Aliás, eu peço desculpas por vir aqui tão tarde! Eu queria ter vindo mais cedo, mas fiquei preso no trabalho. Aconteceu uma coisa esquisita! Um dos funcionários desconfiou de um pacote e resolveu abrir. Encontrou um artefato que parecia uma bomba e a polícia foi chamada. Quando chegaram lá, acharam melhor chamar o esquadrão anti-bombas! A Imprensa também foi chamada e quando achei que aquele lugar ia pelos ares, os policiais saíram rindo com o artefato nas mãos! Era um vibrador!

– Lorena e Bianca riram, mas Urbain continuou encarando-o.

– Há damas presentes, rapaz.

Imediatamente Zac parou de rir e pediu desculpas. Achou que era uma boa história.

– Urbain, deixe de ser chato! – disse Lorena. – Nós sabemos o que é um vibrador!

– Desculpe o meu pai, Zac – completou Bianca. – Às vezes eu acho que ele veio do século XVII em alguma máquina do tempo!

Lorena e Urbain largaram os talheres no prato para olharem para a filha, espantados. Zac riu, esperando quebrar o clima estranho que se formara. Então todos voltaram aos seus pratos e Bianca perguntou se eles já conheciam a piada de Jesus, Moisés e do velhinho jogando golf. Como ninguém conhecesse, ela contou.

– Estavam Jesus, Moisés e um velhinho jogando golf num dia ensolarado. Moisés foi o primeiro. Deu uma tacada e sua bola foi parar no meio do lago. Então ele foi até lá e, com um movimento de mãos, o lago se abriu e ele pôde ir até a bola e dar sua tacada. Então foi a vez de Jesus. Com sua tacada, sua bola foi parar em cima de uma vitória régia. Jesus andou sobre as águas e conseguiu bater em sua bola. Aí foi a vez do velhinho. Ele andou meio trôpego até a bolinha, apertou os olhos pra enxergar melhor, ajeitou os óculos e se preparou. Ergueu, com muita dificuldade, o taco de golf e bateu na bolinha, que saiu voando. Assim que ela caiu no chão, um sapo apareceu e a engoliu. Então veio uma cobra e comeu o sapo. Aí veio uma águia e pegou a cobra. Lá no céu, a cobra se remexeu tanto que a águia a soltou. Quando caiu no chão, ela acabou cuspidando o sapo, que quicou três vezes e cuspiu a bola, que percorreu uns 15 centímetros até o buraco. Então Moisés se virou para Jesus e disse: “É muito chato jogar com seu pai”.

Eles riram e o jantar virou uma espécie de bufê de piadas, deixando o clima finalmente leve e descontraído. Veio a sobremesa, o bom pudim de tapioca com calda dourada que Lorena sempre fazia, a sobremesa favorita de Bianca e Urbain e que sempre fazia sucesso também com as visitas. Quando terminaram, Urbain apertou a mão de Zac, dizendo com sinceridade que fora um prazer conhecê-lo. Mas apertou um pouco mais sua mão ao completar a frase.

– Mas é bom ter cuidado com minha filha...

Lorena puxou o marido para ajudá-la com a louça, salvando assim a mão do menino e dando aos dois um pouco de privacidade.

Bianca acompanhou Zac até a varanda. Cacau latiu pra ele, como se reclamasse de sua partida. O rapaz se abaixou e fez carinho na simpática vira-latas (embora todos os vira-latas sejam simpáticos). Quando se levantou, o silêncio foi um tanto constrangedor.

– Por que veio aqui? – perguntou Bianca, arrancando o band-aid.

Ele tirou uma coisa da mochila e entregou para ela. Era o livro sobre o mundo das fadas.

– Achei que ia querer de volta.

Bianca pegou o livro, sentindo uma súbita saudade do rapaz que estava mandando embora de sua vida por não ser quem ela esperava que ele fosse.

– Eu também queria pedir desculpas pelo meu comportamento naquele dia. Eu fui um babaca. Eu sei. Ouvi dizer que Mercúrio e Marte estavam retrógrados e acho que pode ter sido isso.

– Você acredita em astrologia? – perguntou incrédula Bianca.

– Não, mas achei que podia te convencer!

Eles riram e ele apontou para o livro.

– A propósito, é um livro muito interessante. E embora eu não acredite que um lugar assim exista, acredito que seria fantástico se existisse.

Ele a olhou com olhos tristes, percebendo os acordes finais da música.

– Eu gostei de te conhecer, Bianca...

E então ele se virou e foi embora. Ela pensou em chamá-lo, mas nenhuma palavra saiu de sua boca. Entrou em casa com o livro na mão e a cabeça pesada.

– Ele é um rapaz adorável! – disse sua mãe, já sentada no sofá da sala com Urbain. Quando vamos vê-lo de novo?

– Nunca... – respondeu Bianca em voz baixa. – Ele foi embora. Só voltou pra me entregar o livro que eu emprestei pra ele.

– O quê? – reclamou Urbain. – Então fui simpático à toa?!

– Aquilo era ser simpático?! – retrucou Lorena.

Bianca deixou os dois discutindo no sofá e subiu as escadas, dando um “boa noite” desmotivado. Depois que sua porta se fechou, Lorena riu. Urbain a olhou curioso.

– Por mais que ela esteja sofrendo, ao menos os namoros dela não são complicados como o nosso foi...

– Nem me fale...

Capítulo 5

A Festa

O restante da semana pareceu durar 17 dias. Bianca se sentia culpada, mas não sabia exatamente por que, já que achava que tomara a melhor decisão possível. Estava começando a mergulhar em sua estranha melancolia, pois a perda de Zac começava a doer de novo. Era uma tarde de sexta-feira silenciosa com cara de domingo, quando Lorena entrou no seu quarto.

– Olá, querida!.. – disse a bela morena de cabelos castanhos até a cintura e um sorriso que sempre parecia acalmar e aquecer toda a casa, em qualquer momento.

– Oi, mãe... – respondeu Bianca, menos entusiasmada do que esperava parecer.

Lorena se aproximou e se sentou na cama com ela. Bianca recostou-se nos travesseiros na cabeceira. Estava lendo As Crônicas de Nárnia. Lorena olhou para o leão na capa do livro.

– Está gostando? – perguntou.

– Ainda não sei... Acho que o Leão é Jesus!

– Muito bem, filha! Você encontrou Jesus, finalmente! Seu pai vai ficar feliz!

Elas riram e Lorena deixou o livro de lado.

– Estou um pouco preocupada com você...

– Não estou usando drogas.

– Eu sei que não.

– E também não sou lésbica.

– OK.

Bianca esperou, enquanto sua mãe a olhava com os olhos cor de madeira e um sorriso desenhado no rosto.

– Então o quê? – perguntou a menina, cansada de esperar.

– Zac parece um bom rapaz.

Bianca pegou o livro e voltou a fingir que lia, já contrariada.

– Então, eu gostaria de lhe perguntar por que você está aqui dentro lendo um livro ao invés de estar lá fora passeando com ele?

– Não rolou.

– Pode ser mais específica?

Bianca colocou o livro de volta na cama.

– Ele não é a pessoa que eu achava que ele era!

Você o conheceu há alguns dias e já tinha uma imagem formada tão irredutível assim? – surpreendeu-se Lorena.

– Ele não acredita nas mesmas coisas que eu! – defendeu-se Bianca.

Lorena respirou fundo, sem desfazer o sorriso. Colocou a mão morna no joelho da filha.

– Bianca, meu bem, você já comeu *petit gateau*?

– Claro!

– Você sabe que o bolo quente e escuro é o oposto do sorvete claro e gelado. Já imaginou se alguém dissesse “Essas suas coisas são tão opostas que jamais poderiam ficar juntas!”?

– Seria uma perda para o mundo! – exclamou Bianca, sem ser sarcástica.

– Querida, eu vi como aquele rapaz olhou pra você durante o jantar. Ele até dominou o pânico que senti do seu pai! Eu não sei o que aconteceu, mas acho que você poderia pensar melhor nisso.

Bianca baixou os olhos. Sim, ela poderia. Só não sabia como. Lorena beijou a filha carinhosamente na testa e deixou o quarto. Quando a porta se fechou, a menina colocou o livro de lado. Não conseguiria mais se concentrar.

Ela pensou em ir no trabalho dele. Mas não foi. Pensou em ligar. Mas não ligou. Ele também tinha o telefone dela, poderia ligar. E se ele não estivesse disposto a lhe dar uma segunda chance? A possibilidade de rejeição bateu tão forte nela naquele momento que seus olhos chegaram a se encher de água.

E foi nesse clima que a sexta passou e o sábado chegou e, com ele, uma nova possibilidade.

Adriana ligou para ela. Bianca demorou para reconhecer sua voz e o motivo era simples. Dri, como era chamada, e Ivy, abreviação de Ivone, haviam se aproximado dela depois que voltara do mundo das fadas. Bianca nunca entendeu direito essa aproximação, mas elas realmente tentaram animá-la, conquistar sua amizade e fora nelas que dera o bolo quando desistira de ir ao cinema para se sentar numa pracinha e lá encontrar Zac. Bianca não lhes dera muita atenção. E agora, elas ligavam pra ela.

Bianca achou que Dri queria fazer um convite, mas ela queria fazer uma fofoca. E uma exigência.

– Você tem que ir na festa da Cláudia hoje! – exigiu a outra.

– Desculpe, Dri, mas não tô com a menor vontade de ver pessoas hoje... Acho que vou ler um livro!

– Ler um livro uma ova! – quase gritou Adriana. – A Cláudia tá falando pra todo mundo que o Zac vai e passou a semana falando que ia tirar ele de você na maior moral!

Bianca ficou calada, surpresa de:

A) Estarem falando dela.

B) Acharem que Zac era dela para ser tirado.

C) Alguém querer tirar Zac seja lá de quem fosse.

.

– E daí? – perguntou Bianca, tentando parecer “cool”.

– E daí que você não vai deixar aquela biscate levar a melhor em cima de você!

– Dri, a verdade é que Zac e eu não temos nada. Ele é livre e eu...

– Cala a boca, Bianca! Tô passando aí daqui a pouco com a Ivy! Você vai nessa festa, nem que seja pra mostrar pra Cláudia que não tem medo dela!

E depois de mais algumas palavras, Dri desligou. Bianca ficou pensando e, olhando para o espelho, percebeu o vinco entre as sobrancelhas. Sim, a notícia a chateara. Ela podia não saber exatamente o que queria, mas o avanço descarado de Cláudia era quase indecente! Onde estava a classe dessa garota? E foi assim que decidiu ir à tal festa. Seria uma oportunidade de se encontrar – tipo por acaso – com Zac, e tentar sondar pra ver se tinham alguma chance ainda. E deixaria claro para Cláudia que ela não era a idiota que ela achava que era.

Lorena pediu que Bianca ligasse para que eles fossem buscá-la quando a festa terminasse. Urbain não gostou muito e, assim que a filha saiu, toda arrumada e maquiada, ele olhou feio para a esposa.

– Aquele rapaz vai estar nessa festa, não vai? – perguntou ele.

– Esperamos que sim...

Ele estalou a língua em desagrado.

– Droga, Lorena! Nós quase conseguimos nos livrar dele e você a empurra de volta?

Lorena lançou-lhe aquele olhar que dizia que ela via muito mais do que as aparências.

– Não entendo porque implica com ele, Urbain! O rapaz é educado e simpático. E tem bom humor. E é lindo!

– Eu sei... – disse ele, olhando para o lado com um rosto mais sombrio.

A esposa caminhou até onde ele estava e sentou-se ao seu lado no sofá.

– Exatamente como você... – disse ela.

Ele não reagiu ao elogio, que também não tinha tom de elogio, mas de triste constatação.

– Bianca não é Philippe, Urbain.

Ele olhou para ela com olhos surpresos. Ela nunca, em todos esses anos, falara o nome de Philippe novamente. Nem ele. A jovem de cabelos claros e rosto fino, de olhos infinitamente infelizes e vida destruída, ficara no passado, e, apesar dele se lembrar dela com culpa e tristeza de vez em quando, seu nome nunca fora mencionado naquela casa.

– É hora de se perdoar pelo que passou – disse Lorena.

– Não vou me perdoar se algo acontecer a Bianca... – murmurou ele, sem encará-la.

Lorena o abraçou e passou-lhe um pouco de confiança.

– Nada vai acontecer à Bianca. Ela vai viver e crescer e cair e se levantar e continuar vivendo. E será feliz.

A festa era na casa da Cláudia. “Casa”, aliás, era um termo muito modesto para aquilo. Estava mais pra mansão. Tinha um imenso jardim e uma piscina iluminada de dar inveja nos fundos da casa de três andares repletos de móveis de bom gosto. Cláudia estava vestindo Chanel, ou pelo menos foi o que Bianca ouviu alguém comentar. Para ela, era igualzinho a qualquer vestido comprado na boutique do shopping. Bianca não tinha lá um olhar aguçado para moda. Dri e Ivy a acompanharam no meio da garotada. A música estava alta, tocando Lady Gaga, e cerveja corria solta. Bianca suspirou, começando a se arrepender. Alguns casais se engoliam nos sofás e ela parecia invisível.

– Não se preocupe, Bianca! Nós estamos aqui com você!

Bianca ficou tranquila com a declaração de Adriana. Infelizmente, sua tranquilidade durou apenas uns três minutos, tempo que levou para que Dri e Ivy logo achassem novos interesses e simplesmente desaparecessem. Bianca sacudiu a cabeça quando não as viu mais, sabendo que deveria ter esperado por isso. Começou a andar pela festa, tentando achar alguém conhecido. Espantou-se de Cláudia conhecer tanta gente e ter tão pouca gente de sua classe da escola. A maioria eram rapazes e moças mais velhos. Cheiro de cigarro a fez tossir e começou a tentar sair da casa.

Chegou até a parte dos fundos, onde vários jovens curtiam a piscina naquele sábado quente com um churrasco sendo preparado profissionalmente por um serviço contratado. Bianca não sabia que era possível contratar um serviço de churrasco, mas não se espantou. Há poucos serviços que o dinheiro não compra.

Um rapaz lhe ofereceu uma cerveja, mas ela recusou. Ele já estava de olhos vermelhos e rindo à toa. Falou coisas que ela não entendeu porque a música estava

muito alta. Ali, tocava outra coisa, alguma banda tecno que ela não conseguiu identificar, mas que achou muito ruim.

Voltou pra dentro da casa, onde Lady Gaga havia sido substituída por uma versão *dance* quase criminosa de La Tortura, da Shakira, que dava a impressão de que era ruim da primeira vez que você ouvia, mas que você acabava se acostumando pouco depois. Parou num canto, entediada, se perguntando por que não estava na sua cama quentinha lendo um livro com mais histórias interessantes e conteúdo que todas aquelas pessoas juntas. Foi quando viu Cláudia. Ela estava rindo e se derretendo para alguém que Bianca reconheceu imediatamente.

Zac estava com uma calça jeans e uma camiseta branca com um brasão na frente. Bianca o viu caminhando com ela na floresta. O cheiro do bosque misteriosamente sobressaiu-se ao cheiro de bebida nesse súbito teleporte mental. Mas só durou alguns segundos. Logo, Bianca estava novamente vendo o rapaz sorrindo e, aparentemente, correspondendo aos avanços de Cláudia.

Bianca se virou. Queria ir embora. Aquele não era Zac, não o Zac, não o anjo por quem se apaixonara. Não sabia por que seu coração estava doendo, mas isso não importava. Ele evidentemente já estava em outra. Assim que se virou, deu de cara com Tina.

– Ih, amiga! – disse Tina, uma das BFF inseparáveis de Cláudia, que aparecera inesperadamente bem atrás de Bianca com um copo de bebida. – Esse navio já partiu! Se eu fosse você, dava um revoltis e ficava com o primeiro cara que eu encontrasse! A fila anda, amiga!

Bianca teve uma vontade quase incontrolável de socar aquela garota, mas percebeu-se na iminência de seguir o conselho dela. Enquanto via Zac todo sorrisos para a garota que vestia Chanel, Bianca sentiu-se rejeitada, abandonada, jogada de lado, jogada fora, excluída, esquecida, solitária, diminuída, magoada e, finalmente, zangada.

Virou as costas e saiu de perto da cena antes que desatasse a chorar. Esbarrou em algumas pessoas sem rosto e sem nome, até que chegou numa mesa de salgadinhos e *cup cakes*, tudo arrumado e frequentemente substituído pelos garçons contratados. Alguém a tocou no braço para chamar sua atenção. Virou-se e viu um rapaz loiro, alto, de olhos castanhos amendoados. Ele lhe sorriu e lhe ofereceu uma lata de cerveja. E naquele momento, ao som de Shakira, ouvindo que é uma tortura perder você, Bianca disse a si mesma: “Por que não?”

Ela sorriu de volta e aceitou a lata de cerveja. Quando levou a bebida aos lábios, alguém a tirou dela. E lá estava Zac com rosto zangado.

– O que pensa que está fazendo?

– Não é da sua conta!

Cláudia chegou correndo e puxando Zac pelo braço.

– Zac! Eu preciso te apresentar uma pessoa! Vem comigo!

Zac nem olhou pra ela. Continuou encarando Bianca, até que entregou a cerveja para o rapaz loiro ao seu lado.

– Valeu, amigo! Ela não bebe!

– Quem disse que eu não bebo?! – indignou-se Bianca.

– Sua carteira de identidade e a Constituição Federal, pra começar! – respondeu ele.

– Ô, seu mala! – interferiu o loiro. – Se a mina quiser beber, ela bebe!

– Zac! Deixa disso e vem comigo que quero te apresentar o Jeff! Ele agencia modelos!

– Am-ham, tá, Cláudia, senta lá! – pediu ele, tentando afastar a garota e ganhar algum espaço ali.

– E eu bebo se eu quiser! – gritou Bianca.

Então ele a pegou pelo braço para tirá-la dali, mas ela puxou o braço de volta.

– Me deixa! Você não é meu pai!

– Que bom que se lembrou dele, porque é pra ele que vou ligar se encostar essa lata na boca!

E, sem pensar, Bianca pegou um *cup cake* na mesa e enfiou na cara de Zac. A música parou. A festa parou. O vento parou. E então uma onda de gargalhadas e aplausos se ergueu. Ele limpou o rosto e a olhou nos olhos. Bianca achou que veria um olhar furioso. Mas não viu. Nesse momento, Bianca viu os mesmos olhos magoados que já tinha visto antes. Ele se virou e saiu, enquanto os outros faziam chacota, riam, apontavam e jogaram canapés nele.

O loiro abraçou Bianca numa intimidade que ela não se lembrava de ter dado e lhe ofereceu a lata de cerveja de novo. Ela olhou para a latinha, o pivô involuntário da discórdia, e a devolveu, dizendo um seco “não, obrigada”. Então ela tentou ir atrás de Zac, mas o loiro a puxou de volta.

– Não seja criança! Deixa aquele otário pra lá e bebe aí!

Então, Bianca pegou outro *cup cake* e enfiou na cara do loiro, desvencilhando-se rapidamente antes que ele pudesse segurá-la de novo. Nova onda de risadas e ela correu no meio da sala cheia, tentando encontrar Zac. Não acreditava que tinha feito aquilo com ele. De novo!

Percorreu a grande sala e não o encontrou. A música voltara, dessa vez com alguma canção nova da Madonna que ela ainda não conhecia. Depois de quase meia hora procurando, Bianca o encontrou. Ele estava no andar de cima, numa pequena biblioteca, debruçado na janela olhando para o céu estrelado.

Quando ela entrou, ele se voltou para ela. O rosto já estava limpo e a camisa ainda tinha umas manchas de chocolate. Mas o olhar ainda estava lá.

– Como me achou?

– Entrando em todos os aposentos... Já interrompi muitos casais e acredito que alguns bebês não nascerão em nove meses por minha causa...

Ele não riu da tentativa de piada. Apontou com o rosto para a porta deixada aberta atrás dela.

– Feche a porta.

Ela obedeceu. Então se aproximou dele com olhos baixos.

– Me desculpe...

Ele não respondeu. Ela continuou.

– Não só pelo bolinho. Mas por tudo. Eu tenho agido de uma maneira maluca, eu sei. Mas se você soubesse tudo o que eu sei...

– Talvez se você me contasse...

Bianca olhou para os lados, repuxando os lábios. Encontrou algumas centenas de livros a observá-la.

– Você não vai acreditar.

– Tente.

Bianca respirou fundo. Sim, talvez ela devesse tentar...

Capítulo 6

A Verdade, Nada Mais que A Verdade

Bianca foi até a janela por onde uma brisa fresca passava e recostou-se no parapeito. Ele recostou-se também, sem tirar os olhos dela.

– Há alguns meses, minha melhor amiga sumiu – começou ela. – Eu estava com ela.

– Ela foi sequestrada?

– Foi. Por fadas.

Zac arqueou as sobrancelhas sem desviar o olhar. Bianca o encarou.

– Por fadas... – repetiu ele, pra ter certeza de que tinha entendido.

– Sim, fadas. Ou silfos. Não sei ao certo. Só sei que ela foi parar no Reino das Fadas e eu pedi ajuda para ir até lá e resgatá-la. Recebi a ajuda de um anjo...

– OK... – disse ele, os olhos cada vez mais arregalados.

– E esse anjo era você!

Ela ficou em silêncio, já arrependida de ter-lhe contado tudo. Agora, sim, ele ia achar que ela era completamente louca.

– Legal sua história! – disse ele. – Você tem muita imaginação. Poderia escrever um livro.

E então ele se recostou no parapeito da janela, olhando para o céu com o rosto zangado.

– Mas é a verdade! – insistiu ela, que não sabia mais o que dizer.

– Olha, se você não quer sair comigo, tudo bem! Mas não precisa me humilhar desse jeito! Apenas diga!

– Não é isso!

– O que é então?

– Eu... Eu... Eu... Eu fiquei zangada quando vi que você não se lembrava de nada!

– Me lembrar do quê?! Isso é uma fantasia da sua cabeça maluca!

– Não é! Aconteceu! – a voz dela começou a falhar. – Nós fomos juntos até o Reino das Fadas, você salvou Eileen, mas ela perdeu suas asas, e nós conhecemos Danzir e Ariene na Vila das Fadas D'Água, voamos em grifos e fomos ao castelo de Paralda!

E então ela estava soluçando e cuspiando as palavras que não faziam nenhum sentido para ele. Zac então a segurou pelos braços e tentou acalmá-la.

– Tudo bem! Tudo bem! Fique calma!

Ele a abraçou para tentar contê-la, percebendo que ela estava perdendo o fôlego e suas mãos se agitavam histericamente no ar enquanto tentava contar para ele o que ela achava que tinham vivido. Não, ele definitivamente não acreditava em nada daquilo. Mas acreditava que ela acreditava.

Quando ela se acalmou, ele a soltou e a olhou nos olhos. Ela não queria encará-lo.

– Está tudo bem... – disse ele. – Você já contou a alguém sobre isso?

Ela meneou com a cabeça.

– Não... Você é o primeiro. E agora acha que sou maluca.

– Não, não acho, não!

Ela o encarou, ciente da verdade, o rosto ainda vermelho da crise de choro.

– Talvez um pouco excêntrica... – concluiu ele.

– Não conte a ninguém, tá bem? – pediu ela.

– Não se preocupe, não conto. Mas você precisa buscar ajuda. Essa fantasia não está lhe fazendo bem...

E assim o coração dela se partiu pela segunda vez no mesmo dia. Ela o olhou, os olhos brilhantes dizendo mais do que ele gostaria de saber.

– É... – disse ela. – Você tem razão... Vou fazer isso...

– Vamos! – disse ele com um sorriso gentil – Eu levo você pra casa!

Eles desceram as escadarias e a seleção musical parecia ter sofrido um revés ou uma substituição de DJ que agora tocava funk.

– É mesmo hora de ir pra casa... – disse ele. – A música está nos expulsando...

Assim que terminou de descer as escadas, foi interpelado por Tina, que pegou em sua mão.

– Onde você estava, Zac? A Cláudia tava te procurando que nem uma doida!

– Err.. Eu falo com ela depois, eu preciso ir agora...

– Não, não vá sem se despedir! – quase gritou a outra. – Ela está lá nos fundos, vai lá dar tchau pra ela não ficar chateada!

Zac olhou para Bianca que concordou com a cabeça. Não era como se ela estivesse precisando de um Prozac com urgência ou coisa assim. Ela podia esperar. Apesar do funk.

Eles abriram caminho na festa que parecia ainda mais cheia até os fundos, onde o cheiro de picanha subiu rapidamente. A piscina também estava muito mais cheia, dessa vez com gente de roupa e tudo.

– Onde ela está? – perguntou Zac, procurando pela dona da festa.

– Ela estava aqui agora mesmo! – disse Tina.

Nesse instante, Bianca olhou para ela, porque tudo naquele momento pareceu incrivelmente falso. Algumas pessoas sabem mentir, outras sabem atuar. Talvez Tina só soubesse mentir.

– Oh, meu Deus!!! – gritou Tina, apontando para a parte funda da enorme piscina. – É ela ali?!!!

Zac arregalou os olhos ao ver alguém se debatendo e, a seguir, afundar, sem que ninguém sequer notasse. Ele correu arrancando a camiseta e os sapatos e mergulhou na parte funda da piscina, enquanto Bianca e Tina também corriam atrás dele.

Assim que chegaram na borda, o rapaz já trazia uma semiconsciente Cláudia. Elas o ajudaram a puxá-la para a borda e ele saltou para fora logo depois. Ele fez uma massagem cardíaca e respiração boca a boca. Bianca estava assustada e outras pessoas começaram a se aproximar ao ver a movimentação.

Porém, mais uma vez, ela se viu olhando para Tina. E ela estava sorrindo.

Cláudia tossiu e voltou a si. Enlaçou-se no pescoço do moço que a ajudou a se sentar. Alguém dispersou as pessoas que foram se afastando.

– Zac! Obrigada! Obrigada! Eu achei que ia morrer!... – disse Cláudia.

– O que aconteceu?

– Eu escorreguei e caí. E nunca fui boa nadadora mesmo... Você me salvou! Obrigada! Estou tão nervosa!...

E começou a chorar abraçada a ele. Bianca se levantou.

– Melhor ficar com ela, Zac... – disse.

– Mas eu ia levar você pra casa! – respondeu ele.

– Eu pego um táxi! Não se preocupe comigo!

Ele ainda a olhou longamente, e então concordou com um movimento de cabeça. Zac se levantou, erguendo Cláudia nos braços e seguiu para a casa. Quando passou por Bianca, Tina estava sorrindo abertamente, mas dessa vez Bianca não notou. Ela estava boquiaberta vendo as marcas que Zac trazia nas costas. Eram duas manchas escuras, como cicatrizes, nas omoplatas, uma de cada lado, como se ali, em alguma época de sua vida, tivesse havido asas...

Bianca seguiu pela rua deserta. Já passava da uma da manhã e ela não tinha ideia de como tanto tempo se passara naquela festa horrível. Abraçou a si mesma, sentindo frio com o vento da noite. A música e o burburinho da festa foram ficando mais distantes e Bianca não conseguia parar de pensar no que vira.

Zac não acreditava nela. E aparentemente já tinha uma vida ali há pelo menos 19 anos. Ele não podia ser Zacariel. O seu Zacariel... Mas seu

comportamento, seu olhar, seu sorriso e, principalmente, suas atitudes, diziam exatamente o oposto. E agora ainda tinha aquelas cicatrizes em suas costas.

Um vento mais forte a fez estremecer. Um calafrio percorreu sua espinha. Havia algo errado. Olhou para o céu e um bando de nuvens escuras e disformes passou, trazida pelo vento, numa velocidade anormal, escurecendo totalmente a rua. Bianca achou ter ouvido gritos e assobios, algo muito distante, mas, mesmo assim, muito assustador. Olhou para trás e um carro amarelo apareceu. Ela esticou a mão, esperando que ele estivesse vazio. Para sua sorte, estava. Ela entrou e deu o endereço para o motorista de cabelos grisalhos e se aqueceu dentro do carro, olhando pela janela fechada as folhas secas rodopiarem na rua deserta.

Quando chegou em casa, seus pais ainda estavam acordados, aninhados um no outro vendo um filme com um enorme balde de pipoca com manteiga no colo e um cobertor felpudo os aquecendo. Estranhamente, aquele sábado quente tinha tido uma súbita queda de temperatura. Ventos frios anunciavam uma chuva e a moça entrou sentindo frio. Não parecia muito animada. Havia esse problema com Bianca. Ela tinha dificuldades em fingir. Ela era o que era, simples assim. E, por isso mesmo, era sempre um alvo relativamente fácil para os azedumes dos adolescentes. Relativamente, porque Bianca tinha uma língua rápida e uma mão pesada (puxara isso de seu pai). Corria o risco quem quisesse. Geralmente, era mais seguro fazer chacota dela pelas costas.

– Querida! – surpreendeu-se Lorena. – Você não nos ligou para irmos buscá-la!

– É que eu queria chegar logo – o que era uma forma de dizer que ela queria sair logo de lá. – O que estão vendo?

Ela se sentou no sofá com eles.

– Tróia! – respondeu sua mãe.

Bianca não tinha um apreço especial pelos épicos, isso era com seu pai, mas a figura de Orlando Bloom a agradou.

– Posso ver também?

– Claro, princesa! – respondeu seu pai com aquele sorriso lindo que fazia tudo parecer melhor. – A gente volta pra você ver do começo! Amanhã é domingo, podemos todos dormir até tarde.

Ele deu um lugar pra ela embaixo do cobertor e lhe ofereceu pipoca, ainda quentinha. Bianca encheu a boca, lembrando que não comera nada naquela porcaria de festa.

– E aí? – perguntou Urbain. – Como foi a festa?

– Uma porcaria! A idiota da Cláudia quase se afogou na própria piscina!

– E ela está bem? – perguntou Lorena.

– Melhor do que eu... – respondeu Bianca, com um suspiro.

– Estranho Cláudia se afogar! – comentou Lorena.

Bianca desviou os olhos de Brad Pitt de minissaia e olhou para a mãe.

– Por que estranho?

– Porque ela é campeã de natação! – explicou Lorena. – Eu sei porque a chatíssima da mãe dela sempre esfrega isso na nossa cara quando a encontro nas reuniões de Tupperware. Ela é mala... Não sei por que continuam convidando-a...

– Deve ser porque ela compra – disse Urbain, comendo mais pipoca.

– É, é um bom motivo... – concordou Lorena.

Bianca já tinha deixado de ouvir, pensando na armação que Cláudia fizera só para tirar Zac dela.

– Mas que piranha... – murmurou, esquecendo momentaneamente que não estava sozinha.

– Que isso, filha?! – exclamou seu pai. – Está ficando palavruda?

– Desculpe! Mas acabei de perceber que ela não se afogou coisa nenhuma!

E Bianca compartilhou com os pais os detalhes do fato.

– Mas que piranha! – disse Urbain, que podia não gostar muito de Zac, mas gostava menos ainda de ver a filha sendo passada para trás por uma pessoa manipuladora. Ele sabia o estrago que pessoas manipuladoras podiam causar.

– Não se preocupe, querida! – disse Lorena. – Relaxe. Veja o filme. Amanhã, ligue para o Zac e pergunte como está a Cláudia. E aí você o convida para a sua festa de aniversário!

A mãe ergueu a mão e Bianca bateu, fechando o combinado e formando sua equipe.

Capítulo 7

Pratos Limpos

Bianca estava muito animada com sua própria festa. Não teria o porte da festa de Cláudia, pois ela não tinha piscina nem uma mansão de três andares, mas faria tudo para ser uma festa memorável. Não sabia como ia fazer isso, mas estava empolgada em descobrir.

Acordou bem tarde no domingo. Assim que abriu os olhos, teve a estranha sensação de que tinha sonhado com um pequeno ser correndo e se escondendo dentro do seu quarto. Sentou-se na cama, tentando se lembrar se aquilo havia sido uma sensação ou um fragmento de sonho. Olhou para Cacao dormindo em sua caminha vermelha. Provavelmente, a pequena vira-lata tinha andado pelo quarto de noite e a impressão se misturara com algum sonho.

O café da manhã foi animado e ela nem se lembrava mais do mau humor com o qual chegara na noite anterior. Lorena sugeriu que ela ligasse para Zac e o convidasse para almoçar ou lanchar. Ela se tornara muito maternal quando soube que o garoto perdera os pais tão cedo. Assim que terminou o café, Bianca subiu e deitou-se na cama, discando o celular dele.

Sua empolgação esfriou ao ouvir uma conhecida voz feminina.

– Bianca, é você?

– Cláudia?...

Ela quis disfarçar a surpresa, mas, como já disse, Bianca não era muito boa em fingir.

– E aí, amiga! Tudo bem?

– Er... Eu queria falar com o Zac...

– Ah, ele está no banho! Quer que eu passe o recado?

– Não, não precisa... – respondeu Bianca, com uma voz desanimada.

– Nós vamos almoçar juntos, então qualquer coisa eu falo pra ele que você ligou! Beijo, amiga!

Bianca desligou sentindo um gosto amargo que lhe subiu pela garganta e invadiu a boca. Desejou do fundo do coração que Cláudia fosse atropelada por um caminhão, mesmo sabendo que isso não era “uma coisa boa”, como dizia seu tio Marcel. Então, Zac dormira na casa da Cláudia. Imaginou todo o teatro que Cláudia teria feito para que ele ficasse. Mas agora, já passava das 11 e ele ainda estava lá. E tomando banho! Quanta intimidade você deve ter com uma pessoa para tomar banho na casa dela? E, a menos que estivesse faltando água na casa dele, ele

poderia esperar para tomar banho! A menos que estivesse muito suado depois de alguma atividade onde... bem, onde as pessoas suam.

E Bianca arregalou os olhos quando o óbvio saltou diante dela. Cláudia podia ter 17 anos, mas se vestia e se comportava como se tivesse 25, enquanto que Bianca ainda se sentia com 14. Perto de Cláudia e as amigas, então, se sentia com seis. Os ombros caíram e ela se lembrou que Zac possivelmente a achava uma maluca de pedra. Provavelmente, ele nunca mais falaria com ela, a menos que ela tentasse atravessar a Avenida Brasil montada num coco com um chapéu de Napoleão na cabeça.

Não comentou nada e apenas avisou a sua mãe que Zac não viria para o almoço. Foi uma surpresa quando Zac apareceu pouco antes da primeira garfada. Dessa vez, foi Bianca quem atendeu a porta. A princípio, ficou espantada. Mas assim que se lembrou de onde ele estava, cruzou os braços e o cumprimentou friamente com um “oi”.

– Desculpe aparecer assim sem avisar, mas eu fiquei preocupado com você ontem. Chegou direitinho?

– Não, a Bianca morreu no caminho, eu sou a irmã gêmea dela.

– Gêmea má, imagino... – respondeu ele, não entendendo a animosidade.

– Pensei que fosse almoçar com a Cláudia... – disse Bianca, que jurara que não falaria disso com ele para não demonstrar o quanto aquilo a chateara.

Achou que ele ia parecer surpreso, como um ladrão pego em flagrante, mas ele apenas riu.

– É por isso que está zangada? – riu ele. – Ela estava nervosa ontem, pediu pra eu ficar. Mas não fiquei sozinho com ela. Pelo menos mais 16 pessoas dormiram naquela casa ontem. Ela insistiu para que eu ficasse, mas eu vim embora assim que pude.

– Depois de tomar banho...

Dessa vez ele pareceu surpreso.

– Tive que tomar, a amiga dela, Tina, passou mal e vomitou em mim.

Bianca fez uma careta de solidariedade e finalmente descruzou os braços. Abriu um sorriso.

– Quer almoçar com a gente?

Ele sorriu e entrou.

Foi um almoço tranquilo. Zac se sentiu muito a vontade com a família de Bianca e até Urbain não teve armas, motivos ou mesmo vontade para amedrontá-lo. De tarde, foram todos ao cinema, mas se decidiram por filmes diferentes. Urbain não perdia um épico, mesmo que o roteiro fosse inexistente, e sempre se encantava com os efeitos especiais. Já Bianca e Zac optaram por uma comédia

romântica que podia ser ruim, mas acabou sendo muito bonitinha. Na verdade, eles não tinham certeza se o humor deles melhorou o filme num todo ou se o filme era legal mesmo.

Com a diferença de horários, eles tiveram que passar algum tempo até que Lorena e Urbain saíssem de sua sessão, e passearam pela livraria do shopping, tornando aquele domingo perfeito para Bianca. Eles pararam diante de uma pilha de livros mais vendidos onde algumas capas traziam belos e musculosos anjos sem camisa em algum tipo de moda literária que se alastrava por todas as prateleiras do país.

– Zac, posso lhe fazer uma pergunta? – disse Bianca.

– Claro! – disse ele, folheando com interesse um livro sobre elfos, guerreiros e magos numa terra onde dragões coloriam os céus.

– O que são essas marcas nas suas costas?

Foi visível para ela que ele ficou subitamente tenso. Ergueu os olhos ainda com o livro na mão e olhou para ela.

– Eu as vi quando você salvou a picareta da Cláudia da piscina ontem. Aliás, ela fingiu, tá? Aquela idiota é campeã de natação!

Ele fechou o livro e o recolocou no mostruário.

– Foi no acidente – respondeu, desviando o olhar.

– O que matou seus pais? – perguntou Bianca, sem o menor tato. – Você estava no carro?

Ele anuiu com a cabeça.

– Fiquei preso nas ferragens. Sobrevivi, mas as cicatrizes ficaram.

E então ele ficou distante. Os olhos brilharam e ele não disse mais nada, até que ela tocou em seu ombro. Ele pareceu voltar para o presente e encontrou os olhos doces da moça ao seu lado.

– Eu sinto muito... Desculpe ter perguntado.

Ele sacudiu a cabeça ligeiramente e sorriu, mas não conseguiu disfarçar o quanto se sentiu vulnerável naqueles segundos.

– Deixe-me compensá-lo! – disse ela, pegando de volta o livro no qual ele demonstrara tanto interesse antes de tocarem no assunto. – Vou dá-lo de presente pra você!

– Não precisa!

– Eu sei que não! Mas eu quero!

– Tudo bem, mas eu também vou lhe dar um presente!

Eles passearam pelas prateleiras enquanto ele escolhia um presente para ela até que saiu com um outro sobre pessoas que se encontravam numa cidade distante e acabavam forjando inesperados laços de amizade. Este também era um mundo de fantasia, de magia, de magos e dragões. Apesar de não acreditar em nada disso, ele

sempre gostara do gênero. Havia algo de estranhamente confortador e familiar nesse universo de coisas impossíveis.

Encontraram-se com os pais dela logo depois e jantaram juntos, falando sobre os filmes que viram. Urbain deu uma carona para o rapaz que, por timidez ou por se sentir intimidado por estar no carro do pai da moça, se despediu dela com um rápido, porém carinhoso, beijo na face.

Bianca observou o lugar. Era realmente muito perto da casa dela, um apartamento num prédio pequeno e aparentemente antigo. Havia um jardim na frente onde lilases floresciam, levantando um perfume quase surreal que ela conseguiu sentir de dentro do carro com as janelas abertas.

Quando recostou a cabeça no travesseiro naquela noite, estava sorrindo. Não sabia mais se Zac era mesmo o anjo que ela conhecera no mundo das fadas. E também não se importava mais. Gostava dele. Gostava muito.

A semana foi ensolarada e Bianca e Zac estabeleceram rapidamente uma rotina de encontros ao fim da tarde, quando ele saía do trabalho. Às vezes, ela ligava para o setor de reclamações e inventava que tinha mandado alguma coisa maluca que não tinha chegado. Ela também se divertia com as histórias que ele contava, como a mulher que tentou mandar uma cobra por Sedex para um desafeto, ou o sujeito que tentou mandar a si mesmo dentro de uma caixa com água e sanduíches.

Também foi uma semana corrida, pois no sábado seria o aniversário de Bianca e a festa precisava ser preparada. Bianca convidou cerca de 20 pessoas de sua escola e esperava que eles aparecessem. Chamou um DJ e lhe passou a lista do que ela gostaria que tocasse. A lista incluía Nirvana, Metallica, The Smiths, Aerosmith, Ramones, Raul Seixas, Skank e Mamonas Assassinas, que ela considerava um clássico indispensável. Além disso, era permitido tocar qualquer coisa das décadas passadas, exceto os gêneros proibidos na casa de Bianca, como funk, pagode do abandono (cantados com voz anasalada lamentando a dor da amada que partiu, fugiu com outro, foi embora, escafedeu-se), axé e sertanejo (universitário, C.A. ou ensino fundamental). O DJ a olhou com as sobrancelhas cerradas e os lábios repuxados.

– Aí, gata! A galera vai pedir pra tocar um pagode, um funk...

Bianca sorriu e se aproximou do rosto do sujeito com boné para trás.

– Amigo, preste bastante atenção. Existe um dispositivo no meu cérebro que disparará ao som de qualquer um desses ritmos mencionados como proibidos. Se você tocar algum deles na minha festa, eu pegarei sua aparelhagem e jogarei por aquela janela ali.

Lorena quis *cup cakes*, mas considerando seu histórico em enfiar bolinhos na cara de Zac, Bianca preferiu bolos inteiros, grandes e de sabores diferentes, com um especialmente grande e bonito no meio pra apagar as velinhas. Bebidas não foram permitidas, pois a maioria era menor de idade e Bianca não ligou, uma vez que ela mesma não fazia muita questão.

No sábado, seu tio Marcos trouxe uma máquina de fazer fumaça e seu tio Marcel instalou lâmpadas coloridas. A casa sofreu uma metamorfose para receber os convidados e estavam todos animados com os preparos, embora ela soubesse que sua família iria para o segundo andar para deixá-la à vontade em sua própria

feita. Eles sabiam o quanto adolescentes desprezam a presença dos pais em seus eventos, por mais que Bianca também não compreendesse muito bem por que.

Quando a Lua chegou para seu turno da noite, Marcos flagrou Bianca roendo as unhas recém-pintadas.

– Por que está nervosa?

– Não estou nervosa!

Ele riu e ela desmontou. Tio Marcos não era irmão de seu pai, ou de sua mãe, mas um velho amigo de ambos. Tinha 38 anos, mas gostava de caminhadas e escaladas, o que o tornou um quase quarentão muito sarado. No entanto, quando abria a boca, parecia um garoto de 20 anos, sempre pegando no pé de Urbain, irritando Marcel e fazendo piada com tudo. Bianca o adorava e sempre se sentia mais feliz quando ele estava presente.

– Tá, eu tô nervosa... E se ninguém aparecer?

– Por que acha que ninguém vai aparecer?

– Porque eu nunca fui popular, e é sábado à noite, as pessoas têm programas!

Ele olhou para o céu estrelado pela janela onde estavam.

– Se ninguém vier... Teremos que comer todos aqueles bolos e salgadinhos sozinhos... Terei que entrar numa dieta depois. Então, acho melhor alguém aparecer! – ele apontou para um carro estacionando.

– Olha lá! Alguém está chegando! Estamos salvos da obesidade mórbida!

Bianca esticou o pescoço e reconheceu Zac quando ele saiu do carro. Era um Passat velho, mas cuidadosamente limpo. Assim que saiu, ele a viu na janela e acenou com um enorme sorriso.

– Nossa! Quantos dentes! Parabéns, Bianca! Você conseguiu ganhar um sorriso com mais dentes do que é possível ter numa boca humana!

Zac caminhou rapidamente e eles se encontraram na varanda. Já tinha música, mas não tinha ninguém, além de alguns adultos conversando animadamente entre si.

– Cheguei cedo?

– Não, chegou na hora! – respondeu Bianca. – Se não aparecer mais ninguém, você será minha testemunha de que essa casa estava lotada de gente e que foi a melhor festa do mundo!

– Claro! Direi que tinha até gente caindo pela janela! – concordou ele.

Bianca o apresentou aos dois tios, Marcel, primo de sua mãe, e Marcos. Eles conversaram animadamente, até que mais pessoas apareceram na porta. E, depois delas, mais pessoas começaram a chegar e, quando menos se esperou, a casa de Bianca virou um lugar cheio de gente, música, fumaça e luzes piscando.

Adriana, a Dri, chegou perto de Bianca com os olhos arregalados e uma lata de refrigerante na mão. Yvy estava ao seu lado.

– Bianca!! Que festa maneira!!! Quem diria!!! A Cláudia ia morrer de inveja! Agora, vem cá! Quem é aquele moreno maravilhoso que eu vi passando na sua casa?

Bianca seguiu os olhos de Dri e Ivy e realmente viu um homem alto, moreno, de cabelos ondulados brilhantes até os ombros, vestido elegantemente numa camisa de seda e calça de grife pretos, passando com um sorriso gentil e uma garrafa de refrigerante.

– É o meu pai!

As duas olharam atônitas para Bianca, que continuou sorrindo, balançando o corpo no ritmo da música que tocava.

– Jura? – perguntou Ivy, incrédula. – Me apresenta?

– Não posso! – respondeu Bianca. – Minha mãe não deixa!

E foi então que a música se acalmou. O DJ tomou algumas liberdades com a lista de Bianca, mas acrescentou coisas que não fariam com que a garota jogasse seu equipamento janela afora. Uma balada em espanhol fez com que alguns casais comessem a dançar juntinhos. Marcel diminuiu as luzes e ligou a luz negra.

Zac chegou perto de Bianca com um sorriso e um convite para dançar.

– Olha! – disse ele. – Voltamos para os anos 80!

– Que bom! – respondeu Bianca, aceitando o convite para dançar. – Vamos aproveitar e comprar as ações da Google!

Então eles ficaram em silêncio e se deixaram embalar ao som de *Por que te Vas*. Bianca sentiu as mãos dele em sua cintura e olhou em seus olhos. Seu coração batia mais forte e esperou que o mesmo estivesse acontecendo com ele. Ele estava com uma camisa branca de manga comprida de seda e ela ficou acesa com o efeito da luz negra. Bianca escolhera uma minissaia de cintura alta e franzida com renda sobreposta e uma saia interna mais comprida que a saia em si. A blusa era branca também, um tomara-que caia que deixava os ombros e colo nus onde brilhava um cordão de ouro com um solitário cristal swarovsky que combinava com pequenos brincos do mesmo cristal. E ela também estava de saltos. Os cabelos presos graciosamente para trás deixavam o rosto livre, mas cascadeavam pelas costas, roçando as mãos dele.

– Você está linda! – disse ele.

Ela corou e baixou os olhos. Ele continuava olhando para ela como se não conseguisse desviar a atenção de seu rosto. Ele a puxou mais para si e ela sentiu o calor do corpo dele. Zac se inclinou levemente e ela sentiu com o coração aos pulos o beijo que chegava. Com a fumaça e as luzes coloridas, sentiu-se novamente no mundo das fadas, flutuando com ele num beijo eterno.

A porta se abriu e um burburinho chamou a atenção deles. Rapazes de sua classe, do tipo que ela não convidaria – e não convidou – entraram vestidos de... fadas.

Eles estavam com camisolas e asinhas, com varinhas de condão com estrela na ponta e dançavam um balé desengonçado. Depois da surpresa inicial, todos riram. Menos Bianca. Atrás deles, Cláudia entrou, vestida de fada. De onde estava, viu Bianca e falou bem alto:

– Oi, Bia! O Zac me falou que você acredita em fadas, então resolvi te fazer uma surpresa e encher sua festa com elas!

Tina entrou distribuindo asas de fadas de todas as cores para os convidados, que aderiram à brincadeira. Bianca olhou para Zac que gaguejou alguma coisa. Então ela se virou e saiu.

Ela foi até a biblioteca, lugar que foi considerado proibido para qualquer um naquela festa, entrou e fechou a porta atrás de si, lutando contra as lágrimas que subiam rapidamente. Alguém bateu na porta atrás dela e ela vociferou um “Vai embora!” tão convincente que Marcos quase foi mesmo. Assim que se identificou, porém, ela abriu a porta e o deixou entrar.

– O que foi?

– Estão rindo de mim!

– Estão? Achei que estavam rindo com você! Claro que pra isso é preciso que você ria, o que não está acontecendo.

– Olha, tio Marcos, é uma longa história, mas, num resumo da ópera, aquela piriguete safada que entrou agora não foi convidada e acabei de descobrir que Zac contou um segredo meu pra ela!

– Que você acredita em fadas? E isso era segredo? Por que eu acredito também e nunca pedi segredo de ninguém.

– Você acredita?

– Claro! Por que não acreditaria? Há inúmeros relatos de portais para o reino delas e sobre pessoas que foram até lá! Muito interessante, um dia eu te mostro meus livros! Mas, no momento, há uma festa maneiríssima acontecendo lá fora e você está aqui dentro, o que me parece muito errado!

Bianca respirou fundo, secando com cuidado os vestígios das lágrimas que quase caíram. Não podia dar o gostinho à Cláudia de ter conseguido expulsá-la da própria festa. Empertigou-se e saiu.

– Isso aí, garota! Vai lá e arrebenta!

Bianca atravessou a sala onde as asas de borboleta deram um colorido divertido à festa. Caminhou até Tina e com o sorriso mais falso que conseguiu abrir, escolheu um par de asas.

– Tina e Cláudia, que ideia maravilhosa vocês tiveram! – disse, enquanto vestia as asas, que aliás, lhe caíram muito bem.

– Mas não vá querer sair voando por aí, né, querida? – disse Cláudia.

Zac chegou nesse exato momento, tentando falar com Bianca, mas foi Cláudia quem falou.

– Zac, querido! Tem uma festa super legal numa boate aqui perto, que tal irmos pra lá?

– Tá, Cláudia, senta lá! – respondeu ele em tom ríspido.

Puxou Bianca para longe delas.

– Bianca, me desculpe!

A moça cruzou os braços e não respondeu.

– Ela disse que era sua amiga há muito tempo e que poderia ajudar! Achei que se contasse a ela, ela poderia me ajudar a...

Ele parou, como se tivesse falado demais.

– A quê?

– A me aproximar de você – completou ele, deixando os ombros caírem.

– Pensei que achasse que eu era maluca...

E nesse momento, num *timing* no mínimo esquisito, começou a tocar uma versão animada de “Você é Doida Demais”. Eles olharam para o DJ e encontraram tio Marcos no seu lugar, todo animado de óculos escuros, tocando o que lhe dava na telha e usando uma linda asa de fada púrpura.

– Na verdade, achei... – respondeu Zac. – Mas alguma coisa me atrai para você de tal maneira que eu começo a pensar que o doido sou eu!

Bianca tentou segurar o riso, mas não conseguiu. Ela começou a rir e ele a abraçou. Cláudia soltou um grunhido e bateu os pés, saindo irritadíssima dali. Tina foi atrás dela, embora estivesse começando a gostar daquela festa estranha. Então, Bianca o puxou para o meio da casa e se juntaram à dança de outras cinquenta fadas ao som de Você é Doida Demais, que emendou em Dee-Lite, “Vamos Quebrar Tudo”, “I Like to Move” e outras músicas estranhas do igualmente estranho tio Marcos.

Capítulo 9

O Inesperado

Se Cláudia soubesse os resultados de suas tramoias, teria ficado em casa lavando o cabelo. Quando Bianca chegou na escola na segunda-feira, espantou-se em ser cumprimentada entusiasticamente por...todo mundo! Mesmo pessoas que ela não fazia ideia de quem eram sabiam seu nome e sorriam quando ela passava. O fato é que sua festa tinha sido um sucesso e a catapultou para a estratosfera social daquele mundinho que era o segundo grau em sua escola.

Sem saber exatamente como reagir, Bianca sorriu de volta, e contou suas piadas de Jesus, Moisés e o velhinho jogando golf. Começou a gostar de toda aquela atenção e quase agradeceu à Cláudia quando esbarrou com ela no corredor.

– Oi, pirada! Já tomou seus remedinhos hoje?

– Oi, Cláudia! Ainda não, meu médico falou que você acabou com o estoque dele! – respondeu Bianca com um sorriso cheio de confiança.

Cláudia não achou graça e se aproximou ameaçadoramente de Bianca.

– Olha aqui, eu tentei ser legal com você! – rosnou ela, entredentes. – Mas você preferiu ficar no meu caminho. Então não chore quando eu passar por cima de você, porque eu não tenho pena de gente louca! Você vai me pagar, pode esperar!

E saiu, esbarrando propositalmente no ombro de Bianca e quase a levando junto.

– E depois eu é que sou a maluca!... – murmurou Bianca, espantada com a reação exagerada de Cláudia e agradecida dela não ter se empolgado com o corredor vazio e aproveitado para lhe puxar os cabelos. Não que ela não tivesse certeza de se sair muito bem numa briga com Cláudia, mas não estava com humor para isso.

Bianca tomou um pouco de água no bebedouro e enquanto estava de cabeça baixa, viu um pequeno ser passar correndo de um lado para outro a cerca de dez metros dela. Quase se engasgou com a cena e saiu correndo instintivamente para ver para onde ele tinha ido. Achou uma falha na parede, uma fenda pela qual um rato passaria normalmente. Bianca se abaixou e tentou enxergar alguma coisa, mas o buraco era uma mancha negra que poderia ter alguns centímetros de profundidade ou levar até o centro da Terra.

Quando já estava quase desistindo, dois olhos vermelhos brilharam dentro do buraco. Bianca tomou um susto tão grande que caiu para trás e se arrastou para longe do buraco. Levantou-se e correu para sua sala, sem olhar para trás.

Da última vez que contara para alguém que vira fadas, ganhou a alcunha de louca. Nem cogitou dividir a experiência aterrorizante com alguém. Mas Zac percebeu que ela estava um tanto calada demais e perguntou se ela estava bem.

– Estou! Só estava pensando...

– Em quê? – perguntou ele.

Uma resposta atravessada passou pela sua cabeça e ela riu, lembrando-se de que era assim que suas discussões sempre começavam no mundo das fadas. Ele querendo saber demais e ela tentando guardar as coisas para si mesma.

– Você nunca falou muito do seu irmão.

Zac deu de ombros.

– Não há muito o que falar. Não somos muito próximos. Ele trabalha viajando, quase nunca o vejo.

Eles estavam comendo hambúrgueres numa lanchonete cheia.

– Como está barulhento aqui hoje! – reclamou Bianca, olhando em volta.

Estava mesmo. Era sexta-feira, todo mundo queria sair na sexta-feira. Pessoas falavam alto, crianças gritavam, risadas enchiam o local em todos os tons, misturando-se ao cheiro de batatas fritas e hambúrgueres na chapa.

– Está mesmo! – concordou ele, terminando seu sanduíche. – Quer ir lá pra casa? Eu tenho sorvete e um vídeo game!

– Oba! Vamos nessa!

Bianca sentiu o perfume dos lilases quando passou pela entrada do pequeno prédio de três andares. Subiram as escadas, pois não havia elevador, enquanto ele contava que se mudaram para aquele prédio havia uns três meses. Entraram no apartamento de cômodos pequenos, porém bastante jeitoso, especialmente se considerássemos que dois rapazes solteiros moravam ali.

– Quem ficou com vocês quando eram crianças? – perguntou Bianca, passando pela sala com algumas camisas largadas no sofá.

– Uns parentes distantes... Sinceramente, não lembro de quase nada dessa época. Meu irmão era quatro anos mais velho e assim que fez 16 anos, pediu a emancipação.

Zac tentava arrumar a casa rapidamente, retirando as roupas largadas pelo caminho e jogando-as dentro de algum armário.

Ele ligou o aparelho de som. Blue Moon invadiu a casa numa versão romântica cantada por uma mulher de voz doce e ligeiramente melancólica. Bianca o olhou perplexa, mas ele não esboçou reação.

– Você quer beber alguma coisa? – perguntou ele

– Um copo de água seria bom! – respondeu Bianca, tentando disfarçar a surpresa.

Enquanto ele ia até a cozinha, ela continuava passeando pelo apartamento, observando as poucas fotos. Em uma, havia uma linda família unida num abraço coletivo. Reconheceu os dois garotos da foto com Ronald McDonald. Olhou bem para os rostos dos pais, imaginando que pessoas devem ter sido.

Ao lado tinha uma foto do irmão, um rapaz de cabelos escuros e olhos penetrantes, com uma camisa azul clara aberta nos primeiros botões. Um verdadeiro gato.

Ele chegou com dois copos com água e ela bebeu um.

– Seu irmão é bonito!

– As mulheres o adoram! – concordou ele.

Eles se sentaram no sofá e ele serviu sorvete, como prometido.

– Você já ouviu aquela teoria de que a realidade é fruto de nossa mente?

Ele a olhou, arqueando a sobrancelha.

– Tipo “O Segredo”? Já li algo a respeito, mas pareceu meio maluco.

Assim que falou, ele se virou para ela.

– Não que haja algo errado com quem acredita nisso!

Bianca riu, fazendo-o relaxar.

– Meu pai gosta muito de ler sobre isso. Ele e tio Marcel têm altas discussões sobre o quanto a mente humana pode interferir no corpo, no mundo, em tudo, eu acho.

– E você? Acredita nisso? – perguntou ele, tomando uma colherada de sorvete.

– Acredito em qualquer coisa! – respondeu ela, sem constrangimento e com um movimento de ombros. – Até em fadas!

Eles riram e ele a olhou longamente, com um sorriso no rosto, como se o sabor doce que sentisse na boca viesse diretamente do sorriso dela. E foi então que ele se inclinou e lhe deu um beijo. Pega de surpresa, ela sentiu o coração bater tão rápido que achou que ia ter um ataque cardíaco. Então, os lábios mornos e doces com sabor de sorvete de flocos e chocolate se uniram por alguns momentos até, lenta e docemente, se separarem.

– Eu acho você incrível... – sussurrou ele, sem saber o que dizer.

– Eu acho que estou me apaixonando por você... – respondeu ela, sem conseguir parar de olhar para aqueles olhos azuis brilhantes e desenhados de forma tão perfeita que chegavam a parecer impossíveis.

Ela tinha pensado em falar mais sobre o quanto a memória de alguém pode definir quem ele é, quem ele foi e, por conseguinte, quem ele será. Tinha lido um

pouco a respeito e, até visto alguns documentários sobre isso. Não imaginou que um beijo apagasse completamente sua memória e, depois dele, nenhuma conversa foi possível. O vídeo game também ficou abandonado, enquanto eles mergulhavam em beijos que pareciam tão breves, mas que se estenderam por algumas horas.

O domingo começou cedo. Ali, na mesa do café da manhã, aquele passeio na floresta de repente não parecia uma ideia tão boa assim.

Lorena, Urbain, Marcel e Marcos se encontraram sete horas da manhã na mesa de café e quem os visse pensaria que o Apocalipse Zumbi havia chegado. Tinham olheiras, os cabelos estavam de pé e se comunicavam por grunhidos. Eles tinham dormido ali mesmo depois de muitos copos de vinho e divertidas conversas que eles não podiam ter quando outras pessoas estavam presentes. Tinha sido divertido, mas agora pensavam que deviam ter tomado leite e ido dormir às seis da tarde.

– Não foi uma boa ideia marcar isso pra hoje... – murmurou Marcel, o mais inteligivelmente que pôde.

– Não, não foi... – concordou Urbain, por mais que detestasse concordar com Marcel.

– Talvez possamos desmarcar – sugeriu Lorena. – Bianca e Zac devem estar mortos de cansaço também.

E nesse momento, Bianca entrou falante pela porta da cozinha, sentando-se e conversando sobre os sonhos estranhos que teve. Os adultos da mesa se entreolharam e viram que a idade tinha chegado.

– Estamos velhos... – murmurou Urbain...

– Quando foi que isso aconteceu? – perguntou Lorena.

– Sei lá... – respondeu Marcel com um suspiro e enchendo sua xícara de café. – Enquanto nós dormíamos, eu acho...

Em poucos minutos, a campainha tocou e Bianca correu para atender, sabendo quem era.

– Odeio pessoas pontuais! – reclamou Marcos, enchendo a boca de pão.

Era o tradicional passeio no meio do mato da família, algo que Urbain, Lorena e Bianca sempre fizeram e que Marcos e Marcel frequentemente acompanhavam. Fotografavam pássaros, tocavam em plantas para diferenciá-las pela textura, observavam insetos e faziam um piquenique. Marcos definitivamente preferia a praia, mas também se divertia com essas incursões ecológicas que tanto agradavam Urbain, sempre encantado com a fauna e flora brasileiras.

O carro de Lorena era grande. Era um Citroen Gran C4 Picasso com sete lugares e que parecia uma nave espacial de noite, quando suas lanternas acendiam. Era prata e Lorena cuidava dele como se fosse um filho. O carro estava sempre perfumado e parecendo novo e foi nele que eles chegaram na Floresta da Tijuca, prontos para a caminhada.

Dessa vez, não seguiriam a trilha padrão. Havia uma trilha dentro da mata fora do circuito tradicional, mas seguro, segundo os panfletos. Bastava que seguissem as placas de orientação, se mantivessem na trilha e não se afastassem de seu guia. O guia era Marcos e isso preocupou Marcel, já que Marcos nunca sabia para onde estava indo.

Mesmo assim, seguiram mata adentro. Era um dia quente e o céu estava indecentemente azul. Lorena e Urbain caminhavam de mãos dadas, vendo Bianca e Zac seguirem a frente deles com as mãos dadas.

– Quem diria? – disse Lorena com um sorriso. – Nossa menininha namorando!...

– Quem diria mesmo! – concordou Marcos aparecendo ao lado deles. – Eu achei que ela ia ficar solteirona com esse gênio que ela puxou do pai!

Bianca e Zac caminhavam de mãos dadas. Por alguns momentos, o passado a roubou e ela ficou em silêncio, olhando os próprios sapatos.

– Pra onde você foi?

Ela levantou a cabeça, percebendo que Zac a estava observando com seu sorriso curioso.

– Lembrei que da última vez que fiz esse caminho, eu era uma outra pessoa...

– É mesmo? Mas o Marcos disse que vocês vieram aqui há poucos meses, apenas...

Ela o olhou sorrindo de novo, mas triste de não poder compartilhar que foi aquele o caminho que fez quando decidiu ir para o Reino das Fadas atrás da amiga Analice.

– É que o tempo é relativo! – respondeu, enfim.

Mas ele não estava muito disposto a deixar o assunto morrer.

– E o que aconteceu nesse período para que você se sinta outra pessoa agora?

Bianca abriu um sorriso sincero e o olhou nos olhos dele.

– Conheci você...

Ele riu, achando que ela estava apenas brincando, mas reconheceu a sinceridade em sua voz e em seu olhar.

– Pois saiba que você também mudou a minha vida...

– É mesmo? – perguntou ela, surpresa.

– É... Antes eu era um funcionário dos Correios solitário. Ia do trabalho pra casa, da casa pro trabalho. Não fazia parte de nada. Depois de você, parece que um mundo inteiro se abriu pra mim.

– É mesmo? – ela riu. – Porque algumas pessoas poderiam achar meus pais e meus tios um tanto... invasivos.

Zac balançou a cabeça em negativa.

– Não são, não! Eu adoro a sua família!

De fato, Bianca temia que seu pai odiasse Zac, mas quando ele começou a frequentar mais a casa, passaram a conversar cada vez mais. Bianca ousaria dizer que estavam ficando amigos.

– Seus tios são pessoas muito... interessantes! – disse ele.

– Isso é porque você não viu meus avós...

– Você tem avós? – perguntou ele animado.

– Tenho seis! Os pais de minha mãe, os pais do tio Marcos e os pais do tio Marcel! Enquanto não houver um neto para eles, eu sou a neta oficial! Tio Marcos e tio Marcel não são meus tios de verdade, sabe? Eles são amigos dos meus pais desde sei lá quando.

Bianca fez uma careta como se pensasse.

– E eu acho que eles me escondem alguma coisa! – disse ela. – Sempre que eu entro em casa e eles estão conversando e rindo de alguma coisa, o assunto imediatamente muda. Tio Marcel tira os óculos para limpar e meu pai pigarreja. Há algo que eles não me contam...

– Talvez eles tenham um passado... – disse Zac. – Talvez tenham assaltado um banco juntos!

– E então por que ainda somos pobres?

– Vocês não são pobres!

– Tá. Classe Média Confortável. O mesmo que pobres, só que pagamos impostos e não ganhamos nada do Governo.

Zac riu e continuaram a conversar. Não era difícil para Bianca perceber que Zac se sentia bem com sua família. Ela não conseguia imaginar como teria sido uma vida sem seus pais, seus tios e seus avós. Zac certamente fora muito solitário. Ela não se importava em dividir sua família com ele. Até porque, isso só facilitava ainda mais vê-lo sempre que possível. Ele se acostumou a jantar com sua família e a ajudar Lorena com a jardinagem. Ela dizia que o garoto tinha dedo verde. Tudo o que ele plantava nascia e florescia rapidamente. Lorena chegou a mencionar que lilases nasceram e floresceram misteriosamente no jardim que ele ajudou a cuidar. Ela nunca semeara aquelas flores.

Um dia, Bianca chegou do mercado com a mãe e encontrou Zac e seu pai na cozinha, fazendo macarrão. Eles estavam sorridentes e felizes, com farinha de

trigo no rosto. Almoçaram a macarronada com molho ao sugo especial com um toque de vinho e conversaram animados sobre as pequenas coisas do dia a dia que fazem a vida mais rica. Foi um dia perfeito.

Caminharam por cerca de duas horas, tirando fotos e contando histórias. Marcos contava mais uma vez a história do lobisomem que dois amigos seus encontraram uma vez no Alto da Boa Vista, quando voltavam de uma festa, quando Bianca e Zac manifestaram que estavam famintos.

Pararam numa clareira e forraram o tecido vermelho, colocando sobre ele as iguarias típicas desses passeios na família. Sucos, sanduíches, bolos, frutas e biscoitos foram sendo colocados e consumidos com boa conversa e uma brisa mais fresca aliviou o calor e fez as árvores cantarem.

Um pássaro de incrível beleza voou sobre eles e pousou numa árvore adiante. Ele tinha a cabeça azul brilhante, com o peito laranja, as asas azuis e uma cauda amarela pontuda. Eles nunca haviam visto um pássaro como aquele.

– Nossa! Que pássaro lindo! – disse Zac, pegando a câmera para tirar uma foto.

Assim que se posicionou, o pássaro saltou para uma outra árvore. Ele parecia olhar para Zac, como se estivesse rindo da peça que estava pregando. O rapaz o seguiu. Mirou novamente, mas antes do foco ser feito, o pássaro saltou novamente.

– Qual é? Você é tímido? – reclamou Zac, entrando um pouco mais na mata.

Estavam todos animados conversando e comendo, mas Urbain seguia o rapaz com o canto do olho. Quando percebeu que ele tinha sumido de vista, disse para continuarem que já voltava.

Seguiu pelo mesmo caminho, procurando pela camisa vermelha que chamava tanta atenção no meio de todo aquele verde.

– Zac? – chamou.

Urbain sabia que a floresta pode ser traiçoeira. Não quis alarmar ninguém, mas é muito fácil se perder ali. Chamou novamente pelo rapaz e deu alguns passos. Foi quando percebeu que tudo estava em silêncio. Franziu o cenho, estranhando aquilo e olhou para trás, onde deveria ouvir as vozes e risadas de sua família. Não se afastara deles mais do que dez passos.

– Urbain?

Urbain sentiu que havia alguma coisa errada, e seguiu a voz que o chamou. Alguns passos depois, encontrou Zac parado numa clareira, a câmera na mão e o rosto com uma expressão perdida enquanto ele olhava em volta. Quando Urbain tocou em seu ombro, ele se virou com o susto e então suspirou aliviado.

– Eu não consegui achar o caminho de volta! – disse, um leve tom de pânico na voz. – Eu tentei, mas todos os lugares pareciam iguais, eu não conseguia!

– Tudo bem, tudo bem!... – disse Urbain, tentando acalmá-lo. – Só temos que voltar por ali, você não está perdido.

Zac tentou se recompor, envergonhado por parecer uma criança aflita que se perdeu dos pais no shopping, mas Urbain o confortou com um sorriso. Enlaçou o rapaz num abraço protetor e o guiou de volta, ainda olhando em volta, intrigado com o silêncio súbito e percebendo uma estranheza no ar difícil de por em palavras. Era como se aquela parte da floresta não pertencesse ao lugar em que estavam antes. Felizmente, o encontrara e em alguns segundos estariam de volta ao piquenique, entre risadas e histórias, e poderiam contar o estranho fato que acontecera com eles, acrescentando mais uma à lista de histórias peculiares que se conta em volta da fogueira.

Porém, quando deram o segundo passo, algo inesperado aconteceu.

Urbain deu entrada no hospital com muito sangue escorrendo pelo rosto e vários ferimentos de arranhões profundos por todo o corpo, o que o tornava uma visão assustadora. Enquanto Marcos e Marcel o apoiavam, levando-o pelos corredores, Lorena e Bianca corriam na frente, pedindo um médico, uma maca, qualquer coisa.

O socorro logo veio. Urbain foi colocado numa maca, os olhos ainda arregalados. Bianca ainda tentou perguntar mais uma vez.

– Pai! Onde está Zac?

Urbain a olhou com olhos sentidos e seus lábios se abriram, mas nenhum som saiu. Os médicos afastaram Bianca e levaram a maca para dentro de corredores brancos.

Cerca de uma hora depois, um médico muito jovem apareceu para informar a família da situação.

– Seu marido vai ficar bem, mas nós ficamos confusos com os ferimentos – disse o médico. – O que aconteceu exatamente?

Todos eles se entreolharam. Não tinham a menor ideia do que tinha acontecido. De repente, Urbain apareceu vindo da mata todo ensanguentado, o rosto apavorado, parecendo que estava fugindo do diabo em pessoa.

– Achamos que ele caiu... – respondeu insegura Lorena, já que ninguém falava nada.

O médico pareceu hesitar.

– Tem certeza?

Como ninguém respondesse, o médico continuou.

– Nesse caso, acho melhor pedir umas chapas. A princípio, o sangramento está controlado e ele precisará tomar alguns anti-inflamatórios.

– Ele está acordado?

– Sim, já podem vê-lo!

A família entrou no pequeno quarto onde Urbain estava. Ele estava sentado na cama, os dois braços enfaixados e uma bandagem na cabeça. Repararam que seu olho estava roxo, e agora entendiam a estranheza do médico. Urbain não parecia ter caído. Parecia ter sido atacado.

– Urbain, o que aconteceu? – perguntou Lorena.

– Se alguém atacou vocês dois, temos que falar com a polícia! – disse Marcel.

Apenas nesse momento Urbain pareceu voltar para o presente. Até então, seus olhos pareciam fixar alguma coisa invisível e aterradora. Ele levantou a cabeça e olhou para as pessoas diante dele com uma expressão de urgência.

– Temos que sair daqui – disse.

Então ele se levantou e procurou suas roupas, agora farrapos em frangalhos manchados de sangue. Lorena e Bianca tentaram impedi-lo, mas sabiam que seria inútil, conhecendo Urbain Grandier como conheciam. Marcel nem se deu ao trabalho. Marcos desistiu também, vendo que ele sairia dali de qualquer jeito e lhe emprestou sua camisa, ficando apenas com a camiseta que usava por baixo. Lorena o ajudou a colocar os sapatos e saíram dali o mais rápido que puderam.

A viagem de carro até em casa foi rápida e cheia de perguntas e conjecturas em tom de desespero, mas Urbain não respondeu a nada. Continuava a olhar em volta, como se algo pudesse estar em seu encalço. Em apenas quinze minutos já estavam diante do portão da garagem. Bianca insistiu em perguntar novamente o que tinha acontecido com Zac. Ela estava se esforçando muito para não ter um ataque de choro, imaginando que coisa terrível poderia ter apavorado tanto seu pai e porque ele não dizia o que tinha acontecido a Zac.

Ela tinha motivos para se apavorar. Urbain Grandier não era só um homem bonito, mas alto e imponente. Não era nenhum halterofilista, mas não era alguém que fugia de um confronto. Bianca já presenciara algumas vezes seu pai enfrentando homens em maior número e bem mais fortes e vencendo-os simplesmente com seu olhar e sua presença. Sim, ele tinha aquele olhar de quem vai avançar no seu pescoço e apertá-lo até você morrer, se não se comportar. Urbain não tinha medo de nada.

Sem olhar nos olhos da filha, Urbain saiu do carro e manquitolou até a casa. Entrou e foi direto para a geladeira, ignorando Cacau que latia feito uma louca, como sempre fazia quando alguém chegava em casa. Eles acharam que ele ia pegar água, mas pegou uma garrafa de vinho seco e encheu um copo.

– Você não deveria beber isso por causa dos remé... Ah, deixa pra lá! – Marcel desistiu assim que percebeu que o outro nem o estava ouvindo.

Bebeu quase tudo de um gole só e puderam ver que suas mãos tremiam. Então foi para a sala e se sentou num sofá único, olhando em volta como se procurasse uma solução. Os outros foram até lá.

– Urbain... – disse Marcel, que estava com sérias dificuldades para não entrar em pânico, apesar dos esforços. – Eu acho que você já sabe, mas nós estamos ficando um pouco apavorados e a cada minuto que você fica em silêncio, piores ficam os cenários que surgem em nossas cabeças! Então, pelo amor de Deus... Onde está o garoto?

Urbain ergueu os olhos para ele, sem responder. Cacau parou de latir e correu atrás de alguma coisa debaixo de uma estante do outro lado da sala, provavelmente um dos vários brinquedinhos de cachorro que viviam espalhados pela casa.

– Pai... – Bianca sentiu a voz tremer e segurou as lágrimas. – Ele está bem? Só me diga isso, por favor!

Urbain olhou para a filha e viu sua dor. Não sabia como ia dizer aquilo.

– Nós fomos atacados... – disse por fim, a voz rouca e tensa.

– Então temos que ir à polícia! – disse Marcel. De certa forma, todos esperavam algo assim, e o fato de Urbain ainda parecer em choque só os apavorava em imaginar a natureza ou brutalidade desse ataque – Aos bombeiros! Qualquer um, esse menino ainda está nas mãos deles! Você pode fazer um retrato falado e...

– Não eram homens! – interrompeu Urbain.

A sala mergulhou em silêncio e Urbain concluiu seu relato.

– Eram demônios...

Eles tinham dado o segundo passo para fora daquela estranha clareira. Urbain ainda sentia calafrios e o vento subitamente se agitou, fazendo as árvores farfalharem. Ele se lembra de ter olhado para as copas que se moviam em ondas verdes, sem emitir nenhum som. Tudo estava em silêncio, como se o mundo tivesse parado de repente. Lembrou de ter apertado um pouco o rapaz em seu abraço protetor, como se pressentisse o que ia acontecer.

E foi quando o garoto caiu num movimento rápido. Urbain não teve tempo de segurá-lo, mas assim que olhou para ele, viu que ele não tinha caído, mas sido puxado pelas pernas por um ser monstruoso. Tinha cerca de um metro e meio e a pele cinzenta. Não tinha cabelos e as orelhas eram pontudas. A boca sem lábios estava aberta numa carranca, mostrando dentes afiados e disformes. A criatura usava trapos e peles de animais como roupas e suas mãos e pés eram muito maiores do que deveriam. A coisa puxou o garoto para trás e Urbain tentou ir atrás dele depois dos primeiros três segundos de choque.

Porém, assim que deu o primeiro passo e segurou as mãos de Zac, dois outros seres saltaram em cima dele, forçando-o de costas no chão. Deitado, Urbain viu suas bocarras escancaradas em gritos e gargalhadas. Outra criatura surgiu diante dele com um pedaço de tronco e bateu em seu rosto. Ele viu tudo escurecer, mas sabia que se não reagisse, seria o fim para ele e o garoto. Usou seus pés para chutar a criatura que o agredia e teve que usar toda a sua força para se soltar dos dois que o prendiam ao chão. Levantou-se e viu que Zac tinha se agarrado a um

galho e tentava chutar a criatura que ainda o puxava. Urbain correu e em três passos largos alcançou a criatura. Chutou-a na cara e sua boca se encheu de sangue, ou algo assim, pois era uma espécie de fluido viscoso negro. A criatura soltou o rapaz e avançou contra Urbain.

Ele ouviu o som de asas batendo, como uma revoada de morcegos muito grandes e então uma dezena deles estavam ali. Eram diferentes uns dos outros, disformes, monstruosos, e todos começaram a atacar Urbain. Zac pegou um pedaço de tronco do chão e começou a atacá-los, mas logo outras criaturas estavam em cima dele também.

Urbain tentou se defender, mas eram muitos. Gritou várias vezes, hora de dor com os cortes que recebia de garras e dentes afiados, hora chamando por ajuda. Quando conseguiu se desvencilhar dos seres que o atacavam, viu que todos estavam passando por um buraco dentro de uma enorme árvore velha. E, junto com eles, estavam arrastando Zac, que resistia agarrando-se a tudo que pudesse no caminho.

O homem reuniu as forças que tinha e, ignorando a dor, correu e saltou no chão, agarrando a mão do rapaz. Ele começou a ser arrastado junto e agarrou-se a uma moita que tinha espinhos. Trincou os dentes e segurou-se, sem soltar a mão do rapaz. A mão que segurava a moita espinhenta se encheu de sangue e começou a escorregar. Urbain sentiu que não ia conseguir se segurar. Percebeu que o garoto também vira isso. Viu seus olhos cheios de lágrimas, e então Zac o soltou.

Urbain gritou e correu, seguindo a algazarra de gargalhadas que abafavam o grito do rapaz. Foi até a grande fenda na árvore centenária e gritou seu nome várias vezes, mas não houve resposta.

Quando ele terminou de falar, ainda olhava para a própria mão enfaixada. Deveria ter segurado com mais força... E o garoto não deveria ter largado...

– Ele não devia ter soltado a minha mão... – murmurou.

– É, e agora nós estaríamos desesperados abrindo picada no meio do mato procurando vocês dois! – respondeu Marcos, andando pela sala.

Lorena se sentou, perplexa. Marcel ficou parado, como se ainda tentasse assimilar o que ouvira.

– Pai, não eram demônios... – disse Bianca, sentindo que também estava meio trêmula.

Eles olharam para ela, esperando o resto da explicação.

– Eram trolls!

A sala ficou em silêncio e o único ruído ouvido foram os ganidos de Cacau que não conseguia alcançar alguma coisa embaixo da estante.

– O quê? – perguntou Marcel.

– Trolls! São seres do mundo das fadas, às vezes se unem na Corte Unseelil! Eu já os vi antes!

– Como? Quando? – Urbain nem sabia por onde começar.

Bianca então respirou fundo. Não podia mais esconder. Era a hora de contar a sua história do outro mundo.

– Quando Analice sumiu, eu fui procurá-la no mundo das fadas. Eu recebi a ajuda de um anjo que me guiou lá por todo o caminho. Esse anjo era o Zac. Nós passamos por um monte de coisas, e achamos Analice, mas ela ia casar com um elfo antipático bonitão e não quis voltar. E os trolls... Bem, os trolls mataram o Zac!

Estavam todos de olhos arregalados olhando para ela. Ninguém falou nada.

– O quê? – perguntou de novo Marcel, que começava a achar que estava com algum tipo de filtro bizarro no cérebro, pois toda história que ouvia parecia um filme surreal.

Bianca saiu e pegou um caderno numa gaveta numa estante. Abriu numa página.

– Eu voltei sabendo desenhar! Eu nunca desenhei! Nem casinha! E olha, esse aqui é o Zac!

– Nossa! Ficou bom! Você usou foto? – perguntou Marcos, perdendo um pouco o foco do assunto.

– Olhe a data, tio Marcos! Esse desenho é de meses atrás. Eu o conheci há algumas semanas! E, pai, veja se não eram assim as criaturas que atacaram vocês!

Bianca mostrou vários monstros à lápis em seu caderno e Urbain arregalou os olhos, confirmando com a cabeça.

– Mas você disse que os trolls mataram Zac... – disse Lorena, tentando entender aquela história contada às pressas.

Bianca perdeu o entusiasmo de falar e sua boca ficou subitamente amarga.

– É... mataram...

– Então... Quem é esse que andou comendo com a gente esse tempo todo? – continuou Lorena.

Bianca jogou os braços para o ar.

– Eu não sei! Eu achei que era ele, porque ele é igualzinho, olhem os desenhos! Mas ele não acredita em nada disso! Fadas, anjos, O Segredo, é tudo bobagem pra ele. E ele parece ter um passado, então... Sinceramente, eu não sei se ele é o anjo Zacariel que eu conheci e amei... Ou alguém parecido por quem me apaixonei...

– Espere um momento... – disse Urbain. – Quando tudo isso aconteceu? Acho que eu teria notado seu desaparecimento durante alguns dias...

– Vocês não notaram porque o tempo lá flui diferente – explicou Bianca. A história era bem mais complicada que isso, mas ela não tinha tempo para detalhes.

Eles ficaram em silêncio. Era preciso tempo para digerir aquela história. Principalmente a parte em que sua filha adolescente estava apaixonada por alguém que foi assassinado num outro mundo e sequestrado nesse.

– Desculpe, eu não acredito em nada disso – disse Marcel, com os braços cruzados.

– Porque você é um chato cético! – retrucou Marcos. – Como pode não acreditar nela depois do que todos nós passamos?

– Aquilo foi diferente! – alterou-se Marcel.

– Calem-se, vocês dois! – gritou Lorena.

E Bianca continuava ali, olhando-os como se cobrasse impostos atrasados.

– O que aconteceu afinal?

Ninguém respondeu. Apenas trocaram olhares de cumplicidade. Bianca cruzou os braços e respirou fundo, impaciente.

– Acho que já é hora de vocês me contarem esse segredo, seja lá o que for!

Há 18 anos, Marcos, Marcel e Lorena eram simples universitários. Marcos tinha assistido a uma palestra de psicobiofísica sobre portais dimensionais e os convidou para irem a um desses portais, localizado em Cachoeira de Macacú. E eles foram.

Para sua surpresa, eles realmente atravessaram um portal, mas ele não foi para o reino das fadas. Foi para o passado. Nas conjecturas em muitas conversas durante os anos seguintes ao fato, acreditaram que só foram parar em Loudun, uma cidade francesa, em pleno século XVII, porque todos estavam de certa forma com aquele lugar na cabeça, pois todos estavam lendo o mesmo livro que contava um caso de Inquisição acontecido naquele lugar.

Tudo o que precisavam era encontrar um jeito de voltar para seu próprio tempo, mas enquanto tentavam fazer isso, cruzaram com a história de um jovem padre condenado por bruxaria. O padre era um mulherengo incorrigível e, apesar de ter muitos amigos influentes, também tinha inimigos ferrenhos. Numa conspiração cruel, seus inimigos conseguiram acusá-lo de bruxaria. Naquele tempo, uma acusação era o bastante para um interrogatório.

O padre foi preso, torturado e humilhado e teria sido morto de maneira horrível se eles não tivessem interferido. Eles lutaram com espadas, tacaram fogo

na cidade, invadiram uma festa no covil dos inimigos e viveram a aventura de uma vida numa distante cidade francesa em 1634.

– E foi assim que conheci seu pai – concluiu Lorena.

Bianca estava de queixo caído. E ela que achava que sua história era inacreditável...

Já tinham terminado a história – resumida por questão de urgência – há vários segundos. Talvez minutos. Bianca continuava de pé olhando para eles, a boca aberta, os olhos arregalados. Em sua cabeça, algumas peças começavam a se juntar.

– Então meu pai era o padre do século XVII... – murmurou ela, finalmente.
– Por que nunca me contaram?

– Pelo mesmo motivo que você nunca nos contou que esteve em outro mundo... – explicou sua mãe com a voz mais calma de que foi capaz, sentindo que aquele dia estava longe de terminar.

Bianca achou que precisava se sentar. Porém, antes que ela se movesse, viu uma coisa estranha com o canto do olho. De onde Cacau estava, um pequeno ser correu. No começo, ela achou que era um rato e chegou a estremecer e soltar um gritinho. Mas assim que olhou melhor, percebeu que não era. Bianca correu e encurralou a criaturinha atrás do sofá!

– Alguém aí! Fique na outra ponta pra ele não fugir!

Marcos atendeu ao chamado, embora não soubesse de quem ela estava falando. Bianca se esticou atrás do sofá com a determinação de um animal faminto. Agarrou alguma coisa quente e de pele ríspida e finalmente saiu de trás do sofá com um pequeno troll cinzento e muito mal humorado.

Lorena, Marcel e Marcos soltaram um grito assim que viram a coisa. Urbain, no entanto, se levantou com determinação e encarou a criatura.

– Você fala? – disse ele. – É bom que fale! Ou vou colocar você dentro do liquidificador!

A criatura foi colocada numa gaiola de decoração e parecia bastante chateada. Rosnava e olhava ferozmente para os humanos a sua volta. Marcel não conseguia fechar a boca, olhando de perto o pequeno ser. Ele media cerca de 15 centímetros e, apesar da forma humana, não tinha nada de humano. Não tinha órgãos genitais e estava nu. A pele era cinzenta, quase esverdeada e seus olhos eram grandes órbitas negras com um brilho vermelho. As orelhas pontudas tinham pelos nas pontas e sua boca não tinha lábios, mas exibía agressivamente os dentes pontiagudos cada vez que alguém tentava se aproximar.

– Você fala, ô, feioso? – perguntou Bianca.

A criatura apenas rosnou.

– Se a gente levar pro Fantástico, vamos ficar famosos! – sugeriu Marcos.

– Foi essa coisa que atacou você? – perguntou Marcel, incrédulo.

– Não sei se tinha algum desse tamanho... – respondeu Urbain. – Eu estava ocupado brigando com três que tinham quase dois metros.

– Trolls podem ser tão diferentes uns dos outros como cachorros! Temos um chihuahua e um São Bernardo e são todos cachorros. Trolls também são assim. Há grandes, pequenos, feios e mais feios.

– Feio é uma boa forma de descrevê-lo – concordou Lorena.

– Se filmarmos, podemos colocar no You Tube! Ficaremos famosos! – disse Marcos.

– Zac sumiu! – gritou Bianca. – Foi levado por trolls! Não é simples coincidência que essa criaturinha horrorosa esteja aqui!

– Bianca tem razão – disse firmemente Urbain.

Então ele se aproximou da gaiola com olhos firmes.

– Por que você está aqui? – perguntou.

A criaturinha se atirou contra as grades, rosnando e babando, assustando os outros, mas Urbain nem piscou. Quando o ser parecia ter se acalmado, Urbain foi até a cozinha. Voltou com um liquidificador e uns tomates. Colocou os tomates dentro, bem perto da criatura que olhava curiosa. Ligou o aparelho na tomada mais próxima. E então apertou o botão.

O pequeno troll se jogou para o outro lado da gaiola, gritando e guinchando, enquanto os tomates viravam uma maçaroca cor de sangue. Urbain desligou o aparelho e voltou a olhar a criatura.

– Por que você está aqui? – perguntou, pausadamente.

O troll respirava ofegante. E então respondeu.

– Porque me mandaram...

Eles puxaram cadeiras e sofás e se ajeitaram em volta da gaiola dourada, usada como decoração. A criaturinha contou o que lhe foi perguntado com sua vozinha ligeiramente anasalada e arranhada. Ele havia sido mandado para achar Bianca e espioná-la. Claro que perguntaram por que e para que. A criatura hesitou, mas uma ligadinha no liquidificador logo o incentivou a continuar.

– Através dela, acharíamos o menino!

A criatura explicou que, depois que Bianca deixara o mundo das fadas, tornara-se diferente da maioria das outras pessoas. Ela podia vê-los e senti-los. A recíproca também era verdadeira. Eles podiam vê-la, senti-la e encontrá-la

facilmente. Ele não sabia por que queriam Zac, nem por que não podiam encontrá-lo sem ela, mas Marcos fez sua dedução.

– Se ele morreu, e você disse que ele morreu, ele fez outro caminho para chegar até aqui. Supondo, é claro, que seja o mesmo Zac...

A criatura não parecia muito inteligente. Não sabia o porque de muita coisa. Depois que conseguiram extrair tudo o que pareceu possível, foram para a outra sala para conversar sem a criatura ouvi-los.

– Então não são mesmo demônios?... – falou Urbain, aliviado. – Menos mal! Não precisaremos ir até o inferno para achar o garoto!

– Como assim? – perguntou Marcel.

– Nós temos que ir atrás dele! – respondeu firmemente Bianca.

– Desculpe, Bianca... – disse Marcel, tentando ser o mais delicado possível. – Seu amigo foi levado por criaturas que deixaram o seu pai em frangalhos! E eu já vi Urbain brigar, não é muito fácil derrubá-lo! Sinceramente, meu anjo, eu não acredito que Zac tenha tido alguma chance...

Marcel tinha esse hábito. Ele mostrava o que ninguém queria ver, falava o que ninguém queria ouvir e isso o tornava muitas vezes um sujeito desagradável. O silêncio que se instalou depois do que ele falou foi uma espécie de constatação. Bianca olhou para o chão por um momento. Eles acharam que ela estava desolada. Mas ela só estava se lembrando.

– Eles não vão matá-lo... – disse ela, em voz grave.

Então ela olhou para eles.

– Não vão matá-lo. Ao menos, não rápido... São sádicos, monstros, criaturas abomináveis e cruéis. Vão querer vê-lo sofrer antes de acabar com tudo. E o tempo lá corre de maneira diferente. Dias aqui são como minutos lá. Ainda temos tempo!

Um barulho de algo caindo na sala contígua fez com que fossem até lá correndo. Encontraram a gaiola caída no chão com a porta aberta. A gaiola estava obviamente vazia.

– Eu não acredito que não tirei uma foto! – disse Marcos, incrédulo.

– Droga! Essa criaturinha horrível podia nos ajudar! – lamentou-se Urbain.

– Já ajudou – disse Bianca. – Fez com que não duvidassem mais de mim.

Todos se sentiram culpados, mas Bianca fez um movimento de mãos rapidamente.

– Não me entendam mal! Não quero que se sintam culpados, nem nada, mas temos pouco tempo e quanto mais tempo eu levar tentando convencer vocês, menos tempo o Zac terá.

– Ela tem razão... – Urbain tinha aquele olhar que Marcel, Marcos e Lorena conheciam muito bem e que nunca vinha seguido de um período de paz e

tranquilidade. – Temos que ir atrás do rapaz. E não temos todo o tempo do mundo.

Uma vez que a decisão tinha sido tomada, bastava apenas uma pequena coisinha.

– Como?

Todos olharam para Marcel como se quem fizesse a pergunta também tivesse a resposta. Mas ele agitou os braços nervosamente.

– Não foi uma pergunta retórica! Como diabos vamos resgatar esse rapaz numa outra dimensão? Em primeiro lugar, nem sabemos como chegar lá?

– Bianca! – disse Lorena. – Como você chegou lá da outra vez?

– Com ajuda do Zac...

– OK, estamos andando em círculos aqui, que nem a Cacau – constatou Marcel.

Entediada, Cacau corria atrás do próprio rabo, enquanto eles discutiam um plano que podia mudar suas vidas para sempre.

– Vocês estão se esquecendo de uma coisa! – falou Marcos, dando um passo a frente. – Eu posso não saber a raiz quadrada de Delta, mas eu passei esse tempo todo estudando portais para outra dimensão! Por que vocês acham que eu viajo tanto, afinal?

– Você sabe ir para a Dimensão das Fadas? – perguntou Urbain, tentando disfarçar o tom de incredulidade na voz.

– Não.

Os outros desanimaram, mas Marcos continuou.

– Mas aprendi uma coisa ou outra que pode nos dar uma direção! Afinal, não é por nada não, mas da outra vez que tentamos atravessar um portal, nós conseguimos!

Isso não tinha como negar. A existência de Bianca não teria acontecido se Marcos, Marcel e Lorena não tivessem atravessado um portal há 18 anos.

Munidos de papel, canetas, um calendário, uma calculadora, diversos livros da vasta biblioteca da casa e um notebook, começaram a se basear nas informações que tinham.

– Alguns portais se abrem em certos momentos, como aquele que atravessamos em Cachoeira de Macacú, que dependia de uma conjunção astrológica – explicava Marcos, como um verdadeiro especialista.

– O que eu atravessasse se abria na Lua Azul! – lembrou Bianca. – Dizem que é um momento onde os portais para os reinos elementais ficam abertos!

– O que é uma Lua Azul? – perguntou Lorena.

– É a segunda Lua Cheia do mês, um fenômeno relativamente raro, acontece de dois em dois anos, e potencializa sete vezes qualquer ritual, além de

abrir portais para reinos elementais – respondeu prontamente Marcel, atraindo os olhares curiosos de todos. – Eu namorei uma wicca... – explicou-se ele.

Pegaram um calendário e confirmaram as suspeitas de que a próxima Lua Azul só aconteceria dali a dois anos.

– Esse garoto já virou paçoca a essa altura... – murmurou Marcel, sem perceber que estava sendo indelicado.

Urbain estava calado até então lendo atentamente um livro. Na capa, uma mulher estava paralisada entre revelar ou ocultar o rosto moreno e um pentagrama reluzia em seu pescoço.

– Aqui diz que é possível ir até as dimensões elementais com a ajuda de espelhos mágicos!

– Deixe-me ver isso!

Marcel pegou o livro e o devolveu em dois segundos.

– É Franz Bardon! Magia Hermética, precisaremos de mais tempo do que temos para fazer esses exercícios até conseguirmos abrir e atravessar portais.

E, mais uma vez, todos olharam curiosos para Marcel, que, mais uma vez, se explicou.

– Namorei uma ocultista...

– Para um cara cético, até que você se interessa bastante em “descobrir” as artes ocultas, hein? – comentou Marcos.

– Esse aqui traz um ritual para ir para a dimensão das fadas! – disse Lorena, mostrando o livro para os outros.

– Mas aqui diz que precisa ser na hora certa. Que hora é essa?

– O crepúsculo! – respondeu Bianca com um estalar de dedos.

– O filme ou o livro? – perguntou Marcos.

– A hora! – respondeu a menina. – Eu me lembro de ter lido em algum lugar que os momentos em que o dia vira noite e a noite vira dia são os melhores para acessar outras dimensões.

– Mas aqui diz que você deve fazer o ritual em um local onde haja um portal para a dimensão das fadas... – continuou Marcel.

Eles desanimaram e voltaram a se sentar. Foi quando Urbain levantou a cabeça.

– Eu sei onde tem um!

Aquela tarde foi muito corrida e Bianca falava atropeladamente o que podiam e o que não podiam levar. Deviam levar, cada um, comida, bebida e água, pois não poderiam comer ou beber nada na dimensão das fadas. Se o fizessem, não poderiam voltar pra casa. Não poderiam levar celulares, MP3, MP4, MP5, ou

qualquer MP que tivessem inventado, assim como nenhum eletrônico. Bijuterias ou joias poderiam ser ótimos instrumentos de troca, então era bom levá-los. Deviam ir com roupas confortáveis, pois iam andar muito. Não poderiam beijar ninguém da dimensão das fadas, ou poderiam ficar presos lá pra sempre. Deviam ter cuidado com lugares assombrados, gigantes cortadores de cabeça, banshees, e seres que não eram o que pareciam. Bianca tinha muito a contar, mas muito pouco tempo, e teve que resumir tudo o que sabia enquanto arrumavam as coisas. O entardecer seria em menos de uma hora e meia.

A mãe de Lorena, Joana, fora chamada às pressas para tomar conta de Cacau e da casa. Cada um deles deu alguns telefonemas com avisos no trabalho e para familiares próximos sobre sua ausência por alguns dias, evitando assim que alguém chamasse a polícia, o Fantástico ou pagasse um resgate inexistente. Sempre que ouvia isso, Bianca gelava. Contara a eles que o tempo lá era diferente, mas não voltara ao assunto. Temia que acabassem voltando muito mais tarde do que estavam planejando. Porém, temia ainda mais que, se ressaltasse o fato de que poderiam voltar até mesmo décadas mais tarde, mesmo que passassem apenas alguns dias lá, não tivesse a ajuda deles para a missão que abraçara. Então, calou-se.

– Podemos levar armas? – perguntou Marcel. – Esse lugar parece muito perigoso!

– Só armas brancas – respondeu Bianca, arrumando sua mochila. – Acho que armas, apesar de mecânicas, devem entrar na lista de objetos proibidos da alfândega deles. Talvez possamos levar umas facas de cozinha ou um canivete...

Ela levantou a cabeça ao ouvir sons metálicos sobre a mesa. Urbain abriu um tecido pesado com várias espadas lá dentro. Bianca arregalou os olhos e olhou para seu pai e sua mãe escolhendo as melhores e examinando peso e fio.

– Que foi? – perguntou seu pai com ar inocente. – Gostamos de espadas!

– Tô vendo...

Marcos, que tinha ido em casa para pegar suas coisas, entrou nesse minuto com uma besta na mão e um sorriso no rosto.

– Estamos de volta ao jogo, galera!

O plano era simples. Iriam até o portal, chegariam ao mundo das fadas, resgatariam Zac e voltariam pra casa antes do jantar. Era o que ficavam se repetindo no caminho, como se a simplicidade do plano acalmasse suas almas. Porém, conforme se aproximavam do lugar, as palavras foram rareando. Marcos estava empolgado, mas em dado momento, mesmo ele aderiu ao silêncio que revelava que, na verdade, estavam todos preocupados.

Deixaram o carro num estacionamento 24 horas e Urbain pagou adiantado por uma semana. Se ainda não tivessem voltado nesse período, Joana fora instruída a buscar o Citroën prata e levá-lo para casa. Claro que ela estranhou o pedido. E foi quando pressionou o genro e a filha a lhe contarem a verdade. E eles contaram.

O fato é que Joana já sabia do passado surreal dos quatro amigos e ouvir que estavam indo para outra dimensão não chegava a ser assim uma grande surpresa. Mesmo assim, ela se preocupou.

– Vou rezar por vocês – disse ela.

Urbain a abraçou. Gostava demais daquela senhora que o recebera em sua família como um filho, apesar de seu passado. Não contaram tudo à Bianca. Por pressa, urgência ou desespero, não contaram a ela que seu pai fizera muitas coisas ruins, coisas das quais se arrependia até hoje.

Saíram do carro com suas mochilas e iniciaram sua caminhada pela floresta escura. Passo após passo, o peso daquela decisão começava a se apresentar em suas feições. Urbain demonstrava uma incrível resistência, não parecendo que na manhã daquele mesmo dia estivesse no hospital sendo remendado. Na verdade, ele estava sendo movido a analgésicos e adrenalina. Marcel observou que Lorena estava conversando com Bianca, que parecia também muito tensa. Marcel aproximou-se de Urbain.

– Você está bem? – perguntou ele.

Urbain olhou para ele por um segundo quase surpreso em vê-lo ali e voltou a olhar para a frente.

– Eu devia tê-lo segurado... Se eu fosse mais forte, nada disso estaria acontecendo.

– Você disse que ele o soltou.

– Solto. Mas eu deveria ter sido capaz de segurá-lo assim mesmo. Diabo! Por que ele soltou minha mão?

– Porque percebeu que ia arrastá-lo com ele – comentou Marcel. – Se ele for mesmo o anjo que guiou Bianca, estava só seguindo sua natureza. Se não for, estava seguindo seu caráter.

– Achei que eram demônios... – respondeu Urbain.

– Com motivos...

Entraram na mata, reconhecendo o caminho que percorreram até o lugar onde fizeram o piquenique naquela manhã. Colocaram num saco plástico lanternas, dois celulares desligados e algumas notas de dinheiro. Cavaram um buraco ao pé de uma árvore e colocaram uma pedra em cima. Assim, quando voltassem, supondo que voltassem pelo mesmo caminho, seriam capazes de usar as lanternas, se fosse de noite, e de ligar para alguém ou usar o dinheiro para pegar um táxi.

Com tantos detalhes, se apegavam à ideia de que tudo iria correr bem. Quanto aos trolls que levaram o garoto, tentariam primeiro conversar. Então tentariam barganhar. Na impossibilidade de um acordo, os matariam. Bianca não sabia, mas quando seus pais diziam que iam para as aulas de dança de salão, estavam indo a encontros com alguns aficionados por espadas e armas brancas onde aprendiam e ensinavam novos golpes. Havia muita coisa que Bianca não sabia sobre um professor de História e Literatura Francesa e uma restauradora de livros, aquelas duas pessoas que moravam na sua casa e que achou conhecer tão bem.

Seguiram Urbain pela mata, além do ponto que conheciam. Chegaram então na pequena clareira. O céu começou a escurecer e a passarinhada fazia alvoroço voltando para seus ninhos. Viram a árvore com a fenda no tronco por onde Zac foi levado.

– É aqui – disse Urbain.

Marcel se abaixou para ver melhor e enfiou a mão. Antes do seu braço terminar, tocou o fundo da árvore. O buraco tinha cerca de um metro e sessenta de altura com meio metro de largura. E, segundo a constatação de Marcel, menos de um braço de profundidade. Ajeitaram as coisas para o ritual. As invocações teriam que ser feitas precisamente ao pôr do sol.

Traçaram um pentagrama grande dentro de um círculo e acenderam uma pequena fogueira no meio. Cada qual se sentou em uma ponta do pentagrama.

– Se meus inimigos me vissem agora, teriam motivos reais para me mandar para fogueira... – disse Urbain, que definitivamente não se sentia à vontade com a ideia de estar fazendo um ritual de magia.

– Urbain, meu caro, se você tiver que ir para o inferno, acredite, não será por isso... – retrucou Marcos, que sabia de cor a longa lista de pecados do ex-padre.

Respiraram profundamente. Deram-se as mãos e iniciaram as invocações em uma língua morta, mas que Urbain dominava perfeitamente: latim.

As árvores farfalharam e o vento agitou o fogo. Espirais cresceram e as labaredas assobiaram. Com a surpresa, Urbain parou de falar.

– Não pare, pai! – pediu Bianca. – Está funcionando!

Urbain continuou, enquanto os outros respondiam aos encantamentos, conforme combinado. Acima deles, uma revoada de pássaros voou em círculo e a floresta inteira se agitou. Quando terminaram, o fogo desceu e fischou, diminuindo até apagar-se por completo.

– É só isso? – perguntou Marcos, um tanto decepcionado.

Urbain e Bianca se levantaram e foram até a árvore. Urbain enfiou o braço no buraco. E não encontrou o fim.

– Está aberto!

Eles se entreolharam por um minuto.

– Agora a coisa ficou séria... – murmurou Marcos.

Até aquele momento, de certa forma, havia a possibilidade de nada dar certo e portal nenhum se abrir. Agora, o portal estava aberto. Bastava atravessar. Bianca se precipitou, mas Urbain a puxou de volta.

– Existe alguma forma de vocês duas ficarem e me deixarem resolver isso? – perguntou para a esposa e a filha.

– Nem pelo capeta! – respondeu Bianca.

Lorena cruzou os braços.

– Se perguntar isso de novo, vou te chutar até você morrer.

Urbain já esperava ouvir isso, mas achou que valeria a pena a tentativa. A passagem na árvore só permitia uma pessoa por vez.

– Eu vou primeiro. Vocês me seguem. Nos encontramos... sei lá onde.

E então ele entrou. Bianca o seguiu. Lorena então olhou para o céu, que começava a ganhar tons dourados, e se virou para Marcel e Marcos.

– Vocês já vieram até aqui – disse ela. – Se não quiserem vir, eu vou compreender.

– Tá maluca, mulher? – disse Marcos, empurrando-a pra sair do caminho e entrando pelo buraco sem pestanejar.

Que Marcos ia cair dentro daquela aventura sem pensar nas consequências, Lorena já sabia. O que dissera se dirigia a Marcel. Olhou para ele mais uma vez e lhe deu um sorriso e um beijo no rosto. Ele a olhou com pesar. Ela sabia que ele estava feliz com sua vida e não queria conhecer outra dimensão. Também sabia que havia riscos de não voltarem, por mais que Bianca tivesse evitado falar sobre isso. E que Marcel não queria correr esses riscos.

Lorena entrou no tronco e desapareceu. Marcel ficou parado alguns segundos. Ele não queria ir. Lamentava pelo rapaz, mas tinha um mau pressentimento quanto aquilo tudo. Virou-se para ir embora e seu coração doeu de

tal forma que se perguntou se seria impossível viver sabendo que os deixara para trás.

Bianca bateu as paredes ásperas do interior da árvore e caminhou em passos hesitantes, lembrando-se de quando ela e Zac caíram num poço sem fundo inesperado. Não ouvia nenhum som além de sua própria respiração e seus sapatos tocando pequenas poças de água. As paredes ganharam uma textura mais aveludada e ela imaginou que fosse musgo, pois podia sentir a umidade. Já tinha dado mais de quinze passos quando viu uma luminosidade muito fraca adiante. Em apenas dois passos, saiu de dentro de uma imensa árvore e sentiu o perfume da floresta do reino encantado. Era como se o lugar a reconhecesse e ela reconhecesse o lugar. Sorriu, sentindo-se feliz em estar de volta, embora as circunstâncias não fossem das melhores. Era noite, mostrando mais uma vez as confusões que o tempo apronta entre os dois mundos. A Lua iluminava fracamente a floresta e Bianca ia se virar para procurar pelo pai quando, de repente, alguém a empurrou e ela caiu no chão. Olhou para o lado e viu seu pai, os cabelos longos ao vento e o rosto atento com a espada em mãos.

– Pai? O que está...

Um som de metal se batendo a interrompeu. Lorena, que tinha acabado de sair da árvore, defendia-se de um troll de seu tamanho que empunhava uma tosca espada de metal escuro. A criatura era horripilante, com a cara comprida e dentes afiados escancarados numa careta de ódio. Ao lado de Bianca, novos sons surgiram e ela viu seu pai protegendo-a de outros dois seres que o atacavam com espadas.

Quando Marcos saiu do buraco, ainda tinha o rosto iluminado pela ansiedade do que poderia encontrar nesse mundo fantástico. Abaixou-se a tempo de não ter a cabeça acertada por um pesado martelo de pedra. Arrastou-se de costas, tentando se afastar da criatura vestida com trapos e couro, mas ela continuou atrás dele.

Quando a criatura ergueu o martelo para esmagá-lo, Marcos usou as pernas para chutá-lo com toda a sua força. O chute com os dois pés pegou o troll no peito, jogando-o para trás, dando tempo a Marcos de se levantar.

– Tio Marcos!!!

Ele se virou para Bianca, que, recebendo cobertura de Lorena e Urbain, desembrulhava às pressas o tecido que envolvia espadas, punhais e facas que haviam trazido. Urbain e Lorena haviam insistido para já levarem as deles consigo, e agora todos viam que tinha sido uma ótima ideia. Bianca jogou uma espada para Marcos que a agarrou no ar. E então, ela pegou uma pra si mesma e se preparou.

Mais criaturas surgiram, e estavam todas muito zangadas. Golpes de espada foram trocados e, apesar de Bianca não ser uma especialista, tinha agilidade e reflexos rápidos. Isso evitou que sua cabeça fosse cortada uma vez ou duas.

Um som estranho foi ouvido. Era como o soar de um berrante, daqueles que tocam em filmes. Os trolls pararam imediatamente ao ouvir o som que se estendia e se espalhava por toda a floresta escura. Luzes surgiram flutuando além das árvores e as criaturas correram, saltando para a escuridão das folhagens e desaparecendo.

Com o coração aos pulos, eles se uniram novamente, ainda em guarda, esperando alguma coisa ainda atacá-los.

– Droga, Grandier! – gritou Marcos, assim que recuperou o fôlego. – Não tem 30 segundos que chegamos nesse lugar e você já arrumou inimigos?!

– Foram eles que começaram! – respondeu Urbain.

– Vejam! – apontou Lorena para as luzes amarelas que se aproximavam.

– São fadas? – perguntou Marcos.

– Não... – respondeu Bianca. – São lanternas...

Bianca tinha visto várias dessas nas cidades por onde passaram. Eram como lâmpioes, movidas a velas, e muito usadas por elfos e humanos.

– Será que são mais trolls? – perguntou Lorena.

– Não – respondeu Bianca. – Trolls usam tochas. Nunca vi um usando uma lanterna. Ainda mais colorida!

As lanternas se aproximaram o bastante para verem quem as traziam.

– Abaixem suas armas! – disse a voz grave e imponente.

Urbain e Lorena se olharam, indecisos sobre o que fazer. Então, Bianca apertou os olhos e deu um passo a frente, não acreditando no que via.

– Danzir?

O homem deu um passo a frente, aproximando a lanterna do próprio rosto que também tinha uma expressão de surpresa.

– Bianca?!

A menina correu e abraçou o alto homem negro e os que o seguiam se aproximaram. Eram cerca de oito homens armados de espadas. Marcos apertou os olhos e então percebeu que não eram exatamente homens. Quatro eram elfos, dois eram anões.

– Gente! – disse Bianca, animada em ver um rosto familiar. – Este é Danzir! O Alcaide da Vila das Fadas D'Água! Danzir, esses são meus pais, Urbain e Lorena. E esse é o meu tio Marcos!

E foi somente então que Bianca procurou com os olhos a outra pessoa para apresentar. Urbain e Marcos olharam em volta, mas Lorena apenas baixou os olhos.

– Onde está Marcel? – perguntou Marcos.

– Acho que ele não veio – respondeu Lorena. – Desculpe, querida... Mas acho que seu tio Marcel foi até onde pôde.

A decepção no rosto deles era evidente, mas em nenhum era mais dolorosa do que no rosto de Bianca. Ela anuiu levemente com a cabeça, como se compreendesse. Ou perdoasse.

– Como nos achou? – perguntou Lorena.

– Estávamos numa festa e alguém se esforçou muito para que viéssemos até aqui.

Somente então Danzir deixou a pequena que se escondia atrás dele aparecer. Ele abaixou a lanterna, mostrando o pequeno rosto que surgia por trás de suas pernas. A decepção no rosto de Bianca deu lugar a uma alegria que ela nem sabia ser possível sentir.

– Eileen!!!

A pequena fadinha, do tamanho de uma criança de uns seis anos, correu e se jogou nos braços de Bianca que se ajoelhou e a abraçou forte. Tinha morrido de saudades daquela menina-fada e achou que nunca mais a veria. Quando se separaram, a fadinha sorria para ela. Virou as costas e mostrou suas asas.

– Olha! Tá crescendo!

– Que lindas!

As asas eram pequenas ainda, mas coloridas e Bianca se lembrou do pequeno milagre que um pouco de fé e amor conseguiram na primeira vez que se encontraram.

– Vamos – disse Danzir. – É melhor voltarmos. Temos tido alguns ataques por aqui, não é bom ficarmos longe da Vila.

– Ataques da Corte Unseelil? – perguntou Bianca.

Danzir virou-se para ela com o rosto preocupado.

– Não... A Corte Unseelil não nos preocupa mais.

Seguiram pela floresta por cerca de vinte minutos. O caminho era iluminado pelas lanternas amarelas, exaltando o dourado das folhas de outono caídas pelo caminho. Os elfos iam na frente. Eram de estatura normal e esguios. As orelhas ligeiramente pontudas e um rosto mais aquilino eram a única coisa que os diferenciava dos humanos. Bianca se lembrou que o único elfo com quem tivera mais contato tinha sido Asram, o noivo de Analice. E não tinha sido uma experiência muito boa, especialmente quando ela o chamou de frutinha...

– Ariene vai ficar feliz em ver você de novo! – disse Danzir, enquanto caminhavam. – E vai ficar contente em conhecer sua família.

– E como está Ariene? – perguntou Bianca.

– Para uma garota que não era popular, até que você conhece bastante gente, hein, Bianca! – comentou seu tio Marcos ao seu lado.

– Pois saiba que eu estava ficando popular, viu? – reclamou Bianca.

– Já explicou as regras a eles? – perguntou Danzir.

– Expliquei o que eu pude – respondeu Bianca, insegura. – Viemos meio às pressas pra cá, sabe?...

– É mesmo? – respondeu Danzir. – O que aconteceu?

– A Corte Unseelil sequestrou Zac.

Danzir parou de andar e a encarou com o cenho franzido.

– Isso não é possível, minha cara.

– Por quê?

– Porque a Corte Unseelil deixou de existir.

Assim que Danzir disse isso, saíram da floresta e caminharam para a pequena vila iluminada por lanternas. Preferiram prosseguir o assunto quando já estivessem mais ou menos instalados em algum lugar. Naquele momento, havia muitas distrações. Sátiros, fadas de todos os tamanhos, elfos, humanos e anões os olhavam com curiosidade e canecas na mão.

– Era uma festa? – perguntou Bianca.

– Não, só uma pequena comemoração – respondeu Danzir.

– Estão comemorando o quê? – perguntou Marcos. – Dois dias sem acidentes?

Chegaram na porta da casa de Danzir onde uma linda mulher abriu a porta para eles.

– Comemoramos que o Rei do Norte e o Rei do Sul aceitaram conversar sobre um tratado de paz – concluiu Danzir.

– Bianca!

Ariene e Bianca se abraçaram fortemente, os cabelos dourados da primeira caindo sobre os cabelos escuros da segunda.

Danzir lhes deu passagem e eles entraram na bela casa iluminada por velas e lanternas. Na grande sala de estar, uma mesa de madeira aguardava com frutas, tortas, vinho e leite.

– Achei que teríamos visitas! – explicou Ariene. – Só não sabia que eram vocês! Sei que não podem comer nada do reino, se pretendem voltar.

Marcos arregalou os olhos para toda aquela comida que parecia maravilhosa.

– Bem, não sei se quero tanto voltar assim... – disse ele, repensando suas opções.

– Marcos, não brinque! – ralhou Urbain.

– Estou falando sério! – respondeu Marcos. – Estou cheio de dívidas no cartão de crédito! Quero ver aqueles cretinos virem me cobrar aqui!

Eles se sentaram à mesa e Bianca aproveitou para tirar uma dúvida.

– Há quanto tempo eu parti daqui?

– Cerca de duas semanas – respondeu Danzir.

– Ué! – espantou-se Marcos. – Você disse que esteve aqui há quatro meses!

– É que o tempo é fluido aqui – respondeu Ariene, servindo-se uma xícara de leite com mel – Ah, Bianca!

Bianca, que, assim como Marcos estava hipnotizada pela comida, olhou para ela.

– Você pode comer, sabe disso, não?

– Posso?! – perguntou a menina, arregalando os olhos.

– Claro que pode! – riu Ariene. – Você recebeu esse presente das Asrais, não lembra?

– Claro que lembro! Mas achei que tinha perdido a validade ou coisa assim.

– Não, querida – explicou Ariene, tomando seu leite com mel. – Nada aqui é temporário. O que você conquista é mantido, não importa quantas vezes você vá ou volte.

Bianca olhou para a mesa, feliz em poder comer qualquer coisa. Mas percebeu que não estava com fome. Olhou um dos bolinhos famosos da Vila, e pegou-o, sentindo-se subitamente infeliz.

– Que foi? – perguntou Marcos, irritado em não poder comer nada dali. – Tá pensando nas calorias?

– Não... – respondeu Bianca com voz infeliz. – Lembrei do Zac... Eu enfiei um bolinho desses na cara dele... Duas vezes...

A mesa mergulhou em silêncio.

– Suas recordações românticas são muito esquisitas... – respondeu Marcos.

– O que houve com o Zac? – perguntou Ariene. – Ele não veio com você?

Bianca colocou o bolinho no prato e respirou fundo. Então ela contou o que tinha acontecido quando estavam quase deixando o mundo das fadas. Dava para ver nos rostos de Danzir, Ariene e Eileen que foi doloroso saber o que houve com Zac assim que deixaram a Vila. Também viram como o rosto deles se iluminou com a esperança quando Bianca contou que encontrou um rapaz muito parecido com Zac em seu mundo. Alguém com o mesmo nome e cicatrizes nas costas no lugar onde poderiam ter havido asas. Contaram sobre o ataque dos trolls e sobre como e porque estavam ali.

– Achei que a Corte Unseelil o tivesse pegado – disse Bianca. – Mas Danzir disse que a Corte Unseelil não existe mais!

– Sim, a Corte Unseelil desapareceu – confirmou Ariene. – Não sabemos como, mas o covil deles foi destruído e o rei, o último descendente da linhagem real deles, foi morto.

– Mas se não foram eles, quem foi? – perguntou Urbain. – Também fomos atacados por criaturas bem zangadas lá na floresta.

Danzir e Ariene se entreolharam. Ali, naquela noite, Bianca, Lorena, Urbain e Marcos foram inteirados de tudo o que estava acontecendo no Reino das Fadas.

Quando a Corte Unseelil acabou, houve um breve período de paz. Os terríveis ataques a vilas e a viajantes cessaram abruptamente e assim tudo ficou calmo por algum tempo. Os trolls e goblins passaram a atacar isoladamente, e nunca eram tão terríveis quanto juntos na Corte Unseelil. Seus ataques eram raros, eles deixaram de ser um perigo. Não sabiam explicar porque eles foram atacados na floresta. O que preocupava o mundo deles naquele momento não eram os trolls, mas uma crise política.

O Reino era dividido em quatro grandes territórios. Viviam em harmonia o Rei do Sul, o Rei do Norte, a Rainha do Leste e a Rainha do Oeste. Essa harmonia, no entanto, andava um tanto estremecida. O Rei do Norte e o Rei do Sul têm se estranhado ultimamente. Foram pequenas coisas, como um emissário de um que não voltou de sua viagem ao reino do outro, carregamentos desaparecendo do território do Norte e invasões perpetradas pelo povo do Sul. A cada ação, havia uma retaliação, aumentando os rancores e esquentando os ânimos. Com tudo isso, uma guerra começava a se aproximar do reino e isso nunca era bom. Isso tudo já

estava acontecendo há algum tempo, muito antes de Bianca chegar ao Reino das Fadas pela primeira vez.

– Mas e a Rainha Paralda? – perguntou Bianca.

– Paralda é como uma Imperatriz. Nós a chamamos de rainha, mas ela só tem poder real sobre o seu território. Quando aos outros reinos, ela tem conversado com todos os reis e rainhas, mas não há muito mais que ela possa fazer. Ela não pode destituir um rei sem privilegiar o outro – Danzir deu um suspiro. – Eu não queria ser ela agora...

– Mas você disse que hoje houve uma comemoração por um acordo de paz... – lembrou Lorena.

– Uma pequena comemoração... – respondeu Danzir, sem muito entusiasmo, servindo-se de mais hidromel. – Tão pequena quanto a chance desse acordo dar certo...

– Não liguem para o mau humor do meu querido marido! – disse Ariene, tentando animá-los com um sorriso e afastar a preocupação que começava a pairar sobre eles. – Ele tem andado rabugento ultimamente. O fato é que O Rei do Sul tem uma filha, uma moça muito bonita. E o Rei do Norte tem um filho. Hoje, os reis firmaram o compromisso de casamento entre seus filhos, o que fará com que os reinos se tornem aliados.

– Ah, que bonito! – disse Urbain. – Casamentos arranjados sempre dão tão certo!... Mas então por que Danzir parece tão preocupado?

Danzir olhou diretamente para os olhos negros do homem que esperava sua resposta.

– Por que há algo acontecendo no reino. Enquanto os reinos do Norte e o Sul se bicam, os reinos do Leste e Oeste parecem um tanto apáticos. Se todos se estranhassem, acho que eu ficaria mais tranquilo. De qualquer maneira, eu quero acreditar que a paz reinará! Entende por que não nos preocupamos mais com os trolls? Temos tido problemas com retaliações de ambos os lados em todos os lugares. E, por algum motivo bizarro, a violência parece ter aumentado entre os habitantes do reino. Temos visto mais saques, assassinatos, sequestros e espancamentos do que nunca... Coisas que nos fazem perder o sono.

– Vocês não tinham nada disso aqui antes? – perguntou Marcos.

– Tínhamos. Mas, além da Corte Unseelil, tínhamos goblins e alguns encantados cuja natureza é realmente malévola, como Jenny Dentes-Verdes e Peg Powler, que afogam crianças por prazer. Agora, temos uma crescente violência entre homens, elfos, anões... Temos até tráfico de escravos! Antes, ao menos sabíamos onde o perigo estava. Sabíamos como reconhecer o ataque antes dele acontecer e sabíamos como nos defender. Agora, ele parece estar em qualquer lugar.

Ariene e Danzir mostraram a sala de banhos para seus convidados e lhes apresentou seus quartos. Era uma grande casa de dois andares com profusão de quartos. Eileen fez questão de dormir com Bianca e Ariene lhe deu um beijo de boa noite. Por mais que amasse a menina, não conseguia com ela a ligação que ela parecia ter com Bianca e Zac.

No corredor, Marcos esticou a cabeça para ver Ariene descendo as escadas.

– Nossa! Que mulher linda! Não dá vontade de parar de olhar!

– É porque ela era uma sereia! – explicou Bianca.

Marcos a olhou perplexo.

– Jura? Rapaz, como é que o Danzir pescou uma dessas???

Eles se despediram e, depois de um banho, foram dormir. Urbain estava especialmente moído e Ariene lhe deu um chá especial para dor que ele tomou com prazer.

Pela manhã, haveria muito a fazer. Precisavam achar Zac. E algo lhes dizia que não ia ser tão fácil quanto tinham planejado.

– Ele partiu?

Deitada de costas em sua cama, Bianca olhava longamente pela janela o céu que era mais negro do que a noite mais profunda, salpicado por estrelas brilhantes que perfaziam desenhos e caminhos. Bianca olhou para Eileen que estava deitada, abraçada a ela.

– Achei que estava dormindo... – disse Bianca, ao se deparar com aqueles grandes olhos amendoados e brilhantes.

– Você disse que Zac morreu... Ele morreu mesmo?

Bianca suspirou.

– Sim, Eileen... Zac morreu...

– Os olhos de Eileen se encheram de água e ela se aconchegou nos braços de Bianca. Bianca olhou de volta para a janela e deixou que as lágrimas caíssem. Talvez fosse o cansaço, talvez fosse toda a conversa do jantar que envolvia guerras e perdas, mas Bianca se sentia sem esperanças. Estar ali a aproximou muito mais do que vivera com Zacariel e, conseqüentemente, do que perdera. Via o olhar de incredulidade nos pais e nos tios quando dissera que o rapaz que conhecera podia ser o anjo que morrera em seus braços. Talvez fosse hora de encarar a realidade. Zacariel havia morrido. O novo Zac ainda estava vivo e ela faria tudo para trazê-lo de volta.

Abraçou mais forte a fadinha, sentindo a textura aveludada de suas asas delicadas. E assim, entre lágrimas e aconchegada no abraço de uma fada, adormeceu.

Capítulo 14

A Fada-menina

Na manhã seguinte, eles finalmente puderam se espantar com a beleza do lugar. Marcos se surpreendeu com o fato da comida que tirava de sua mochila simplesmente reaparecer intocada lá dentro. Olhou com os olhos arregalados para os outros na mesa.

– Que bruxaria é essa???

Lorena não comera ainda. Admirava o céu incrivelmente azul. Ao longe, nuvens multicoloridas coroavam o topo das montanhas. Diminutas flores voavam com a brisa e havia um misto de perfume de magnólias e cheirinho de pão quente no ar. Urbain apareceu atrás dela e lhe beijou o pescoço, carinhosamente, também percebendo a estonteante beleza de sua esposa naquele cenário perfeito. Ela perguntou sobre os ferimentos, percebendo que, apesar do rosto ainda ferido, ele parecia mais disposto. Aparentemente, o chá de Ariene e uma boa noite de sono o ajudaram a renovar as forças.

Ariene e Danzir pensaram sobre a missão de seus convidados e estavam prontos para ajudarem no que pudessem. Sabiam que o tempo urgia, pois cada minuto que passasse nas garras dos trolls diminuía consideravelmente as chances de Zac. Por isso, enquanto Ariene levava Bianca para o bosque, os outros permaneceram na Vila para traçar um plano com Danzir.

Bianca fazia um caminho muito parecido com o que já fizera antes ao lado de Ariene. Naquele tempo, Ariene já percebia os sentimentos de Bianca para com o anjo, antes mesmo de Bianca percebê-los. Agora, andavam ambas caladas. Mas Bianca sabia que Ariene não ia ficar em silêncio por muito tempo.

– Como sabe que não é ele? – perguntou Ariene.

Bianca fez um movimento com os ombros.

– Porque não é possível – respondeu por fim.

– Só por isso? – perguntou novamente a outra.

Bianca não respondeu. O coração estava doendo, mas ela ainda não sabia muito bem por quê.

– Ouça, criança... Há alguns séculos, eu tinha um rabo de peixe. Há alguns meses, você nunca achou que estaria brigando com trolls e voando em dragões. E algo me diz que seus pais também têm provas que depõem contra o que as pessoas chamam de “possível”. Então, se este for o único motivo, acho que você pode rever sua decisão de acreditar ou não se ele é o anjo que você perdeu.

Bianca pensou nas sábias palavras da bela mulher de cabelos da cor do sol. Elas chegaram numa linda cachoeira cristalina que desenhava um arco-íris em seu caminho.

– Tenho medo de acreditar e me decepcionar – respondeu Bianca. – Está sendo muito difícil viver isso tudo, estar aqui sem ele. Não pensei que fosse ser tão difícil! Tão doloroso! Se eu acreditar que ele voltou pra mim, e não for verdade, como vou suportar essa dor?

Ariene baixou a cabeça. Bianca achou que ela estava pensando em alguma frase inspiradora, algo que mudasse sua ideia, algo que fizesse com que Bianca dissesse “Puxa! É mesmo! Como nunca vi as coisas desse ponto de vista antes?”, embora Bianca não tivesse a menor ideia de que tipo de coisa pudesse ser dita capaz de fazer isso. Porém, Ariene não disse nada. Apenas levantou a cabeça e sorriu para ela. Virou-se para a água e disse finalmente.

– As asraís estão aqui...

Bianca viu as formas esguias e fluidas, dançando na transparência da água que corria. Sentou-se na beirada e tocou a superfície da água com a mão delicada, deixando que a água levasse um pouco de sua dor.

Ariene ergueu a barra do vestido leve e caminhou nas águas. Bianca arregalou os olhos e deixou o queixo cair.

– Senhora dessas águas, sou Ariene, filha de Abandinus, Senhor dos Rios, e de Oxum, Senhora das Cachoeiras. Estou aqui para lhe pedir um favor...

O véu cristalino que a cachoeira vertia então se abriu como uma cortina e Ariene deu mais alguns passos, atravessando-o. A cortina de água se fechou atrás dela e Bianca ficou na dúvida se deveria ir atrás ou se esperava. Achou que se houvesse algum problema, Ariene gritaria ou lhe mandaria algum sinal. Então ela esperou.

Olhou em volta e se lembrou de ter visto ali, da primeira vez, Bean-Nighl, a banshee agourenta que era vista lavando as roupas ensanguentadas de alguém que ia morrer. Voltou os olhos lentamente para o ponto onde a tinha visto, o coração batendo mais rápido, temendo vê-la de novo.

Não havia nada lá. O lugar era belíssimo, um bosque de grandes árvores de troncos cor de cobre e copas verdejantes. Viu pequenas fadas voarem como beija-flores, brincando no ar, derrubando algumas folhas que já tinham assumido a cor amarela. Água respingou no rosto de Bianca e ela percebeu que elementais podem ser muito ciumentos. As asraís, as pequenas sereias d’água que se transformavam em poças quando eram tocadas por mãos humanas, continuavam a cercá-la, divertidas com sua presença, e jogavam água em seu rosto quando ela se distraía com outra coisa.

A cachoeira se abriu novamente e de dentro das águas saiu Ariene, os cabelos loiros refletindo a água, o vestido longo se misturando com a superfície luminosa, o rosto desenhado harmoniosamente sem nenhuma expressão. Ela caminhou até Bianca, ficando diante dela ainda em cima da água. Somente então, abriu um sorriso e disse:

– Conseguimos!

Na Vila das Fadas D'Água, Lorena, Urbain e Marcos já tinham terminado seu café e caminhado pela Vila, conhecendo alguns de seus curiosos moradores. Estavam espantados com a beleza do lugar e as várias espécies que viviam juntas em harmonia. Uma humana de cabelos lisos e negros entregou a Urbain um pedaço de queijo, que ele aceitou com um sorriso. Um elfo deu à Lorena uma flor e ela se encantou com seu gesto. Marcos subiu na colina e cantou *The Sound of Music*, girando com os braços abertos na relva verdejante.

Mas eles sabiam que precisavam se concentrar no que era importante e agora observavam com atenção o mapa que Danzir estendia diante deles.

– Vejam – disse ele. – Vocês estão aqui, na Vila das Fadas D'Água. Aqui é a Floresta dos Antigos, onde vocês chegaram. Aqui há o grande Rio de Ouro. Ele é tão grande que parece o mar e suas vertentes se espalham por todo o reino. Agora, se margem este rio até aqui... vão chegar na Floresta Perdida.

– Não gostei desse nome... – disse Marcos.

– Por que está nos mostrando como chegar lá? – perguntou Urbain. – É para onde aqueles monstros levaram o rapaz?

Danzir o olhou com sinceridade.

– Não fazemos ideia de quem levou o garoto ou por quê. Ele pode estar em qualquer canto de qualquer um dos vários reinos daqui. Pode ter sido vendido como escravo, ou estar trabalhando nas minas dos kobolds. Pode estar sendo torturado pelos trolls, muitos deles são sádicos. Ou já pode ter sido destruído por eles. Se não souberem exatamente onde ele está, podem nunca encontrá-lo.

Houve um silêncio perturbador com as notícias dadas de forma tão direta.

– Isso era para nos animar? – perguntou Marcos. – Porque você está fazendo isso errado.

– Não, é para explicar porque vocês precisam ir até a Floresta Perdida antes de sair procurando pelo garoto embaixo de toda pedra que encontrarem. Nessa floresta há um fauno. Não é um fauno qualquer. É o Fauno Ancião. Ele traz a sabedoria de todos os faunos e dizem que ele está aqui desde que a Grande Criadora sonhou este mundo, trazendo-o à existência. Este fauno pode ajudá-los, dando a vocês um meio de saber onde exatamente Zac está.

– Levaremos dois dias inteiros pra chegar lá à pé... – calculou Urbain olhando o mapa.

– Nós lhes daremos cavalos. São velozes, vão poupar muito tempo. Mas tomem cuidado. Este fauno tem tanta sabedoria quanto esperteza. Não se deixem engambelar.

A porta se abriu e Bianca e Ariene entraram como duas crianças.

– Ariene conseguiu! – gritou empolgada Bianca.

– Na verdade, NÓS conseguimos. A Senhora daquela cachoeira não teria me dado nada se não tivesse visto valor e sinceridade em você, Bianca.

– Legal! – comemorou Marcos. – E o que vocês conseguiram?

Com um olhar de Ariene, Bianca entendeu que ela podia dar a notícia.

– Consegui o presente das asrais! Passe livre para comer, beber ou beijar no reino! – então ela mostrou o cantil e o sacudiu, mostrando que tinha água dentro.

Lorena e Urbain esperavam algo mais... relevante. Sorriram como quem recebe uma caixa de bombom de supermercado no amigo oculto da empresa.

– O quê? – disse Marcos. – Então eu vou ter que trocar meu incrível sanduíche de mortadela pelas iguarias mais fantásticas e divinas que o paladar humano já provou??? Puxa! Estou muito triste agora!

Ariene buscou pequenos copos e distribuiu entre eles, enquanto Bianca os servia.

– Vocês podem não achar grande coisa agora – disse Bianca. – Mas nós não sabemos para onde estamos indo e pelo que vamos passar. Ficarmos dependentes do que está na nossa mochila para beber e comer pode ser muito limitador! E preocupante...

Todos tomaram a água encantada e Bianca sacudiu o cantil para ter certeza de que havia o bastante.

– É para o Zac! – disse ela. – Precisamos encontrá-lo antes que ele coma ou beba alguma coisa! Aí é só darmos isso aqui pra ele.

Danzir mandou preparar quatro dos melhores cavalos e Ariene os chamou no quarto de Bianca. Eileen brincava com os vestidos sobre a cama quando eles entraram.

– A Corte Unseelil pode ter acabado, mas há muitos trolls e goblins soltos por aí competindo para ver qual o grupo mais poderoso, e vocês são iscas apetitosas com essas roupas – disse Ariene.

Eles olharam para si mesmos e Marcos quase se sentiu ofendido, pois sempre confiara em seu gosto para a moda.

– Então eu separei essas roupas para que vocês possam passar mais discretamente por aí.

Ela estendeu um vestido para Lorena e outro para Bianca. Para Marcos, ela estendeu uma blusa branca com um colete de couro, calças de algodão escuro e botas. Para Urbain, ela estendeu uma espécie de túnica preta com botas.

– Por que a minha é tão diferente da deles? – perguntou Urbain.

– Porque essa é uma roupa de um Feiticeiro da Lua Negra.

Urbain a olhou e Ariene sorriu, como se soubesse exatamente porque a revelação o incomodara.

– Feiticeiros da Lua Negra são muito poderosos entre os encantados, eles os respeitam e dificilmente mexerão com vocês se estiverem ao lado de um – explicou ela.

– E o que faz um Feiticeiro da Lua Negra? – perguntou curioso Marcos.

– Eles trabalham com cura e purificação. Podem limpar uma casa de assombrações ou seres malévolos, por exemplo. Costumam andar em grupo, mas isso não é importante. É só um disfarce para que vocês sejam evitados por seres encantados mal intencionados.

Os homens foram para o outro quarto se trocarem, deixando Lorena e Bianca se vestindo ali mesmo. Quando se encontraram, Urbain teve que desamarrar a cara ao ver Lorena com um lindo vestido azul de mangas largas e longas. Bianca estava com um vestido parecido com o que Ariene lhe emprestara da outra vez. A saia rodada era de tecido mais leve e o colete era de veludo vermelho bordado em dourado, desenhando-lhe a cintura e deixando livre o colo. As mangas eram bufantes de um tecido tão leve que era quase transparente.

– Vocês estão lindas! – disse Urbain.

– Ah, se eu estivesse com a minha câmera! – reclamou Marcos.

– Ficaram ótimos! – comemorou Ariene, feliz com sua produção. – Vou mandar servir o almoço e vocês estarão prontos para ir.

Lorena achou de bom tom ajudar Ariene a pôr a mesa, embora houvesse criados para fazerem isso. Marcos quis dar mais uma olhada na Vila antes de ir, provavelmente para tentar fazer algum negócio para levar algum cacareco de lembrança que pudesse vender no Mercado Livre.

Eileen puxou Bianca e Urbain pelas mãos para lhes mostrar uma coisa. Eles correram até o alto da pequena colina verdejante de onde desceram várias vezes na brincadeira improvisada com Zac da outra vez. Lá em cima, a fadinha se afastou alguns passos e então se concentrou. Suas pequenas asinhas bateram com muita força e muita velocidade, como as asas de um beija-flor. E, com grande dificuldade, ela conseguiu se erguer alguns centímetros do chão.

E então ela caiu de traseiro no chão, decepcionada. Bianca correu até ela e a obrigou a olhar em seus olhos.

– Você está quase conseguindo! Não desanime! – disse Bianca.

– Mas... – disse a fadinha. – Todos dizem que não é possível...

Bianca desmontou um pouco, percebendo que sabia exatamente como a fadinha se sentia. Então ela abriu um sorriso confiante e olhou nos olhos da menina.

– Não ligue para o que os outros dizem... Eles sabem menos que você. Tenha um pouco mais de confiança, querida... Coisas incríveis acontecem o tempo todo!

Eileen abriu seu sorriso, os cabelos finos caindo sobre o rostinho iluminado por aquela bela tarde. Urbain, que observava a cena a uma certa distância, se aproximou.

– Você quer voar, minha linda fadinha? – perguntou ele.

A fada-menina olhou para cima e balançou a cabeça numa afirmativa cheia de expectativa.

– Então é melhor treinar primeiro! – disse ele, agarrando-a com uma risada e jogando-a para o alto.

A menina soltou um gritinho de entusiasmo que se transformou numa sonora e deliciosa gargalhada de criança. Urbain a jogava bem alto e a segurava de volta, girando-a no ar, embalando-se em sua risada. Bianca sentou-se na relva e sua alma sorriu, lembrando-se de quando seu pai brincava assim com ela, jogando-a pelos ares, e ela não tinha medo de cair e acreditava que poderia chegar até o céu. Bianca sentiu os olhos se encherem de água, vendo a fadinha voar mais uma vez, em saltos para o céu azul, para quem ela abria os bracinhos e o sorriso, voltando a cair nos braços confiantes e fortes de Urbain.

Na Vila, Marcos se aproximava da casa de Danzir e Ariene com a alegria de ter feito um bom negócio, quando viu Ariene e Lorena de pé na porta, observando alguma coisa com um sorriso. Ele chegou perto delas e acompanhou o olhar das duas mulheres. Elas viam Eileen em sua brincadeira, ouvindo seus risos, sentindo sua alegria.

– Eles destruíram as asas dela, sabia? – disse Ariene, com a voz triste.

– Bianca me contou – respondeu Marcos.

– Nós achamos que ela não ia mais voar. Nem viver. Fadas não vivem sem suas asas. São como borboletas, ou pássaros. Mas Bianca se recusou a aceitar isso. E olhe só... Minha menina fada está viva! E suas asas vão crescer e um dia ela vai voar de novo! E tudo porque essa menina nos disse para não desistir...

Marcos olhava a cena, permitindo ao momento todo o seu lirismo, quando viu uma coisa se aproximando.

– O que é aquilo?

Eileen subiu mais uma vez, mais alto, o céu azul a esperando... Uma coisa a agarrou e ela gritou. Urbain gritou seu nome, mas antes que desse um passo, algo saltou sobre ele, derrubando-o. Bianca levantou-se gritando, vendo os piores momentos que já vivera se repetirem numa cena dantesca. Trolls que se pareciam com gárgulas troncudos mostraram-lhe os dentes. Ela não sabia se estavam rosnando ou exibindo um sorriso de vitória. Arrastaram a fada e seu pai para o mato e Bianca correu atrás deles. Algo a agarrou por trás e, quando viu, estava voando, enquanto garras afiadas machucavam seu corpo.

Lorena, Marcos e Ariene correram gritando para a pequena elevação onde tudo aconteceu e foram seguidos rapidamente por um anão com um martelo de forjar e alguns elfos com arcos que ainda tentaram acertar os raptos, mas estes já estavam há muito fora de alcance. Lorena estava desesperada, não conseguia parar de gritar os nomes do marido e da filha. Ariene a abraçou e deixou que ela caísse de joelhos na relva, consolando-a por aquela perda dolorosa e totalmente inesperada.

Capítulo 15

O Rei

Lorena acabara de tomar um copo de água na sala de Danzir e Ariene. Estavam todos atônitos e simplesmente perdidos. Ninguém dizia nada e Danzir andou pela sala com passos pesados.

– Eu sinto muito, Lorena... – murmurou Ariene, apertando as mãos da mulher que ainda não levantara os olhos do chão.

Lorena apertou de volta a mão de Ariene, sabendo que a mulher também estava sofrendo. A fadinha que ela criava também tinha sido levada.

– Como ninguém viu essas criaturas se aproximando assim da Vila?! – disse Danzir, sentindo a necessidade de brigar com alguém.

– Eles estavam invisíveis – respondeu Marcos.

Eles olharam para ele.

– Eu vi um surgir literalmente do nada. Eles podem fazer isso?

– Alguns podem... – respondeu Danzir, tentando pensar.

Houve alguns segundos de silêncio, até que Marcos fez a pergunta que ninguém queria ouvir, a voz com um leve desespero.

– O que fazemos agora?

Foi então que Lorena se levantou e secou as últimas lágrimas do rosto.

– Agora, fazemos o que tem que ser feito. Manteremos o plano. Vamos até a Floresta Perdida e achamos o Fauno. Se ele pode nos dizer onde está Zac, pode nos dizer onde estão Bianca, Urbain e Eileen.

Então ela se virou para Ariene e Danzir, nitidamente abalados também com a perda súbita.

– E nós vamos trazê-los de volta. TODOS eles!

Lorena e Marcos montaram nos cavalos brancos e receberam mapas, provisões e instruções para chegarem à Floresta Perdida. Despediram-se e partiram. Ariene lhes deu mantos para que usassem, pois o anoitecer costumava ser frio em algumas regiões. Eles se afastaram da Vila e seguiram pela estrada em silêncio.

Depois que partiram, Danzir franziu o cenho. Havia algo que não estava batendo. Ariene tocou-lhe gentilmente o ombro, vendo que algo o aborrecia.

– Trolls não costumam atacar de dia... – disse ele.

– Podem estar mudando os hábitos.

Eles deram um passo na direção da casa e Danzir parou novamente, como se algo se revelasse.

– Eles não teriam atacado! – disse. – Urbain estava com as vestes de um Feiticeiro da Lua Negra, eles não se arriscariam a atacar... A não ser que...

– ...Soubessem quem ele era – completou Ariene. – Soubessem quem eles são!

– E estivessem justamente atrás deles!

Foram arrastados por uma floresta escura que foi ficando cada vez mais fechada, até que foram jogados num buraco. Urbain e Bianca foram jogados primeiro e ele não pôde deixar de reprimir um gemido com o tombo, pois por mais que tentasse disfarçar, ainda estava ferido. Bianca sabia como cair, e nem se arranhou. Quando jogaram a fadinha, Urbain se levantou o mais rápido que pôde e a segurou, antes que caísse e se machucasse. A menina agarrou seu pescoço num pranto convulsivo, e ele tentou acalmá-la, enquanto se aproximava de Bianca.

Apesar de não ter se ferido com a queda, Bianca estava tonta e dolorida. Dessa vez, não teve a dádiva de perder os sentidos, nem de ter alguém que pudesse curar suas feridas antes mesmo de acordar. Levantou-se, verificando os ferimentos que as garras fizeram ao carregá-la.

– Eu odeio essas coisas feias... – resmungou.

Um som de ranger chamou a atenção deles. Foi então que perceberam. Não era um simples buraco. Era um senhor buraco! O ranger vinha de uma porta que se abria, grande o bastante para passar um touro. Ou algo tão grande quanto.

Urbain protegeu a filha com o próprio corpo, ainda segurando a fada no colo e se afastou da porta que abria. Esperava que não saísse dali uma coisa feroz e cheia de dentes pronta para estraçalhá-los, porque não tinha sua espada, não tinha uma faca, não tinha nem um palito de dentes consigo. Só estavam esperando o almoço! Como saberia que precisaria de todo o seu arsenal?

A porta terminou de abrir. Da escuridão, surgiu uma criatura magra e esquisita. Um troll, com certeza, mas este tinha um olhar diferente... Um olhar inteligente. O troll, pouco mais alto que Urbain, mesmo andando ligeiramente curvado, deu alguns passos, observando-os de cima a baixo. Então, com um movimento de mãos, chamou-os para a porta. Urbain e Bianca se entreolharam. A criatura repetiu o movimento, já um pouco impaciente. Mais quatro trolls armados com porretes apareceram na porta. Urbain e Bianca não pareciam ter muita escolha.

Seguiram lentamente por um corredor escuro e largo. Tochas iluminavam o caminho no chão de pedra. Até que chegaram a uma cela, para onde foram encaminhados. Era um lugar úmido e frio e demoraram um pouco para se acostumarem ao cheiro de mofo. Naquele lugar, ficaram durante algum tempo.

Urbain deixou Eileen com a filha e pôs-se a andar de um lado para o outro, verificando a firmeza das grades. Fazia muito tempo desde que ficara numa cela bem parecida em Loudun e as memórias daquela época não lhe caíram muito bem. Loudun era um lugar que ele fizera um enorme esforço para esquecer. Bianca tentou inteirá-lo do pouco que sabia sobre os trolls e do que acontecera da última vez em que fora capturada por uma horda deles. A passagem sobre ter que brigar numa arena com um dragão de mau humor fez Urbain arregalar os olhos por alguns instantes, e então continuar tentando forçar as grades na esperança de que algumas das barras pudessem estar podres.

Poucas horas depois, três trolls armados foram até sua cela. O troll magrelo de olhar malicioso os acompanhava. Ele usava uma espécie de túnica com pequenos ossos pendurados que chocalhavam enquanto ele andava. Eileen, assustada, se agarrou no pescoço de Urbain, que se levantou com a menina no colo. Abriram as portas e compreenderam que deviam acompanhá-los. Urbain buscou com os olhos alguma oportunidade de desarmar um guarda e fugirem, mas quando se está com uma adolescente e uma criança, a miríade de planos de fuga possíveis diminui um bocado.

Passaram por um grande salão, repleto de trolls de todos os tamanhos. Eles estavam trabalhando. Consertavam espadas e alguns pareciam estar treinando desajeitadamente com martelos, foices e outras armas. Trolls fêmeas incrivelmente feias ergueram os olhos de suas costuras para eles enquanto passavam.

– Credo... – murmurou Urbain. – Isso aqui parece um trem-fantasma...

Seguiram por uma ponte que ligava um salão ao outro. Abaixo da ponte, um lençol d'água supria água para todos. Sua superfície espelhada era negra e podia-se ouvir seu canto discreto. Do outro lado, passaram por dois trolls que mediam quase três metros e pareciam guardar alguma coisa muito importante atrás de uma porta. E foi nessa porta que o troll magrelo bateu.

Ferrolhos do outro lado foram retirados e a porta se abriu pesadamente. A criatura entrou. Eles acharam que era melhor segui-la. Os trolls da porta os olhavam de uma forma assustadora.

Entraram num salão onde dois outros trolls guardavam a porta do lado de dentro. O salão possuía tapetes e baús repletos de ouro, joias e tecidos. Uma mesa estava repleta de frutas e iguarias, aparentemente, intocadas. A criatura fez um gesto para alguém sentado num trono escuro. Os olhos deles ainda não tinham se acostumado o bastante para ver quem estava lá e a luz não o alcançava.

– Majestade! Trouxemos uma coisa que pode lhe agradar! – disse a criatura.
– Um presente que certamente o deixará feliz!

Houve um movimento no trono, como se alguém levantasse a cabeça em interesse.

O troll magrelo agarrou Bianca pelo braço e a puxou para frente. Urbain tentou impedir, mas um dos trolls guardas o segurou.

– É essa é a humana que deseja? Nós a trouxemos para vossa majestade. Se não for do seu agrado, podemos dá-la a outros. Também trouxemos esses dois.

O troll se voltou para Urbain e arrancou-lhe a fadinha dos braços. Ele resistiu, mas o troll que o segurava torceu seu braço e empurrou sua cabeça, forçando-o a ficar de joelhos. O troll magrelo pegou a menina-fada e a mostrou para o rei.

– Sabemos como sempre gostaste de arrancar asas dessas criaturinhas! Eis aqui uma para o seu gosto! E quanto ao homem, bem, ele luta bem. Dará uma ótima diversão para os homens em treinamento!

Bianca olhou em volta e só viu paredes de pedras. Suas pernas começaram a tremer. Não conhecia outra saída senão aquela por onde entraram. As coisas estavam ruins. Bem ruins.

O rei levantou-se do trono e desceu os três pequenos degraus que o separavam da luz.

A fadinha parou de chorar. Bianca parou de respirar. Urbain parou de pensar. Diante deles, com uma coroa de ouro na cabeça, Zac os olhava.

– A mulher me interessa – disse ele. – Quanto aos outros, coloquem-nos numa cela e que ninguém os toque. Já tenho planos para os dois.

O troll magrelo sorriu e deu ordens para que soltassem Urbain ao mesmo tempo em que ele próprio soltara a fadinha, que correu para os braços do homem que se levantava. O troll guarda arrastou Urbain para fora. Ele e Bianca ainda se olharam, mas não houve nada que pudessem fazer.

– Kajinski, mande o guarda esperar lá fora! – disse o rei.

O troll magrelo se virou e o olhou com aqueles pequenos olhos vermelhos de roedores de forma inquisidora.

– Temo que não seja possível, majestade...

O rei se aproximou e o olhou duramente.

– Eu preciso de privacidade. Eu quero que ele espere lá fora.

Kajinski pareceu analisá-lo por alguns momentos. Então, deu seu sorriso sem lábios e fez uma reverência com a cabeça. Virou-se e deu uma ordem para o troll sair. Quando ele saiu, o troll foi junto, e a porta foi fechada por fora.

Vendo-se sozinho, o rei se aproximou de Bianca. E então a abraçou.

– Você veio!... – disse ele, a voz trêmula.

Capítulo 16

A Fuga

Ela o abraçou de volta e ficaram assim por alguns segundos, até que ele a soltou. Então ela o olhou e de todas as palavras que pensou que diria quando o encontrasse, não esperava que fossem essas:

– Mas que diabo!!!

Ele tentou explicar. Retirou a coroa pesada e desconfortável da cabeça e a jogou num canto.

– Eles me trouxeram para cá e estão tentando me convencer de que sou um deles, de que sou o único herdeiro do trono de uma tal de Corte Unseelil! Eu estava apavorado demais pra contrariá-los, então estou fingindo. Mas Kajinski é muito esperto! Ele não está confiando em mim!

Bianca queria não pensar nisso agora, mas era a única coisa que lhe vinha à mente.

– Então é você mesmo!...

– O quê? – ele se virou para ela sem entender.

– Você é Zacariel! Eles sabem! Por isso o trouxeram pra cá!

– Bianca, você já viu essas criaturas? Eu vi uma gritando palavrões para o fogo porque se queimou! Vi outra conversando com uma samambaia! Não são exatamente criaturas brilhantes! Poderiam ter trazido um manequim de loja no meu lugar e nem iam notar.

Bianca tentou se concentrar no problema mais premente. A mesa de comida chamou sua atenção.

– Você comeu ou bebeu alguma coisa?

– Não... – respondeu, ele, parecendo exausto. – Eu li naquele livro que você me emprestou que não se deve fazer isso ao visitar o mundo das fadas...

– Há quanto tempo você está aqui?

– Não sei... Eles me trancaram aqui desde que cheguei, não sei quando é dia ou noite... Parecem dias...

Ele se sentou no degrau diante do trono, nitidamente exauido. Bianca se aproximou dele e retirou do pescoço uma garrafinha. Era a garrafinha que o Urisk lhe dera da outra vez e que guardara com muito carinho. Aquela garrafinha, ou melhor, seu conteúdo, mudara tudo. Como já possuía o formato ideal para ser carregado num cordão, Bianca achou que seria sábio colocar a água das asrais dentro dele. Ela não sabia o quanto estava certa.

– Tome! – disse ela. – Beba isso!

Ele a olhou confuso.

– É a água encantada das asrais! – explicou ela. – Tomando isso, você fica imune à regra da comida e bebida e pode comer e beber o que quiser deste mundo.

Ele pegou a garrafinha e retirou a tampa. Olhou pra ela mais uma vez e ela lhe deu um olhar confiante. Então ele bebeu todo o conteúdo. Assim que terminou, levantou-se e olhou para a mesa repleta de frutas e jarras de cerâmica cheias de água fresca.

– Vá comer e beber! – ordenou ela. – Nós vamos sair daqui e não quero você desmaiando de fome no caminho!

Zac correu para a mesa e bebeu água direto da jarra, deixando-a escorrer pelo rosto. Pegou a primeira fruta que viu e comeu, misturando com um pedaço de pão que pegou com a outra mão. Se engasgou quando ouviu um grito. Virou-se com a boca cheia e viu Bianca jogando coisas e gritando.

– NÃÃO!!! PARE!!! EU NÃO QUERO!!! AAAAAAH!! ME DEIXE EM PAZ!!!!

– O que está fazendo??? – disse ele, cuspiendo farelos.

– Ganhando tempo! – sussurrou ela, fazendo um movimento com as mãos para que ele continuasse comendo.

Então, gritando como se estivesse sendo atacada, Bianca revirou os baús repletos de saques, jogando as coisas pelo chão e procurando algo que pudesse lhe ser útil. Bianca temia que Kajinski desconfiasse se ficassem tempo demais em silêncio e entrasse a qualquer momento. Ela precisava convencê-lo de que Zac era o que ele queria que ele fosse, e isso requereria mais do que a péssima interpretação de Zac.

Bianca achou uma espada, grande e pesada demais para que ela pudesse usá-la, mas ideal para seu pai. Achou também uma sacola de moedas de ouro.

Ainda gritando, e sentindo-se uma maluca, Bianca levantou a saia. Zac continuou comendo e bebendo água para empurrar. Precisou parar quando viu a moça levantando a saia de costas para ele e amarrar uma espada em uma das pernas. Engoliu o que estava comendo e esperou que ela não fosse maluca como estava parecendo naquele momento, ou iam acabar todos mortos. Bianca foi até a mesa, ainda gritando, e escolheu algumas frutas escuras. Deu uma dentada e passou a fruta mordida em partes do corpo. Puxou a parte de cima do vestido de forma que os ombros ficassem nus.

– O que você está fazendo, pelo amor de Deus??! – perguntou ele, um tanto chocado.

– Confie em mim! – respondeu ela.

Os dois trolls de três metros com clavas gigantes cheias de pregos se entreolharam quando ouviram alguém bater na porta. Ouviram a voz do rei

mandando-os abrir aquela porta imediatamente. Hesitaram, mas a insistência e a firmeza da voz do rei terminaram por convencê-los. Abriram a porta e de lá saíram o rei e a moça que lhe entregaram. Ela estava descabelada, com várias marcas pelo colo nu e mantinha a cabeça baixa enquanto abraçava a si mesma. O rei a segurava firmemente pelo braço.

– Acabei de saber por esta humana estúpida que temos um traidor entre nós! – disse o rei.

Os trolls se entreolharam de novo e Zac temeu que eles nem estivessem entendendo o que estava lhes dizendo. Procurou parecer indignado.

– Kajinski é um traidor! Ele está armando uma conspiração! Quero que o tragam aqui imediatamente!

– Kajinski manda! – disse um dos trolls.

– Kajinski é o rei? – perguntou Zac.

Os trolls pareceram confusos.

– Isso mesmo! EU sou o rei! E Kajinski é um traidor! Tragam-no aqui! Eu o quero na sala do trono AGORA!

Os trolls deram um passo hesitante para trás.

– VÃO!

E o grito de Zac foi o bastante para convencê-los de vez. Os trolls correram pelos grandes corredores em busca de Kajinski, deixando o rei prisioneiro e sua humana livres.

Assim que viraram as costas, Zac desmontou, respirando e se apoiando na parede.

– Acho que vou vomitar... – murmurou ele.

– Vomita depois! – disse Bianca, ajudando-o a seguir em frente. – E volte para o seu personagem! Você precisa ser rei dos trolls por mais alguns minutos.

Zac respirou fundo e se empertigou, tentando disfarçar o fato de ter pavor daquelas criaturas. Estava com a mesma roupa com que chegara, mas usava a coroa rústica de ouro puro e um pesado manto de pele negra de algum animal. Caminhou arrastando Bianca pelo braço e Bianca voltou a se portar como uma escrava abatida. Eles passaram por alguns corredores e logo encontraram um troll que parecia estar de guarda. Este, felizmente, ultrapassava apenas um pouco a altura deles, embora fosse tão feio quanto os outros.

– Guarda! Preciso ter com os outros prisioneiros! Leve-me até eles!

O troll hesitou, olhando para os lados, talvez buscando a presença de Kajinski para confirmar essa ordem do rei que nunca saíra da sala real.

– AGORA!!! – gritou Zac, assustando o troll. – Ou você vai querer irritar seu rei?!

O troll então os guiou por outros corredores, felizmente desertos, até chegarem num corredor mais escuro. Talvez pelo tamanho dos trolls maiores, não havia corredores estreitos ou salas pequenas por ali. Tudo era grande. Grande e opressor. Caveiras de animais e humanos enfeitavam as paredes e as tochas davam um ar assombrado ao lugar.

Havia uma cela com grades e, dentro dela, Urbain estava sentado recostado na parede, ninando a fadinha e tentando acalmá-la. Arregalou os olhos quando viu Zac trazendo sua filha de ombros nus e cabisbaixa.

– Me dê as chaves! – ordenou Zac para o troll.

O troll lhe entregou as chaves, embora parecesse confuso.

– Há outra saída?

O guarda lhe explicou como chegar lá.

– Muito bem, guarda! – respondeu Zac. – Vá até a sala do trono e sirva-se da mesa real! Há bom vinho lá!

O troll arregalou os olhos e concordou com a cabeça, saindo correndo a seguir. Zac abriu rapidamente o cadeado e ele e Bianca entraram. Quer dizer, Bianca entrou. Zac foi arrastado pelo pescoço para dentro por um Urbain muito, muito zangado.

O homem o agarrou pelo pescoço e o jogou com violência contra a parede da cela.

– O que você fez com minha filha? – rosnou ele.

Zac responderia, se pudesse. Sentiu o ar faltar e se debateu, tentando se livrar de Urbain, que, por sua vez, demorou para perceber que sua filha pulava em seu braço, pedindo para parar. Quando finalmente olhou para ela, percebeu que ela estava tirando os hematomas simplesmente esfregando as mãos sobre eles. E somente então ele conseguiu ouvi-la.

– Estamos fingindo! Estamos fingindo! É só um truque para fugirmos!

Urbain ainda demorou alguns segundos para assimilar a notícia. Olhou desconfiado para o rapaz que estava estrangulando, até finalmente soltá-lo.

Zac se apoiou na parede com a mão no pescoço, as pernas dobrando, tentando recuperar o fôlego. Bianca abraçou o pai e Eileen, mas sabia que não tinham muito tempo. O plano era frágil e contava unicamente com a burrice dos trolls. Assim que Kajinski entrasse em cena, possivelmente estariam novamente em desvantagem. Bianca levantou a saia, revelando a espada amarrada na perna direita. Desamarrou-a e entregou-a ao seu pai.

– Muito bem! – disse Urbain, consertando o vestido da filha e cobrindo seus ombros com um olhar acusador. – O plano de vocês continua a partir daqui ou temos que improvisar?

– As duas coisas, acho... – respondeu Bianca.

Saíram da cela e seguiram o caminho contrário de onde vieram. O guarda disse que havia uma saída usada para os prisioneiros descendo o corredor das celas até o final, passando pelo salão da comida. Eles não sabiam o que era o salão da comida, mas imaginaram que fosse um lugar onde estocavam alimentos.

Seguiram pelos corredores escuros. As celas estavam vazias, para seu alívio. Não gostavam da ideia de mais alguém estar nas garras daqueles monstros. O lugar ficou mais escuro, fazendo com que eles diminuíssem o passo. Acharam uma porta. Zac tentou abri-la.

– Trancada! – constatou.

Urbain o afastou e com um único golpe de espada quebrou a tranca e abriram a porta, para se depararem com uma centena de trolls se alimentando como animais. Todos pararam para olhar para eles.

– Ah... – deduziu Bianca. – A sala da comida é o refeitório...

Zac passou a frente de Urbain e entrou, com o rosto altivo.

– Continuem, trolls! Só estou passando para inspecionar!

Então eles foram passando ante os olhares curiosos dos trolls. Eles comiam em longas mesas de madeira com pratos de madeira e canecas de metal. Ossos de animais estavam espalhados pela mesa e carcaças estavam jogadas ao chão. Estavam no meio do caminho quando ouviram uma voz atrás deles.

– Os humanos enfeitiçaram nosso rei! Detenham-nos!

Eles se viraram e viram Kajinski apontando-lhes o dedo ossudo com os dois trolls de três metros de pé atrás dele. Bianca, que trazia Eileen pela mão, imediatamente pegou o saco de moedas de ouro e quando os trolls que comiam começavam a se levantar para atacá-los, ela jogou punhados de moedas no meio deles.

– Um presente do seu rei generoso!!! – gritou ela.

Os trolls saltaram em cima das moedas, se atracando e brigando entre si para ficar com uma. Com uma ordem de Kajinski, os dois guardas correram atrás deles. Enquanto eles mesmos corriam para a saída, Bianca ia jogando moedas no caminho atrás deles, fazendo com que trolls ambiciosos atrapalhassem a passagem dos dois guardas.

Um terceiro guarda de três metros surgiu diante deles quando estavam a apenas alguns passos da porta. Urbain assumiu a frente e atacou-o com a espada. O guarda era grande, porém pesado. Sua clava passou raspando por eles nas duas vezes em que tentou. Urbain precisava tirá-lo do caminho, antes que os outros dois guardas chegassem. Deu-lhe um corte na perna que irritou a criatura e então Urbain deu vários passos para a direita. Furioso, o troll partiu para cima dele, que gritou para os outros passarem pela porta. Bianca hesitou, mas Zac a puxou e eles passaram.

– Não podemos deixá-lo para trás! – gritou Bianca, parando assim que entraram num túnel escuro e úmido.

Zac parou também, ofegante, e esperaram alguns segundos. Ouviram passos apressados de alguém correndo. Não eram passos pesados, mas de um humano comum e respiraram aliviados ao ver o rosto de Urbain.

– O que estão fazendo aqui?? Corram!

O caminho foi ficando cada vez mais escuro, até que a voz de Eileen foi ouvida.

– Estrelinha, estrelinha, que ilumina a noite escura, me dá sua luz agora e manda a escuridão embora!

Então ela bateu palminhas e, antes de acharem aquele versinho muito bonitinho, ela mesma se iluminou, jogando luz no caminho.

Correram pelo único caminho possível. O lugar estava mais úmido e havia um barulho conhecido.

– Isso é água? – perguntou Bianca.

Chegaram finalmente a um grande rio subterrâneo. Pararam, ofegantes, e olharam em volta.

– O que é isso? – perguntou Bianca, colocando Eileen no chão ofegante.

– Acho que é um rio! – respondeu Zac, que tinha perdido a coroa na correria.

– Eu sei que é um rio, seu idiota, eu quero saber por que ele está aqui! – Bianca perdeu a paciência. – Isso aqui era pra ser uma saída para os prisioneiros!

– Peraí... – pensou Urbain. – E desde quando os prisioneiros saem?

– Quando morrem!

Todos olharam para quem deu a resposta. Atrás deles alguns metros, Kajinski sorria vitorioso.

– Isso sempre foi prático! Quando os prisioneiros morrem, é só jogar os corpos que o rio dá seu jeito. Agora, que tal voltarem conosco agora?

Trolls do tamanho de humanos normais passaram por Kajinski e Urbain ergueu sua espada. Com dois golpes circulares muito rápidos, derrubou dois. O terceiro, no entanto, conseguiu atingi-lo com uma clava. Urbain perdeu o equilíbrio e esbarrou em Zac. Os dois caíram na água. Apavorada, Bianca fez a única coisa que achou que poderia fazer. Um dos trolls saltou em sua direção e ela agarrou Eileen e saltou na água abraçada à menina, segundos antes de um troll quase agarrar seu vestido.

Capítulo 17

Surpresa!

Seguiam em seus cavalos em silêncio, alheios à beleza do caminho. Quando a tristeza faz ninho em nosso coração, retira de tudo a beleza e a poesia. Não é surpresa que tudo fique subitamente cinza. Essa é a cor da tristeza e ela a empresta a tudo que toca.

Lorena tentava manter sua mente livre dos seus piores temores, mas eles pareciam agarrar-se a ela com determinação irritante. Foi quando percebeu que Marcos dissera alguma coisa que ela não ouvira.

– O quê?

Marcos a olhou como se não tivesse percebido que tinha falado algo.

– Nós vamos achá-los! – repetiu, dessa vez com mais determinação.

Lorena lhe deu aquele sorriso de resignação que ele conhecia e que odiava. Era o sorriso que dizia: “Não acredito, nem concordo, mas se vai fazer você feliz, então vou dizer que sim”. E voltou a olhar para o caminho a sua frente.

Marcos tocou em sua mão, chamando sua atenção novamente.

– Eles são minha família também... – disse ele, olhando-a nos olhos.

Lorena percebeu o quanto estava sendo egoísta em sua dor. Marcos era o irmão que ela escolhera, seu melhor amigo há quase vinte anos e estivera presente em todos os momentos durante esse tempo. Ele estava lá quando decidiram ajudar Urbain, mesmo que ele não merecesse. Estivera lá tacando fogo em Loudun – mais de uma vez. Segurou sua mão quando achou que ia morrer com uma flecha em seu peito. Segurou Bianca nos braços em seu batismo. Ajudou Urbain a se adaptar a essa nova vida, tornando-se um inusitado e leal amigo de seu marido também. Sim, Marcos estivera lá o tempo todo. A dor que ela sentia era do mesmo tamanho que a dele.

Ela concordou com olhos brilhantes, apertando a mão dele de volta, deixando claro que compreendia.

– Nós vamos achá-los... – repetiu ele.

Dessa vez ela sorriu e concordou com a cabeça, mas ele podia ver claramente a diferença. Dessa vez, ela acreditava. Fizeram os cavalos correrem de novo. O tempo urgia.

Haviam cavalgado por cerca de uma hora e meia, alternando velocidade e trote para não sobrecarregar os cavalos. Naquele momento, eles caminhavam, puxando os belos animais pelas rédeas prateadas. Esticavam as costas e as pernas

ao mesmo tempo em que davam uma folga aos cavalos e descansavam os próprios traseiros.

– Ainda bem que aprendemos a andar de cavalo em Loudun! – comentou Marcos.

– Com certeza... Minhas aulas de direção não parecem valer nada nesse lugar.

Uma revoada de pássaros de longas caudas coloridas passou por eles, deixando um rastro de cor e luz no céu azul, como de deixassem pequenos flocos de purpurina em seu caminho.

– Nossa! Esse lugar é incrível!... – espantou-se Marcos.

– Olhe isso! – disse Lorena, apontando para o grande rio azul que se estendia ao lado deles.

A água era tão azul e tão brilhante que simplesmente não parecia real.

– Caramba! Isso não existe! – exclamou Marcos. – É uma criação do photoshop, que nem a Angelina Jolie!

Eles caminharam pela sua lateral, sentindo a brisa refrescante e observando peixes cor de prata serpentearem por baixo do véu de água cristalina. Ficaram em silêncio por alguns minutos, ouvindo apenas os pássaros, o vento nas árvores e o trotar suave dos cavalos.

– Gostaria que Marcel tivesse vindo... – disse finalmente Marcos.

Ambos sentiam falta do amigo. Marcel dava um sentido de segurança e confiança do qual estavam sentindo falta naquele momento.

– Eu sei... – concordou Lorena.

– E não sei se o perdoo por não ter vindo... – continuou Marcos, mais uma vez dizendo o que ia no coração dos dois.

– Eu lhe disse que não precisava vir conosco... – confessou Lorena. – Então não posso culpá-lo por ter usado a porta que lhe abri. Marcel não é como nós, Marcos... Ele não lida bem com essas... coisas!

Marcos respirou profundamente.

– É. Eu sei. Mas ainda assim vou dar uns tapas nele quando voltarmos!

Levaram os cavalos até a margem para beberem água e aproveitaram eles mesmos para molharem o rosto e beberem também. Lorena viu um peixe estranho. Ele se movia sob a água como um lagarto, lembrando aqueles peixes jurássicos de documentários.

O animal se moveu rapidamente, seguindo na margem, e Lorena o seguiu, curiosa. Quando ele parou, ela se abaixou, tentando ver melhor. Foi quando o animal se virou para ela. Lorena deu um salto para trás, espantada com o focinho de porco ligeiramente assustador que o animal tinha. Aparentemente, o animal se

assustou tanto quanto Lorena, pois moveu rapidamente suas patas nadadeiras e desapareceu nas águas mais profundas.

– Nossa! Tem umas criaturinhas bem bizarras por aqui, hein?...

Ninguém respondeu. Ela se virou e não viu Marcos no lugar onde o deixara. Os cavalos permaneciam ali, aguardando pacientemente, como se nada tivesse acontecido.

– Marcos?

Lorena adiantou o passo e foi até onde estavam. Gritou pelo nome do amigo e foi quando o viu dentro d'água. Ele não estava nadando ou coisa assim. Lorena deu vários passos para dentro da água, tentando ver melhor. Conseguiu vê-lo dentro do rio, embevecido com uma linda donzela, que o puxava pelo pescoço sedutoramente. Sem pensar, Lorena mergulhou e assim que o fez pôde ver claramente o amigo abraçado à bela sereia, enquanto esta o puxava para baixo.

Lorena mergulhou mais profundamente com vigorosas braçadas, até agarrar o braço de Marcos. Puxou-o para cima, libertando-o daquele abraço fatal e buscou a superfície para respirarem novamente.

A sereia, no entanto, não ficou feliz com a interrupção e nadou velozmente atrás deles, puxando o rapaz pelo braço livre antes que alcançassem a superfície.

O cabo de guerra não prestigiava Lorena. A sereia agitava agilmente a grande calda azul brilhante, puxando os dois para o fundo, mas Lorena não desistiu. O ar estava terminando, o coração começou a bater como um tambor, alertando que ela precisaria respirar logo. A sereia os puxou novamente para baixo e se elevou para ficar cara a cara com a rival. Ela uma mulher linda com enormes olhos negros e cabelos que se desenhavam em ondas ao redor do rosto perfeito. Mas ela tinha aquele sorriso de vitória que Lorena detestava. Talvez fosse aquele sorriso que ela vira tantas vezes em pessoas que sentiam prazer em tirar as coisas dos outros, um sorriso de político e de amante, ou talvez fosse o desespero em ver sua vida terminar ali, deixando filha e marido à mercê dos monstros que os levaram. Ela não sabe o que, mas alguma coisa fez Lorena agir.

Num movimento inesperado, Lorena arranhou o rosto da sereia. A criatura gritou e Lorena não parou para pensar no quão estranho era ouvir um grito dentro da água. Buscou o ar e puxou Marcos para cima. Em poucos segundos, que pareceram dolorosamente longos, eles irromperam num salto, quebrando a superfície espelhada e perfeita em milhares gotas cintilantes.

Respiraram avidamente e tossiram. Marcos, felizmente, tinha saído de seu estado abobado e compreendia que era preciso nadar. Avistaram terra a poucos metros deles e foi exatamente para lá que nadaram, esperando que nada os agarrasse pelas pernas como no filme Tubarão.

Chegaram na areia branca e macia e se arrastaram para fora da água. Assim que conseguiu recuperar o fôlego e seus pulmões pararam de pegar fogo, Lorena virou-se para Marcos.

– Seu idiota!!!

– Eu... Eu...

Ele não sabia se explicar e também não conseguia ar o suficiente para pensar e falar ao mesmo tempo, mas Lorena já estava se recuperando, graças a anos de yoga, controle da respiração e boa alimentação.

– Era uma sereia! Uma cretina de uma sereia!!! Quantos filmes você viu onde sereias arrastam pessoas para a morte? Não morre, desgraçado, que eu preciso de você para achar Bianca e Urbain!

Marcos não respondeu. Preferiu respirar.

Ficaram ali mais alguns minutos, sentindo as forças voltando às pernas e braços, acalmando o coração acelerado.

– E Zac! – respondeu finalmente Marcos. – Precisamos achar o Zac também, ou sua filha vai ter um treco!

– É. E Zac. Não sairemos daqui sem os três... – concordou ela.

Levantaram-se, molhados e ainda pálidos. Somente então olharam em volta.

– Ué! – disse Marcos. – Cadê os cavalos?

Lorena girou atarantada, não acreditando que aqueles animais tão bem comportados tinham fugido, até que ela parou de repente e forçou a vista para ter certeza do que estava vendo.

– Eu não acredito! É só a gente estacionar os cavalos pra vir alguém e roubá-los!!! – reclamava Marcos, procurando em volta.

– Achei os cavalos... – disse Lorena.

Quando Marcos olhou para ela, Lorena apontou para a margem do outro lado daquele grande rio azul. Lá longe, um dos cavalos pastava sem maiores preocupações enquanto o outro os olhava curioso.

– Como eles foram parar lá? – perguntou Marcos, ainda confuso.

– O que vocês estão fazendo aqui?

A voz diferente e com tom de ordem os assustou. Quando se viraram, se depararam com guardas de roupas incrivelmente brilhantes, armados com espadas e lanças igualmente reluzentes. Eram cerca de dez homens armados e o que parecia o comandante deles esperava uma resposta.

– Sabe? – disse Marcos. – É uma história engraçada! Você teria um tempinho?

Estavam numa ilha. Ao menos, foi o que deduziram. O rio era largo demais para terem chegado do outro lado da margem tão rápido, então, aquilo tinha que ser uma ilha. A dúvida que tinham era que nenhum dos dois havia visto uma ilha naquele rio que parecia um lago. Os guardas os levaram pela densa vegetação, cujo verde variava de um verde primaveril a um verde profundo e escuro. Marcos tentara tirar alguma informação dos guardas, mas não teve sucesso. Quando estava pronto para reclamar com Lorena que aquela gente era muito antipática, foram iluminados pelo sol.

A vegetação densa e opressora subitamente se abria para um céu colorido de azul, rosa e dourado, onde pássaros e fadas voavam em profusão. Diante deles, um imenso jardim se estendia colina acima, onde um palácio de proporções gigantescas se elevava gracioso com flâmulas tremulantes ao vento.

– UAU!

Foi só o que eles conseguiram dizer diante de tal beleza.

– Fique calma, Lorena! – disse Marcos, tentando acalmar a companheira. – É um castelo tão bonito! Não pode ser um lugar ruim!

– Já ouviu falar de calabouço?

E Marcos não falou mais nada. Subiram colina acima com facilidade e foi quando Marcos e Lorena perceberam que já estavam completamente secos. Ao se aproximarem do castelo, viram pessoas incrivelmente belas e seres encantados correrem e brincarem. Conforme passavam, paravam para olhar os prisioneiros, cochichando entre eles.

Adentraram o castelo cujas portas tinham mais de três metros de altura com esculturas em relevo ao seu redor. O capitão se apresentou e com voz vigorosa anunciou sua presença.

– Capitão Swenney se apresentando, Majestade! Trazemos invasores para sua apreciação!

Uma voz feminina se fez ouvir e Marcos e Lorena se encantaram com a beleza da mulher sentada no trono de pérolas e pedras preciosas.

– Meu pai não está no momento, Capitão! Eu tomarei essas decisões. Aproximem-se, invasores.

Lorena e Marcos se aproximaram hesitantes. A bela mulher tinha cabelos que reluziam como ouro e ondulavam até suas costas. Seu rosto era longo e perfeito e seus olhos eram castanhos avermelhados. Ela se inclinou para eles.

– O que querem em nossas terras?

– Ir embora! – respondeu prontamente Lorena.

– Que falta de educação, Lorena! – disse Marcos. – Assim eles vão cuspir na nossa comida!

– Se só o que desejam é deixar a ilha, isso é muito fácil de ser arranjado. Capitão! Joguem esses dois de volta ao rio!

– Não! – gritou Marcos. – Esse rio tem sereias! Nós quase nos afogamos!

A moça no trono não pareceu se compadecer e os guardas começaram a levá-los.

– Nós não podemos ter uma segunda opinião??? – gritou Marcos, enquanto era arrastado. – É tipo um último pedido!!!

Com um gesto de mãos, a princesa mandou que parassem. Ela fez um ar pensativo e finalmente se levantou.

– Não posso negar um último pedido a quem vai morrer nas profundezas das águas... – disse ela. – Seria desumano! Então, chamarei meu noivo e ele dirá o que fazer com vocês.

Um dos serviçais ao redor do trono saiu para chamar o homem que tinha o destino deles nas mãos. Marcos e Lorena se apertaram e tentaram pensar rápido.

– O que fazemos? – cochichou Lorena.

– Assim que se distraírem com o cara que vão trazer, a gente sai correndo! – sussurrou de volta Marcos.

Eles esperaram alguns minutos enquanto a princesa voltara a se sentar em seu trono e os olhava com o rosto impassível. Passos foram ouvidos e os guardas se empertigaram como se alguém muito importante estivesse se aproximando.

– É agora!

Assim que Marcos deu o sinal, ele empurrou o guarda que estava ao seu lado e Lorena empurrou o guarda que estava ao lado dela. Saíram correndo, tentando se esquivar dos outros dois guardas que estavam logo atrás. Marcos socou um deles, mas Lorena foi agarrada. Quando ele percebeu que ela ficara para trás, parou para olhar e foi atropelado por três guardas que saltaram em cima dele como se estivessem num jogo de futebol americano.

Uma voz grave ordenou que parassem e os guardas trouxeram os prisioneiros de volta.

– Isso não é justo!!! Nós não fizemos nada! Nós caímos no canto da sereia!!! Eu quero meu advogado!!!

– Marcos...

– Eu posso trabalhar!!! Não nos matem! Eu sei cantar!

– Marcos!!!

– Que é?

E finalmente Marcos olhou para o homem que chegara e seu queixo caiu. Ele estava vestido com uma belíssima túnica de tecido azul e brilhante, com botas de couro escuras e reluzentes. Um medalhão de ouro brilhava em seu peito e ele

parecia um pouco mais alto. Houve um segundo de surpresa de ambos os lados. Até que Lorena o quebrou.

– Marcel???

A surpresa foi recíproca. Ficaram alguns segundos boquiabertos se olhando.

– Como?... Quando?... O quê?... – Marcos não conseguia ordenar os pensamentos, muito menos as palavras. Parou para respirar enquanto olhava para Marcel diante dele.

Marcel estava vestido como um príncipe, com uma pomposa veste azul com detalhes prateados, com uma espada brilhante na cintura. E ele parecia tão surpreso quanto eles.

– Onde diabos vocês estavam?! – gritou Marcel, descendo os poucos degraus que os separavam.

Lorena tentou se aproximar, mas um dos guardas ainda a segurava. Com um movimento de mão de Marcel, o guarda a soltou. Então a mulher se aproximou dele e o abraçou.

– Achamos que você não tivesse vindo! – disse ela, quando o soltou.

– Como podem ter achado isso?! – reclamou Marcel. – É claro que eu vim! Mas quando cheguei, não encontrei vocês!

– Vocês se conhecem?

Marcel se virou para a princesa que os observava curiosa. Ele viu que estava na hora das apresentações.

– Querida, esses são Lorena e Marcel. São meus melhores amigos. E Lorena é também minha prima.

A belíssima mulher de cabelos da cor do ouro os olhou ligeiramente mais interessada.

– Lorena, Marcel... Essa é Oisin dos Cabelos Dourados... Minha noiva. Segundos constrangedores de silêncio se seguiram.

– Sua o quê?... – balbuciou Lorena.

– Que maravilha ter amigos e uma parenta do meu noivo aqui conosco! – interrompeu Oisin com um largo movimento de braços e um sorriso tão largo quanto. – Estou imensamente feliz!

– Feliz? – espantou-se Marcos. – Há pouco você queria nos matar!

– Oh! – a moça levou os delicados dedos à boca. – Desculpem-me por isso! Vamos preparar um grande banquete para compensar!

– Isso, querida! Arranje tudo! Enquanto isso, deixe-me falar com eles um pouco, está bem?

Ela lhe deu um suave beijo estalinho no rosto e os deixou. Os guardas a seguiram. Marcel então se viu sozinho com os amigos, que continuavam definitivamente perplexos.

– Como chegamos a isso? – perguntou Marcos.

Marcel respirou fundo. Ia confessar uma coisa da qual se envergonhava.

– Eu hesitei...

Os outros não entenderam.

– Na hora de atravessar o portal... eu hesitei. Tive medo. Morri de medo, na verdade, do que ia encontrar do outro lado e do que estaria perdendo do nosso mundo. Demorei alguns minutos para atravessar. Quando cheguei, vocês não estavam lá.

Eles começaram a caminhar pelo grande salão do castelo, onde tapeçarias de cores vivas pendiam das paredes e a luz entrava colorida pelos vitrais das janelas altas.

– Era uma floresta escura e eu corri a esmo, chamando por vocês. Quando de repente, caí num rio. A correnteza me levou e eu não conseguia manter a cabeça fora d'água.

– Nossa! – disse Marcos. – Parece eu com minha conta bancária!...

– Achei que ia morrer quando Oisin me salvou.

– Ela é uma sereia? – perguntou Lorena.

– Não exatamente – explicou Marcel. – Ela é uma moça encantada, filha do rei de Tir Nan Og.

– E quando foi o noivado? Antes ou depois de se secarem? – perguntou Marcos, cruzando os braços.

– Foi tudo muito rápido! Ela é a mulher mais linda que já vi e salvou minha vida. Quando o pai dela me perguntou se eu queria tomar a mão dela, eu aceitei! Parecia a única coisa a fazer! Eu já ia sair para procurar vocês, quando me chamaram! E onde estão Urbain e Bianca?

Lorena esfregou as têmporas com as pontas dos dedos, tentando organizar tantas informações, ao mesmo tempo em que respondia.

– Pois é... Sobre Urbain e Bianca... Bem, precisamos conversar...

Capítulo 18

Meu Querido Pônei

A água fria foi um choque, mas não tanto quanto a violência crescente da correnteza. Engoliram água enquanto se debatiam, tentando se manter respirando. Era tudo escuridão, o que só aumentava o pânico da situação. Ouviram gritos uns dos outros, abafados pelo som das águas que os levavam, mas não conseguiam se localizar.

Até que caíram.

A queda foi inesperada e, por isso mesmo, assustadora. O rio desembocou numa cachoeira e eles foram lançados com milhares de litros de água gelada no ar. Caíram em águas profundas que continuavam arrastando-os com força. Dessa vez, no entanto, tinham a luz do sol.

Urbain não viu a filha, mas localizou imediatamente a menina fada se debatendo na água. Preocupou-se imediatamente, imaginando porque a filha teria soltado a menina e se ela estaria bem. Nadou a favor da corrente para alcançar a menina que começava a afundar. Alcançou-a um segundo antes da criança desaparecer de vez. Puxou-a para si e a fadinha o abraçou, soluçando um choro de desespero. Urbain continuou sendo levado, e começou a gritar o nome da filha.

Não demorou muito, localizou a moça sendo levada um pouco a frente, mas a vários metros dele. Mais ao lado, viu o rapaz e tranquilizou-se. Sua tranquilidade durou apenas meio segundo. O rio estava se alargando e os jovens estavam se afastando cada vez mais dele. Segurando a menina, não podia nadar até eles e, com a força da correnteza, também não podia se segurar em nada. Concentrou-se em fazer a única coisa que podia. Salvar a menina e salvar a si mesmo. Para isso, precisava sair da água.

Bianca engoliu água feito uma louca. Quando a correnteza ficou hostil, fazendo nós dentro da água, não conseguiu segurar Eileen e se desesperou. Acabou engolindo mais água do que podia e quando achou que não conseguia mais respirar, foi lançada pelos ares. Caiu novamente na água e não teve forças para subir. Sentiu que alguém a puxava para cima, mas só conseguiu ver Zac quando atingiram a superfície.

Zac continuou puxando-a para a margem mais próxima. Bianca, no entanto, tentava procurar o pai e Eileen, não facilitando o trabalho dele. Quando os viu, próximos à margem oposta, pôde se concentrar em tentar sair do rio.

As pedras lisas e escorregadias eram inúteis para tentarem se agarrar e ainda representavam um perigo real. O desespero era tão grande que não ligavam

para o frio. Bianca sentia as pernas como se fossem de chumbo, os pulmões queimando em busca de mais ar. Achou que não ia conseguir, mas ouviu a voz de Zac firme ao seu lado.

– Vamos, estamos quase lá! Não desista!

Ele a puxou pelo braço e juntos alcançaram a margem. A correnteza estava diminuindo, embora ainda estivesse muito forte. Zac agarrou um galho providencial de uma planta ainda enraizada que serviu de apoio para puxar Bianca. Ajudou a moça a sair e se arrastaram juntos para a margem, respirando ofegantes. Zac tinha se livrado do pesado manto de pele assim que percebeu que este o arrastaria para o fundo. Assim que conseguiram, eles ergueram as cabeças, procurando por Urbain e Eileen.

Avistaram-nos do outro lado do rio, também em terra. Com um aceno, Urbain informou que estavam bem. Já de pé, Zac enviou a mesma mensagem. Bianca nem conseguiu se levantar. Continuou deitada na relva, ofegante, imaginando se ali teria ar o suficiente para que ela voltasse a respirar normalmente algum dia de novo. Zac se ajoelhou ao lado dela, também sem ar. Ela percebeu que ele se ajoelhou porque as pernas falharam, mas fingiu que não viu.

– Você está bem? – perguntou ele.

Ele estava contra o sol, a água pingando dos cabelos e rosto molhados. Bianca gostaria de ter tido um segundo a mais para admirá-lo. Mas seus olhos foram atraídos por algo muito mais emergencial atrás dele.

Ela balbuciou alguma coisa que ele não entendeu. Bianca se levantou e foi até a margem, abanando os braços freneticamente para que seu pai a visse. Urbain e Eileen logo perceberam que havia algo de errado. Bianca apontou para um ponto distante onde uma estranha nuvem parecia se erguer perto de uma montanha.

Eles apertaram os olhos e perceberam que a nuvem se movia. E crescia. E rápido. Bianca fez um novo movimento com os braços, gritando o mais alto que pôde e esperando que o recado chegasse.

– Fugam!!! E se escondam!!!

Urbain não hesitou. Confiava que Bianca sabia o que estava fazendo e que ela e Zac sobreviveriam sem ele, como já o tinham feito antes. Pegou Eileen no colo e correu, sentindo as pernas doerem com o esforço feito na água. Bianca ainda os viu se embrenharem na mata e puxou Zac, que parecia paralisado vendo a nuvem de trolls crescer ao longe.

– São tantos!... – murmurou. – Como podem ser tantos?!...

– Vamos! Temos que arrumar um lugar para nos escondermos!

Eles correram pela relva até entrarem em um bosque onde as copas das árvores escureceram prematuramente o dia. Bianca sabia que tinha poucos minutos

para se esconderem e procurava, enquanto corriam, uma caverna ou algo parecido. No entanto, tudo o que via eram árvores.

Asas batiam violentamente, provocando ventanias desconexas e caóticas. Um troll de quase dois metros e braços mais longos que as pernas pousou na terra escura do bosque. Outros dez trolls pousaram a alguns metros dele. Árvores o cercavam e a terra era fofa e fria, embora seus pés grandes e calejados não se importassem com isso. Apoiou o pé num tronco velho caído coberto por musgo e pequenas trepadeiras.

– Kajinski os quer vivos! – gritou ele, com voz rouca. – Mas não se importa se estiverem feridos! Se resistirem, machuquem!

O troll olhou em volta com seus olhos amarelos e uma carranca irritada.

– Nada aqui! – reportou um.

– Nada aqui! – reportou outro.

E uma onda de “nada aqui” reverberou. O troll se irritou ainda mais e chutou o tronco morto. Pequenas aranhas correram e raízes de trepadeiras foram arrancadas. O tronco rolou alguns metros, até parar num declive.

– Vamos!

Asas bateram mais uma vez e as folhas das árvores se agitaram. Alguns frutos caíram quando as criaturas passaram, mas em alguns segundos, tudo voltou a mergulhar no silêncio. E assim tudo permaneceu por mais algum tempo.

Até que duas pessoas cobertas de musgo saíram de dentro do tronco. Bianca começou a pular assim que se viu livre da velha casca, batendo em si mesma para se livrar das aranhas que percorriam seu corpo. Zac fez o mesmo, mas sem nenhum terror. Não tinha nada contra aranhas.

– Espero que seu pai tenha arranjado um lugar... – disse ele, arrependendo-se antes de terminar a frase. Não queria preocupar Bianca a toa. E se Urbain não tivesse conseguido, que bem teria feito ele mencionar isso e o que eles poderiam fazer?

Mas Bianca mal olhou para ele e não pareceu preocupada.

– Meu pai está bem – disse ela.

Zac a olhou confuso. Como ela poderia saber disso?

– Eu conheço meu pai! – explicou ela. – Ele é osso!

Eles se puseram a andar novamente numa direção diferente da que tinham tomado os trolls. Não queriam correr o risco de esbarrar com eles.

– Obrigada! – disse Bianca, assim que começaram a caminhar.

– Pelo quê?

– Por ter me salvado lá no rio.

– Ah!... Não foi nada! Você acaba de nos salvar dos trolls, então estamos empatados.

– Você foi muito valente!

– Não, não fui – riu ele. – Se estivesse no meu quarto sozinho, estaria chorando embaixo do cobertor.

Bianca riu. Era divertido ver Zac sem toda aquela pompa que ele tinha, sem a certeza do que estava fazendo. Ele parecia assustado e vulnerável. Não se parecia com o anjo arrogante que sabia exatamente para onde ir. Achou que falar um pouco sobre quem ele foi poderia ajudar.

– Sabe? Você me salvava o tempo todo quando viemos aqui da primeira vez.

O rapaz a olhou com os olhos azuis brilhantes que não revelavam muita coisa. Na verdade, não revelavam nada.

– Hm... – respondeu ele, voltando a olhar para o caminho diante dele.

– Quando enfrentamos Jack, O Acorrentado, você foi incrível! Achei que íamos ser esmagados e nossas cabeças seriam penduradas na cintura daquele monstro. Você nem imagina o medo que senti quando vi que as cabeças gemiam, que estavam vivas! Sabe o que isso significa?

– Não... – respondeu ele secamente.

– Que se ele nos pegasse, penduraria nossas cabeças e ainda estaríamos vivos! Passaríamos a eternidade vendo o mundo da cintura de um gigante. E ele fedia! Mas você abriu suas asas e foi incrível!

Caminharam por cerca de meia hora, talvez mais. O sol começava a dourar as folhas cor de outono e o bosque começava a mergulhar na escuridão da noite que se aproximava. Bianca não parara de falar, sem parecer se importar com as respostas monossilábicas de Zac e, apesar da animação dela em reviver as aventuras do passado, estavam cansados e a perspectiva de não terem um lugar para passar a noite os preocupou.

– Precisamos de um lugar pra passar a noite – disse o rapaz.

– Talvez encontremos o castelo de Frabato! Você foi incrível lá! Eu achei que ia morrer de medo e você nem se abalou!

– Dá pra calar essa boca e se concentrar no problema? – gritou ele, interrompendo a animada narração de Bianca.

A moça arregalou os olhos, espantada com a agressividade.

– Desculpe... – respondeu ela. – Achei que podia ajudar falar de...

– Falar de outro cara?! Não, não ajuda Bianca!

Ele deu uns passos para a frente, sem ter exatamente uma direção, apenas para se afastar.

– Não é de outro cara, Zac... – respondeu ela suavemente. – É de você.

Ele se virou e seus olhos brilhavam com frustração e mágoa.

– Não sou esse cara, Bianca! E sabe o que me magoa? É que quando vejo a admiração que você tem por ele, quando vejo seus olhos brilharem ao falar dele, eu gostaria de ser esse cara! Mas eu não sou!

– Sim, você é! Por isso os trolls o pegaram!

– Não, não sou! Os trolls me pegaram por estar perto de você!

Bianca parou de falar. Zac respirou fundo e continuou.

– Kajinski me disse que quando se pisa no reino das fadas, fica-se com uma marca na aura. Por isso, eles podem achar facilmente a pessoa quando quiserem. Ele disse que só chegaram a mim por sua causa.

– Isso não quer dizer que você não...

– Chega, Bianca! – ele deu um passo na direção dela parecendo de novo zangado e frustrado. – Eu não sou esse cara! Eu não sou um anjo! Não sou um herói, nem um cavaleiro de armadura brilhante num cavalo branco! Sabe o que eu sou? Sou um funcionário dos correios que passa o dia ouvindo reclamações dos outros! Nunca tive asas! Essas marcas são das ferragens que arrancaram de minhas costas quando perdi minha família! Nunca fui nada além disso que sou agora!

Ele parou de gritar. Bianca estava com os olhos cheios d'água.

– E acho uma pena que isso não seja o bastante pra você...

Ela viu lágrimas nos olhos dele, mas ele se virou rapidamente e voltou a andar. E assim, em silêncio e com os corações feridos, eles caminharam pelo bosque cor de cobre até que a escuridão tomou conta de tudo, tornando impossível dar um simples passo.

– Melhor pararmos por aqui... – disse ele com voz cansada.

– Eu sinto muito – respondeu ela. – Não queria te magoar. Nem quero que você seja outra pessoa. Se quiser terminar comigo, tudo bem, mas preferia que não fizesse isso agora, porque já estou me sentindo culpada o bastante para ainda ter que dormir pensando nisso, como se minha noite já não parecesse promissora o bastante.

– Bianca – interrompeu ele. – Eu só estou dizendo que podemos parar aqui, embaixo dessa árvore. Está escuro demais, não temos como continuar andando sem cair num buraco. E, por mais que você resista a esse fato, eu não tenho asas.

– Ok... Acho que atingi o nível máximo de constrangimento... Não repare se eu me esfarelar agora e o vento levar os meus farelos!

Ele riu e esticou a mão para ela. Juntos, sentaram-se debaixo da árvore e ele a abraçou carinhosamente.

– Me desculpe – disse ele com voz suave. – Eu não quis magoar você. Só estou... cansado, frustrado e muito confuso.

– Esse lugar faz isso com a gente!... – respondeu ela.

– Durma um pouco – murmurou ele. – Eu velarei seu sono.

E a puxou para que ela se acomodasse no ombro dele. Bianca sorriu. Era exatamente o que Zac faria.

Um barulho no mato os fez entrar em alerta.

– O que foi isso? – perguntou Bianca, começando a se apavorar.

O mato se agitou de novo, fazendo os dois retesarem os músculos e se prepararem para correr, fugir ou lutar.

A floresta entrou em um súbito silêncio e o ar pareceu mais frio, apesar de não haver vento. Com as costas no tronco da árvore, eles foram se levantando, as mãos dadas apertadas, os corações acelerados com a possibilidade de perigo.

Então, do mato que se movia misteriosamente, surgiu um lindo pônei cor de mel. Para um pônei, ele era grande. Era pouco menor que um cavalo pequeno, sua crina cor de marfim caía sobre seus olhos e pelos da mesma cor cresciam nas patas, perto dos cascos. O pequeno animal trotou graciosamente até eles até ficar de frente para o casal. Então, ele disse:

– Olá!

– Oi... – respondeu Bianca, sem saber o que fazer.

– Bianca! – ralhou Zac.

– O que você quer que eu faça? Ele falou comigo! – defendeu-se ela.

– Seus pais nunca lhe ensinaram a não falar com estranhos? E vamos admitir, isso aí é muito estranho!

– Não tenham medo! – disse o pônei de novo, batendo levemente o casco no chão. – Eu vim ajudá-los.

– Veio? – perguntou Bianca, confusa.

O animal bateu novamente o casco no chão e balançou a cabeça como se fizesse um agrado. A crina não permitia que vissem seus olhos e ele parecia um animal de circo.

– Por quê? – perguntou Zac, desconfiado.

– Zac! Deixa de ser antipático! – disse Bianca.

– Sei lá quem mandou o pequeno pônei nos ajudar! – explicou-se ele. – E se for uma armadilha?

– Eu pareço uma armadilha pra você? – perguntou o pônei em tom divertido.

Os dois o olharam envergonhados. O que um pônei poderia fazer contra eles, afinal de contas.

– A floresta não é um lugar para ficarem de noite – continuou o pônei. – Eu os levarei a um lugar seguro. Montem em mim.

Bianca e Zac se entreolharam por um segundo. O pônei se posicionou, ficando de lado para eles. Então, ainda hesitantes, eles se aproximaram. Zac ajudou Bianca a subir. Então, ele subiu atrás dela e o pônei começou a trotar.

Os trotes eram meio duros, mas eles não iriam reclamar. Já era um grande favor que o pônei lhes desse uma carona para um lugar seguro. Zac olhava em volta, vendo pequenos brilhos na vegetação. A Lua surgiu no céu, pela metade como a vida de muita gente, e iluminou um pouco o mundo com sua luz perolada. Havia algo que incomodava Zac, mas ele não conseguia discernir o que era. Até que Bianca disse algo que apontou o que estava errado.

– Que silêncio!

Imediatamente, algo dentro dele sinalizou que havia algo errado. E nesse exato momento, o pônei parou de trotar e começou a correr.

Capítulo 19

Um Velho Amigo

O vento era gelado e cortava seus rostos como lâminas de espadas numa guerra no inverno. Bianca se agarrava ao animal gritando para ele parar, mas só ouvia como resposta um relincho assustador que se parecia com uma gargalhada demoníaca. Galhos passaram por eles, arranhando seus rostos e braços, até que, num movimento brusco, o animal parou, jogando os dois jovens vários metros a frente.

Zac e Bianca deram várias cambalhotas até pararem em um terreno úmido e pegajoso. Foi Bianca a primeira a perceber que a viscosidade do chão em que foram atirados era também rubra. Seu grito se misturou ao de Zac ao verem o belo cavalo que conheceram crescer diante deles. Seus olhos eram vermelhos como lanternas flamejantes e sua bocarra se alargou de uma maneira que não parecia possível, revelando dentes tortos e disformes.

Apavorados, os dois se arrastaram para trás, enquanto a criatura não parava de crescer. Bianca tentou correr, mas escorregou e caiu assim que se levantou. Zac tentou segurá-la e caiu também. Perceberam que estavam em algum tipo de poça. A luz da lua revelou uma poça cercada de pedras e ossos, cuja água ainda estava vermelha de sangue e fígados e corações estavam espalhados perto dos ossos. Eles gritaram e tentaram sair, mas à frente deles havia apenas pedras e crânios em pilhas tão altas que teriam que escalar.

Um som tenebroso os fez virar novamente para a criatura, que agora se mantinha de pé nas patas traseiras. As patas dianteiras se mostraram garras e a cara de cavalo, antes doce e amistosa, era agora enrugada, descarnada e má.

O monstro olhou para suas presas, exibindo uma espécie de sorriso malicioso, babando. Parecia escolher com qual dos dois ia começar seu banquete. Avançou para Bianca num salto que fez e menina esconder o rosto de terror.

Bianca ouviu o grito de Zac e quando abriu os olhos, o viu em cima dela. Ele havia saltado para protegê-la, mas agora as presas tortas da criatura se fincavam no ombro dele. Ela olhou em seus olhos e tentou segurá-lo quando o monstro o puxou para trás e o jogou contra as pedras e ossos próximos. Segurou-o com uma das garras e olhou para a menina com uma baba de sangue a escorrer pela bocarra ainda aberta em algum sorriso demoníaco. Bianca olhou em volta, o desespero a empurrando para uma ação. Qualquer ação. Mesmo uma ação estúpida.

A criatura voltou sua atenção para o rapaz em seu poder. Desceu a cabeça até sentir seu cheiro. O medo sempre dava um sabor especial às suas vítimas, como

um tempero. Rasgou sua camisa e, ignorando os gritos do garoto, se preparou para mais uma mordida na carne tenra.

Um grito horrendo se elevou acima das pedras e ossos, da água sangrenta e das árvores mortas e mudas. O monstro que emitira o grito se virou com olhos cintilantes de ódio e viu a moça que tinha acabado de fincar em sua perna um osso quebrado de alguma de suas vítimas anteriores.

A criatura saiu de cima de Zac devagar. Arrancou com facilidade o osso de sua perna e o jogou longe. Caminhou lentamente na direção da garota. Ele tinha mais de três metros e ainda estava curvado. Zac tentou se levantar, mas a primeira mordida tinha feito um estrago terrível em seu ombro. Virou-se e tentou de novo, a tempo de ver o monstro se aproximando de Bianca.

Ela deu alguns passos para trás, sabendo que não teria a menor chance de fugir. A criatura não falava, mas deixava claro em seu olhar que sua vida tinha chegado ao fim. Bianca sentiu os olhos se encherem de água, enquanto o vento frio da floresta chicoteou seu corpo e cabelos. Havia cheiro de sangue e de morte, de sonhos não vividos e de amores que não tiveram chance. E era ali, naquele lugar desolado, naquele pequeno mar de ossos e pedras, que seu coração e o de Zac terminariam. Ela olhou para ele, se arrastando na direção dela por trás daquele cavalo monstruoso de duas patas. A única coisa que confortou seu coração é que, ao menos dessa vez, ela não precisaria ver Zac morrer. A criatura estava mais perto e ela sentiu seu hálito de coisas mortas. Não, ela não o veria morrer. Tentou se concentrar nisso para dominar o terror, o medo e a tristeza imensa que sentia em ver sua estrada chegando ao fim.

Um homem saltou na sua frente. Ele era alto e tinha um manto escuro. Com um cetro nas mãos, ele traçou um símbolo no ar diante da criatura que imediatamente retrocedeu.

– ADONAI!!! – gritou ele, empunhando o cetro cuja pedra na ponta brilhou.

A criatura gritou e cobriu os olhos, como se tivesse visto a própria morte no brilho do cristal.

– ADONAI!!! – repetiu o homem, e o cristal brilhou ainda mais fortemente.

A criatura gritou novamente e se jogou para o lado, caindo de quatro e correndo floresta adentro. O homem ainda manteve o cetro no alto por alguns segundos, até ver que não havia mais perigo. Bianca estava paralisada, lágrimas já descendo pelo seu rosto. Queria dizer obrigada, queria falar alguma coisa, mas só conseguiu emitir um soluço.

O homem se virou para ela e Bianca o reconheceu imediatamente.

– F-Fra-Frabato?... – disse ela.

O homem sorriu para ela.

– Soube que estava com problemas.

Eles foram até Zac, que segurava o próprio ombro ferido na tentativa de deter o sangramento, recostado numa pedra.

– Quem... O que é você? – perguntou o rapaz, ao ver Frabato tentar tocá-lo.

– Que memória ruim você tem, juvenzinho! – retrucou o homem. – Quem já comeu de minha mesa e dormiu em meu castelo não costuma se esquecer.

– Longa história! – explicou Bianca. – Pode dar um jeito nisso?

Frabato olhou o ferimento e fez uma careta.

– Preciso de umas ervas que estão no castelo. Vamos, eu os levo até lá.

Ajudaram Zac a se levantar e ele gritou com a dor. A quantidade de sangue preocupou Bianca, mas ela confiava em Frabato. Não sabia bem porque, mas confiava.

– O que era aquilo?!... – perguntou o rapaz.

– Aquilo? Aquilo era um kelpie – respondeu o mago.

– Um?! – apavorou-se Zac. – E tem mais?!!

– Ah, tem! Um monte!...

– Odeio esse lugar... – foi o que ele disse, antes de parar de sentir as pernas e tudo escurecer.

O mago o ergueu desacordado nos braços e seguiu com mais velocidade. Bianca o acompanhou, olhando em volta para ver se a criatura não os espreitava da floresta escura.

Urbain correria com Eileen pela floresta, sabendo que a nuvem de trolls chegaria em poucos minutos. Precisava de um lugar para se esconder, ou ao menos para esconder a menina, caso não encontrasse um lugar para os dois.

– Ali! – disse Eileen, apontando para uma pequena área da floresta repleta de flores.

Urbain hesitou. Era um lugar lindo, mas nem passava perto de um lugar que pudesse escondê-los. Mas a menina puxou seu cabelo como se fossem as rédeas de um cavalo e insistiu, apontando para o lugar. Sem alternativa, ele correu para lá. Colocou a fadinha no chão e ela correu na frente dele, apontando o meio do que seria aquele pequeno jardim natural de dedaleiras, flores que nasciam na ponta de um caule, cobrindo-o até a ponta, formando pequenos pinheiros de dedais coloridos. Ele foi até ela e a menina o puxou pela mão, pedindo que se sentasse. Ele o fez, já ouvindo o bater de asas se aproximando. Eileen pulou no colo dele e

ele a abraçou. Percebeu que estava tremendo. Seriam capturados, não tinha dúvidas disso.

Trolls pousaram a alguns metros deles. Eram cerca de 15, pousando um a um. Alguns sacudiram as árvores, enquanto outros procuravam em moitas e amontoados de pedras. Urbain não entendia como não os haviam visto ainda, e foi quando um troll de dentes de javali pousou bem na frente deles. Urbain se afastou instintivamente, mas a fadinha apertou sua mão e virou-se para ele, fazendo-lhe um sinal para fazer silêncio. Então, ele permaneceu quieto, quase paralisado de terror, enquanto a criatura o olhava, sem, no entanto, vê-lo. Ele sentiu o hálito da criatura, que estava agora a menos de dez centímetros de seu rosto.

Prendeu a respiração por longos segundos, até que o troll simplesmente se virou e foi embora. Os trolls se embrenharam na floresta, deixando-os finalmente para trás.

Quando Urbain conseguiu respirar de novo, passou a mão na testa fria, onde os cabelos negros se grudavam ainda molhados.

– Dedaleiras! – explicou Eileen, apontando para as flores. Como Urbain continuasse sem entender, ela sorriu e continuou. – São as flores das fadas!

Estava entardecendo e a visão do sol partindo era linda da ilha. Eles estavam em um jardim suspenso do palácio de onde podiam ver toda a beleza da Ilha. Infelizmente, nenhum deles estava prestando atenção. Marcel ouvira todos os detalhes do que acontecera. Compartilhou com Oisin e o Capitão Swenney o que Marcos e Marcel lhe contaram e as perspectivas não eram boas. Trolls não costumavam liberar suas presas sem luta. Marcel se levantou e olhou para o Sol avermelhado entre as montanhas ao longe.

– Está escurecendo – disse ele, enfim. – Amanhã sairemos cedo e iremos até o fauno.

– Você vai embora?

A voz sentida era de Oisin. Ele se virou para ela e pegou em suas mãos, olhando em seus olhos.

– Preciso ir. Mas eu voltarei.

Ela o abraçou e eles se beijaram apaixonadamente, o que causou espanto em Lorena e Marcos. Oisin os deixou, avisando que teriam um banquete em uma hora. Ela parecia abalada, embora tentasse não demonstrar. Assim que ela e Capitão Swenney deixaram o lugar, Lorena o interpelou.

– Ficou maluco?!

– Que foi?

– Você a beijou! – explicou Marcos.

– E o que é que tem?

– Esqueceu das regras?! Não pode beijar ninguém desse mundo, ou você fica preso aqui pra sempre!

– Não era beijar! – explicou Marcel. – Era comer ou beber! E eu não comi e bebi nada!

– Seu burro! – Lorena bateu nele. – Era comer, beber E beijar!!!

Marcel pareceu confuso.

– Era?!...

– Era, seu idiota! – sussurrou Marcos. – E agora?! O que vamos fazer?!

Marcel passou as mãos nos cabelos escuros e deu alguns passos. Então, subitamente se virou para eles.

– Uma crise de cada vez! Primeiro, precisamos achar Urbain, Bianca, Zac e a menininha! Pra isso, precisamos achar o fauno! Depois veremos como saio dessa enrascada!

Então ele se sentou num parapeito de mármore onde uma hera verde escura fazia desenhos intrincados. Olhou o Sol se despedindo e pareceu melancólico. Aparentemente, o que ele mais temia acontecera. Estava preso ali.

Lorena e Marcos se sentaram ao lado dele e se abraçaram.

– Nós vamos dar um jeito... – murmurou Lorena. – Vai ficar tudo bem...

Não demoraram muito para chegar no Castelo de Frabato. Felizmente para Bianca, que tinha horror a assombrações, o castelo parecia normal. Não havia pedaços de corpos caindo do nada nem barulhos sinistros. Era um lugar iluminado e repleto de quadros de belezas naturais.

Assim que chegou com o rapaz sangrando e desacordado nos braços, Frabato foi recebido por duas mulheres e um homem que pareciam serviçais. Ele mandou que eles pegassem certas ervas e unguentos que ele tinha estocado. Bianca não sentiu urgência na voz do mago que sempre parecia calmo e confiante, mas sentiu urgência no homem e na mulher que correram para buscar o que ele pediu. A segunda mulher o guiou até o quarto que Bianca só reconheceu ao entrar. Era o mesmo quarto em que tinham ficado da primeira vez.

Colocaram Zac na cama e Frabato cortou sua camisa com uma tesoura que a mulher lhe dera. No ombro, quase chegando ao peito, havia uma horrível marca de dentada de onde vertia sangue abundantemente. A mulher pegou uma bacia de água e Frabato começou a retirar o sangue com uma toalha que tingia a água da bacia de vermelho. O casal que havia ido buscar o material voltava correndo carregando algumas coisas.

Bianca olhava atentamente a movimentação. Frabato passou um unguento escuro no ferimento, estancando o sangue. Por cima, ele colocou grandes folhas frescas de um verde profundo, até cobrir o ombro e parte das costas do garoto, sempre com a ajuda da mulher que tinha a precisão de uma enfermeira bem treinada. Então, ele colocou as mãos sobre o ferimento e ficou em silêncio por alguns minutos. Ninguém se movia na sala e nada era ouvido. Bianca temeu que sua respiração nervosa atrapalhasse, então tentou se controlar.

Quando Frabato terminou, deu um suspiro e um olhar para a mulher que o ajudava. Então ele se levantou e ela assumiu seu lugar, enfaixando o ombro de Zac. Frabato foi até Bianca, limpando as mãos em uma outra toalha.

– Não foi tão ruim!... – disse ele. – É como uma picada de mosquito!

Bianca ficou olhando para ele, incrédula.

– Bem, um mosquito bem grande... E com dentes enormes... – continuou ele, olhando para o rapaz na cama.

– Ele vai ficar bom?

– Vai, sim. Você precisa de um banho. Está horrível!

Só então Bianca se lembrou de olhar para si mesma. Estava suja de terra e de sangue de Zac e das vítimas desconhecidas do kelpie, além de muito molhada. Ela se virou para Zac e viu que estavam tirando todas as roupas dele. Virou o rosto, querendo lhe dar privacidade.

– Vá tomar um banho – disse o mago, apontando com o queixo a porta da sala de banhos que ela já conhecia, contígua ao quarto. – Annete vai levar toalhas e uma camisola para você.

Bianca anuiu com a cabeça e foi, deixando que assim cuidassem de Zac. Na sala de banhos – pois não havia banheiros no mundo das fadas, apenas aposentos para se tomar banho. Aparentemente, seus corpos consumiam totalmente alimentos e líquidos ingeridos, – Bianca se olhou no espelho por um minuto. Então respirou fundo e começou a tirar a roupa. Se Frabato não tivesse aparecido, estariam mortos, não tinha a menor dúvida disso.

O banho renovou suas forças. Annete levou-lhe toalhas, uma camisola e um penhoar, levando suas roupas sujas embora. Quando voltou ao quarto, Zac parecia dormir pesadamente na cama, com curativos bem feitos e um pijama de flanela branca. As três pessoas que cuidaram dele não estavam mais ali. Apenas Frabato estava sentado em uma cadeira aguardando com um sorriso, tomando uma xícara de chá. Bianca foi até a cama, ao lado de Zac, e o olhou longamente. Então, acariciou seus cabelos e virou-se para o mago.

– Obrigada... – disse.

– Não tem de quê – respondeu prontamente Frabato.

Bianca se aproximou dele, intrigada.

– Como... Como soube que estávamos com problemas? – perguntou ela, que não acreditava que ele estava simplesmente passando por ali quando eram estripados pelo cavalo do demônio.

– Eu estava com meus espelhos mágicos e vi quando foram abordados pelo kelpie. Tentei chegar antes, mas...

– Espelhos?

– Venha comigo, eu vou lhe mostrar!

Ele pousou a xícara sobre uma mesinha de madeira com gavetas e se levantou. Ela o seguiu por um corredor e subiram uma escada acarpetada.

– O kelpie é muito perigoso – continuou ele. – Vocês deram muita sorte!

– O que é um kelpie, exatamente? – perguntou Bianca, enquanto subiam os degraus.

– É um ser muito mau. Ele toma a forma de um pônei inofensivo ou de um cavalo bonito e tenta convencer alguém a montá-lo. Uma vez que o consegue, leva a presa para seu ninho da morte, onde abate e devora suas vítimas.

– Ele come as pessoas??!!!

– Come! Menos o coração e o fígado. De resto, não sobra nada.

Bianca se lembrou que, além de ossos e crânios, havia corações e fígados pelo chão.

– Por que ele não come coração e fígado? – perguntou ela.

– Sei lá – respondeu Frabato com um movimento de ombros. – Vai ver que ele está preocupado com o colesterol. Pronto, chegamos.

Frabato abriu uma porta e acendeu uma luz que iluminou um aposento de bom tamanho repleto de espelhos. Bianca queria perguntar como ele conseguia eletricidade, mas acabou se distraindo com a visão dos espelhos. Havia espelhos com molduras de madeira, com molduras prateadas e até um grande espelho com moldura de ouro. Estavam pendurados nas paredes, de maneira que de qualquer lugar onde você estivesse, poderia ver seu reflexo em vários espelhos de uma vez.

– Eles são mágicos? – perguntou Bianca.

– Claro que são!

E então Frabato fez um movimento de mãos e disse algumas palavras. Imediatamente, os espelhos esfumaçaram e começaram a aparecer imagens de pessoas que Bianca não conhecia, em vários lugares.

– Que fantástico! – balbuciou ela, caminhando pelos espelhos. – Quem são essas pessoas.

– Gente que conheci. Gente que me conheceu. Gente de quem eu gosto. Gente de quem eu não gosto.

– Foi assim que você nos viu?

– Sim. Vocês pipocaram na minha programação de TV sem que eu esperasse.

A moça continuou andando pela sala, quando se virou de repente.

– Você pode ver qualquer pessoa nesses espelhos?

– Não qualquer pessoa... Mas posso ver alguém que eu conheço ou que já tenha visto.

Bianca murchou os ombros, voltando a olhar para os espelhos.

– Gostaria de ver onde estão meus pais e meu tio Marcos...

O mago pensou um pouco e então se aproximou dela.

– Talvez você possa ver ao menos um deles – ele a segurou gentilmente pelos ombros e então a instruiu. – Escolha uma dessas pessoas e feche seus olhos.

Bianca pensou que entre os três, seu pai era um assunto mais premente. Bem ou mal, sua mãe e tio Marcos estavam em segurança na Vila da última vez que os viu.

– Esvazie sua mente... Ouça a minha voz...

Ela se sentiu em alguma sessão de hipnose, dessas que acontecem em filmes, mas queria muito ver se Urbain e Eileen estava bem e não se importava se

Frabato a hipnotizasse e a fizesse agir como uma galinha num palco, desde que pudesse vê-los nos espelhos.

– Pense nas pessoas que deseja ver. Concentre-se em uma.

Bianca pensou logo em seu pai. Será que eles teriam conseguido despistar os trolls que os perseguiram?

– Abra os olhos.

Bianca abriu os olhos e, num espelho diante dela, uma fumaça espessa começou a rodopiar. Como se um vento tivesse passado, a fumaça se dissipou, dando lugar à imagem de Urbain caminhando numa floresta escura de mãos dadas com a menina fada ao seu lado. O coração de Bianca se aliviou. Estavam vivos. Percebeu que seu pai ainda tinha uma marca perto do olho de seu encontro com os trolls no dia anterior e alguns arranhões de seu encontro com os trolls pela manhã. Ele também parecia cansado, quase tão mal quanto ela quando se viu no espelho antes do banho. Eileen parecia exausta. Estavam andando numa floresta escura. Mas estavam vivos. E isso era tudo o que tinha e teria que ser o bastante por hora.

Urbain caminhava pela floresta escura, a mãozinha quente apertada na sua. Estavam andando por horas e quando nuvens encobriam a lua, ele não enxergava nada a sua frente. Não havia um lugar para parar, então ele simplesmente continuava. Até que Eileen começou a diminuir o passo. Quando tentou puxá-la gentilmente, a fadinha se revoltou. Puxou sua mão da dele e gritou.

– Eileen com fome! E cansada! E com sono! E com frio!

E começou a chorar.

– Eileen quer ir pra casa!

Urbain se ajoelhou rapidamente ao lado dela, tentando fazê-la parar de chorar antes que alguma coisa naquela floresta a ouvisse e encarasse isso como uma sineta para o jantar.

– Shhh, está bem, está bem! – disse ele. – Está tudo bem, nós vamos achar um lugar! Um lugar com comida e roupas quentes!

– Vamos mesmo? – perguntou a criança, ainda chorosa.

Urbain sorriu seu melhor sorriso, aquele que convenceria você a comprar ações da Betamax e da Eurodisney (hoje!).

– Vamos, sim, querida. Venha!

Ele a pegou no colo e a carregou. Ele também estava úmido e com frio, e com fome, e cansado, e dolorido. Mas não sentia nada disso porque estava preocupado demais com a menina em seus braços.

Continuou andando por mais alguns minutos, fazendo orações silenciosas para que alguém o orientasse naquele estranho mundo, com dúvidas se seu Deus o

ouviria ou poderia intervir, mesmo se ouvisse. Foi quando viu um brilho por trás das árvores a sua frente. Apurou os olhos e continuou na mesma direção, percebendo que mais luzes apareciam. Abriu um sorriso de alívio quando discerniu as luzes de uma taverna.

Apertou o passo, o vento batendo em suas costas, deixando-o gelado. Apertou a menina em seus braços, tentando aquecê-la um pouco mais e prosseguiu, animado com a perspectiva de encontrar um lugar aquecido para passar a noite.

Quando a porta da Taberna Andarilhos se abriu, uma lufada de vento frio fez com que as pessoas lá dentro se virassem para ver quem tinha entrado. A figura do homem vestido de preto espantou alguns. O fato dele estar com uma menina fada no colo espantou os restantes.

Urbain fechou a porta atrás de si e, assim que o fez, pôde sentir o calor do lugar. Havia um aroma de comida, algo que ele identificou como carne assada ou algo parecido. Havia também cheiro de bebida. Numa rápida olhada para o recinto, ele viu que o lugar, não muito grande, estava cheio. Quase todas as mesas rústicas de madeira estavam ocupadas. Havia homens fortes de cujo olhar ele não gostou. Eram grandes e fortes, talvez lenhadores ou trabalhadores braçais. Havia também outros homens, menores, esguios, com cabelos ruivos quase laranja e um sorriso de dentes amarelados malicioso. No canto mais à esquerda, viu um pequeno grupo de anões jogando cartas com grandes canecas de cerveja. Mais ao fundo, um tipo estranho de anão atarracado de pernas finas observava o visitante e sua inesperada acompanhante.

O silêncio que se fez permaneceu e Urbain não se sentiu bem-vindo. Pelo contrário, seu faro para encrenca o alertou de que aquele poderia ser um lugar ruim para eles. Bem ruim. O vento aumentou e sacolejou as janelas. Imaginar o frio lá fora afastou seu primeiro pensamento de virar as costas e sair dali.

Caminhou pelo lugar e seus passos fizeram barulho na madeira que rangeu. Eillen dormia em seu ombro e ele a balançou levemente, acordando-a. Colocou gentilmente a menina num banco diante da única mesa vazia e sentou-se diante dela. Esperou que o silêncio preocupante que se estabelecera desde que entrara, aquele silêncio que diz que você não pertence àquele lugar e isso dá direito àquelas pessoas – ou fosse lá o que fossem – de expulsá-lo ou fazer alguma coisa ruim com você, passasse. Mas não passou. Ao invés disso, ouviu uma cadeira sendo arrastada e um dos homens se levantou e caminhou pesadamente até ele.

Urbain tinha seu histórico de encrencas. E era um currículo bem longo. Nunca fugira de uma briga. Pelo contrário, fazia questão de procurar por elas. Era um ímã de encrencas, como dizia Lorena, e eles sabiam que ele era ainda pior antes de se conhecerem. Em outra ocasião, Urbain adoraria começar uma briga e jogar alguns daqueles homens janela afora. Mas agora, ele olhava para Eileen,

esfregando os olhos miúdos de sono, e rezava para que simplesmente os deixassem em paz. As coisas mudam quando você tem algo a perder.

O homem parou perto deles e colocou a mão no cinto de couro marrom.

– Ouvi dizer que Feiticeiros da Lua Negra só andam em bandos... – disse o homem. – Como corvos...

Urbain não ergueu os olhos para ele, mas retesou os músculos, preparando-se para agir.

– Então, o que faz sozinho por essas bandas, feiticeiro?... Se perdeu do seu bando?

Algumas risadas ecoaram pela taberna. A coisa não estava boa. Se não se impusesse naquele momento, seria sua ruína. Não sabia do que aquela gente era capaz, mas sabia que Eileen precisava dele.

Urbain colocou as mãos sobre a mesa e empurrou levemente a cadeira para trás, levantando-se. Ficou de pé e encarou o homem, cerca de vinte centímetros mais alto que ele. Ele tinha uma barba rala e um rosto quadrado com olhos tortos que lhe davam um ar de pintura inacabada. Uma cicatriz marcava seu rosto, feita provavelmente pela ponta de uma espada. E era forte, disso não havia dúvida.

No passado, Urbain Grandier havia sido um padre. Não um padre qualquer. Um padre superstar. Ele atraía toda uma cidade e seus sermões eram atração até para cidades vizinhas. Uma espécie de estrela do rock religiosa da época, ele era capaz de conquistar quem ele quisesse com sua forte presença. Isso lhe abriu muitas portas. E o livrou de muitas ciladas. Algumas pessoas possuem esse carisma, esse brilho pessoal capaz de passar um recado com um simples olhar. E era isso que ele esperava fazer naquele minuto.

Seus olhos negros se cravaram no homem e imediatamente ele sentiu que o sujeito diminuiu a pompa.

– Tem razão – respondeu ele em alto e bom tom, - nós andamos em bando. E estamos por toda a parte, sempre observando, como a Lua. Por isso sempre sabemos o que acontece com cada um de nós.

– Acha que tenho medo dos seus amigos? – perguntou o homem, se aproximando de Urbain.

Urbain não se moveu. Ao invés disso, projetou o corpo para a frente e rosnou em tom ameaçador.

– Não. Seria mais sábio ter medo de mim.

O homem sustentou o olhar por alguns instantes, até que uma voz feminina interrompeu o concurso de testosterona.

– Ninguém vai brigar na minha taberna! – disse uma senhora negra acima do peso de cabelos que alternavam o grisalho com o preto presos num coque frouxo. – Não quero meus pratos quebrados nem minhas mesas destruídas!

Ela se interpôs entre Urbain e o grandalhão, dirigindo-se ao segundo com as mãos na cintura.

– Se quer brigar, Cadman, brigue lá fora!

O homem levou alguns segundos para desviar o olhar de Urbain e finalmente voltar ao seu lugar. Lentamente, as conversas voltaram, assim como o som de canecas pousando sobre as mesas.

Grandier sentou-se novamente, ainda com a adrenalina correndo em seu corpo, fazendo-o tremer levemente. Percebeu que a mulher parou ao lado deles.

– O que vão comer? – perguntou ela.

Urbain olhou para a fadinha, nitidamente faminta. Hesitou por um instante, e então fez seu pedido.

– Uma coisa quente para a menina, por favor.

A mulher continuou esperando.

– E para você, bonitão?

Ele olhou a comida nas outras mesas e sentiu a boca se encher d'água.

– Um copo d'água, por favor.

– Tem certeza?

– Tenho, eu não estou com fome, obrigado.

A mulher os deixou e desapareceu atrás do balcão. Eileen se inclinou para a frente e sussurrou como se contasse um segredo.

– Você não está com fome?...

– Não querida, eu estou bem.

Passaram-se poucos minutos até que o pedido fosse atendido. A mulher chegou com uma enorme bandeja. Colocou diante de Eileen uma cuia com um creme fumegante com cheiro de queijo que a menina já ia se precipitando em tomar. Urbain a impediu, avisando que estava muito quente, para que ela soprasse primeiro.

Para sua surpresa, uma cuia de creme foi colocada diante dele também e antes que pudesse dizer qualquer coisa, um prato foi colocado no meio de sua mesa com pedaços de frango assado e pães quentinhos. Ele se virou para a mulher que os servia.

– Desculpe, eu só pedi para a menina! – disse ele.

A mulher colocou dois copos sobre a mesa e uma jarra de barro de água.

– Querido, eu criei oito filhos – respondeu a mulher com um sorriso que esbanjava espontaneidade. – Acha que eu não sei reconhecer uma cara faminta?

Ela se preparou para se afastar, mas Urbain a puxou discretamente de volta pelo braço. Falou baixo, em tom de confiança, e com um pouco de vergonha.

– Eu não tenho como pagar...

Ela o olhou nos olhos por alguns segundos. E então sorriu de novo, dando tapinhas em sua mão como uma tia querida.

– Não se preocupe com isso, filho!

E saiu para atender outros clientes que pediram cerveja. Urbain observou Eileen pegando um pão quente com um bigodinho de creme. O aroma do frango e do pão se misturaram e ele começou a comer também, com as mãos, já que não havia talheres. Como nos velhos tempos.

Três horas se passaram e a mesa ficou vazia, assim como a taberna. O homenzinho de cabelos vermelhos ainda dançava com sua caneca sempre cheia, e anões discutiam de vez em quando, mas o homem que enfrentara Urbain, assim como seus amigos, já tinham ido embora. Urbain esfregou os olhos, tentando afastar o sono. Ia pedir à boa senhora que os deixasse pernoitar ali mesmo, naquela mesa, mas não queria atrapalhá-la. Quando ela finalmente se aproximou deles, ele se preparou para o pedido. Antes, porém, que ele dissesse qualquer palavra, ela perguntou:

– Vocês não tem pra onde ir, não é?

– Na verdade, temos pra onde ir... – respondeu Urbain com um sorriso gentil. – Só não temos onde passar a noite!

A mulher riu e, com um movimento de mãos, falou para segui-la. Urbain se levantou e pegou Eileen, que dormitava com a cabecinha sobre os braços na mesa. Colocou-a no colo e seguiu a mulher.

– Não sei o seu nome...

A mulher se virou para ele subindo as escadas de madeira. Ela tinha o rosto rechonchudo e um olhar que esbanjava sabedoria. Seu decote era grande e o avental marcava uma cintura distante.

– Dana – disse ela. – Pode me chamar de Dana.

– Eu sou Urbain Grandier, e essa é Eileen.

Ela olhou para a menina adormecida em seus braços com curiosidade.

– Vocês formam uma família estranha...

E voltou-se para a porta que abria com uma chave que trazia num molho.

– Você ainda não viu nada... – murmurou Urbain.

Ela deu passagem para eles e Urbain viu um quarto aconchegante com duas camas, lençóis limpos, cobertores quentes e cheiro de madeira.

– O banheiro é ali e eu vou pegar toalhas.

Ela apertou o braço do homem e fez uma cara de espanto.

– Menino, você está molhado! Se dormir assim, vai acabar ficando doente! Vou ver o que posso arrumar para vocês.

Ela os deixou no quarto e Urbain colocou Eileen numa das camas. Sentou a menina delicadamente, mas ela estava mole de tanto sono. Retirou o vestido molhado e secou-a com uma toalha que estava sobre a cama. Lembrava muito Bianca quando era pequena e ele se viu invadido por uma onda de nostalgia que o levou imediatamente à preocupação com a filha. Teria ela conseguido escapar dos trolls? Claro que sim! Era sua filha! Ele não criara nenhuma imbecil. Ela sabia se virar.

A porta voltou a se abrir depois de umas leves batidas e Dana estava de volta com roupas dobradas e mais toalhas..

– Para você, consegui um velho pijama de meu filho mais novo. Para a menina, só achei essa camisa de algodão de quando um deles, não lembro mais qual, era criança. É o bastante para dormir. Amanhã suas roupas já estarão secas!

Urbain recebeu as roupas e olhou-a com o peito cheio de gratidão.

– Dana... – disse ele. – Eu não sei como lhe pagar por isso tudo...

– Não se preocupe! – disse ela, dando-lhe tapinhas no braço. – Posso ver que você é um bom homem num mau momento! Não precisa pagar por nada.

Ela o deixou sozinho. Urbain ainda ficou parado alguns instantes com as roupas nas mãos, então se virou e foi vestir Eileen. A menina nem acordou e quando ele terminou de vesti-la, ela se virou para o lado e continuou a dormir. Ele a cobriu com o cobertor e arrastou os pés para o banheiro. No espelho, assustou-se consigo mesmo. O rosto ainda estava ferido, embora ele não sentisse mais nada. Estava pálido demais em contraste com os cabelos negros que agora estavam desgrenhados, caindo pelo rosto formando caracóis. Molhou o rosto numa bacia e respirou profundamente.

Alguns minutos depois, ele se arrastou de volta, depois de um banho de gato e com as roupas do filho da boa senhora. Um filho que deveria ser enorme, pois as roupas estavam tão grandes nele que se sentia uma criança vestindo o pijama do pai. Urbain se deitou na outra cama e cobriu-se, pensando que, se há alguns dias alguém lhe dissesse onde estaria naquele momento, ele riria. Agora, não estava com muita vontade de rir...

Capítulo 21

Manhã Azul

Era uma manhã lindíssima em Tir Nan Og. Marcel lhes disse que, pelo que soube, todos os dias começavam com uma manhã linda e terminavam com um entardecer espetacular.

– Tudo aqui é perfeito! – disse Marcel, enquanto ajeitava os arreios do imponente cavalo creme de crina longa da mesma cor, mas de um tom mais claro. – O céu, a comida, as pessoas, mal vemos as horas passarem!

– Seu cavalo é meio gay... – comentou Marcos, que observava há um bom tempo os enfeites no cavalo de Marcel.

– Não enche! É o cavalo de um príncipe!

– Pode ser, mas ele ia fazer o maior sucesso na Parada Gay de São Paulo!

Antes que os dois comessem a brigar, como faziam há quase vinte anos, Lorena interferiu.

– Muito bem, Moe e Curly, vamos nos concentrar. Marcel, está tudo bem mesmo você deixar sua... noiva... e vir conosco?

– Lorena, só porque você é mulher e é minha prima não significa que eu não possa te mandar para lugares pouco confortáveis...

Marcel puxou seu cavalo para a balsa que os aguardava. Oisin e uma pequena comitiva se aproximava. As vestes dela eram de brocado vermelho e dourado, provocando reflexos da cor do sol. Eles tinham que admitir. Marcel tinha um excelente gosto.

– Você tem mesmo que ir? – perguntou ela, segurando as mãos do amado.

Marcel se sentiu observado por Lorena e Marcos e se afastou um pouco. Então a olhou nos olhos e respondeu com sinceridade.

– Sim, meu amor, eu tenho que ir. Eles são minha família. Quando estiverem seguros, voltarei pra você.

Ela sorriu e ele a beijou. Seu beijo tinha gosto de uvas muito doces e, por um momento, um breve momento, ele lamentou ter que se afastar dela.

Eles seguiram na balsa com o cavalo de Marcel, Dinni Mara, em direção à margem. A água cristalina refletia o Sol tão perfeitamente que pareciam navegar sobre um espelho. O clima era levemente frio e Marcos e Lorena se agasalhavam com seus mantos. Marcel manteve silêncio, olhando para frente. Um elfo que não tinha dito uma única palavra até o momento guiava a balsa para a direção certa.

Assim que chegaram na margem oposta, saltaram na água, molhando os pés, protegidos por botas. Dinni Mara relinchou e trotou graciosamente, ao

comando de Marcel que o puxava pelas rédeas. Lorena e Marcos correram para seus próprios cavalos, que aguardavam pacientemente. Acariciaram os animais, felizes por encontrá-los bem. Na verdade, felizes por encontrá-los ainda com todos os seus pertences.

A balsa com o elfo se afastou e quando se viraram, ela já ia longe. Foi quando Marcel soltou os ombros aliviado.

– Graças a Deus, eu estava louco pra sair de lá!

Lorena e Marcos se entreolharam confusos.

– Ué! – estranhou Marcos. – Não era o lugar perfeito?

– Era! – concordou Marcel. – Mas ainda não estou pronto para casar!...

– Acho que você tem problema com compromisso!

– Não enche, Marcos! – respondeu Marcel, subindo em seu cavalo, enquanto os outros subiam nos seus.

Eles tomaram a direção em que estavam indo antes de Marcos cair no canto da sereia. Colocaram Marcel a par de tudo e aproveitaram que os cavalos estavam descansados para correr. Precisavam chegar ao fauno e descobrir como encontrar os outros.

Naquela mesma manhã, Urbain acordou sentindo uma coisa quente e macia junto dele. Olhou para a pequena que se enfiara em baixo de seu braço enquanto ele dormia e ainda sonhava aninhada em seus braços. Ele piscou várias vezes, tentando focar os olhos e tentando se lembrar de onde estava. Assim que a realidade alcançou sua consciência, moveu-se bem devagar para que Eileen não acordasse. No banheiro, vestiu sua roupa preta que já estava seca e deixou a menina dormindo no quarto, enquanto descia para a taberna. Encontrou Dana e um aroma maravilhoso de pão quente. A grande mulher sorriu para ele e deu um alegre bom dia.

– Desculpe, eu não queria dormir tanto! – disse ele.

Ela deu um tapinha no ar e o puxou para uma mesa.

– Acordou na hora certa, meu anjo! Bem a tempo de me acompanhar no meu café da manhã!

Ele se sentou, quase constrangido em ser tratado tão bem sem ter feito nada por merecer.

Na mesa, havia pães quentes, uma jarra de leite, chocolate, um bolo de canela, uma torta de maçãs, queijo, manteiga, ovos, batatas e frutas. Era um banquete.

– E então? Dormiram bem? – perguntou ela.

– Divinementemente! – respondeu ele, servindo-se de um pouco de leite quente. – Eileen ainda está dormindo. Ela está exausta.

– Você também – observou ela. – Por que não fica e descansa um pouco mais?

Ele meneou a cabeça, pegando um pedaço de pão que fumegou assim que ele o partiu.

– Eu adoraria... mas não posso.

Dana pousou o rosto rechonchudo sobre as mãos e os cotovelos sobre a mesa, esperando que ele lhe contasse sua história.

– Preciso encontrar minha família – explicou ele, sem saber o quanto poderia contar a ela. – Minha filha, eu e Eileen fomos sequestrados por trolls na Vila das Fadas D'Água. E eu não acredito que disse essa frase!... Minha esposa e meu amigo ficaram lá.

– Meu querido, você está mesmo longe de casa! A Vila das Fadas D'Água fica bem longe daqui!

– Pois é... Nós fugimos dos trolls, mas nos separamos quando caímos no rio. Bianca ficou com o namorado, Zac, numa margem. Eileen e eu ficamos na outra margem. Preciso encontrá-los. Isso foi ontem à noite e não sei se eles estão bem.

Dana meneou a cabeça lentamente, parecendo compreender sua situação.

– Você teria um mapa? – perguntou ele, que precisava se localizar antes de tomar uma direção.

Zac acordou com um gosto de ferro na boca. As pálpebras pesavam terrivelmente e uma pontada no ombro o fez contorcer o rosto. Uma coisa quente e macia estava ao seu lado e ele virou levemente a cabeça para ver o que era. Por algum motivo, se surpreendeu por ver Bianca, dormindo pesadamente ao seu lado, uma surpresa repleta de alívio que encheu seu peito. Por que se surpreendeu? E aí ele se lembrou. Estava surpreso porque achou que ela tinha morrido. Ou ele. Ou ambos. As memórias do monstro terrível que os atacou, um cavalo deformado que parecia ter vindo no expresso do inferno e que lhe desferiu uma mordida bem dada no ombro, vieram à mente e ele não pôde evitar que o coração se acelerasse.

Tentou se mover, mas não queria acordar Bianca. Por outro lado, precisava acordar Bianca. Olhou em volta e percebeu que não sabia onde estava, nem exatamente como saíram das garras do kelpie. Kelpie? Como sabia o nome da criatura? Alguém lhe dissera? Fechou os olhos de novo e apertou-os com os dedos, tentando focar-se um pouco mais.

A porta se abriu de repente lhe dando um tremendo susto. Bianca acordou imediatamente, os olhos pequeninhos de sono, o cabelo emaranhado. Mesmo assim, ela lhe pareceu adorável.

– Bom dia, meus queridos hóspedes! – dizia a voz animada do homem que entrava.

Ele trazia uma bandeja com um café da manhã bem servido. Colocou-a sobre a cama diante dos dois e foi até as cortinas, que abriu completamente, deixando entrar a luz do sol. Então, ele se sentou num sofá de lugar único que ficava bem próximo.

– Dormiram bem? E você, rapazinho, se sente melhor?

– Não lembro como cheguei aqui... – disse Bianca, genuinamente confusa.

Frabato riu sonoramente.

– Você ficou meio tonta depois que usou o espelho mágico! Acontece com quem não está acostumado. Começou a falar coisas malucas e eu a trouxe para a cama.

O brilho do raciocínio voltou a habitar os olhos de Bianca e ela se lembrou do que tinha visto.

– Meu pai está bem! E Eileen também! Não é ótimo?

Ela abraçou Zac, mas largou-o assim que ele gemeu.

– Desculpe! Desculpe! – pediu ela, vendo se ele estava bem.

– Eu estou bem! Tudo bem!

Frabato afastou a bandeja e verificou o curativo por alto.

– Humm... O kelpie fez um estrago mesmo em você, garoto... Mas creio que ficará bom. Já está bem melhor!

Frabato voltou a se sentar na poltrona.

– Pelo menos até a próxima Lua Cheia, quando você se transformará em um deles. Até lá, não tem com o que se preocupar!

– O quê?! – eles perguntaram em uníssono.

Frabato explodiu numa gargalhada.

– É brincadeira! Nossa, como vocês são bobinhos! Eu poderia ficar aqui o dia inteiro pregando peças em vocês...

E com a companhia animada do mago, eles tomaram seu café da manhã. Assim que terminaram, tiveram que encarar a pergunta que flutuava sobre eles durante todo o tempo.

– E agora? – perguntou Frabato. – O que vão fazer?

– Temos que achar meu pai e Eileen... – respondeu Bianca.

– Mas precisamos saber onde eles estão – concordou Zac. – Você disse que os viu...

– Vi, mas só dava pra ver que eles estavam numa floresta...

Bianca se levantou e andou pelo quarto. Pensava melhor quando andava.

– Bom, meu pai tem duas opções e vou considerar que Eileen não tem direito a voto: ou ele volta para a Vila das Fadas D'Água, ou ele segue em frente para o lugar que planejávamos ir antes de nos pegarem.

– Para onde? – perguntou Zac.

– Para a Floresta Perdida, onde tínhamos que encontrar o Fauno Ancião.

– Pra quê? – perguntou Frabato.

– Pra acharmos Zac – respondeu Bianca.

– Mas vocês já me acharam! – retrucou Zac.

– Eu sei, mas ele não sabe onde você e eu estamos agora! Então acho que ele seguiria para o destino original, já que o fauno pode nos indicar onde está uma pessoa perdida.

– Vocês vão ter um longo caminho até lá... – disse Frabato, levantando-se e indo até uma estante cheia de livros.

Ele voltou com um livro de capa de couro marrom já bem puído. Procurou uma coisa e mostrou para os dois jovens assim que encontrou.

– Este é um mapa dos Quatro Reinos. Aqui é onde estamos agora. Você disse que saíram num rio que, depois de uma cachoeira, aumentava e foi aí que vocês se separaram, certo?

Ele apontou com o dedo a cachoeira e o filete de rio que engrossava até bifurcar-se, levando a lugares completamente diferentes.

– Se seu pai andou bastante, ele pode estar bem longe de vocês, mas bem mais perto da floresta do fauno.

Eles ficaram pensativos por um longo momento, até que Bianca falou:

– Seria mais rápido se voássemos em grifos!...

O café da manhã na companhia de Dana tinha sido maravilhoso. Aquela senhora tinha o poder de acalantar, ouvir, aninhar, confortar, um poder que Urbain só tinha visto apenas em sua própria mãe, alguém que ele não via há muito, muito tempo. Mas quando terminou, ele sabia que estava na hora de ir. Pelo mapa que Dana lhe mostrou, ele calculou que, se atravessasse uma floresta marcada com uma mancha negra no mapa – o que ele viu que não podia ser bom sinal, mas preferiu ignorar – ele chegaria em um dia e meio na floresta do fauno. Lá, ele saberia onde estão todos. Pensou em voltar para a Vila, mas não podia conceber chegar lá sem a filha. Além do mais, conhecendo sua esposa do jeito que conhecia, não acreditava que ela teria ficado lá sentada esperando. Muito menos Marcos. Não, aqueles dois

já deviam estar fazendo alguma coisa bem estúpida para encontrá-los. Decidiu então que iria até o fauno.

Seu rosto fez linhas de preocupação facilmente lidas por Dana.

– O que o preocupa, querido?

– Eileen – respondeu ele. – Não é uma viagem para uma menininha. Podemos encontrar muitos perigos, eu me preocupo com ela.

– Se quiser, pode deixá-la comigo. Eu cuidarei bem dela.

Urbain ergueu os olhos negros para a mulher que oferecia uma ajuda salvadora. Mas então, seu coração se apertou um pouco. Percebeu que não queria se afastar da menininha. Preocupou-se um pouco mais. Teria coragem de deixá-la para trás?

Alguns minutos depois, deixou a taberna. O coração estava apertado. Dana lhe deu um abraço apertado e uma bolsa com mantimentos que ele agradeceu mais uma vez.

– Não sei se um dia poderei lhe agradecer por tudo que fez por nós – disse ele.

– Basta uma bênção, querido!

Ele não entendeu direito, franzindo o cenho e inclinando a cabeça.

– Você é um Feiticeiro da Lua Negra, não é? – explicou ela. – Então, abençoe a minha casa e considero a dívida paga!

Urbain foi pego de surpresa. Pensou consigo que não tinha a menor ideia de como fazer uma bênção como Feiticeiro da Lua Negra. Mas sabia fazer uma bênção como padre. Disso, nunca se esquecera. Virou-se, o semblante sereno e concentrado, ergueu a mão direita e fez em todas as paredes o sinal da cruz, enquanto deixava que as palavras fluíssem, acreditando plenamente nelas:

– *Precibus et meritis beatæ Mariæ semper Virginis, beati Michaelis Archangeli, beati Ioannis Baptistæ, et sanctorum Apostolorum Petri et Pauli et omnium Sanctorum misereatur vestri omnipotens Deus; et dimissis omnibus peccatis vestris, perducatur vos Iesus Christus ad vitam æternam. Indulgentiam, absolutionem et remissionem omnium peccatorum vestrorum, spatium veræ et fructuosæ poenitentiae, cor semper penitens, et emendationem vitæ, gratiam et consolationem Sancti Spiritus; et finalem perseverantiam in bonis operibus tribuat vobis omnipotens et misericors Dominus. Et benedictio Dei omnipotentis, Patris et Filii et Spiritus Sancti descendat super vos et maneat semper. Amen.*

Quando terminou, fechou os olhos por alguns segundos, sentindo-se pleno. Quando os abriu novamente, percebeu que o lugar estava iluminado e, por uma fração de segundos, viu, no lugar da senhora negra acima do peso, uma belíssima mulher tão alta e tão iluminada que ele só conseguiria comparar com uma aparição da Virgem Maria. Tudo isso durou apenas alguns segundos, talvez menos. Logo,

tudo voltou ao que era e Dana o abraçou novamente, agradecendo com a voz embargada pela bênção em seu lar.

E assim ele partiu. A cada passo que dava para longe daquele lugar parecia que uma estaca se enfiava mais alguns centímetros em seu coração. Ficava repetindo para si mesmo que Eileen estaria melhor ali, longe dos perigos. E ele voltaria para buscá-la. Ela ficaria bem...

Tinha dado pouco mais que vinte passos quando um gritinho agudo lhe chamou a atenção e ele se virou abruptamente. Viu, correndo em sua direção, a fadinha chorando. Dana tentou ir atrás dela, mas logo desistiu. A menina correu com suas perninhas curtas e as asinhas débeis batendo rapidamente como se isso acelerasse sua corrida. Ele se ajoelhou e ela se jogou em seu pescoço, abraçando-o como se nunca mais fosse largá-lo.

– Ban! Não me deixe, Ban!

Ela soluçava abraçada, chamando seu nome. Urbain se pronunciava “Ârbân”. Eileen resumiu em Ban. Ele a afastou e olhou para o rostinho banhado de lágrimas.

– Minha querida, você vai ficar com Dana só um pouco! – tentou explicar ele. – Ela vai cuidar de você e eu voltarei para pegá-la!

– Não vai, não! – protestou a menina entre soluços. – Papai e mamãe foram embora. Zac e Bianca foram embora. Agora você vai embora! Todo mundo abandona Eileen!

– Não, meu anjo, não é verdade!

– É, sim! – gritou ela, voltando a chorar.

Urbain percebeu que nenhuma argumentação lógica ia mudar a cabecinha dela. Então ele a abraçou e olhou para Dana, que assistia a cena de longe, sorrindo. A mulher fez um gesto com as mãos que diziam basicamente: “Que jeito que tem?” Então ele acenou para ela, avisando que estava tudo bem. Ajudou Eileen a secar as lágrimas e pegou em sua mãozinha. E assim, seguiram o caminho. Apesar de não acreditar que aquilo era uma boa ideia, seu coração parou de doer e os passos seguintes foram bem mais leves.

– Como assim vamos pegar carona em grifos?!

Zac tinha se levantado da cama, alvoroçado com o plano que se desenvolvia na cabeça de Bianca e que ela verbalizava antes das ideias estarem devidamente organizadas.

– A Rainha Paralda tem dois grifos e eles nos conhecem! Podemos ir até o castelo dela e pedir para usá-los! Ou pegar emprestado...

– Roubar? – riu Frabato, tomando uma xícara de chá. – Você quer roubar a rainha? Sério?

– Nós devolveríamos! – defendeu-se Bianca.

– Peraí! – pediu Zac. – Você está falando de grifos? Aqueles grifos dos livros? Aqueles que comem gente?

– Mas esses são legais!

A discussão prosseguiu. No final, ir até a Rainha Paralda não parecia uma ideia tão ruim. Bianca poderia lhe pedir ajuda. A rainha poderia lhe dizer onde estavam seus pais e seu tio Marcos. Além do mais, poderiam aproveitar para pedir o elixir de Tir Nan Og, o que facilitaria a vida de todo mundo na hora de voltarem para casa. Zac não sabia dessa parte e caiu sentado na cama, ligeiramente sem cor, quando ela lhe explicou que quando voltassem para o mundo deles, provavelmente já teriam se passado várias décadas. Talvez séculos. E que provavelmente virariam pó assim que chegassem lá. Ou septuagenários.

– Mas o Elixir de Tir Nan Og da Rainha resolve esse problema! – explicou ela.

Zac olhou para o nada por alguns segundos. Ele precisava aceitar o mais rápido possível o que estava acontecendo, ou acabaria tendo um surto. O problema é que sempre que ele achava que estava se acostumando com o cenário surreal para o qual fora arrastado, o cenário parecia piorar.

– Está bem... – disse ele, finalmente, passando a mão nos cabelos escuros. – E onde fica o castelo dessa rainha?

– Onde o Vento Faz a Curva! – respondeu prontamente Bianca.

– Precisa ser grossa comigo?! Responde direito! Não quer falar, não fala!

Bianca não conseguiu evitar o riso.

– É o nome do lugar! É sério!

Frabato se levantou. Tinha aquele riso divertido no rosto bonachão e a xícara de chá vazia nas mãos.

– Façamos o seguinte. Fiquem para o almoço. Pelo menos, saiam de barriga cheia. Se encontrarem algum kelpie no caminho, pelo menos estarão gordinhos! Depois do almoço, vão até Paralda e peçam o favor dela. Talvez ela os atenda. Ou talvez não. Paralda muda de humor como o vento muda de direção.

O caminho havia sido tranquilo, até se depararem com aquela carruagem. Ela era linda, talhada em madeira com detalhes dourados e acobreados, pintada com base negra e desenhos em vermelho. Os cavalos eram castanhos afogueados e pareciam ter faíscas no olhar, enquanto que o cocheiro era um rapaz magro elegantemente vestido.

Sim, a carruagem era linda. Infelizmente, ela estava cercada por bandidos por todos os lados e todos eles atacavam enlouquecidamente os soldados que faziam a proteção. Certamente, havia alguém importante lá dentro.

– Droga... – resmungou Marcel, sabendo que agora que tinham visto aquilo, seria impossível fingir que não viram e simplesmente contornar a confusão.

– Temos que fazer alguma coisa! – disse Lorena.

– Não, não temos! – respondeu Marcel. – Eles estão indo muito bem!

Um soldado gritou com um golpe fatal. O bandido, com barba por fazer e um colete de couro marrom, enfiou a espada no peito do homem até o fim e seu sorriso ao fazer isso não denotava boa índole.

Marcos e Lorena olharam novamente para Marcel. Ele fez um gesto com a mão no ar e deu um suspiro, admitindo a derrota.

O cocheiro foi arrancado do seu posto e jogado ao chão. Havia ainda outros três soldados de pé, lutando ferozmente, mas eram numericamente inferiores. Um dos soldados foi desarmado e achou que ia morrer. Viu sua espada voar pelo ar e pousar no chão a alguns metros e agora olhava para seu oponente que sorria um sorriso sem dentes, até que uma flecha o acertou no peito e matou seu sorriso. O bandido olhou surpreso para o que o atingira e caiu de joelhos, ainda perplexo.

O soldado tentou ver de onde tinha vindo a ajuda, mas teve que se abaixar rapidamente para evitar um golpe de um machado que acertou a carruagem. Outros golpes de espada e gritos de agonia e morte foram ouvidos. Ele olhou em volta e viu que seus dois companheiros haviam caído. De pé, só restava ele. A sua volta, pelo menos oito homens armados. Tentou chegar até a espada caída, mas um homem o interpelou. Era enorme e um soco dele o jogou para trás. Arrastou-se de costas no chão enquanto o homem girava sua espada, vitorioso.

Foi quando uma mulher se colocou entre eles.

O bandido primeiro ficou surpreso. Depois, sorriu satisfeito com o desafio. Ele atacou a mulher, fazendo a espada girar em arco. Ela usou sua espada para desviar o golpe, desequilibrando-o. A seguir, antes que ele pudesse se virar, já que era um homem imenso, ela o atacou com golpes rápidos. Dava pra perceber que ela não queria matá-lo, apenas afastá-lo. Os cortes não era fatais, mas doíam. Ele tentou investir contra ela de novo e a mesma coisa aconteceu, mas dessa vez, ele caiu de cara no chão.

Outros sons de espada eram ouvidos, com Marcel investindo contra outros dois oponentes. O jovem soldado pegou sua espada e partiu para atacar os outros. Flechas cruzaram o ar e acertaram mais dois. Um caiu morto. O outro correu ferido para seu cavalo.

– Vamos embora! – gritou um dos bandidos que assumira a posição do cocheiro e fugia com os cavalos e a carruagem.

O homem que enfrentava Lorena fez uma careta ao perceber que teria que deixar a luta pelo meio, mas logo se afastou e correu para seu enorme cavalo negro. O soldado se apavorou quando viu que estavam levando a carruagem. Saltou num cavalo e correu, alcançando rapidamente o veículo. Um bandido à cavalo tentou acertar-lhe um golpe, mas uma flecha no ombro o derrubou. Livre, o soldado emparelhou com a carruagem, abriu a porta e chamou por alguém.

Lorena e Marcel os seguiram com seus cavalos e ainda puderam ver uma mulher saltar de dentro da carruagem para os braços do soldado. Então ele diminuiu a velocidade, até finalmente parar, deixando que os vilões levassem seu espólio.

O soldado virou-se para a ajuda inesperada.

– Obrigado, senhores... Lhes devo mais que a minha vida.

Lorena e Marcel não puderam evitar olhar a donzela em seus braços. Ela chorava, nervosa. Tinha os cabelos ruivos e lisos até a cintura e olhos castanhos e enormes. Era uma menina linda, mas estava incrivelmente assustada.

– Essa é a princesa Maeve, herdeira do Trono do Fogo.

– Princesa? – perguntou Marcel, surpreso.

– Fogo? – perguntou Lorena.

Eles voltaram para o lugar onde o ataque ocorrera. O soldado, Fergus das Ilhas de Aran, tentava ver se podia ajudar os companheiros. A moça fora deixada aos cuidados de Lorena, que a olhou nos olhos e disse calmamente.

– Você está bem?

– Eles... Eles... Eles...

– Sshhhh.... Maeve, querida, você é uma princesa e será uma rainha. Respire fundo e tente se controlar. Você precisa ser forte.

A moça respirou fundo e limpou as lágrimas, endireitando o corpo.

Marcos desceu de sua árvore a tempo de ouvir o conselho de Lorena.

– Pô, Lorena, como você é grossa! – reclamou ele. – A garota está traumatizada!

E tentou consolar a moça, enquanto Lorena foi até Marcel e Fergus. Pela expressão nos rostos deles, não havia boas notícias.

– Estão mortos... – disse o soldado.

– Eu lamento – respondeu Lorena.

Fergus olhou em volta e pareceu se dar conta de que faltava alguém.

– Onde está Edward?

Ele caminhou pelo lugar e pareceu desesperado. Marcos que se aproximava com Maeve olhou em volta, sem saber exatamente por quem procurar.

– Como é que ele é? – perguntou Marcos. – Ele brilha no sol?

Fergus não o ouviu. Parara de procurar com um olhar de desalento.

– Eles o levaram... – disse.

– Levaram quem? – perguntou Marcel.

– Um dos soldados...

– Bem, isso é bom, né? – tornou Marcos. – Significa que ele pode estar vivo.

Fergus olhou para eles quase com raiva, achando que estavam caçoando, mas bastou um olhar mais atento para perceber que eles realmente não sabiam de nada.

– Aqueles homens eram traficantes de escravos. Qualquer um que eles levem tem um destino pior que a morte – explicou ele. – São vendidos para minas de kobolds, para donos de terra, para arenas ilegais, como diversão em reinos selvagens. De qualquer forma, a vida como escravo é dolorosa e infinitamente infeliz.

As árvores balançaram as copas, fazendo um chiado que permeou o silêncio.

– Bem, o que vocês vão fazer agora? – perguntou Lorena, percebendo que o soldado parecia perdido e a princesa parecia inútil.

– Eu tenho que levar a princesa Maeve para o castelo do Rei do Norte – explicou ele. – Ela se casará com Boreas, o herdeiro do trono.

– Cruzes! – exclamou Marcos. – Que mundo mais 3x4! Este é o casamento que vai salvar o reino das fadas de uma guerra, não é?

– É.

– Muito bem... Para onde vocês estão indo? – perguntou Lorena, tentando administrar a situação inesperada.

Era muita informação e Zac estava lidando com aquilo da melhor maneira que podia. Uma menina de cabelos crespos continuava olhando para ele durante o almoço. Ele sorriu para ela e ela sorriu de volta. Antes da sobremesa ele descobriu que estava num castelo assombrado e que todos ali estavam mortos. Isso poderia ter destruído seu apetite para sobremesa, mas em dado momento, Zac aprendeu a deixar pra lá.

Quando terminaram, se encontraram no jardim onde belas rosas e ervas de todos os tipos cresciam de uma maneira caótica e, por isso mesmo, belíssima. Bianca tinha estado calada e Zac procurou os olhos dela. A moça parecia distante.

– Urbain e Eileen estão bem – disse ele, acreditando ser isso que a preocupava.

– Não estou preocupada com eles – respondeu ela. – Estou preocupada com você.

Zac arregalou os olhos, surpreso com a declaração e Bianca se aproximou dele.

– Os trolls só chegaram em você através de mim – explicou ela. – O kelpie só sequestra as vítimas que aceitam montar nele. Você não queria montar, quem aceitou fui eu. E quem terminou remendado foi você! Zac, acho que eu não faço bem pra você...

O rapaz riu e a puxou para um abraço.

– Eu acho uma gracinha essa sua preocupação comigo, Bianca. E não quero que pense desse jeito. De alguma maneira, você me faz sentir vivo, mesmo me metendo nessas roubadas...

Ela sorriu, ainda abraçada a ele, e foi quando sentiu um forte cheiro de maçãs. Se afastaram um pouco e um beijo era inevitável, mas Frabato os chamou e seus lábios mal se tocaram. O mago lhes estendeu uma chave que Bianca já conhecia. Ele os acompanhou até a pedra.

– Foi um prazer ver vocês de novo – disse o mago. – Tomem cuidado por aí. E não aceitem caronas de estranhos, mesmo que sejam pôneis fofinhos! Ah, me lembrei disso aqui!

Ele lhes estendeu uma garrafinha envolta em couro.

– O que é isso?

– Um pouco do unguento que passei em Zac ontem – explicou Frabato. – É feito com ervas e encantado com palavras mágicas e com a Lua. Ele ajuda a combater infecções e na cicatrização de ferimentos. Eu já tinha feito e estava

sobrando mesmo, então é melhor levarem, caso furem o dedo num espinho ou pisem num prego.

Bianca abraçou Frabato e Zac o cumprimentou, grato por tudo. Então, Bianca e Zac se deram as mãos. Zac não sabia o que ia acontecer, mas aprendera – ou estava aprendendo – a confiar em Bianca. Deram sete voltas na pedra e na sétima volta, uma porta surgiu. E na porta, havia uma fechadura. Eles enfiaram a chave e a porta se abriu.

Na escuridão, Bianca tentou avisar à Zac que eles iriam despencar, mas assim que começou a formular a sentença, caíram na escuridão.

Zac achou que iria se machucar quando chegasse ao fundo, mas para sua surpresa, caíram os dois num tufo macio de mato verde. Bianca caiu por cima dele e ele a segurou pelos braços, buscando um contato visual.

– Você está bem?

Bianca, por cima dele, com o cabelo por cima do rosto, anuiu com um sorriso. Esperar pela queda não tinha adiantado em nada. Levara o mesmo susto de antes. Eles se levantaram e ela o viu massageando o ombro.

– E o seu ombro? – preocupou-se ela.

– Está bem! – respondeu ele, surpreso em realmente não estar sentindo nada além de algumas físgadas.

Uma ventania jogou todo o cabelo de Bianca contra seu próprio rosto, fazendo-a desaparecer por alguns instantes. Puxando o cabelo com a mão, Bianca olhou em volta. O vento estava lá, exatamente como ela se lembrava. Ele vinha de todas as direções e rodopiava, elevando pequenas flores para o céu azul. Pequenas fadas em forma de dentes de leão subiam e se davam as mãos, fazendo círculos e danças no ar. Um aroma de flores se misturava e os envolvia como um véu delicado. Bianca se virou para Zac, pronta para dizer que estavam bem perto do castelo de Paralda, mas se deparou com o rosto extasiado do rapaz, admirado com tanta beleza.

– Que... coisa linda... – balbuciou ele, lamentando não ter um vocabulário rico o bastante para descrever tudo o que via e sentia naquele momento.

Bianca admirou um pouco mais a vista, mas o que a encantou mesmo foi o brilho no olhar de Zac. Ele levou algum tempo para perceber que ela o observava com um largo sorriso.

– O que foi?

– É a primeira vez que você vê esse mundo como eu vejo... – respondeu ela.

Ele fez um movimento de ombros, sem saber exatamente como responder àquilo.

– É um lugar belo... – foi só o que disse.

– É mais do que isso! – continuou ela. – É fantástico! É estonteante! Tem mais cores do que no nosso mundo e tudo é... arrebatador!

Ele franziu o cenho e olhou para ela, como se estivesse tentando se lembrar de algo importante.

– Eu sei. Mas há algo... Há algo aqui que me incomoda... – ele queria dizer que algo ali o assustava terrivelmente, mas não quis passar essa informação. – À luz do sol, este lugar é lindo. Mas quando ele mergulha nas sombras, ele é terrível demais...

Bianca desfez o sorriso. Eles começaram a andar, o mato suave acariciando suas pernas. Frabato tinha cedido roupas à Zac, que agora trajava uma calça simples e uma camisa de seda leve com um colete azul marinho com alguns enfeites em marfim. Em alguns passos, puderam ver o castelo suspenso imponentemente nas nuvens de cores douradas. Zac deixou seu queixo cair pela segunda vez.

– Como isso é possível?

– É o castelo de Paralda – explicou Bianca. – Flutua acima do Lago Azul de Vayu. Ela é a rainha do Reino das Fadas.

– Nossa! Ela tem estilo!... – disse ele, num movimento de cabeça. – Mas onde pegamos o elevador pra chegar lá?

Bianca riu e pegou sua mão, levando-o até o ponto onde ela se lembrava.

– Agora, relaxe...

Ele não entendeu, mas mergulhou nos olhos dela e esperou. O vento continuava, jogando seus cabelos para todos os lados, levantando o vestido de Bianca e beijando seus rostos. Uma brisa os ergueu suavemente e Zac se assustou. Bianca apertou as mãos dele e ele sentiu a confiança de que ela sabia o que estava fazendo. Seu coração batia rápido e eles mergulharam nos olhos um do outro. Bianca achou ter visto o brilho da lembrança nos olhos azuis de Zac, como se ele a tivesse reconhecido, como se ele tivesse finalmente se lembrado de que já estiveram ali antes. Mas talvez fosse apenas o olhar de um jovem funcionário dos Correios apaixonado. E Bianca percebeu, naquele momento em que flutuavam rumo a um castelo que se erguia impossivelmente no ar, que não fazia mais a menor diferença. Ela o amava, amava tanto que doía, e contanto que ele a olhasse com aqueles olhos sempre, que segurasse em sua mão e a beijasse todos os dias, tudo estaria bem.

E foi num impulso que ele a beijou, como se o vento o tivesse empurrado, e mergulhou nos lábios dela, sentiu seu coração, seu calor, e foi como se o mundo inteiro girasse em torno deles naquele minuto. Se você já beijou alguém que ama, sabe que um beijo pode te elevar, fazer você se superar, ir mais longe. Talvez porque beijos sejam a maneira que os anjos encontraram de nos lembrarmos de que o amor ao outro quando retribuído é um caminho até o céu.

Quando eles ultrapassaram as nuvens, seus lábios se separaram gentilmente, mas eles permaneceram com as testas encostadas, sem tirar os olhos um do outro. Seus pés tocaram delicadamente no chão.

Zac percebeu que havia grama, flores, fadas, pedras e estátuas cor de marfim espalhadas por um imenso jardim acima das nuvens. O castelo, a construção mais imponente e graciosa que ele já vira na vida, aguardava mais a frente, com o brilho do sol refletindo em suas torres e grandes janelas de cristal furta-cor.

Ela localizou a entrada, o portal de mármore gigante com os dois grifos congelados em sua vigília petrificada. Caminharam até lá e Bianca se sentia segura. Paralda era legal! Ela iria ajudar, certamente! Ajudara da outra vez. Tudo bem que Bianca quase morreu, Zac quase foi mutilado, e tudo isso fora muito estressante. Mas, no final, tudo dera certo, e Bianca se apegava à ideia de que Paralda os reconheceria como velhos amigos e lhes daria tudo o que precisavam. Ela nem pensou em outra possibilidade...

Fadas e flores flutuavam e não dava pra saber a diferença. Zac parou para ver uma fada numa roseira sem espinhos. Ela estava sentada, acariciando um passarinho em seu colo, enquanto outros dois observavam com um pouco de inveja. Não demorou para que os outros dois se aproximassem da fadinha para receberem também seu merecido carinho. Zac notou que Bianca tinha razão. Os pássaros possuíam cores vivas e algumas delas ele não saberia descrever, assim como diversas flores. Aquele mundo tinha uma palheta de cores infinitamente mais rica do que o jardim mais colorido da Terra. Como isso podia ser possível?

Ele se apressou ao ver que Bianca estava parada mais adiante. Ela acariciava a pata de uma estátua de grifo, perdida em alguma memória.

– Err... Você sabe que isso é uma estátua, né? – perguntou ele, vendo que Bianca parecia sentir real afeição pela representação do grifo.

Ela olhou para ele e sorriu.

– Esse é Ipso e aquele é o Facto – explicou ela.

E então ela sentiu a estátua vibrar levemente. Ela se afastou, o coração acelerado sem saber se as criaturas iriam reconhecê-los ou se ela teria que fazer a audição para o American Idol de novo.

Zac deu alguns passos para trás ao perceber os animais ganhando cores e textura reais, e sentiu um ímpeto de correr quando viu a mudança. A respiração dos seres estufaram seu peito, seus olhos piscaram e eles começaram a se mover.

– O que é isso? – balbuciou ele.

– São grifos e podem nos matar – explicou rapidamente Bianca. – Se nos atacarem, cante uma música!

– O quê?!

Ele não teve tempo de compreender o que Bianca disse. Os grifos saltaram de seus pedestais e os rodearam, suas penas reluzindo em castanho dourado a luz do sol, os olhos vívidos refletindo todas as cores que os rodeavam. Eles eram um

espetáculo, mas a possibilidade de cravarem seus bicos afiados e suas garras assassinas neles tirava um pouco a beleza do momento.

– Ipso, Facto!... – disse Bianca, hesitante – Vocês se lembram de nós? Nós já voamos juntos. E lutamos juntos!

Os animais os rodearam, observando-os bem de perto. E então, um deles abaixou a cabeça e empurrou levemente Bianca, que sabia muito bem o que isso queria dizer. Começou a acariciá-lo, falando palavras de gracejo do quanto estava feliz por vê-los de novo. O outro grifo fez o mesmo com Zac, que imitou Bianca, sem tanta desenvoltura e com muito medo da criatura perceber que ele estava assustado. Dizem que os animais sabem quando estamos com medo, que cheiramos diferente. E quando percebem isso, nos atacam.

Não foi o caso. Os grifos, enormes, pesando cerca de 500 quilos cada um, com o corpo musculoso do tamanho de um cavalo e asas que abertas pareciam ir além de sete metros, se comportaram como gatinhos, pedindo carinho e felizes com o reencontro.

Com a passagem livre, eles seguiram pelo imenso jardim que os separava do castelo. Zac não conseguia fechar a boca, tamanho seu espanto com o lugar. Bianca seguia de mãos dadas, feliz de estarem juntos e com um certo orgulho de saber para onde estava indo.

Quando chegaram na enorme entrada, dois guardas os detiveram. Eram elfos de longos cabelos. Um era loiro, os cabelos tão claros que lembravam ramos de trigo. O outro tinha cabelos negros como azeviche e os dois pareciam se equilibrar naquele contraste ying/yang. Bianca ficou pensando se Paralda os escolhera de propósito por simples estética na decoração.

– O que desejam? – perguntou o elfo loiro.

– Viemos ver a Rainha Paralda – respondeu Bianca.

Os dois guardas se entreolharam como se ela tivesse falado alguma piada.

– Tem certeza? – perguntou o de cabelos negros.

– Claro que tenho! Acha que viríamos aqui só pra dar “oi”?

Os guardas se entreolharam de novo. Zac estranhou e olhou em volta, não sabendo bem o que procurar, mas algo não parecia muito certo.

Os guardas deram passagem e o casal adentrou o castelo. As enormes pilastras cor de marfim que contrastavam com os tapetes azuis davam ideia da imensidão do lugar. Da outra vez, eles já haviam encontrado a rainha em seu trono, num grande salão ao final daquele caminho. Dessa vez, porém, o trono estava vazio. Havia guardas a postos e um elfo alto que Bianca reconheceu imediatamente como aquele que estava ao lado dela da primeira vez.

– Ora, vejam quem voltou!...

– Oi! – disse Bianca.

– Oi – respondeu o elfo. – O que fazem aqui?

– Nós viemos falar com a Rainha Paralda.

– Temo que isso não seja possível.

Bianca não desviou o olhar. Por essa ela não esperava. Por que as coisas não podiam ser simples?

– É muito importante!

– Lamento, a Rainha não está.

– Pra onde ela foi?

– Foi fazer compras! Pra onde acha que ela foi, garota? Uma rainha tem seus afazeres e obrigações! O reino está em crise!

Bianca arregalou os olhos, não esperava por essa resposta.

– E sabe quando ela volta?

Uma ventania irrompeu o ambiente. Não era um simples vento, mas um vento violento, frio e raivoso. Alguns vasos bambearam em seus pedestais e se espatifaram no chão. Como se nuvens pesadas tivessem ocultado o Sol, tudo mergulhou subitamente na escuridão.

– Bem... Parece que ela acabou de chegar... – murmurou o elfo.

Junto com o vento, uma mulher entrou. Ela era alta e seus cabelos eram cor de prata. Eles dançavam pelo ar em volta de sua cabeça como se estivessem chicoteando o vento. Seu vestido era da cor das nuvens de chuva e seus passos ecoaram por todo o lugar. Ela caminhou até onde eles estavam e parou de frente para o elfo, que lhe fez uma elegante reverência.

– Essa gente é louca, sabia?! – gritou ela. – Não querem ouvir a voz da razão! Estão loucos para declarar uma guerra e não querem me ouvir! Sabe o que vai acontecer? Essa gente vai declarar guerra e quando o desequilíbrio for tão grande que ondas gigantes e furacões comecem a arrancar suas casas e castelos do chão, eles virão correndo pedir minha ajuda, ou clamando por Rafael! E aí, sabe o que eu vou fazer?!

Foi só então que ela percebeu que não estavam sozinhos. Virou-se para o casal de jovens que a observava de olhos arregalados.

– Quem diabos são vocês? – perguntou a rainha, visivelmente irritada.

– Somos Bianca e Zac! – respondeu Bianca. – Lembra de nós? Ele era um anjo quando viemos aqui da primeira vez!

A rainha os fitou friamente.

– E daí? – perguntou, sem parecer se importar.

– Bem... – Bianca ia começar a falar alguma coisa, provavelmente fazer os pedidos que tinha em mente, mas Zac a puxou levemente pelo braço.

– Er... Majestade, estamos vendo que não é um bom momento, então nós vamos indo...

– Não, nós temos que falar com ela! – insistiu Bianca, retirando o braço e voltando-se para a rainha de mau humor.

– Rainha Paralda, nós estamos precisando de um favorzinho... Nós temos que encontrar nossa família que está perdida no seu reino e se pudesse nos emprestar seus grifos...

– Ficou doida?! – perguntou a rainha, atônita.

– Não... – Bianca não entendia por que ela diria não.

– Os grifos são guardiões do meu castelo e, numa guerra iminente, eles são muito necessários, mocinha. Agora, se puder voltar para sei lá onde, tenho muita coisa a resolver!

A rainha se virou para partir, mas ainda pôde ouvir Bianca.

– A gente devolve!

E então a mulher congelou, sentindo a fúria tomá-la por completo.

Cinco minutos depois, Zac e Bianca apreciavam suas novas acomodações nas masmorras do castelo de Paralda. Infelizmente, não era muito diferente de qualquer prisão. Era uma cela fria, desconfortável e sem janelas.

– É... – disse Bianca, um tanto constrangida. – Não saiu bem como eu esperava...

– Jura? – perguntou Zac, sarcástico. – Achei que esse era o plano! A gente ser preso e ficar aqui até morrer...

– Não vi você fazendo nada pra ajudar! – devolveu ela.

– E o que você queria que eu fizesse? Tava na cara que falar mais só ia irritar mais a rainha. Quer dizer, dava pra todo mundo perceber, menos você, claro!

Bianca bufou e virou-lhe as costas. Zac bufou e ficou no canto oposto. Infelizmente, a cela não era grande o bastante para que saíssem um das vistas do outro.

Não demorou muito, até que a ira desse lugar a um pouco de serenidade.

– Desculpe – Zac foi o primeiro a se desculpar. – Sei que está fazendo o melhor que pode...

Bianca se virou para ele. O cabelo encobrendo uma parte do rosto, mas deixando à vista o brilho do olho cor de amêndoas. Ela parecia um cachorrinho que levou bronca e ele a achou adorável.

Ela balançou um pouco o corpo, e então se virou totalmente para ele.

– Desculpe... Eu não queria que... Achei que daria certo...

Ela deixou os ombros caírem e ele foi até ela, abraçando-a ternamente.

– Tudo bem, as coisas vão se ajeitar... – disse ele. – Você vai ver...

Eles ficaram abraçados na cela fria por alguns minutos em silêncio.

– Sabe?... – disse ele, quase num sussurro. – Eu nunca pensei que alguém viesse atrás de mim...

Bianca o afastou gentilmente para olhar para ele.

– Como assim? – perguntou ela.

– Saber que sua família veio me resgatar foi muito importante pra mim...

– E eu, não ganho nada? – riu ela. – Eu também vim resgatar você, sabia?

Ele fez uma careta de desdém.

– Mas você não conta! Você é minha namorada, não fez mais do que a sua obrigação!

Ele riu e ela bateu nele de brincadeira. Sentaram-se num canto da cela e esperaram. Não havia muito mais o que fazer.

Era evidente que a donzela de cabelos ruivos não saía muito do castelo. Depois da crise de pânico com o ataque dos traficantes de escravos, a moça se acalmara, mas ainda olhava com os imensos olhos afogueados para tudo a sua volta, como se esperasse que a qualquer momento um perigo mortal se abatesse sobre eles. Fergus, por sua vez, tinha uma postura altiva e tentava não demonstrar que se importava com os companheiros mortos e com o outro levado para uma vida de escravidão e uma morte prematura. Sua atuação talvez enganasse pessoas menos atentas, mas ele dera azar. Lorena, Marcos e Marcel aprenderam a ler as pessoas com maestria e era evidente para eles que o jovem soldado estava perturbado. Provavelmente, muitas coisas giravam em torno de sua cabeça morena. De sua missão dependia a paz entre os reinos. Era muita responsabilidade para uma cabeça tão jovem.

Enterraram os corpos com grandes pedras. Não podiam deixá-los ali, simplesmente, mesmo sabendo que o tempo estava contra eles. Dos bandidos, apenas dois homens pereceram. Os outros, feridos, haviam fugido esbaforidos com o reforço inesperado. Havia três soldados mortos e o cocheiro. Eram tão jovens!... Lorena se perguntou porque mandar crianças para esse tipo de serviço. Era a escolta para uma princesa! Deveriam ter soldados mais experientes. Pensou em fazer algumas perguntas à Fergus, mas desistiu quando viu o rapaz colocando pedras sobre o túmulo dos amigos com os olhos marejados, tentando enxugar uma lágrima traidora.

Para recuperar o tempo pedido, exigiram muito dos cavalos, correndo por um bom tempo. Precisavam chegar com urgência até o fauno para descobrir onde estavam Bianca, Urbain, Eileen e Zac. Mas não podiam correr o tempo inteiro. Em dado momento, passaram a ir devagar, poupando os animais. E com a vagarosidade, o silêncio se tornou muito mais evidente.

Marcos não gostava de silêncio. Dava tempo para as pessoas pensarem e, em algumas situações, os fantasmas criados eram muito maiores do que os defuntos reais. Sabia que todos ali estavam preocupados com alguma coisa. Por isso, resolveu puxar um assunto.

– Uma coisa me intriga, Marcel!

Marcel o olhou de lado. Sabia que Marcos ia tocar em algum assunto desagradável, constrangedor ou completamente idiota. Conhecia muito bem esse tom meio agudo de quem não quer nada do amigo.

– Você chegou alguns minutos depois da gente. Significa que passou apenas uma noite e um dia nesse mundo... – Marcos se virou para ele com o cenho franzido de curiosidade. – Então, como é que você conseguiu ficar noivo em tão pouco tempo?!

A conversa chamou a atenção dos outros que passaram a observar Marcel. O caminho estava silencioso e apenas o trotar dos cavalos era ouvido. Marcel esperou por alguma distração que mudasse o rumo da conversa, mas não aconteceu nada.

– Caí no rio e Oisin me salvou... – disse ele.

O silêncio continuou, como se todo mundo esperasse uma continuação.

– Aí você falou “Puxa! Nenhuma mulher ficou molhada por mim antes! Quer casar comigo?” – alfinetou Marcos.

Marcel o fuzilou com os olhos mais uma vez.

– Não – respondeu secamente. – Não foi assim.

– Então o que aconteceu? – perguntou Lorena.

Marcel bufou, sentindo-se encurralado.

– Bem, ela me levou para a Ilha de Tir Nan Og... A Lua estava bem brilhante e havia um perfume de flores no ar... Nós nos beijamos.

...

...

...

– E???????? – perguntou Marcos, que não aguentava mais aquele suspense todo.

– Aí nós fizemos amor! – entregou Marcel. – Foi isso! E quando eu vi, estávamos comemorando o noivado!

– Marcel!!! Seu safado! – riu Lorena.

– Eu não sei o que deu em mim! Parecia que eu estava apaixonado, não consegui pensar!

Marcos deu uma sonora gargalhada que ecoou pela floresta.

– Marcel comeu o lanche antes da merenda! E agora vai ter que casar!

Depois de mais meia hora inventando novas piadas para constranger Marcel, eles decidiram parar e acampar. O sol estava se despedindo, cobrindo tudo com sua luz avermelhada, e a floresta estava ficando escura. Pelos cálculos, chegariam na manhã do dia seguinte na Floresta Perdida e aí só teriam que achar o Fauno Ancião. Haviam sido instruídos a não prosseguir de noite. Havia muitos perigos. Além do mais, nem eles, nem os cavalos, aguentariam prosseguir noite adentro numa floresta escura. Ou clara. Não fazia diferença.

Fergus e Marcel recolheram gravetos secos, enquanto Marcos e Lorena molhavam os rostos num regato.

– Estamos quase chegando, Lorena... – disse ele, percebendo o silêncio da amiga.

– Estou preocupada, Marcos... – disse ela. – ainda de joelhos na margem, passando as mãos molhadas nos cabelos castanhos e longos.

– Não fique – respondeu ele. – Urbain sabe se cuidar. E ele e Bianca estão juntos.

– Eu sei. Mas... – ela se virou para Marcos com um olhar de urgência que ele não sabia se era da mãe, da esposa ou se era totalmente racional. – Estou me esforçando muito pra não bancar a histérica cuja família foi raptada, mas está muito difícil não pensar no pior. Urbain não é muito fácil de ser derrubado, nós sabemos disso, nós já vimos que ele é uma peste! E mesmo assim, ele FOI derrubado, Marcos. Quando levaram Zac, passaram por cima de Urbain como uma jamanta! Que chance ele tem de defender as meninas contra aquelas coisas?!

Ela respirou e olhou para o Sol se pondo nas montanhas ao longe.

– Arrependida? – perguntou Marcos.

– Não... – murmurou ela, depois de algum tempo. – Ao menos, ainda não... Sei que há muitos perigos aqui, mas não sei se poderíamos continuar vivendo sabendo que abandonamos o garoto à própria sorte. Esse é o tipo de decisão que muda tudo, nos acompanharia para sempre, tingindo tudo de cinza, até que tudo o que somos fosse contaminado. Espero não estar errada... Sei lá...

Marcos baixou a cabeça por um minuto.

– Você se arrependeu de ter atravessado aquele portal há 18 anos?

Ela se virou para o amigo de novo, dessa vez com um sorriso.

– De ter ido à Loudun?! Jamais! Tudo o que eu tenho é resultado daquele passo, Marcos, passo que eu jamais teria dado se não fosse por você!

– Nunca se arrependeu? – insistiu ele, olhando-a nos olhos. – Nem quando uma flecha se cravou no seu peito? Nem quando achou que tudo estava terminado?

Lorena pensou na pergunta, sem desviar os olhos dele.

– Não – respondeu ela, com convicção. – Nunca.

– Então você já sabe qual a decisão certa.

Ela sorriu, o coração mais serenado.

– Obrigada, Marcos...

Ele abriu aquele sorriso enorme que ela já não saberia viver sem.

– Nós vamos conseguir! Você vai ver! E teremos muitas histórias pra contar! Agora, com licença, preciso cuidar de uma princesa!

Marcos encheu o cantil de água e levou para a princesa Maeve, que estava sentada sob uma árvore brincando distraidamente com um galhinho.

Não muito longe dali, Marcel e Fergus catavam galhos secos. Começaram em silêncio, mas não demorou muito para Marcel quebrá-lo.

– Você lutou muito bem, sabia?

Fergus o olhou como se nunca tivesse recebido um elogio na vida.

– Não lutei, não – respondeu asperamente. – Se tivesse lutado bem, meus companheiros ainda estariam vivos e ainda teríamos uma comitiva pra levar a princesa até seu novo lar.

– Não seja duro demais consigo mesmo – Marcel sabia que era um pouco clichê, mas nada mais lhe ocorria para dizer ao jovem soldado. – Vocês dois estão vivos, e ela está viva graças a você. Você vai levá-la em segurança e tudo isso será só uma... lembrança ruim.

Fergus o olhou com incredulidade e então eles voltaram, carregados de lenha para a noite. Quando o fogo se acendeu, o Sol já tinha partido e a floresta mudara de som. Antes, pássaros voavam em grupos, procurando seus ninhos para dormir, provavelmente xingando seus vizinhos passarinhos, o que explicaria o estardalhaço que eles faziam. Agora, grilos cantavam e ouvia-se aqui e ali um coaxar de sapos. Marcos, Lorena e Marcel dividiram com o jovem casal sua comida, já que eles haviam perdido tudo no assalto.

– De onde vocês são? – perguntou Fergus, mastigando um pedaço de pão.

– Err... Viemos da Vila das Fadas D'Água – respondeu Marcel, que não sabia se deveriam dizer a verdade sobre eles ou não.

– É mesmo? – tornou o rapaz, parecendo convencido. – Vocês lutam bem!...

– É que nossa família era pobre – explicou Marcos, atraindo o olhar dos outros. – A gente tinha que brigar por tudo! Por um espaço na cama, pelo café da manhã, por um prato de arroz com feijão, pela única escova de dentes... A pobreza fortalece o homem, meu rapaz, guarde minhas palavras!

– Eu não agradei apropriadamente...

Eles se viraram para a mocinha ruiva, comendo um pedaço de queijo.

– Quando chegarmos ao reino de meu... noivo, farei com que sejam recompensados.

– Não precisa – disse Lorena.

– Lorena! – ralhou Marcos. – Não seja mal educada! Se ela quer nos recompensar, deixe a moça nos recompensar! Se não aceitarmos, ela pode até ficar magoada!

A moça baixou a cabeça, olhando para o pedaço de queijo em suas mãos. Tinha os traços finos de menina e dava pra entender completamente porque Marcos a estava sempre paparicando. Ela era aquele tipo de menina que você tem vontade de cuidar, de levar pra casa, de colocar numa cama com dossel e... deixá-la dormir, porque se tocá-la, ela pode quebrar. Era como uma peça de cristal muito bonita que você tem medo até de olhar.

– Há alguma chance de vocês nos levarem direto aonde temos que ir? – perguntou Fergus.

Talvez fosse a luminosidade da fogueira que crepitava no meio deles, mas o rapaz parecia pela primeira vez vulnerável. Pouco mais velho que a moça, ele tinha os traços ainda infantis meio ocultos pelos cabelos castanhos que lhe caíam pelo rosto. A pergunta deveria ter parecido uma oferta, inteligentemente sendo feita logo após a menção de uma recompensa, mas a verdade é que ela pareceu um pedido.

– Lamento, não podemos – respondeu Lorena.

O rapaz baixou os olhos, anuindo lentamente com a cabeça.

– Nossa família foi sequestrada por trolls – disse Lorena de repente, achando que, já que o jovem casal não sabia nada sobre eles, mereciam ao menos saber por que estavam se negando a servir de escolta a uma princesa. – Não sabemos onde eles estão. Podem estar feridos, podem estar precisando de ajuda, e precisamos encontrá-los. O Fauno Ancião pode nos dizer onde eles estão. Por isso precisamos ir pra lá o quanto antes. Vocês entendem?

Fergus anuiu com a cabeça de novo. Lorena percebeu que ele parecia sério demais para alguém tão jovem. Deve ter sido um daqueles bebês sisudos, que observam com um vinco entre os olhos os adultos a sua volta, esperando que alguém lhe troque as fraldas ou lhe dê comida.

– Tivemos sorte do castelo do Rei do Norte ser na mesma direção e a Floresta Perdida estar no caminho – continuou Marcel. – Mas como Lorena disse, não sabemos o que vamos ouvir do Fauno. Não sabemos se poderemos escoltá-los até seu destino.

– Mas faremos o possível, não é, gente? – disse Marcos em tom animado. – Não se preocupem, o pior já passou! Tenho certeza de que o caminho até o castelo do Rei do Norte será bem tranquilo!

Ninguém de fato acreditava naquilo, mas ninguém contestou. Terminaram de comer e Fergus se ofereceu para ficar de guarda no primeiro turno.

Quando aquele dia começou, Urbain tinha um looongo caminho pela frente. Achou que andaria até seus pés caírem, de acordo com o mapa que Dana o ajudara a desenhar. Ficou feliz de estar em forma, ou aquela viagem duraria muito mais. No almoço, pararam para comer. Percebeu que Dana caprichara na comida, colocando boa quantidade de pão, queijo, frutas, carne seca e nozes. Percebeu também que ela colocara doces e bolo, o que deixou a fadinha muito feliz. Urbain

se perguntou se Dana já não sabia que Eileen prosseguiria no caminho com ele, ao invés de ficar em segurança em sua taberna.

Dana tinha sido uma bênção, um anjo que Deus colocara em seu caminho. Além de supri-lo com alimentos e pousada numa noite fria, ela também lhe dera uma espada. Estava jogada num baú junto com outras coisas estranhas, como uma couraça enferrujada, um cálice, um par de botas puídas, um lampião e outras coisas que ele nem conseguiu identificar. Aquele era o baú das “contas pendentes”, como ela chamou. Pessoas que comem e bebem demais e não têm dinheiro para pagar, ou que começam brigas e quebram tudo, deixam como paga algum pertence. Aquela espada fora deixada por algum bêbado que nunca voltara para recuperá-la. Feliz em poder se defender de novo – Urbain sentia-se nu sem uma espada naquele mundo – ele aproveitou a parada para o almoço para analisar melhor a nova arma.

Ela tinha uma bainha de couro cor de vinho que já vivera tempos melhores. A espada estava sem brilho, esquecida há tanto tempo no fundo de um baú. Ele usou a própria manga para limpá-la e ficou feliz com o resultado. Em alguns minutos, a velha espada estava brilhando de novo. Ela não era muito pesada, o que facilitava os movimentos, e seu fio estava ótimo. Era tudo de que ele precisava.

Enquanto a menina comia e ele se concentrava em polir a espada, sua mente viajou para seus tempos em Loudun, quando andar com uma espada era perfeitamente normal, mesmo para ele que era um padre. Espantou-se em se sentir quase eufórico ao poder fazer isso de novo. Ter uma espada nas mãos naquele momento era completamente diferente de quando ele, Lorena, Marcos e Marcel treinavam e competiam com outros malucos por armas antigas. Aquilo era brincadeira, ele sabia. Agora, era de verdade.

– Quer?

A menina lhe estendeu um pedaço de bolo. Ele aceitou e ela sorriu, olhando para ele com admiração. Foi quando o semblante de Urbain foi da euforia para a preocupação. Não era mais o mesmo homem de Loudun. Não estava muito feliz em ter que usar aquela espada, correndo por aí com uma criança, tentando salvar outras duas, enquanto sua esposa e amigo estavam desaparecidos. Agora, ele tinha muito a perder. Colocou a espada de volta na bainha e continuou o almoço com Eileen.

Comeram e beberam água do cantil, renovando as forças. O céu estava azul e uma brisa fresca constante dava uma sensação de que tudo estava bem, embora fosse apenas uma ilusão.

Durante o caminho, Eileen lhe contava o que sabia sobre aquele mundo, dando-lhe sua visão de tudo que conhecia do alto de sua sabedoria de seis anos. Urbain não reclamou. Gostava de saber mais sobre o lugar e a voz da menina, de alguma forma, afastava sua preocupação. Queria se concentrar no que tinha que

fazer, mas a preocupação com a família estava sempre voltando à sua mente. A conversa de Eileen o distraía e o ajudava a permanecer calmo e focado, o que provavelmente também acalmava a menina.

Em dado momento, Urbain e Eileen chegaram numa região pantanosa. As árvores eram secas e retorcidas e a luz parecia chegar diluída àquele lugar ermo e triste. Eileen o puxou pela mão que ela nunca largava.

– Não entre aí – disse ela. – É perigoso!

Urbain não precisava do aviso dela para saber que aquele lugar não era uma escolha sábia. Pegou o mapa de dentro da roupa e olhou, confirmando o que no fundo já sabia. Aquele era o caminho mais rápido para chegar na cidade de Luzandefall, de onde estaria a poucos quilômetros da Floresta Perdida. A extensão do pântano era grande demais para ser contornada sem que perdesse muitas horas. Olhou de volta para a menina que o observava atentamente com os enormes olhos brilhantes. Então, Urbain respirou fundo, apertou a mão da criança com uma mão e com a outra segurou o cabo da espada na cintura. E então, seguiu em frente.

Além do clima úmido e da aparência deprimente, a passagem não se mostrou tão horrível a princípio. Eles caminhavam com atenção, olhando sempre tudo a sua volta. Sapos pulavam por trás dos arbustos ressecados e o chão, em alguns pontos, se tornava lodoso.

Pássaros negros observavam os viajantes do alto dos galhos retorcidos. Até o céu adquirira um tom cinzento. Urbain não pretendia parar nem sair do seu caminho e esperava que isso fosse o suficiente para passarem em segurança. A coisa funcionou nos primeiros trinta minutos.

Uma risada de mulher o fez parar. Olhou em volta, imaginando que tipo de mulher estaria num lugar como aquele e porque diabos estaria rindo. Um vulto passou entre as árvores a frente e Eileen gritou.

– Bianca!!! Olha! É Bianca!

O movimento tinha sido rápido demais para Urbain perceber quem era, mas Eileen parecia ter absoluta certeza do que vira. Tanta certeza, que soltou a mão dele e correu na direção do vulto.

Urbain gritou seu nome e correu atrás dela, lembrando-se de como crianças nessa idade conseguem ser perigosamente ágeis e rápidas em desaparecer. Uma vez, perdera Bianca num shopping. Ela era um pouco mais velha que Eileen. Urbain se lembra de ter ficado desesperado e corrido como um louco por todos os andares, pedindo ajuda e já imaginando que sua filha estaria nas mãos de *serial killers* ou um desses loucos que mostram na televisão. No final, um segurança a entregou ao pai, que sacudiu a menina irritado, ordenando-lhe que nunca mais fizesse isso. Foram apenas o que, trinta segundos, um minuto no máximo, e Bianca simplesmente tinha sumido. Não ia deixar acontecer isso com Eileen.

Manteve os olhos fixos nela, mantendo a corrida para alcançá-la. Estava quase tocando suas asinhas quando uma bruma baixou no lugar, deixando-o momentaneamente perdido.

– Eileen! – gritou ele. – Não é Bianca! Agora, pare onde está e me espere! Ele aguçou os ouvidos. Nada.

– Eileen! Onde você está?

Sentiu a própria respiração se acelerar. Ela devia ter ficado com Dana...

Estava parado, cercado pela bruma, sem ouvir nada, até que... ele ouviu alguma coisa. Aguçou os ouvidos e teve certeza. Ouvia barulho de água, como se alguém brincasse na água, e a mesma risadinha feminina que ouvira antes. Com bruma ou sem bruma, correu na direção dos sons, rezando para não pisar em falso ou cair em algum precipício.

Parou para ouvir melhor. Eileen era inteligente. Ela teria respondido ao seu chamado, a menos que não pudesse. O som de água estava mais perto e a bruma começou a se desvanecer. Então ele pôde ver a horrível figura de uma mulher vestida em algas ou plantas apodrecidas, os cabelos longos e verdes grudados nas costas cobertas de caracóis e caramujos. Ela ria, o rosto horrível contorcido numa careta de prazer, os dentes afiados a mostra, olhando na direção de suas mãos que seguravam alguma coisa dentro d'água. Alguma coisa não. Alguém.

Sem pensar duas vezes, Urbain sacou a espada e partiu na direção da mulher monstruosa. Assim que o viu chegar, a mulher gritou, mostrando seus dentes afiados e verdes. Em menos de um segundo, sua cabeça voou, caindo na água, boiando por alguns instantes com a bocarra ainda escancarada, até finalmente afundar.

Urbain tirou a menina da água. Eileen tossia e chorava ao mesmo tempo, apavorada, enquanto ele tentava acalmá-la, não deixando que ela visse o corpo sem cabeça caído na margem.

– Ele matou nossa irmã! – alguém gritou.

Urbain se levantou com a fadinha no colo, assustado. Um coro de acusações se ergueu junto com ele.

– Jenny Dentes-Verdes! Ele matou Jenny Dentes-Verdes!

– Assassino!

– Ele tem que pagar!

– Vamos fazê-lo pagar!

A última coisa que Urbain precisava naquele momento era de um litígio judicial de assassinado empacando sua vida. Virou-se para correr, mas já estava cercado. Não sabia o que eram, mas se aproximavam rápido. Ainda com a espada na mão, colocou a fada no chão e se preparou para o primeiro ataque. No entanto, ele não veio.

– Parem! É um Feiticeiro da Lua Negra!

– Um Feiticeiro da Lua Negra!

E o eco da sua falsa identidade reverberou entre as outras criaturas.

E então, algo incrível aconteceu. As criaturas retrocederam.

– Vá embora, Feiticeiro!

– Sim, vá embora!

– Não queremos problemas com sua gente!

– Vá embora!

Urbain se lembrou do motivo de terem lhe dado aquela estranha túnica negra. Ariene e Danzir disseram que se achassem que ele era um Feiticeiro da Lua Negra, não os perturbariam. Ele achou que eles estavam falando de humanos e estranhou que não tivesse funcionado muito bem na taberna, quando fora confrontado assim que entrou pelo idiota com a cicatriz no rosto. Agora entendia que a coisa funcionava especificamente com criaturas encantadas.

Sem esperar nem mais um segundo, pegou a menina no colo e correu, deixando o sinistro coro para trás.

Continuou correndo até o fôlego acabar. Quando finalmente parou, não havia mais neblina e já via relva verdejante adiante. Colocou Eileen no chão e esperou alguns minutos até que pudesse falar de novo. Então sacudiu a menina, gritando:

– Nunca mais faça isso!!! Me obedeça quando eu mandar você fazer alguma coisa, ouviu?

Foi o bastante para ela começar a chorar de novo. Urbain se lembrou de Bianca no shopping e fez o mesmo que fizera daquela vez. Abraçou a menina e a acalmou, dizendo que estava tudo bem, que estavam seguros agora.

Secou suas lágrimas e confortou-a com um sorriso. Tentou secá-la com a barra da manga da própria túnica. Então, tomou-a pela mão e caminhou em passos rápidos na direção da estrada de terra que levaria à cidade.

Estavam cansados. Além do estresse do que ocorrera no pântano, haviam andado o dia inteiro. Na estrada, uma carroça surgiu ao longe. Urbain pediu uma carona. O velhinho que dirigia a carroça puxada por dois cavalos fortes analisou os dois estranhos caronistas.

– E então, Latefino? – disse o velhinho, virando-se para trás. – O que você acha?

Um vira-lata levantou a cabeça na parte de trás da carroça e deu um latido totalmente desafinado que terminou com um uivo fora de tom. O velhinho riu e

mandou-os subir. Os dois pularam na carroça que carregava feno e Latefino, um vira-lata branco com manchinhas pretas, lhes fez festa.

Poder descansar os pés fez toda a diferença. Em menos de duas horas, chegaram aos arredores da cidade e agradeceram ao bom senhor. Urbain saltou da carroça e Eileen pulou em seu colo. Ele a segurou no ar e a colocou no chão, tomando o caminho até a cidade. Já era noite e Urbain sabia que, embora tivessem comida, não tinham dinheiro. Imaginou que se pudessem passar a noite em uma casa, ou celeiro, ou qualquer coisa com um teto, seria ótimo. Ao longe, viu uma casinha com luzes tremulantes de lampiões ou velas nas janelas. Teve uma intuição de que lhes dariam guarida e foi pra lá que foi.

Bateu na porta, torcendo para ser uma mulher a atender. Urbain sabia muito bem do seu efeito sobre as mulheres e sempre soubera tirar vantagem disso. Quando a porta se abriu, uma mulher de meia idade, com os cabelos loiros cascadeando pelas costas, surgiu. Urbain abriu seu melhor sorriso.

– Boa noite, senhora! Somos viajantes e não temos onde ficar essa noite. Será que poderia nos dar guarida?

– Desculpe, não posso.

O sorriso de Urbain foi embora e antes dele pensar sobre estar perdendo seu “mojo”, como dizia Bianca, percebeu algo estranho. Os olhos da mulher pareciam assustados. Uma sombra passou pela janela ao lado, onde cortinas impediam a visão, ao mesmo tempo em que outra sombra tremulava debaixo da porta.

– Claro, desculpe o incômodo, senhora – disse ele, abrindo novamente o sorriso e estendendo a mão para um cumprimento cortês.

A mulher estendeu a mão que ele pediu e ele a beijou. A mão estava tremendo. Então ele deu alguns passos para trás, vendo o desespero brilhar nos olhos dela. E a porta foi batida com violência.

– Muito bem, mulher! – disse o homem, torcendo o braço da mulher. – Se continuar se comportando, não vamos matá-la.

– Hoje! – completou o outro, fazendo os outros três homens na casa rirem.

No meio das gargalhadas, a porta se abriu num rompante. Antes que entendessem o que estava acontecendo, um homem de túnica preta entrou brandindo uma espada. Trinta segundos depois, um dos homens truculentos voou pela janela, estilhaçando vidro para o lado de fora. Os três que sobraram pegaram suas espadas, enquanto a mulher corria para um quarto. Eles cercaram Urbain, imaginando que o número superior era o bastante. Bem, não era.

Urbain desvencilhou-se com facilidade de dois dos golpes e anulou o terceiro ao atacar com agilidade. Cortou um no braço, outro na perna e chutou o terceiro no peito, lançando-o para fora pela porta que continuava aberta. Os

homens feridos se entreolharam e então correram o mais rápido que puderam porta afora.

Ele foi até a mulher que estava abraçada com uma juvenzinha igualmente assustada e que, pelos traços, devia ser sua filha.

– Vocês estão bem?

A mulher pegou sua mão e começou a beijá-la, enquanto se debulhava em lágrimas.

– Obrigada, meu senhor! Obrigada!

Ele tentou acalmá-la, dizendo que estava tudo bem, e se desvencilhou, indo correndo até lá fora. Na entrada, olhou em volta, não vendo sinal dos bandidos. Deu um assobio e a fadinha veio correndo em sua direção, saída de trás de uma moita. Ele a pegou no colo com alívio.

– Eu obedeci! – disse a menina com um sorriso.

– Eu sei, meu bem! Obrigado.

Eles entraram. Certamente, já teriam onde passar a noite.

A mulher e a mocinha já estavam de pé quando ele e Eileen entraram na casa.

– Quem eram esses homens? – perguntou ele, colocando a menina no chão e levantando uma cadeira que tinha caído durante a briga.

– Ladrões – respondeu a mulher. – Meu marido morreu procurando ouro numa mina. Eles achavam que ele tinha encontrado. Quando não encontraram nada, disseram que iam levar Mariane e vendê-la como escrava.

Ela se aproximou dele, os olhos cheios de gratidão.

– Se você não tivesse chegado, não sei o que seria de nós... Obrigada...

Ela tentou beijar a mão dele de novo, mas ele a impediu. Faziam muito isso quando ele era padre, acreditando que ele tinha super poderes ou algo assim. Ele não era mais padre e não acreditava em super poderes.

– Não precisa me agradecer, eu fico feliz em ter podido ajudar. Vocês estão bem mesmo?

– Só um pouco nervosas, eu acho – respondeu a mulher, pegando um copo de água que a filha adolescente lhe trazia. – Eu nem sei o seu nome!

– Urbain Grandier – respondeu ele. – E essa é Eileen.

A mulher sorriu para a menininha agarrada às pernas dele e olhando-a com seus enormes olhos.

– É uma fada? – perguntou a mulher. – Eu nunca vi uma fada com asinhas tão pequenas!

– É... É uma longa história... – encurtou Urbain.

– Eu sou Claire. E essa é minha filha Mariane. E seria uma honra se pudessem passar a noite aqui. Não temos muito luxo, mas temos comida e cobertores. Disseram que vai esfriar essa noite.

Levantaram algumas cadeiras caídas, cataram os cacos de uma jarra de água espatifada e em poucos minutos devolveram ao lar uma aparência mais normal.

Durante o jantar, à base de sopa e pão, Urbain perguntou sobre a Floresta Perdida. Claire lhe indicou como chegar lá e ele ficou satisfeito em estar tão perto. Eileen e Mariane terminaram a refeição e deixaram a mesa. Mariane, que devia ter uns 13 anos, gostara de Eileen e disse que lhe mostraria sua única boneca. Deixaram os adultos conversando sozinhos na mesa e mergulharam em seu próprio mundo, onde pessoas não vendem outras pessoas como escravas.

– Precisa mesmo partir amanhã? – perguntou Claire, um tanto constrangida por estar sendo tão ousada.

– Preciso – respondeu ele. – Minha filha e o namorado dela estão sumidos. Preciso encontrá-los.

Ela baixou a cabeça, nitidamente decepcionada. Ele tocou sua mão e lhe sorriu, tentando lhe passar confiança.

– Vai ficar tudo bem. Aqueles homens não vão mais voltar.

Ela sorriu, e agradeceu novamente com um gesto de cabeça.

Claire deu aos visitantes o quarto da filha, que dormiria com ela. Entregou cobertores ao homem que salvou sua vida.

– Vocês vão ficar bem? – perguntou ele, percebendo que ela parecia distante, como se estivesse pensando seriamente em alguma coisa.

– Vamos, sim, obrigada. Vou voltar pra casa dos meus pais com Mariane.

Urbain franziu o cenho, esperando que ela falasse mais.

– Meu marido está morto, eu não tenho como me sustentar sozinha e tem havido muitos ataques de bandidos por aqui. Não é seguro ficarmos sozinhas, entende?

Ele concordou com a cabeça, percebendo porque ela perguntara esperançosa se ele pretendia ficar um pouco mais.

Ela lhe sorriu e se despediram. Era uma mulher bonita, mas que parecia ter chorado demais. Lágrimas fazem isso. Dizem que elas lavam a alma, mas elas acabam lavando muito mais. Levam a juventude em suas correntezas, levam a beleza e o brilho. Urbain fechou a porta do seu quarto e foi até a janela. Olhou as estrelas brilhando no céu incrivelmente negro e sentiu a brisa fria no rosto. Pensou na dor que Claire deveria estar sentindo ao perder o marido e pensou em Lorena. O coração se apertou em saudade... Desejou no fundo de seu coração que Lorena tivesse ficado com Marcos na Vila das Fadas D'Água, que estivesse esperando por

ele quando ele voltasse, que não tivesse feito nada estúpido. Mas sabia que isso era utopia. Lorena não ia ficar parada. Então, sussurrou uma oração pedindo que os anjos a protegessem. Aquela mulher o mudara. Ela não só salvara sua vida, mas salvara sua alma. Ao lado dela, ele era uma pessoa muito melhor. Não podia nem pensar na possibilidade de perdê-la.

Capítulo 25

O Recado de Paralda

A noite era fria na cela, o que fez com que Zac e Bianca se aninhassem juntinhos num monte de feno. Ele esfregava os braços dela, tentando aquecê-la um pouco. Ela estava com a cabeça recostada em seu ombro quando se lembrou.

– E o seu ombro?

Ele nem se lembrava disso. Bianca se virou para ele e abriu sua camisa, preocupada.

– É melhor ver isso! Como você não está sentindo nada?

– Não sinto dor nenhuma há algum tempo, na verdade...

Bianca retirou com cuidado as bandagens que haviam sido colocadas esperando ver uma cena horrível, talvez pior do que quando vira o ferimento antes de ser tratado, quando a carne perfurada grotescamente exibia buracos enegrecidos de dentes enquanto o sangue rubro ainda vertia. Apertou os olhos, tentando ver melhor. A única iluminação vinha do corredor, onde chamas em tochas tremulavam a noite toda.

– Está muito ruim? – perguntou Zac, já se preocupando com o olhar surpreso dela.

– Está curado! – respondeu ela.

– O quê?

Ele se curvou para tentar ver. Tateou o lugar e sentiu, assombrado, que havia apenas algumas cicatrizes.

– Que fantástico! – comemorou ele. – Frabato é mesmo incrível!

– Ele me contou que, quando vivo, trabalhou curando pessoas através da magia! – disse Bianca, igualmente animada em ver o amigo bem.

Eles riram e o momento mudou. Momentos fazem isso. Eles passam, mudam, crescem, flutuam e por vezes pousam em algum lugar, apenas observando o desenrolar dos acontecimentos.

Zac estava com a camisa semiaberta a alguns centímetros dela e eles estavam sozinhos. Bianca não conseguiu disfarçar que aquilo mexeu com ela. Mexeu mesmo.

– Está quente hoje... – murmurou ela, se aproximando um pouquinho mais, sentindo as bochechas arderem.

– É, está mesmo... – respondeu ele, sem tirar os olhos dela, e inclinando o rosto para um beijo.

Seus lábios se uniram, eles sentiram o gosto um do outro, de olhos fechados e corações abertos. Quando seus lábios se separaram, ela tocou o peito dele, sentindo o desejo que a estava deixando ofegante. Ele baixou levemente a blusa dela, acariciando delicadamente a curva perfeita do ombro. Bianca, que nunca fora tocada daquela maneira, arrepiou-se e sentiu o coração disparar enlouquecidamente.

E então, ele parou.

Empurrou-a levemente para longe, recostando-se na parede da cela.

– Não podemos – disse.

– Por que não?! – perguntou ela.

Ele olhou para ela, um sorriso desenhado no rosto também de bochechas coradas.

– Quer uma lista? Porque nos conhecemos há menos de três meses. Porque você é menor de idade. Porque eu não quero que seu pai me mate. Porque um guarda pode aparecer a qualquer momento e estragar tudo. E, principalmente, porque será nossa primeira vez e não quero que seja numa cela fria.

Ele a tocou gentilmente no rosto numa carícia sincera.

– A vida é uma coleção de lembranças... E você merece lembranças melhores...

Bianca poderia estar frustrada. Mas não estava. Sorriu, imaginando que tipo de rapaz do mundo dela se preocuparia com sua idade, com seu pai ou com suas lembranças. Sabia que ele tinha razão. Não era assim que queria se lembrar de um momento tão importante.

Então ela o beijou ternamente e voltou a se recostar no ombro dele.

– Obrigada...

Ele a beijou na testa e fecharam os olhos, dormindo um pouco na cela que, afinal, já não estava tão fria.

Dormiram pesadamente e acordaram com sons metálicos na grade da prisão. Zac e Bianca se levantaram atordoados, com feno na boca e nos cabelos desgrehados e viram um guarda elfo abrindo a cela para eles.

– A rainha quer falar com vocês.

Eles se entreolharam e saíram da cela, imaginando qual seria o humor da rainha naquela manhã. Foram guiados pelos corredores escuros das masmorras e por escadas de pedra, até que estavam finalmente fora do castelo. Caminharam mais um pouco, seguindo o guarda, até um imenso jardim de flores de tantas cores que eles pareciam uma criação de um quadro surreal. No meio das flores, a rainha

Paralda observava um pássaro nas mãos. Seus cabelos esvoaçavam levemente com o vento, e seu vestido parecia dançar. Era uma visão pura da beleza.

– Majestade? – disse o guarda.

– Sshhh! – pediu a rainha, voltando sua atenção para o pássaro cor de terra pousado em sua mão. – Continue, querido, então, o que aconteceu depois?

O pássaro cantou, agitou as asinhas, contando sua história com um certo ar de indignação. A rainha o ouviu com ar sério. Quando ele terminou, ela o tocou. Ele brilhou por alguns segundos e então voltou a ser um pássaro comum.

– Vá, querido! Vá e leve a sorte e a inspiração de Paralda para os que cuidam de você e seus irmãos!

E então ele voou, misturando-se a outros pássaros e borboletas que coloriam o jardim. A rainha se voltou para os visitantes. Fez um movimento com a mão, dispensando o guarda, e se aproximou do casal ligeiramente amarrotado.

– Sabe o que ele me contou? – perguntou a rainha.

Os dois balançaram a cabeça lentamente.

– Que um casal de humanos sempre os alimentava em suas janelas, mas uma vizinha deles reclamou com o condomínio e agora eles não podem mais fazer isso! A vizinha disse que os passarinhos estavam invadindo sua casa e atacando sua família! Quem inventa uma história dessas? Quem se diverte dificultando a vida de passarinhos?!

A rainha os olhou com mais atenção.

– Vocês estão horríveis!

Bianca tentou se ajeitar e Zac passou a mão nos cabelos, tirando algum feno dele.

– Desculpe, não tinha espelho na cela... – murmurou Bianca, que levou um cutucão de Zac, que não estava muito disposto a voltar pra prisão.

– É pra evitar suicídios! – explicou a rainha.

Ela começou a andar pelos jardins, e os dois jovens a acompanharam.

– Meu mundo está em crise, sabiam? – disse ela.

– Ouvimos dizer – respondeu Zac.

– Temos dois reis muito zangados doidos para começar uma guerra e nenhum dos dois quer me ouvir. Que tipo de rainha eu sou, se eles não querem me ouvir?

– A senhora não pode depô-los? – perguntou Bianca, buscando uma solução simples, removendo o problema.

– Se eu pudesse, já teria feito! – resmungou a rainha. – Mas não posso. Não posso impor coisas ao mundo. Posso guiar, orientar, aconselhar... Mas não posso impor. Mas sabe de quem é a culpa disso tudo?

A rainha se virou para eles com olhos acusadores, fazendo-os pararem de repente.

– De vocês!

– Nossa?! – perguntaram os dois em uníssono.

– Sua! Dos seus pais! E dos pais dos seus pais! E dos seus vizinhos, amigos, inimigos! Enfim, da sua espécie inteira!

A rainha se pôs a caminhar novamente, e eles sentiram o vento se agitar, retirando algumas flores de seus galhos e levando suas pétalas para longe. Mesmo assim, continuaram seguindo Paralda.

– Tudo o que vocês fazem no seu mundo afeta outros mundos, inclusive o meu! Quando imbecis matam milhões de peixes com um vazamento, nossos rios do reino encantado entram em desequilíbrio. Quando um retardado maltrata um animal, nossos habitantes mais inclinados à violência se tornam ainda mais violentos! Seu povo está completamente desequilibrado, vivendo de consumo desnecessário, dando mais valor ao dinheiro do que a si mesmos, julgando as pessoas pelo que elas possuem, tratando coisas como pessoas e pessoas como coisas! E, junto com isso, vocês têm o instinto, o impulso, a energia criadora voltada apenas para conquistar uma casa mais cara, num bairro da moda, um carro melhor e roupas mais caras, tudo que faça com que os outros lhes deem valor pelo que vocês têm e não pelo que vocês realmente valem!

O vento jogava os cabelos deles para todos os lados. Paralda então suspirou e pegou uma flor caída aos seus pés. Somente então Zac e Bianca perceberam que estavam na beira de um jardim suspenso. Dali, podiam ver todo o reino, até as montanhas cobertas de neve ao longe, onde um dragão voava entre as nuvens. Eram planícies e rios brilhantes, florestas, colinas, sendo cobertos pelas nuvens e descobertos pelo Sol numa visão estonteante.

Paralda soprou a flor e suas pétalas-sementes voaram para longe. Ela se virou novamente para eles, o semblante conformado quase transformando-a em outra pessoa.

– Mas nosso mundo também muda o seu... – disse ela. – Se nossos mares se enfurecem, vocês têm tsunamis. Se nossa violência aumenta, vocês têm vulcões e incêndios. Se nos falta doçura, vocês têm secas e morte. Terremotos, furacões, tornados, maremotos, secas, enchentes... No final, vocês sofrerão tanto quanto nós. A diferença é que vocês têm escolha.

Paralda se virou e passou por eles, retomando o caminho de volta ao castelo.

– Vou lhes ceder Ipso e Facto para irem até a cidade mais próxima. Eles voltam assim que os deixarem lá, em troca de um pequeno favor.

– Nós achávamos que você poderia nos dizer onde estão meus pais... – disse Bianca, num fiapo de voz.

Paralda se voltou novamente para eles.

– Eles vieram sequestrados para o meu mundo, como sua amiga Analice?

– Err... Não.

– Então não posso ajudá-los. Só tenho como saber o paradeiro de humanos que vieram à força pra cá. Os que vêm por conta própria estão à sua própria sorte.

– Eles foram raptados depois, serve? – perguntou Zac.

– Não.

Ficaram em silêncio por alguns segundos enquanto a rainha continuava olhando para eles.

– Terminaram? Posso dizer o que quero em troca da coroa nos meus grifos?

Eles anuíram com a cabeça.

– Quando voltarem... SE voltarem para seu mundo, digam aos humanos de lá para...

Paralda estufou o peito, seus olhos brilharam e seus cabelos esvoaçaram, como se ela fosse falar uma longa lista de coisas que os humanos precisassem fazer para evitar o fim inexorável de seu próprio mundo e de vários outros interligados. Mas então, os olhos dela foram mais longe, além das nuvens cor de ouro que cercavam e sustentavam o castelo, além do azul do céu infinito, além das montanhas de gelo. Seus ombros relaxaram e seus lábios se fecharam num sorriso.

– Digam a eles para serem gentis...

Foi o que ela disse, antes de se virar e continuar seu caminho.

– Com quem?

Paralda se virou para eles, como se tivesse saído de algum sonho bonito. A pergunta viera de Bianca. A rainha sorriu de novo e respondeu como se fosse óbvio.

– Com todos, ué! Com tudo! Em todo lugar, o tempo todo! Digam a eles para serem gentis.

A manhã começou mais cedo para Lorena, Marcos e Marcel. Havia pressa em todo mundo. Fergus tinha usado seu turno para pensar sobre levar sozinho a princesa até seu destino, já que não podia contar com os estranhos. Não que ele não confiasse em si mesmo, mas... Havia algo errado, ele podia sentir. De alguma forma, aqueles estranhos lhe passavam mais confiança e gostaria de poder contar

com eles. Não por sua segurança, que não era importante, mas pela segurança de Maeve. Quer dizer, da princesa Maeve. Ele não podia se esquecer disso...

Chegaram na Floresta Perdida. Era um pouco mais sombria do que esperavam. As árvores eram juntas e pareciam observá-los. Eram enormes e suas copas tapavam o Sol.

– Fiquem juntos... – mandou Marcel.

– Como vamos achar o tal do fauno? – perguntou Fergus.

– Podemos seguir as placas! – respondeu Marcos.

E quando Marcel já ia dar um passa-fora nele pela resposta cretina, viu que Marcos olhava para uma placa de madeira onde se lia: “Morada do Fauno”.

– Não pode ser tão simples... – resmungou ele, enquanto seguia os outros pelo caminho de árvores antigas. – Deve ser uma armadilha...

A desconfiança de Marcel não era absurda. Seguiram pelo caminho cada vez mais escuro e úmido, prestando atenção em cada movimento, em cada som, até chegarem num grande espaço de árvores milenares e colunas de alguma construção mais antiga que o tempo até onde o conhecemos. Eles pararam e Lorena saltou do seu cavalo. Passou a mão em uma das colunas, retirando um pouco de hera, e se surpreendeu ao ver uma escrita antiga gravada nas ruínas. Não parecia egípcio, ou celta, ou nada que ela conhecesse. Marcel e Marcos desceram também. Em alguns minutos, Fergus e Maeve fizeram o mesmo.

– Bem-vindos ao meu humilde lar!

A voz assustou os outros e a visão os apavorou. Não sabiam bem o que esperar de um fauno, mas certamente não esperavam uma criatura de mais quase três metros que parecia tão velha quanto aquelas árvores. Ele tinha um rosto animalesco e patas de bode e se movia lentamente.

O fauno ancião sorriu para eles. Ao menos, era o que achavam.

– Não tenham medo, viajantes! – disse ele, numa voz ligeiramente sibilante.

– Este velho fauno não lhes fará mal...

Essa última frase parecia imbuída de uma ironia perigosa. Lorena foi a primeira a tomar coragem e se aproximar.

– Senhor, pedimos desculpas por invadir sua casa – disse ela, na voz mais firme que podia. – Mas viemos de muito longe porque nos disseram que sua sabedoria poderia nos ajudar.

O fauno ergueu-se um pouco mais, colocando uma das mãos no queixo enquanto abria seu estranho sorriso.

– Sabedoria??? É isso que procuram?? – ele riu. – Isso é tão estranho! Ninguém jamais veio até mim procurar sabedoria! Procuram riquezas, ouro, amor, saúde, proteção... Mas nunca buscaram sabedoria!...

O fauno caminhou entre eles e fez uma reverência para a moça ruiva.

– Majestade... Espero que chegue bem ao seu destino e consiga viver ao lado de um homem que não ama, especialmente depois que encontrar o amor de verdade...

Ele olhou para cada um dos visitantes como se pudesse ver muito além de suas aparências. Provavelmente, podia. Mas não disse nada. Virou-se para Lorena novamente.

– Minha bela dama, há tempos não recebo uma visita tão nobre e tão formosa!... Me diga, o que este humilde fauno pode fazer por você?

Lorena temeu que ele estivesse brincando, que não fosse dizer o que queria saber, que tudo fosse uma grande piada. Não era isso que faunos faziam? Brincadeiras? Mas que escolha ela tinha?

– Estamos procurando por quatro pessoas – respondeu ela. – Precisamos que nos digam onde elas estão.

O Fauno caminhou novamente pelo lugar como se pensasse longamente, a pele áspera refletindo a pouca luz. Então, virou-se novamente para ela.

– Lamento. Só posso lhe dizer onde está uma.

Eles se entreolharam.

– Por quê?

– Porque são as regras! – respondeu ele como se fosse óbvio. – Escolha uma pessoa, e lhe direi onde ela está, sem lhe cobrar nada!

Marcel, Marcos e Lorena trocaram olhares e cochicharam.

– Urbain, Eileen e Bianca estavam juntos – disse Marcel. – É provável que se localizarmos um, achemos os outros dois.

– E quanto a Zac? – perguntou Marcos. – Como o acharemos?

– Daremos um jeito! – respondeu Marcel. – Ficaré mais fácil com Urbain e Bianca do nosso lado.

Lorena não disse nada. Mordeu o lábio inferior enquanto pensava. O Fauno continuava esperando pela decisão com seu sorriso enigmático.

– Diga-me onde está Urbain Grandier! – disse ela, em tom firme.

O Fauno caminhou até ela lentamente.

– Que bom! Temos um vencedor! Então, me diga, como é que ele é?

– Alto, arrogante, bonitão, cabeludo e estava com duas garotas com ele – respondeu prontamente Marcos.

O Fauno parou pra pensar como se fizesse um esforço de memória.

– Hummm.... Pois eu lhes digo que ele está...

Eles arregalaram os olhos, vendo o dedo ossudo e comprido do fauno girar no ar, até apontar numa direção.

– Bem ali!

Eles se viraram para onde ele apontou e se depararam com Urbain e Eileen, se aproximando surpresos com a cena. Lorena correu e abraçou o marido, sem conseguir conter as lágrimas de alegria.

– Essa até que foi fácil! – riu o Fauno.

Zac nunca tinha voado num grifo antes. A sensação era extasiante! Ele não podia evitar dar gritos de empolgação a cada *looping*, rasante ou mergulho que a criatura alada dava. Bianca já tinha andado num grifo antes, mas não era como se estivesse andando de ônibus. Provavelmente, nunca iria se acostumar com aquilo, o que era ótimo! Mergulhar no céu azul, nas nuvens coloridas, sentir o vento no rosto e ainda se deparar vez ou outra com uma minúscula fada perdida nas correntes de vento, ou observar de relance fadas de roupas esvoaçantes moldando formas nas nuvens, era uma visão do paraíso, uma sensação difícil de descrever.

O voo durou cerca de uma hora, e mesmo assim, pareceu pouco. Avistaram uma cidade cercada por muros altos, ruas de pedras e casas bonitas. Um castelo imponente de torres altas onde tremulavam bandeiras ao vento parecia saído de um conto de fadas. Os grifos pousaram suavemente no que pareceu uma praça, a poucos metros do castelo.

– Nossa! Isso foi... Isso foi... Nem tenho palavras pra dizer o que isso foi! – disse Zac, empolgado.

– Eu sei... – respondeu Bianca, descendo de sua montaria. – Mas é hora de devolver os guardiões dos portais de Paralda.

– Bonito isso... – pensou Zac, ainda no grifo. – “Os Guardiões dos Portais de Paralda”. Daria um bom filme! O que você acha, Facto? Você seria um astro de cinema!

O animal guinchou de contentamento, como se concordasse, enquanto Zac lhe fazia carinho no pescoço.

Relutante, Zac desceu e se despediu de seu novo amigo. Os grifos aceitaram os últimos carinhos e empurraram as cabeças contra o peito deles. Entenderam que isso devia ser uma forma de demonstrar afeição. Eles voaram e Bianca e Zac os observaram se afastar no céu.

Somente então perceberam que não estavam sozinhos. Quando se aproximaram da cidade, diversos elfos e humanos correram desesperados e se jogaram debaixo de carroças, dentro de montes de feno, atrás de qualquer coisa que pudesse protegê-los ou escondê-los. Agora que os animais tinham partido, essas pessoas começavam a aparecer de novo.

– Estão com medo de nós? – perguntou Zac, imaginando o que poderia haver de assustador neles.

Antes que Bianca respondesse, um grupo de guardas armados e a cavalo veio em sua direção. Apontaram lanças e espadas ao cercá-los, mas Bianca reconheceu os uniformes.

– Peraí! – disse ela. – Eu conheço esse lugar!

– Ah! – exclamou Zac, de mãos pra cima. – Então tá explicado porque estamos sendo presos! Com certeza, esse lugar também te conhece!

– Capitão! – chamou Bianca, ao ver um elfo garboso e imponente se aproximar em um cavalo cor de marfim. – Lembra de mim! Sou eu, Bianca!

O Capitão se aproximou e não conseguiu evitar um sorriso.

– Você tem uns meios de transporte bem dramáticos, não?

Bianca fez um movimento com os ombros e voltou a abrir o sorriso. O Capitão riu e mandou que os homens relaxassem. Não era nenhum ataque de grifos famintos. Era apenas uma velha amiga da princesa.

O Capitão em pessoa guiou os dois jovens até o castelo. Bianca tinha muitas perguntas.

– Como está Analice? Ela já casou com o Asram?

– Ainda não – respondeu o Capitão Arland. – Mas não faz tanto tempo que você partiu.

Passaram pelo imenso salão de entrada e agora seguiam por um largo corredor que os levaria ao salão principal. Bianca se lembrou que era o lugar onde tiveram a primeira audiência dramática com o rei Oldebaran e a rainha Nístika, mas os tronos estavam vazios. Assim que chegaram, uma voz conhecida a chamou.

– Bianca!!! Você voltou!!!

Analice estava ainda mais bonita do que nunca, com uma delicada tiara dourada na testa e um vestido de três cores. As duas garotas correram e se abraçaram. Bianca, que achou que nunca mais veria Analice, não conseguiu evitar as lágrimas. Quando se separaram, viu que Analice também não conseguira.

– Achei que nunca mais ia te ver! – disse Analice.

– Eu também!

Analice viu Zac e foi até ele, abraçando-o também. Ele ficou meio sem jeito, abraçando alguém que ele não conhecia, e mais sem jeito ainda ao ver que o abraço era sincero e parecia repleto de afeto.

Quando se separaram, Analice e Bianca davam saltinhos de alegria.

– Mas o que aconteceu? Como vieram parar aqui?

As perguntas de Analice foram abafadas por um barulho crescente. O Capitão se virou ao perceber um movimento bizarro vindo da entrada do castelo. Sons de coisas caindo e alguns gritos abafados de homens o fizeram pegar a espada.

Infelizmente, um pouco tarde demais. Uma coisa o atingiu com violência e o Capitão voou longe, indo bater contra uma parede. Imediatamente, a coisa que o acertou apareceu como que por encanto. Era um troll atarracado e com um sorriso feroz e cruel.

Analice gritou, ao mesmo tempo em que alguma coisa agarrou Zac por trás. Imediatamente, outro troll se revelou. Bianca tentou ajudá-lo, mas alguma coisa bateu em seu rosto, jogando-a no chão. Sem saber o que fazer, Analice correu, pedindo ajuda. Um troll barrou seu caminho, o tronco coberto por alguma pele de animal malcheirosa, os dentes tortos exibindo um sorriso vitorioso. Analice andou para trás enquanto o troll a encurralava lentamente.

E então o troll gritou e se virou, furioso com o que o ferira. Analice deu vários passos para trás com o susto e viu Asram, seu noivo, de espada em punho e pronto para mais um golpe na criatura.

Bianca se levantou, atordoada, e viu Zac sendo arrastado por uma criatura duas vezes maior do que ele. Virou-se para localizar Analice e viu que ela estava segura. O Capitão já tinha se levantado e Asram brandia sua espada contra um troll que se defendia com uma espada de aço escuro.

Então ela se levantou e correu para onde estavam levando Zac. Um troll se interpôs entre eles, mas ela era bem menor e bem mais ágil do que ele. Escorregou e passou por baixo da criatura, espantada com o próprio feito. Correu desesperada pelo corredor escuro por onde ele continuava sendo arrastado. Por mais que se debatesse, ele não conseguia se livrar de seu captor.

A luz atingiu seus olhos de uma única vez assim que saiu do corredor. Estavam num jardim lateral, ainda parte do castelo, e Zac fora jogado no chão. Diante dele, um troll conhecido.

– Kajinski! – espantou-se Zac.

A criatura não estava com boa cara. Tinha no olhar decepção e um pouco de rancor pelo que considerou traição.

– Seu trono o espera, majestade... – disse friamente.

– Eu não tenho trono nenhum – respondeu Zac, ainda de joelhos diante da criatura que mantinha sua imponente.

Kajinski se inclinou, os pequenos olhos brilhando em vermelho.

– Você acha que esses humanos se importam com você? Se importam com sua casca! É dessa casca bonita que eles gostam! Tire isso, e o que sobra? Acha que gostariam de você sem essa casca? Pois eu lhe digo, majestade, assim que souberem quem você realmente é, eles mesmos vão abandoná-lo, torturá-lo, humilhá-lo! Eles mesmos vão arrancar essa pele de que eles tanto gostam!

Bianca não tinha percebido, tão concentrada que estava na conversa, mas Asram estava logo atrás dela.

– Venha conosco! – disse Kajinski, estendendo a mão para Zac. – Seja o rei que sabemos que você é! Reúna seu povo! Eu o ajudarei! Juntos, retomaremos a velha glória dos tempos do seu pai!

E, por um breve momento, Zac viu alguma coisa. Ele viu Kajinski, mas não ali, diante dele. Viu Kajinski ao lado de alguém... Ao lado de...

– Não ouça o que ele diz, Zac! – gritou Bianca, dando passos a frente e se deixando ver completamente.

Zac se voltou para ela, como se saído de um transe. Asram surgiu logo atrás, a espada em punho.

– Saia do meu castelo, troll! – bradou.

Kajinski olhou novamente para o rapaz no chão. Fez uma reverência e então abriu suas grandes asas de morcego e partiu.

Bianca correu até Zac que ainda parecia em choque.

– Você está bem?

Ele disse que sim com a cabeça, enquanto acompanhava o voo de Kajinski até que ele virasse um ponto distante.

Lorena não queria soltar Urbain. Sentia o cheiro dele, o mesmo cheiro que sentia todas as noites quando se deitavam e falavam sobre o dia, o mesmo cheiro que a fazia lembrar do quanto amava aquele homem. Era um perfume de muitos cheiros. Cheiro de pão quente, de tarde fria, de cobertor, de travesseiro, de folhas frescas, de floresta e de praia. Era o aroma de tardes de mãos dadas, de uma briga ou de outra, de fazer as pazes depois, de jurar não brigar nunca mais, porque eles não queriam perder tanto tempo. Era um perfume de beijo, de mãos, de lábios, de juventude e de um futuro que ainda não tinha chegado. E de chá de lavanda gelado! Lorena se perguntava como ele conseguia manter esse perfume?

Quando ela o soltou, olhou em seu rosto, as lágrimas caindo. Ele também soltara a mão da fadinha e agora aflagava os cabelos da mulher que mudara sua vida. Aquele rosto lindo, tranquilo, sereno, gentil, que ninguém jamais imaginaria do que era capaz.

– Você está bem... – foi o que ela conseguiu dizer.

Ele apenas sorriu.

– E Bianca? – perguntou Lorena, procurando a filha atrás dele.

– Está com Zac – respondeu ele. – Nos separamos na fuga.

Marcel e Marcos se aproximaram e cumprimentaram Urbain com abraços aliviados. Eileen correu com uma risadinha e Urbain deu largos passos atrás dela,

chamando seu nome. E foi só então que ele viu o fauno.

Urbain tomou um susto enorme e deu um pequeno salto para trás, colocando instintivamente a mão no punho da espada. O fauno era uma das coisas mais bizarras que ele já vira. E ele já tinha visto um monte de coisas bizarras...

Eileen, no entanto, parecia reconhecê-lo como um velho tio. Ela correu até ele e ele a levantou no colo.

– Oh, olá, minha fada-menina! – disse o Fauno. – Você tem se comportado?

A menina sorriu de um jeito maroto, fazendo que sim com a cabeça.

– O que você queria me contar mesmo?

Eileen fez uma concha com as mãozinhas e contou um segredo para o fauno que ouvia com atenção. Então, ele riu, uma risada gostosa que ecoou por todo aquele estranho lugar.

– Verei o que posso fazer sobre isso, menina! Agora, volte para quem você escolheu!

Ele colocou a menina no chão e ela correu direto de volta para Urbain, saltando no colo dele.

– Bem, se não se importam, eu tenho que descansar! – disse o fauno, virando-se para ir embora.

– Não pode! – disse Marcos. – Ainda temos uma pessoa sumida!

– Oh! – disse o fauno, aparentemente chateado. – Que pena!

E continuou indo.

– Senhor, precisamos de sua ajuda! – disse Lorena, dando passos na direção do fauno.

Ele se virou para ela.

– Mas eu já ajudei! Você podia ter escolhido achar sua filha. Ou o amigo dela. Escolheu achar seu marido.

– Porque achei que eles estavam juntos! – explicou Lorena.

O fauno se inclinou para ela, ficando a apenas alguns centímetros de seus olhos, de forma que nenhuma verdade pudesse se esquivar.

– É mesmo?

As lágrimas voltaram a cair no rosto de Lorena.

– Não faça isso... Por favor, não faça... – implorou ela. – Não me peça para escolher entre as duas pessoas que eu mais amo no mundo. Não me peça para escolher entre meu marido e minha filha. Não me peça para escolher entre meus dois melhores amigos! – e ela apontou para Marcos e Marcel. – Não me peça para escolher quem eu amo mais...

Ele continuou olhando-a com aqueles estranhos olhos negros e cintilantes que ocupavam quase toda a órbita.

– Está bem... Vejo seu coração... É um bom coração... Não se preocupe, sua filha está bem.

– Pode nos dizer onde ela está? – perguntou Marcel, dando um passo a frente.

O fauno se ergueu novamente e seu rosto mudou, como se uma sombra tivesse passado sobre ele.

– Poderia... mas agora tem um preço.

– Eu pago! – disse Urbain, colocando a menina no chão e se aproximando do fauno.

A criatura inclinou a cabeça para observá-lo.

– Tem certeza?

– Tenho. Me diga onde ela está e como podemos encontrá-la.

– Eu gosto de humanos assim! – disse o fauno com certo tom de admiração.

– Pagam o preço sem saber quanto custa, não medem esforços para chegar aonde querem, fazem o que for preciso, não importa o que tenham que fazer... Não é mesmo... Padre?

Urbain sentiu o calor deixar seu corpo. A cor também o abandonou. O passado do qual ele não se orgulhava parecia ser bem claro para aquele velho fauno.

– Pois bem! Eu direi onde ela está! O fauno ergueu o dedo ossudo e girou no ar. Uma pequena ventania se formou, levantando folhas em espiral.

– A poucas horas daqui há uma cidade chamada Luzandefall. A um dia de viagem dessa cidade, seguindo ao Norte, vocês encontrarão a Colina do Amor Perfeito. Lá há um reino muito próspero. É lá que sua filha está.

– Não é longe! – disse Fergus, calado e observando tudo ao lado da princesa até aquele momento. – É um reino conhecido, muito rico.

– Muito bem! – tornou o fauno, pisando com força e fazendo barulho, se aproximando de Urbain. – Agora, vamos falar do preço...

Ele se abaixou para encarar o homem que não desviou o olhar, embora o fauno pudesse sentir que ele estava com medo.

– Você me deverá um favor... – disse, quando nada mais fazia nenhum som e somente sua voz era ouvida. – Um dia, eu irei lhe pedir para fazer uma coisa. E quando esse dia chegar, você fará. Não me importa o que estará fazendo, se não tiver tempo, ou mesmo que esteja morto! Esse favor deverá ser pago. Você entendeu?

– Entendi.

– Se não o fizer, tirarei tudo o que você mais preza. Compreende, Padre?

– Não sou mais padre... E tenho palavra.

O fauno então se afastou, fez uma longa reverência para todos os presentes e simplesmente foi embora, desaparecendo entre as árvores.

Marcos se aproximou de Urbain.

– Não sei não, mas acho que você acabou de vender sua alma!

Urbain o olhou com os olhos negros muito, muito zangados.

– Foi só uma piada! – reclamou Marcos. – Não precisa me fuzilar com esse olhar de gelo!

– Uma crise de cada vez! – interveio Marcel – Temos um destino! Luzandefall!

– Sei onde fica – respondeu Urbain. – Acabei de vir de lá!

– Ótimo! Então mostre o caminho – disse Marcel.

Urbain se virou para segui-lo e deu de cara com Fergus e a princesa Maeve.

– Quem é essa gente? – perguntou.

– Ah, esses são Fergus e a princesa Maeve – explicou Marcos. – Temos que acompanhá-los até o Reino do Norte ou começarão uma guerra.

– Ah... – disse Urbain diante do casal. – Prazer!

E assim eles deixaram a Floresta Perdida e seu estranho habitante que, incomodamente, sabia um pouco demais.

Urbain e Lorena dividiam um cavalo, enquanto a fadinha, a contragosto, foi com a Princesa Maeve. O encontro com o fauno tinha sido um tanto... perturbador. O estranho ser parecia saber muito mais sobre cada um deles do que eles mesmos sabiam. Ou gostariam de saber. Mas não levou muito tempo até que a sensação de que uma névoa os envolvia desaparecesse e raios de sol de conversas começassem a iluminar seus passos.

Cada qual contou o que acontecera do seu lado da história e quando chegaram à Luzandefall, todos estavam inteirados das aventuras que pontuaram aqueles dois dias. Com a ajuda de um mapa, compreenderam que Urbain, Eileen, Zac e Bianca foram parar depois da floresta do fauno. Bianca e Zac estariam ainda mais longe, o que explicaria não terem chegado, caso estivessem indo para lá, o que só podiam saber com certeza baseados na informação do fauno, segundo a qual, eles estavam em um lugar bem diferente.

Reconhecendo com facilidade o caminho, Urbain avisou que era melhor evitarem o pântano. Contornaram, perdendo um pouco mais de tempo, mas dessa vez não havia tanta pressa. Basicamente, se a viagem até a Colina dos Amores-Perfeitos duraria um dia inteiro, não poderiam mais partir naquele dia, quando o Sol já estava alto. Chegaram em Luzandefall de tarde e pararam na frente de uma taberna. Estavam com fome e com sede e felizmente Marcel tinha dinheiro. Podiam se dar ao luxo de comer decentemente.

Marcel amarrava seu cavalo na frente da taberna no centro da cidade de onde um cheiro apetitoso de carne assada vinha. Havia poucas pessoas na rua, mas podia-se ver uma maior movimentação numa feira mais adiante. Marcos e Lorena se aproximaram.

– Isso não vai prestar... – murmurou Marcel.

– O quê? – perguntou Marcos, curioso.

Marcel apontou com a cabeça para Fergus que ajudava a Princesa Maeve a descer do cavalo. Com toda a delicadeza, ele a segurou, e, mesmo depois que chegou ao chão e estar segura, ela manteve-se próxima dele, o rosto levemente inclinado com um sorriso tímido, as mãos nos ombros do belo soldado. Com toda a linguagem corporal, não era preciso mais nenhuma explicação, mas Marcel completou assim mesmo.

– Eles estão se apaixonando – disse.

– Oh... – disse Marcos, fazendo beicinho. – Meu coração craquelou!...

– Bem, o amor é assim mesmo, Marcel... – disse Lorena, que sabia mais do que ninguém que não controlamos quem o coração escolhe.

Marcel olhou para ela repuxando os lábios e apertando os olhos, como se ela tivesse feito uma travessura que tentasse esconder.

– Se essa mulher não casar com o tal do Boreas, esse lugar vai entrar em guerra. Então, não, ela não pode se apaixonar pelo soldadinho galante, porque isso não é High School Music e não vamos terminar cantando e dançando se eles resolverem ficar juntos!

Lorena e Marcos não retrucaram e entraram na taberna, chamando a atenção de alguns habitués, mas sendo ignorados pela grande maioria. Procuraram mesas. A única mesa grande o bastante para acomodar seis adultos e uma criança estava tomada por um grupo barulhento.

– Nossa! – disse Marcos, já recuperado de seu coração craquelado. – Que máximo esse lugar! Parece que estamos no Senhor dos Anéis!

Fergus e Maeve se sentaram em uma mesa. Marcel puxou Marcos pelo braço para que este o ouvisse.

– Ô, deslumbrado, volta pra terra! Fergus e Maeve não podem ficar juntos!

– E o que você quer que eu faça, anti-cupido?

– Sente-se lá e segure vela!

Marcel empurrou o amigo na direção da mesa e Marcos, apesar de lhe devolver um olhar de insatisfação, fez o que lhe foi mandado.

Urbain, Lorena, Eileen e Marcel se sentaram numa mesa próxima, de forma que podiam ficar de olho uns dos outros. Uma mulher de ancas largas e decote dadivoso parou diante da mesa deles.

– Tem cardápio? – perguntou Marcel.

– Bem passado ou mal passado? – perguntou a mulher, sem muito interesse.

Urbain chutou Marcel por baixo da mesa, chamando sua atenção e mandando-o calar a boca com um olhar. Então, pigarreou e abriu um sorriso. A mulher imediatamente derreteu o olhar e sorriu de volta.

– Minha bela dama, pode nos trazer carne, pão e vinho, por favor?

– Temos batatas!

– Não quero abusar!...

– Imagine! Por conta da casa!

– Traga também uma sopa para a menina.

– Trarei!

A mulher saiu e Marcel olhou para o outro a sua frente com reprovação. Virou-se para Lorena.

– E você deixa seu marido fazer essas coisas?

– Claro que deixo! – respondeu Lorena. – Ele sempre consegue os melhores pratos, as melhores mesas, e ainda dão desconto!

Os pratos vieram e eles comeram animados. Era uma espécie de momento fora do tempo, como se todos os problemas tivessem momentaneamente dado uma pausa e ficado em suspenso no ar. Seus problemas continuariam lá fora quando terminassem, mas durante aquela hora, eles não existiam.

A invasão dos trolls tinha sido um acinte. Foi o que Asram dissera. Esse tipo de coisa nunca havia acontecido antes, mesmo nos tempos da Corte Unseelil. Uma invasão ao castelo era algo quase impensável. O fato de terem usado trolls que podiam ficar invisíveis nesse ataque mostrava que estavam ficando menos estúpidos e bem mais inteligentes.

– Trolls não são conhecidos pela sua esperteza! – disse Asram. – Alguém deve tê-los instruído!

– Kajinski! – disse Bianca.

Eles estavam numa sala de reuniões com uma grande mesa no centro. Apenas Zac, Bianca, Analice, o Capitão Arland, um conselheiro e dois guardas estavam lá. Tapetes coloridos davam um tom menos sóbrio ao ambiente, repleto de armas nas paredes e móveis de madeira escura.

– Quem é Kajinski? – perguntou Asram.

– O troll que mandou nos sequestrar – respondeu Bianca. – E mandou raptar Zac.

– Os trolls o obedeciam! – completou Zac. – E ele parece um troll bem mais inteligente do que a média.

Asram se aproximou dos dois que estavam sentados do outro lado da mesa.

– Vocês estiveram no covil dos trolls?...

– Bem, foi pra lá que nos levaram quando nos sequestraram – respondeu Bianca.

– E por que eles queriam vocês? – tornou o elfo, apertando os olhos com desconfiança.

– Queriam Zac – explicou Bianca. – Eles acham que ele é o rei, ou coisa assim... Alguém precisa ensinar essa gente a votar e escolher um presidente!

Asram se inclinou para Zac, apoiando as mãos sobre a mesa.

– E por que eles acreditariam que você é o rei?

A pergunta foi em tom pausado e baixo, mas a intimidação estava lá. Zac não respondeu de pronto. Então, inclinou-se na direção do elfo, sem se levantar, e o olhou nos olhos a apenas alguns centímetros de distância.

– Não faço a menor ideia – disse, em tom igualmente pausado e baixo.

– Asram, isso não é jeito de tratar amigos! – interrompeu Analice, percebendo a tensão no ar.

O elfo continuou a encarar Zac, até que deu um sorriso e se afastou.

– Tem razão, é que essa agitação toda me deixou tenso. Façamos o seguinte! Fiquem conosco! Mandarei preparar aposentos e teremos tempo para conversar.

– Lamento, não podemos ficar – disse Bianca, já se preparando para se levantar. – Como não? – surpreendeu-se Analice. Vocês acabaram de chegar!

– É que perdi minha família inteira, preciso encontrá-la de novo, ou vou acabar estrelando um musical sobre uma órfã! – resumiu Bianca.

Numa breve explicação, eles disseram que precisavam ir até a Floresta Perdida e encontrar o Fauno Ancião, que poderia lhes dizer onde estavam Urbain, Eileen, Lorena e Marcos, supondo, é claro, que os dois primeiros estivessem vivos e os dois últimos não tivessem ficado parados no mesmo lugar.

– Façamos o seguinte, então – Asram parecia mais cordato. – Fiquem para o almoço. Até lá, tentarei ver o que posso fazer para ajudá-los.

O que Asram pedia não era nenhum absurdo. Na verdade, vê-lo tentando ajudá-los surpreendeu Bianca e aqueceu o coração de Analice, que adoraria ver seu amado se dando um pouco melhor com sua melhor amiga e o namorado bonitinho dela. Então, ficaram mais um pouco.

A carne vinha com molho e o vinho era seco. O pão estava fresco e Marcos se divertiu comendo com a mão, sentindo-se algum guerreiro do passado. Marcel pediu talheres. Não recebeu. Num canto, as quatro mulheres que atendiam aos clientes suspiravam olhando para a mesa de Urbain, até que o dono da taberna as espantou com um pano de prato encardido como se espantasse um bando de moscas pousadas numa torta.

Já estavam terminando, quando uma das moças foi agarrada por um sujeito truculento na mesa barulhenta.

– Urbain, nem pense nisso! – ralhou Marcel, que percebeu o olhar do homem a sua frente para a brincadeira sem graça na mesa adiante. – Essas mulheres estão acostumadas com essas coisas por aqui! Não se meta!

A moça tentou se desvencilhar do sujeito que a obrigava a se sentar em seu colo. Ele a puxou de volta e ela gritou. Marcel continuou vendo o olhar de Urbain e começou a se apavorar.

– Lorena, controle seu homem!

Lorena olhou para a cena. Só tinha homens ali, excetuando ela mesma e a Princesa Maeve. E as atendentes, claro. Lorena colocou um pedaço de carne na boca e mastigou. O homem empurrou a moça e ela caiu de traseiro no chão, fazendo todos rirem.

– Vai – ordenou Lorena.

Como se tivesse recebido uma ordem emitida diretamente a algum chip de sua cabeça, Urbain Grandier se levantou como se não houvesse mais nada naquele lugar a não ser a cena que se desenrolava a sua frente.

Quando chegou, ajudou a moça a se levantar. Ela paralisou e sorriu, um tanto perplexa. Então Urbain ouviu o homem atrás dele.

– Ei, Corvo! Onde está o seu bando?

Ele reconheceu a voz. E a comparação pejorativa que já ouvira antes, também numa taberna. Virou-se e se deparou com o mesmo sujeito que o aticara na Andarilhos. Dessa vez, parecia um pouco menos bêbado, mas igualmente antipático.

– Esse é o Feiticeiro da Lua Negra que anda por aí com uma fadinha! – explicou o homem aos amigos de mesa, tirando brevemente os olhos de seu oponente. – Aposto que é mais delicado que ela, ou...

A frase ficou pela metade. O murro dado no queixo do homem o jogou por cima da mesa, quebrando jarras e copos. Fergus se preparou para o embate. Marcel suspirou. Marcos riu.

Como se podia esperar, os amigos do grandão – que Dana chamara de Cadman – compraram sua briga e partiram pra cima de Urbain, que não desembainhou a espada. Uma boa briga era justamente o que precisava para aliviar toda aquela tensão. Bateu nas caras barbadas e chutou peitos que pareciam paredes. Até que eles ficaram numerosos.

Um homem vinha com uma garrafa de vidro escuro para acertar Urbain por trás, mas uma cadeira o tirou de jogada. Marcos comemorou a boa mira e começou a bater também. Era uma excelente oportunidade para usar alguns dos golpes de jiu jitsu que aprendera na sua academia. Marcel e Lorena levaram Eileen até Fergus e Maeve.

– É melhor vocês três esperarem lá fora – disse Marcel, entregando a menina a eles.

– Mas eles não vão precisar de ajuda? – perguntou Maeve.

Lorena colocou a mão na espada na cintura.

– Eles já têm ajuda – respondeu ela com um sorriso. – Não se preocupem, saímos em um minuto.

Demorou um pouco mais do que isso, mas, como Lorena previra, saíram todos da taberna. Correndo, com muita gente zangada atrás deles, com garrafas voando e xingamentos que eles nem sabiam o que queriam dizer. Montaram em seus cavalos e dispararam, deixando para trás um monte de poeira e um punhado de homens muito zangados.

Capítulo 28

A Caminho do Norte

– U-huuu!!! Como eu senti falta disso!!! – comemorou Marcos, correndo em seu cavalo com os outros.

Ele continuou falando quando pararam diante de uma humilde casa já quase fora da cidade.

– Eu andei o mundo inteiro, participei de competições, mas nada preenchia esse vazio! – prosseguiu, enquanto desmontava.

– Você precisa de uma namorada! – declarou Marcel, quando passou por ele.

Foi visível que Urbain não desceu daquele cavalo com a mesma desenvoltura com que subiu, inclinando-se um pouco para um lado quando os pés tocaram o chão.

– Onde estamos? – perguntou a princesa.

– Num lugar seguro – respondeu Urbain, se encaminhando para a casa.

Ele bateu na porta, mas ninguém atendeu.

– Claire! Mariane!

– As janelas estão fechadas, tem certeza de que tem alguém aqui? – perguntou Fergus.

– Ela disse que iria embora... – disse Urbain. – Não achei que fosse tão rápido.

– Se não tem ninguém, podemos ficar! – declarou Marcos, arrebentando a tranca da porta com o cabo da espada.

A casa simples estava vazia. Não havia nada de valor. Os móveis ainda estavam lá, além de alguns pratos e copos de cerâmica e só isso. Eileen entrou correndo pela casa, explorando em divertida correria os aposentos.

– Não é o Palace, mas dá pra passar uma noite – avaliou Marcel, que diferente de Marcos, nunca fora fã de acampamentos e união com a natureza. – Pelo menos tem um teto.

– Bem, acho que é aqui que nos despedimos.

Eles se voltaram para Fergus. Ele estava ao lado da princesa Maeve, que mantinha o ar tímido de sempre.

– O castelo do Rei do Norte não fica muito longe daqui. Posso levá-la hoje mesmo. Agradeço muito a escolta de vocês até aqui.

– Espere! – disse Lorena. – Se não é longe, nós podemos ir com vocês!

– Eu gostaria muito! – disse a princesa, erguendo os olhos amendoados.

– Alguém tem que ficar – respondeu Marcel. – Temos menos cavalos que pessoas.

– Você e Lorena ficam com Eileen! – adiantou-se Urbain. – Marcos e eu podemos ir com eles.

Nesse momento, Eileen correu e se jogou contra Urbain, esperando que ele a segurasse. Como não estivesse esperando, ele não conseguiu erguê-la. Ao invés disso, reprimiu um gemido, mas não conseguiu esconder uma careta de dor.

– Você está ferido? – perguntou Lorena.

– Não!

A negativa foi tão eficaz quanto os protestos que se seguiram depois. Um rápido exame superficial revelou que uma costela poderia estar trincada, talvez até quebrada. Uma grande mancha roxa tomava a lateral direita do corpo.

– Quando isso aconteceu? – perguntou Marcos.

– Acho que foi na hora que me acertaram com uma cadeira...

– Não é grave – declarou Lorena. – Mas você não está em condições de subir em um cavalo agora.

– Isso não é nada! – insistiu o marido.

– Talvez não seja mesmo! – interferiu Marcel. – Mas se você estiver com uma costela trincada ou quebrada, ela pode perfurar seu pulmão numa cavalgada e você vai ter uma morte horrível e dolorosa.

E foi assim que Marcos, Marcel e Lorena acompanharam Fergus e a Princesa Maeve até o castelo do Rei do Norte, deixando Urbain e Eileen esperando na antiga casa de Claire, a viúva de um minerador. Lorena se despediu da menina com carinho, beijando-a para seguir o marido.

– Tome cuidado – pediu ele, acariciando os cabelos longos da esposa e olhando seu rosto como se estivesse tentando decorá-lo.

– Não se preocupe – sorriu ela. – Não é longe, estaremos de volta pela noite. Aproveite e descanse.

Ela tentou ir, mas ele a puxou e a beijou longamente, como numa cena de filme. Marcel resmungou dessa demonstração exagerada e indiscreta de afeto, mas a princesa Maeve os olhou longamente com um sorriso desenhado no rosto de menina.

Quando se separaram, Lorena deu um último sorriso ao marido.

– Pelo menos dessa vez saberei que você está em um lugar seguro! – disse ela.

Eles partiram e Urbain e Eileen ficaram na porta vendo-os desaparecerem na curva. Urbain compreendia o sentimento da mulher e gostaria de sentir o mesmo. Queria acreditar que ela estava segura, que Bianca estava segura, que

todos que amava estavam seguros em algum lugar tranquilo e confortável. Ele precisava dessa sensação para se sentir bem. Precisava saber que tudo estava bem com aqueles que amava. Mas ele sabia que não podia guardar as pessoas numa caixa, como se fossem joias, por mais preciosas que elas fossem para ele. Aprendeu, a duras penas, que precisava deixar as mulheres da sua vida trilharem seus caminhos, alçarem seus voos, lutarem suas batalhas. Por isso, deixou que Lorena fosse, embora isso estivesse massacrando seu coração. Tinha um mau pressentimento. Algo lhe dizia que a missão poderia não ser tão simples quanto eles pensaram. Rezou para estar errado. E se achou um idiota por ter entrado naquela briga estúpida que agora o tirava de cena.

Eram muitas novidades para colocar em dia e Analice ouvia atentamente as aventuras de Bianca e Zac. Ficou confusa quando Zac lhe disse não ser o Zacariel que ela conhecera e não pareceu ficar totalmente convicta, mas viu Bianca fazendo gestos com os braços atrás dele, sinalizando que ela não deveria contrariá-lo. Então Analice apenas sorriu e disse:

– Que interessante!

A hora do almoço chegou bem rápido e um banquete foi servido. Havia faisões, queijos, carnes e grãos de várias espécies.

– Achei que não comessem carne aqui! – estranhou Bianca.

– Aqui onde? Aqui no castelo? Porque quando eu cheguei já se comia carne por aqui.

– Na Vila das Fadas D’Água não se come – comentou Bianca, que não fazia muita questão de carne.

– Em muitos lugares deste mundo, animais não são sacrificados – explicou Asram, que acabava de chegar. – Mas em outros, come-se e caça-se normalmente.

Ele se sentou, dando um sorriso discreto. Asram era um elfo alto de rosto belíssimo e uma imponente indumentária em tons de azul. Uma capa cobria as ombreiras e os braços fortes estavam constantemente nus. Os cabelos negros tinham duas mechas presas por dois adereços metálicos e ele parecia sempre olhar todo mundo de algum ponto mais alto. Bianca nunca tinha visto Asram sorrir, salvo na festa de noivado dele e Analice. Lembrou-se de que Zac e ele não tinham se dado bem. Na verdade, nem ela tinha se dado bem com Asram, e ele também não gostara muito de nenhum dos dois. Agora, com a ausência de lembranças desse período na cabeça de Zac, talvez fosse possível começar de novo. Bianca queria que Analice ficasse feliz e sabia que a aceitação de Asram podia ajudar nisso.

– Tenho ótimas notícias para vocês! – disse Asram.

Zac e Bianca pararam de comer para prestar atenção, como se mastigar fizesse barulho demais e pudessem perder alguma palavra importante enquanto o fizessem.

– Há um velho druida na floresta aqui perto que pode nos dizer onde estão seus pais e seu tio.

– É mesmo?! – espantou-se Bianca.

– Sim, não é só o Fauno Ancião que tem esses poderes. Magos, druidas, bruxas e até determinadas fadas podem revelar coisas – explicou ele, enquanto um criado lhe servia vinho.

– Ótimo! Isso é ótimo! – comemorou Bianca. – Podemos ir lá assim que terminarmos aqui!

– Bem, tem um probleminha... – continuou Asram, tomando um gole de sua bebida.

Eles esperaram ansiosos até que ele secasse a boca com um guardanapo de seda e monograma bordado em azul.

– Esse druida não recebe muitas pessoas. Na verdade, ele só fala com homens.

– Que esquisito! – estranhou Bianca.

– Ele é estranho mesmo. É um velho de barbas brancas, vive recluso e por qualquer coisa pode se recusar a dar a informação – continuou Asram. – Por isso, pensei no seguinte. Zac e eu iremos até lá agora à tarde, enquanto você e Analice matam saudades. O que acha?

– Não sei... – Bianca hesitou. Não queria se separar de Zac, embora isso parecesse extremamente carente.

– Bianca, ficarei fora algumas poucas horas – disse Zac. – Você não vê sua melhor amiga há semanas, e não a verá por algum tempo depois que voltar. Aproveite esse momento!

Bianca sorriu para Analice que entendeu o sim e comemorou batendo os pezinhos no chão por baixo da mesa.

O almoço prosseguiu tranquilo, com conversas agradáveis, até que Asram se retirou, convidando Zac a fazer o mesmo. Queria estar de volta antes do anoitecer. O rapaz se despediu de Bianca com um beijo doce e ela o acompanhou com os olhos até que ele desaparecesse atrás de uma porta.

– Você está apaixonada mesmo, hein?

Bianca virou-se para a amiga, flagrando-a com um sorriso triste.

– Não, acho que essa fase já passou – disse Bianca, pegando de uma grande cesta sobre a mesa algumas frutinhas vermelhas parecidas com amoras, mas inacreditavelmente doces. – Eu o amo.

– Sério? – inquiriu a outra, em tom de segredo.

Bianca se aproximou dela e pegou suas mãos, olhando-a nos olhos para que ela tivesse certeza de que não estava mentindo.

– Sério.

Elas saíram a cavalo, acompanhadas de um jovem guarda chamado Bran. Ele tinha os cabelos castanhos que passavam pouco do pescoço e que não encobriam as orelhas pontudas. Não era alto ou imponente como Asram, sendo pouco mais alto de Analice. Ele costumava ficar por perto, mas não perto demais para não ouvir as conversas das donzelas. Tímido, sempre baixava o rosto quando Analice lhe dirigia a palavra.

– Qual é a desse guarda? – perguntou Bianca, observando o jovem recostado numa bela árvore a uma certa distância, enquanto elas passeavam a pé por uma relva verdejante repleta de flores do campo que pontuavam com todas as cores uma imensa extensão de terra.

– Esse? É Bran! – explicou com ar displicente Analice. – Asram o designou para tomar conta de mim desde o ataque dos trolls. Ele é um dos guardas do palácio, nunca esteve em campo. Ele é inofensivo, fique tranquila.

– Eu estou tranquila! – riu Bianca. – Só o achei... peculiar! É estranho ter alguém andando atrás da gente o tempo todo.

– Medidas de segurança do meu futuro marido...

Analice falara essa última frase com certo amargor. Bianca percebeu. Sabia como ler a amiga. Analice estava belíssima, mais linda do que nunca, mas, vez por outra, Bianca podia sentir esse certo tom amargo na voz e uma sombra em seus olhos.

– Analice? – Bianca parou de andar e virou-se para a amiga. – Está tudo bem?

– Está! Claro! Sou uma princesa, estou noiva de um elfo lindo de morrer, moro num castelo, o que poderia estar errado?

E continuou a andar, mas Bianca a puxou levemente pelo braço, forçando-a a olhar para ela. Analice suspirou e seus ombros caíram um pouco. Ela olhou para o alto e então voltou a olhar para a amiga.

– Não sei... Sinceramente, Bianca... Não sei...

Pelo resto da tarde, Bianca foi a ouvinte. Ouviu os problemas e dilemas da jovem amiga, que se sentia solitária, não recebendo a atenção que sonhara receber um dia do homem que viria a ser seu marido. Desde que os rumores de uma guerra começaram que Asram não lhe dedicava mais tempo. Mesmo quando estava com ela, sua cabeça estava em outros assuntos. Ela chegou a suspeitar de outra, mas não havia nenhuma outra mulher. Então, ela começou a pensar na outra alternativa.

– Acho que ele não me ama mais.

– Não acha que é um tanto precipitado esse veredicto, Analice?

Elas estavam sentadas na relva, cercadas por flores, sob um céu azul pincelado por nuvens de tons pastéis. Era como se estivessem dentro de um quadro de Renoir, e mesmo assim, Analice estava infeliz e isso partia o coração de sua amiga.

– Ele pode estar com outras coisas na cabeça, só isso!

– Eu vi você e Zac – disse Analice. – Vejo como ele a olha, como ele a toca, como ele se preocupa com você, como ele... a ama... Eu queria isso pra mim também, só isso.

Bianca segurou as mãos da amiga como se fossem dois pássaros adoentados e mornos.

– E você merece! Dê um tempo para o Asram, fale com ele, não deixe essa história morrer!

Analice sorriu, agora imbuída de uma fé renovada. Sim, se Bianca conseguira encontrar o amor, por que não ela? E Bianca tinha razão. Talvez estivesse sendo um tanto carente demais e alguns homens levam tempo para aprender a serem companheiros. Quando Asram a beijava, ela se sentia a mulher mais importante do mundo porque ele a amava. Ela só queria se sentir assim o tempo todo...

A tarde passou tão rápido que, quando chegaram ao castelo, as velas já estavam acesas. A mesa do jantar estava posta e Bianca chegou perguntando sobre Zac.

– Eles ainda não chegaram, madame – respondeu a criada que servia o jantar.

A preocupação pousou imediatamente no rosto de Bianca, mas Analice a acalmou.

– Calma, Bianca! Eles foram acompanhados de três guardas! E você viu Asram, ele luta bem. Tenho certeza de que estão bem. Aposto que resolveram jogar tarô ou qualquer coisa assim!

Bianca tentou disfarçar a preocupação, mas conforme as horas avançavam, disfarçar foi ficando impossível. Até que Asram entrou na sala de jantar.

Analice levantou e o recebeu com um beijo e um abraço que ele prontamente retribuiu.

– Boas notícias! – disse Asram. – Conseguimos a localização de sua família!

– Que ótimo! – comemorou Analice, mas Bianca procurava alguém atrás dele.

– Onde está Zac?

– Ele estava cansado e foi direto para seus aposentos – explicou Asram. – Passamos por um pântano e ele caiu numa poça na volta, devia estar ansioso por um banho.

– Viu? – disse Analice com um sorriso feliz. – Eu disse que estava tudo bem!

– Acho que vou subir para vê-lo – disse Bianca.

– Não quer saber onde seus pais estão? – perguntou Asram. – Venha, só vai levar um segundo! Eu te mostro. Enquanto isso, Zac toma seu banho.

Bianca achou que isso fazia sentido, embora uma sensação de desconforto inexplicável continuasse a acompanhá-la. Asram as guiou até uma sala próxima onde foram servidas taças de hidromel. Bianca achou que aquela era a bebida mais deliciosa que ela já provara em toda sua vida. O elfo abriu sobre uma grande mesa de mármore um mapa. Apontou um ponto.

– Veja! Você está aqui!

Bianca piscou, lembrando como achava mapas chatos, e como odiava ter que desenhá-los nas folhas de papel almaço na aula de uma velha professora de geografia. E afinal? Quem usa papel almaço? E por que desenhar mapas? E por que se chama almaço? Viu o dedo de Asram seguir do ponto por uma estrada. Tomou o último gole do hidromel e colocou a taça sobre a mesa. Asram continuava falando.

– Enfim, eles não estão longe! Na verdade, podemos ir amanhã cedo e trazê-los para cá! Imagino que cheguemos na manhã do dia seguinte. Destacarei alguns soldados para nos acompanharem. O que você acha?

– Acho saksl... quedskad... ascho... asscho... AAASCHOOOOO que é... qual foi a pergunta mesmo?

– Bianca? Você está bem? – perguntou Analice, se aproximando. – Você está falando enrolado!

Bianca não se lembra de ter respondido. Lembra de ter tentado! E foi só o que conseguiu lembrar daquela noite.

O caminho com o Sol ainda alto tinha um quê de inspirador. Estavam numa estrada de terra cercada por uma relva muito verde. Montanhas próximas num tom verde mais escuro davam a sensação de estarem sendo observados por gigantes, mas Fergus lhe explicou que tudo naquele mundo era vivo. As montanhas, então, estavam sim observando, assim como as árvores e as pedras. Tudo possuía uma alma. Às vezes era possível ver a alma da montanha, da planície, da floresta. Mas era muito raro. A beleza do caminho era quase irreal. Não era possível se cansar de ver. Marcos lamentava a cada três minutos não ter podido trazer sua câmera.

De certa forma, todos se sentiam mais tranquilizados com a notícia do fauno de que Bianca estava bem e que no dia seguinte já poderiam estar todos juntos de novo. Claro que aí começariam os outros dilemas. Como voltar para casa? Como Marcel poderia se livrar do noivado e do beijo que o prenderia ali para sempre? Como e quando Urbain pagaria o favor ao fauno? Como evitar que os trolls voltassem a atacá-los, quando – e se – voltassem ao seu mundo? Eram muitas perguntas sem resposta e nenhum deles estava disposto a pensar sobre isso agora. Preferiram se concentrar nas vitórias imediatas, como entregar a princesa ao seu prometido.

Marcos e Marcel emendaram uma conversa com Fergus, que lhes contava sobre a crescente onda de violência que estava assolando o mundo deles. Ataques de trolls, ligados à Corte Unseelil ou não, eram comuns, mas nunca foram tão numerosos e tão caóticos. Grupos de ladrões e bandidos em constantes assaltos também existiam antes, mas estavam piorando. O tráfico de escravos também estava bem pior. Escravos eram proibidos nas terras sob o domínio de Paralda, embora a Corte Unseelil não respeitasse essas normas. Era comum que raptassem humanos para torturá-los, se divertirem, ou pagarem o dízimo, seu tributo ao Inferno, pago a cada sete anos.

– Nossa! – comentou Marcos. – Eu esperava que um lugar cheio de fadas fosse menos... hostil!

– Talvez seja essa tensão constante entre os reinos do Norte e do Sul... – arriscou Fergus, que, como soldado, não tinha grandes noções do porque de muitas coisas.

– Se for isso, resolveremos ainda hoje – declarou Marcel.

– Não entendo... – comentou Lorena, entrando na conversa. – Você falou de traficantes de escravos, mas... Nós não vimos nenhum escravo até agora.

– Não é comum ter escravos. A liberdade é uma coisa muito preciosa para todas as raças neste mundo. Tirar a liberdade de alguém ou de qualquer ser, para

nós, é a pior coisa que se pode fazer.

Eles meditaram brevemente sobre uma vida cumprindo a vontade dos outros. Muitas pessoas vivem essa vida em seu mundo, vivendo sob as expectativas de pais, mães, avós, maridos, esposas, sociedade, amigos. Seu mundo estava repleto de escravos, embora muitos não reconhecessem seus próprios grilhões. De fato, era uma vida infeliz ser privado de seu próprio caminho, de sua própria vontade.

– Então, pra onde eles vão? – perguntou Marcos, curioso.

– Alguns são levados para minas de kobolds ou de donos de terra – respondeu Fergus – Como é contra a lei, eles ficam escondidos a maior parte do tempo. Outros são vendidos a alquimistas, magos negros que fazem experiências com eles. Outros ainda vão para reinos distantes, onde a escravidão é aceita. Não temos negócios com essa gente por causa disso. A verdade é que a maioria não vive muito... São muito maltratados e a viagem até esses lugares é muito sacrificada.

O assunto entristeceu a conversa e Fergus calou-se.

– Eu sinto muito pelo seu amigo... – disse Marcos.

O jovem soldado o olhou surpreso. Achou que nem se lembravam mais de Edward. Balançou a cabeça, agradecido.

A conversa prosseguiu, agora sobre a economia local – assunto puxado por Marcel. Nenhuma surpresa em saber que ouro e joias eram os bens mais cobiçados, mas a grande maioria vivia da natureza, trocando serviços e mercadorias. Moedas também eram usadas, mas Fergus nunca vira notas. Quando o valor era alto, ele era escrito num pergaminho e assinado.

– Olha! Eles aceitam cheque! – comemorou Marcos.

Aproveitando que Lorena ficara um pouquinho para trás, talvez menos interessada no tema ou com a cabeça em outros lugares, a princesa Maeve se aproximou.

– Milady? – chamou ela timidamente.

Lorena a olhou e a menina se encolheu como se ela fosse atacá-la.

– Pode me chamar de Lorena – disse. – Diga.

– Posso perguntar uma coisa?

Lorena anuiu com a cabeça. Percebeu que tinha pouca paciência para aquela menina tímida e insegura.

– Seu marido, Urbain? Como se casou com ele? Ele era seu prometido?

– Por Deus, não! – riu Lorena.

Quando percebeu que Maeve continuava olhando-a atentamente, percebeu que ela queria – ou precisava – saber mais. Ficaram um pouco para trás, deixando a conversa dos meninos para dedicar-se à sua própria.

– Eu era jovem e vivia para agradar aos outros – começou Lorena. – Um dia, nós atravessamos um portal e fomos parar no passado.

– Não sabia que isso era possível – comentou a moça, embora não parecesse tão surpresa.

– Nem eu. Bem, quando conheci Urbain... – Lorena teve dificuldades de achar as palavras. – Quando conheci Urbain, tudo mudou. Eu mudei. Fiz outras escolhas, escolhi outros caminhos, fui em outras direções... Ele despertou algo em mim que eu não sabia que estava lá. E me transformei em outra pessoa. Uma pessoa melhor, porque eu tinha coragem de lutar pelo que eu queria, pelo que eu amava, pelo que eu acreditava.

– Um homem fez isso tudo? – perguntou Maeve.

– Não, querida!... O amor fez isso tudo! Tudo isso só aconteceu porque eu o amei. O amor é capaz de feitos fantásticos!...

A princesa baixou a cabeça, perdida em pensamentos perigosos.

Lorena ia lhe perguntar alguma coisa, mas algo chamou sua atenção. Pensou ter visto algo se mover de relance num bosque mais a frente. Continuou olhando com atenção. Apesar de não ter visto mais nada, podia sentir que havia algo errado. Aproximou o cavalo do grupo da frente, sendo acompanhada por Maeve.

– Fergus? – chamou ela. – Pode me responder uma coisa?

– Claro, milady!

– Havia no castelo de Maeve, do Reino do Sul, cavaleiros, guerreiros ou soldados mais experientes que o grupo que escoltou a princesa?

Fergus anuiu com a cabeça.

– Certamente. Na verdade, o grupo original contava com o Capitão da Guarda e quinze de seus melhores homens.

– O que aconteceu então para trocarmos essa escolta por cinco garotos? – perguntou Marcos. – Porque, não me leve a mal, Fergus, mas a menos que vocês tivessem superpoderes, não pareceu uma escolha muito sábia!

Fergus pensou por um minuto.

– Foi o Conselho que decidiu – respondeu finalmente. – O Conselho é formado por três homens sábios que aconselham o Rei em todas as questões. Eles decidiram que era melhor ter uma escolta formal. Mandar muitos guardas experientes levantaria suspeitas e o Rei do Norte poderia se sentir ofendido, pois pareceria que não estavam confiando nele. Além do mais, uma escolta grande poderia chamar a atenção de ladrões. Pelo menos, foi isso foi o que o Capitão me contou!

– Isso está me cheirando à treta! – comentou Marcos.

– Está, sim – concordou Marcel.

– Quero que prestem atenção! – chamou Lorena, com voz firme. – Vi um movimento no bosque adiante. Pode ser um animal, um vulto qualquer, mas pode ser uma emboscada.

– Considerando que viemos por caminhos alternativos desde que nos encontramos, aqui seria o lugar mais certo para nos esperarem – disse Fergus, sentindo o corpo começar a se preparar para uma luta.

– O que fazemos? O que fazemos? – perguntou Marcos, vendo que continuavam se aproximando do bosque.

As pálpebras pesavam tanto que Bianca começou a se perguntar se não tinha derramado sem querer cola nos olhos. Estava na escuridão, mas era uma escuridão quentinha e confortável. Estava quase voltando a dormir quando a imagem de Zac surgiu em sua mente. Ele estava sorrindo e uma mancha vermelha cobria a imagem. E então ele estava tendo as asas arrancadas, gritando, morrendo em seus braços, com lágrimas nos olhos.

Bianca abriu os olhos ofegante. Piscou várias vezes e tentou se localizar. Estava numa cama. Numa cama macia. Numa cama macia e quentinha. Levantou-se e deixou os olhos se acostumarem com o escuro, enquanto sua respiração voltava ao normal. Tinha sido um pesadelo. Só isso. Um pesadelo.

Retirou a pesada coberta e se levantou. Cambaleou até a janela e abriu a cortina. Com o quarto escuro, não tinha a menor ideia de que horas poderiam ser. Ao abrir a cortina, cobriu o rosto com a mão, os olhos sendo feridos pela forte claridade. Pássaros, abelhas, borboletas, todos já estavam em plena atividade e o Sol já estava forte. Estava com uma rica camisola longa e de mangas compridas, repleta de babadinhos, rendas e outras frescuras. Como entrara naquilo? Como chegara ao quarto? E onde estava Zac?

Sem trocar de roupa, saiu de seu quarto e foi ao quarto ao lado. Abriu a porta, esperando encontrá-lo, mas tudo o que encontrou foi um quarto vazio e uma cama perfeitamente arrumada. Bianca entrou e procurou por algum sinal dele. Passou a mão na cama que não exibia nenhuma dobra na rica colcha ornamentada que a cobria. Os travesseiros, seis ao todo, estavam simetricamente arrumados.

– Você acordou!!! – disse uma voz animada.

Bianca se virou e viu Analice, lindamente arrumada, como sempre, e seu belo sorriso aberto ao vê-la.

– Onde está Zac? – perguntou Bianca.

– Já saiu! – respondeu Analice, entrando no quarto.

– Saiu pra onde? – tornou Bianca, tentando colocar os pensamentos em ordem.

– Você não se lembra do que Asram disse ontem? Também, pudera! Você já estava pra lá de Marraqueche com o hidromel! Bem, Asram encontrou seus pais! Ele enviou um grupo de soldados para buscá-los bem cedo hoje e Zac foi com eles. Eles devem voltar hoje a noite ou, o mais tardar, amanhã.

Bianca olhou para a cama, o rosto ainda fechado.

– Olhe para essa cama, Analice – disse. – Ninguém dormiu nela essa noite!

– Oh, Bianca! Aqui temos camareiras que arrumam tudo! Esse quarto com certeza já foi arrumado!

Analice se sentou na cama, ainda sorrindo.

– Você está ficando paranoica! Cuidado, tive uma tia que ficou assim. No final, tivemos que interná-la depois que ela atacou a horta da vizinha falando que as melancias eram alienígenas e estavam ocupando o lugar das pessoas...

Bianca não respondeu. Continuou de rosto fechado, sabendo que tudo fazia sentido, mas que algo dentro dela simplesmente não ligava para isso.

– Bom dia, meninas! – Asram surgia na porta com um sorriso e uma bandeja. – Sente-se melhor, Bianca? Você apagou mesmo ontem!

Asram entrou e colocou a bandeja sobre a cama. Tinha coisas divinas, leite quente em leiteira de porcelana, açúcar colorido, frutas, cinco tipos de bolos, pães, queijo, ovos e suco.

– A criada vinha lhe trazer o café, mas como eu já estava vindo pra cá, resolvi eu mesmo trazer.

Analice abriu um sorriso de contentamento. Aquecia seu coração ver que finalmente Asram e Bianca estavam se dando bem.

– E então, o que vocês duas vão fazer hoje?

– Pensei em irmos à Feira das Amoras! – sugeriu Analice. – É uma Feira onde temos todo tipo de coisa feita com amoras e frutas silvestres! São licores, doces, pudins, tortas e tudo o que você puder imaginar!

– Parece ótimo! – disse Asram. – Bem, eu tenho que resolver uns assuntos hoje, não poderei acompanhá-las. Mas, divirtam-se!

Então ele sorriu e se retirou. Analice pegou um biscoito da bandeja de Bianca e o comeu.

– E então? Venha comer e depois se arrumar para podermos sair! Podemos até comprar umas roupas novas pra você, pra receber seus pais e Zac, o que acha?

Bianca a observou longamente.

– Desculpe, Analice, mas estou moída! Aparentemente, porre de hidromel é pior do que porre de licor de ovo! Vou comer e voltar a me deitar um pouco, você se importa?

Analice pareceu nitidamente desapontada, mas compreendeu.

– Tudo bem! – disse ela, levantando-se e roubando mais um biscoito amanteigado. – Descanse e assim que se sentir melhor, nós faremos alguma coisa! Só não durma o dia inteiro!

Bianca pegou a bandeja e deixou o quarto de Zac junto com Analice. Esta a acompanhou até o quarto de Bianca, logo ao lado, lhe desejou um bom café e melhoras, e a deixou sozinha, vendo que a amiga não estava com disposição nem para dividir o café da manhã.

Assim que se despediu de Analice, Bianca entrou e colocou a bandeja sobre uma mesa. Arrancou a camisola e colocou a saia bufante com blusa e colete vermelho. Lavou o rosto na bacia de prata com água fresca sobre outra mesa e secou-se com a toalha felpuda. Foi até a bandeja e pegou um bolinho, seu ponto fraco. Assim que o levou até a boca, lembrou-se do hidromel e que fora Asram quem levara aquela bandeja. Olhou novamente o bolinho e o recolocou na bandeja. Estava faminta, mas não o bastante para arriscar.

Saiu do quarto e verificou o corredor. Uma criada passou do outro lado, mas desapareceu em seguida. Bianca começou então a percorrer os corredores do castelo, verificando portas, ouvindo qualquer conversa, até que, menos de vinte minutos depois, viu Asram saindo de uma sala com o homem que estivera na sala com eles depois do ataque dos trolls. Era o conselheiro Bauder, homem de confiança dele e de seus pais. Era um homem grisalho e magro, que usava uma túnica discreta com adornos nas barras. Tinha olhos azuis e era um homem muito bonito, mas tinha aquela ausência de inocência que trazem todos os que estiveram no poder por muito tempo. Bianca se ocultou atrás de uma estátua de Vênus assim que eles saíram de uma sala.

– Acredita então que ele ainda vai falar? – perguntava o conselheiro, no que pareceu a continuação de uma conversa anterior.

– Todo mundo acaba falando sob a ponta da chibata, meu caro Bauder.

Eles riram, como se tivesse sido uma tirada bem humorada. Tomaram o mesmo caminho, felizmente, na direção oposta de onde Bianca se escondia. Os corredores do castelo eram largos e possuíam muitos afrescos, estátuas e pilastras, o que facilitava em muito que alguém de pequeno porte se escondesse. E foi assim que Bianca os seguiu.

Estava longe demais para ouvir o que falavam e não ousava segui-los mais de perto com medo de ser descoberta. Em dado momento, eles se despediram, trocaram algumas palavras e o conselheiro seguiu na direção oposta. Asram seguiu por um corredor estreito e com pouca iluminação. Bianca foi até lá e o viu descer escadas escuras com passos rápidos.

Ela continuou seguindo o elfo. As escadas desciam em espiral, poucas tochas iluminavam as paredes cruas. Diferente do restante do palácio, aquela área era úmida, fria e sem nenhuma decoração. O coração de Bianca se apertou, imaginando para onde estavam indo. Conforme desciam, o cheiro de umidade e tristeza que sentira na prisão dos trolls aumentava.

A vantagem da pouca iluminação é que ela se ocultava facilmente nos cantos sombrios. A escada acabou e Asram seguiu por um corredor largo de pedras que virava à esquerda logo a frente. Assim que ele desapareceu, ela correu e encostou-se na parede, ouvindo. Ouviu gritos abafados e se apavorou.

Ouviu Asram mandando alguém abrir a porta. Numa espiada rápida, viu Asram esperando um único guarda elfo abrir a pesada tranca de uma porta de madeira. Assim que a porta se abriu, Bianca ouviu os gritos de novo, dessa vez ecoando pelo corredor. Seus olhos se encheram d'água. Era a voz de Zac.

A porta foi deixada aberta, mas a presença do guarda a impedia de chegar mais perto. De onde estava, porém, podia ouvir tudo. Cheiro de sangue e suor chegou até ela e mais gritos foram ouvidos, até que tudo parou. Bianca sentiu o estômago embrulhar e a cabeça girar. Tinha vontade de ir até lá e arrancar a cabeça de Asram e de quem quer que fosse que estivesse machucando Zac, mas sabia que não podia fazer isso. Ela era a única esperança dele, precisava manter a calma e tomar as decisões certas. Respirou fundo e prestou atenção na conversa.

– Ele não falou ainda?! – perguntava Asram.

– Não, mas chorou um bocado – respondeu outra voz, a do torturador.

– Muito bem, Zacariel, seu tempo está se esgotando! – tornou Asram.

Bianca também ouviu um gemido e um arfar de alguém muito cansado. – Diga logo onde fica o covil dos trolls e você sai daqui em um minuto!

– Eu... Eu não sei... – Zac tinha a voz cansada e embargada. – Eu juro, eu não sei!...

– Você sabe e você vai falar!

Bianca estremeceu ouvindo sons de chicote e os gritos de Zac. Asram ordenava que falasse, e então a chibata estalava e ele gritava. Bianca cravou as próprias unhas na parede fria atrás de si, as lágrimas enchendo os olhos e caindo pesadamente. Asram disse algo que ela não compreendeu e então um novo grito foi ouvido, longo, doído, transformando-se a seguir em um pranto convulsivo. Bianca sentiu cheiro de carne queimada e então voltou correndo para as escadas, tirando as lágrimas do rosto com a mão. Subiu correndo as escadarias escuras até chegar nas dependências comuns do castelo novamente. Continuou correndo, até encontrar o que estava procurando.

Analice estava na sala de leitura onde gostava de ir para recitar poemas, poesias e textos que ela achava belos. Sua plateia se resumia a uma ama e ao guarda Bran, com cuja presença já se acostumara. Antes de ser seu protetor oficial, Bran tomava conta das dependências reais, e era um rosto que ela via constantemente.

– Escolhi esse para ler hoje porque às vezes precisamos nos lembrar das coisas que ele diz – disse Analice, acariciando o livro diante dela. – Esse é o meu caderno de pensamentos. Eu reuni aqui as belas palavras que chegaram até mim, quando vivia no mundo dos homens. Eu sempre lia, antes de dormir, quando estava triste, quando estava alegre, enfim, em qualquer momento. Mas eu tinha me esquecido desse belo texto... Quando vim para cá, esqueci de um monte de coisas... Bem, fiquei feliz de Asram ter trazido esse livro pra mim, eu sei como é difícil ir até o nosso mundo! O nome é Os Votos.

Ela ergueu o tronco, consertando a postura. Impostou a voz e começou:

*– “Pois desejo primeiro que você ame e que amando, seja também amado.
E que se não o for, seja breve em esquecer e esquecendo não guarde mágoa.
Desejo depois que não seja só, mas que se for, saiba ser sem desesperar.
Desejo também que tenha amigos e que mesmo maus e inconsequentes sejam
corajosos e fiéis.*

*E que em pelo menos um deles você possa confiar e que, confiando, não duvide de
sua confiança.*

*E porque a vida é assim, desejo ainda que você tenha inimigos, nem muitos nem
poucos, mas na medida exata para que algumas vezes você se interpele a respeito
de suas próprias certezas.*

*E que entre eles, haja pelo menos um que seja justo para que você não se sinta
demasiadamente seguro.*

*Desejo depois que você seja útil, não insubstituívelmente útil, mas razoavelmente
útil.*

*E que nos maus momentos, quando não restar mais nada, essa utilidade seja
suficiente para manter você de pé.*

*Desejo ainda que você seja tolerante, não com quem erra pouco, porque
isso é fácil, mas com aqueles que erram muito e irremediavelmente.*

E que essa tolerância nem se transforme em aplauso, nem em permissividade, para que assim fazendo um bom uso dela, você dê também um exemplo para os outros.

*Desejo que você sendo jovem não amadureça depressa demais,
e que sendo maduro não insista em rejuvenescer,
e que sendo velho não se dedique a desesperar.*

*Porque cada idade tem o seu prazer e a sua dor e é preciso deixar que eles
escorram dentro de nós.*

*Desejo por sinal que você seja triste, não o ano todo, nem um mês e muito menos
uma semana, mas um dia.*

*Mas que nesse dia de tristeza, você descubra que o riso diário é bom, o riso
habitual é insosso e o riso constante é insano.*

*Desejo que você descubra com o máximo de urgência, acima e a despeito de tudo,
talvez agora mesmo, mas se for impossível amanhã de manhã, que existem
oprimidos, injustiçados e infelizes.*

E que estão à sua volta, porque seu pai aceitou conviver com eles.

*E que eles continuarão à volta de seus filhos, se você achar a convivência
inevitável.*

*Desejo ainda que você afague um gato, que alimente um cão e ouça pelo menos
um João-de-barro erguer triunfante seu canto matinal.*

Porque assim você se sentirá bem por nada.

*Desejo também que você plante uma semente por mais ridícula que seja e
acompanhe seu crescimento dia a dia, para que você saiba de quantas muitas
vidas é feita uma árvore.*

*Desejo, outrossim, que você tenha dinheiro porque é preciso ser prático. E que
pelo menos uma vez por ano você ponha uma porção dele na sua frente e diga:
Isto é meu.*

Só para que fique claro quem é o dono de quem.

*Desejo ainda que você seja frugal, não inteiramente frugal, não obcecadamente
frugal, mas apenas usualmente frugal.*

Mas que essa frugalidade não impeça você de abusar quando o abuso se impuser.

*Desejo também que nenhum de seus afetos morra, por ele e por você. Mas que se
morrer, você possa chorar sem se culpar e sofrer sem se lamentar.*

Desejo por fim que,

sendo mulher, você tenha um bom homem

e que sendo homem tenha uma boa mulher.

*E que se amem hoje, amanhã, depois, no dia seguinte, mais uma vez e novamente
de agora até o próximo ano acabar.*

E que quando estiverem exaustos e sorridentes, ainda tenham amor pra recomeçar.

E se isso acontecer, não tenho mais nada para desejar”

Analice fechou o livro. A ama tinha lágrimas nos olhos e Bran desenhava um sorriso no rosto sempre fechado.

– Quem escreveu? – perguntou ele.

Analice raramente ouvia a voz dele. Era tão jovem!... Ela sorriu ao lhe responder.

– Eu achava que era de Victor Hugo, mas depois descobri que foi um brasileiro, Sérgio Jockymann, quem escreveu para um jornal de Porto Alegre em 1978.

– É bela... – disse a ama, visivelmente emocionada.

O aposento ainda flutuava com imagens de sonho, afeto, amor e todas as coisas que se deseja a quem se ama quando a porta se escancarou e uma Bianca furiosa adentrou o lugar. Ela estava com os olhos brilhantes e ligeiramente vermelhos, as bochechas coradas e um ar selvagem que parecia se alastrar para os cabelos.

– Bianca! – assustou-se Analice, largando o caderno. – O que aconteceu com você?!

Bianca olhou para a ama e para Bran.

– Saiam! – rosnou ela.

Os dois olharam para Analice, que confirmou com um movimento de cabeça. Assim que a porta se fechou, Bianca se voltou para Analice. Os olhos voltaram a se encher de lágrimas cheias de mágoa.

– Por favor, Analice... – disse ela com voz trêmula. – Me diga que você não sabia de nada. Me diga que você não fez parte disso!

Analice se levantou e foi até a amiga.

– Bianca, pelo amor de Deus, do que você está falando?

– Zac não foi buscar meus pais! – gritou ela. – E não foi a druida nenhum! Nem dormiu naquela cama! Ele está sendo torturado por Asram no calabouço!

Analice piscou várias vezes, sacudindo a cabeça como se não compreendesse.

– O quê?!

Bianca a agarrou pelos braços, apertando-a.

– Me diga que você não teve nada com isso, Analice! – sua voz era rouca e seu tom era ameaçador. – Me diga que você não está me distraindo desde ontem, que não me drogou na noite passada, e que não sabia que seu querido noivo está torturando meu amigo inocente!

Analice balançava o rosto ainda atônita, os lábios tremendo sem formular nenhuma palavra.

– Responde!!! – gritou Bianca, sacudindo-a.

– Eu... Eu não sabia!... – murmurou a outra.

Bianca, transtornada, continuou segurando-a e olhando em seus olhos por alguns instantes. Então, soltou-a e virou-se, soluçando, passando as mãos na cabeça como se isso pudesse evitar que ela explodisse.

– Você... Você tem certeza disso? – perguntou Analice.

Bianca se virou, o rosto furioso diante da própria impotência.

– Eu segui Asram! – respondeu. – Eu o segui até o calabouço e ouvi quando ele chicoteou Zac. E ouvi os gritos de Zac quando Asram o queimou! Ele quer que Zac diga onde é o covil dos trolls, mas ele não sabe! Ele nem sabe quem ele é!

Analice olhou para o nada, como se pequenas coisas que lhe passaram despercebidas de repente fizessem sentido. Bianca se agitou de repente. Limpou o rosto, tentando parar de chorar e deu alguns passos em uma direção aleatória.

– Preciso fazer alguma coisa! Preciso tirá-lo de lá!

Ela tomou o rumo da porta, mas parou quando Analice chamou seu nome.

– Não pode ir lá e simplesmente tirá-lo do calabouço! – disse Analice, se aproximando.

– O que eu faço então? – soluçou Bianca.

Analice colocou a mão em seu ombro e a olhou firmemente nos olhos.

– Precisamos de um plano.

A quinze metros do bosque onde tinham quase certeza de que uma emboscada os aguardava, Marcos, Lorena, Marcel e Fergus tentavam decidir o que fazer.

– Já sei! – disse Fergus. – Vamos nos separar!

– Amigo, você nunca viu filme de terror na vida, né? – perguntou Marcos.

– A estrada passa pelo bosque – explicou Fergus. – Todo viajante passa exatamente por esse ponto que estamos passando agora. Por isso eles prepararam uma emboscada nesse ponto! Se, no entanto, correremos para longe desse ponto, nos espalhando pelo resto do bosque, eles serão pegos de surpresa! Não poderão nos emboscar e ficarão confusos sobre quais de nós seguir!

– Parece fazer sentido! – disse Marcel.

– Parece arriscado... – comentou Lorena.

– Não mais arriscado do que os enfrentarmos cara a cara agora – prosseguiu Fergus.

Quando chegaram a dez metros da entrada mais usada para o bosque, coberta pelas sombras das belas copas das árvores, os seis cavalos dispararam em

direções diferentes, adentrando o bosque em pontos diferentes. Fergus acompanhou Maeve, mas a apenas alguns metros deles, Lorena corria.

Por alguns momentos, acreditaram terem errado e que não havia ninguém os esperando para uma emboscada. Até que homens em cavalos surgiram logo atrás deles.

Seus cavalos estavam cansados, mas eram bons cavalos. Mantinham boa distância de seus perseguidores. Três homens perseguiam Fergus e Maeve, dois foram atrás de Lorena. Um perseguiu Marcel e um perseguiu Marcos.

Sentindo seus perseguidores se aproximando, Lorena se questionava sobre a eficácia desse plano. Infelizmente, era um pouco tarde para voltar atrás. Viu árvores com muitos galhos baixos logo a frente. Muito baixos. Os homens estavam a poucos metros dela. Lorena arriscou. Manteve a direção, esperando que o manto que voava atrás dela tapasse a visão dos homens, ou ao menos os confundisse. Quando chegou a menos de meio metro dos galhos, Lorena inclinou-se, girando sobre a cela, passando a cavalgar de lado, mas ainda segurando as rédeas. Os galhos arranharam seu braço e a força que fez para manter o peso de seu corpo tão inclinado sem cair foi enorme. Os galhos continuavam baixos e Lorena ouviu sons de queda atrás de si.

Os dois homens que a perseguiam foram varridos pelos galhos e jogados para trás com violência, graças à velocidade que mantinham. Os cavalos seguiram sozinhos, até finalmente pararem.

Marcos não se dedicara à arte da montaria e esgrima como Lorena, Urbain e Marcel. Ele preferia lutas corpo a corpo e arco e flecha. Agora, enquanto corria desvairadamente contra o vento com um desconhecido mal intencionado atrás dele, pensava que devia ter se dedicado um pouco mais à montaria.

Marcel gostava de cavalgar. Gostava ainda mais de saltar. E assim que viu obstáculos a sua frente, esperou que sua montaria estivesse à altura do cavaleiro. Saltou uma árvore que crescera estranhamente inclinada. Seu perseguidor fez exatamente o mesmo. Correu mais um pouco e viu um declive, uma vala seca. Esperou que fosse assustador o bastante para fazer o cavalo do inimigo hesitar, era só do que precisava.

– Vamos, amigo, se você saltar essa, eu lhe darei as melhores cenouras que você já comeu!

Marcel se abaixou para melhorar o desempenho e então saltou a vala, indo parar do outro lado com perfeição. Olhou para trás no exato momento em que o outro cavalo empacara, jogando seu cavaleiro no buraco. Marcel sorriu, empolgado com o sucesso.

A poucos metros dali, Marcos sentia o coração na garganta ao ver que seu perseguidor estava praticamente ao seu lado. Olhou para o homem, um sujeito de

barba por fazer e um sorriso meio torto. Ele pegou uma espada e ergueu-a contra Marcos, que tentou fazer o cavalo correr mais, enquanto tentava pegar sua própria espada para se defender.

Quando a espada do inimigo desceu, encontrou o metal da espada de Marcos, mas o impacto o desequilibrou, quase fazendo-o cair da sela. O homem girou novamente a espada, pronto para mais um ataque. Mais uma vez, Marcos conseguiu impedir que a lâmina atingisse a ele ou ao cavalo, mas seu equilíbrio, já comprometido, piorou. Um terceiro golpe fez sua espada girar no ar e cair. Marcos usou então as duas mãos para tentar se manter na montaria, mas isso deixou sua guarda totalmente aberta. Pelo canto do olho, ele viu a parábola de brilho metalizado no ar. Esperou pelo golpe, o suor descendo pela testa.

Um golpe fatal tirou o homem do cavalo. Marcos virou-se e se deparou com Marcel, dando-lhe uma inesperada e muito bem-vinda cobertura.

Maeve sabia montar, mas nunca precisara correr pela própria vida. Esperava fazer seu melhor, mas faltava-lhe confiança. Quando uma árvore enorme se mostrou caída em seu caminho, ela não conseguiu fazer com que o cavalo saltasse. Ele empacou e lançou-a longe. A moça gritou, caindo e rolando sobre mato e terra.

Fergus então parou e se preparou para enfrentar seus opositores. Eram três contra um, mas ele podia dar conta. O golpe do primeiro homem quase o derrubou do cavalo, dada a velocidade com que o outro vinha. Desviou-se do golpe do segundo, já esperando pelo terceiro. Este, sim, o derrubou. No chão, levantou-se e acertou a perna de um deles com tamanha violência que o grito do homem podia ser ouvido ecoando por todo o bosque.

Retirou a espada a tempo de usá-la para se defender de mais um golpe pelas costas. Agarrou um dos homens e o puxou do cavalo para uma briga mais equilibrada. Defender-se de golpes vindos de cima estava muito difícil. Pelo menos, agora um deles não teria a gravidade a seu favor.

As espadas se cruzaram várias vezes seguidas, até que um golpe pelas costas fez Fergus gritar. Caiu de joelhos, ainda se defendendo do golpe do homem que o enfrentava no chão. O homem da perna ferida continuava no cavalo e agora voltava com uma carranca de ira e dor, a espada em riste preparada para um golpe fatal.

Entre decidir de quem se defender, Fergus escolheu o homem no cavalo. O golpe quebrou sua espada e arranhou seu rosto e ombro. Caiu no chão com o impacto e o homem de pé se preparou para finalizar o serviço.

Não esperava que uma moça de cabelos ruivos se interpusesse entre eles.

– Deixe-o em paz! – gritou ela, os cabelos ruivos emoldurando o rosto alvo.

Os homens riram e quando o homem que estava na sua frente se virou para ela, Maeve jogou-lhe no rosto um punhado de terra. O homem levou a mão ao rosto, rugindo, momentaneamente cego. O que estava no cavalo então resolveu terminar o assunto. Desceu do cavalo e se preparou para matar a moça que tentava proteger o rapaz no chão. Fergus, por sua vez, tentava se levantar, mas não tinha mais espada e os golpes o deixaram um pouco atordoado. Maeve o protegeu, numa inversão de papéis inesperada para ele.

Um cavalo passou na frente deles com uma figura feminina de longos cabelos castanhos e um manto esvoaçante e, quando ela saiu de sua visão, o homem que estava diante deles deixou a espada cair. Sangue jorrou de seu pescoço e ele caiu inerte. O primeiro, que conseguira finalmente tirar a terra dos olhos, se preparou para os novos oponentes, mas não teve tempo. Um golpe na cabeça com o punho de uma espada vindo de Marcos o desacordou imediatamente. O que tinha a perna ferida correu com Marcel em seu encalço.

Com a situação controlada, Maeve se virou para Fergus, colocando as delicadas mãos no rosto dele, vendo o filete de sangue marcando o jovem rosto.

– Você está bem? – perguntou ela.

Fergus não respondeu. Não sabia o que dizer. Sonhara com a princesa Maeve desde que eram crianças e ela nunca lhe prestara nenhuma atenção. E por que prestaria? Ele era apenas um simples camponês. Só conseguiu entrar na guarda real por conta de feitos heroicos durante alguns ataques à cidade.

– Você está bem? – perguntou Lorena, descendo do cavalo.

Fergus se levantou com a ajuda delas, sentindo as pontadas nas costas. Lorena deu uma olhada rápida.

– Não foi profundo. Se pudermos fazer um curativo, ficará bem.

– Não, temos que ir para o castelo! – protestou Fergus. – Não está longe! Eu aguento até lá!

Eles se entreolharam e aceitaram. Precisavam mesmo sair dali, não sabiam se havia outros ou se os que foram simplesmente derrubados voltariam ao seu encalço. Marcos pegou duas espadas dos inimigos caídos e entregou uma para Fergus, ficando com a outra. Montaram novamente e dispararam para longe dali.

O castelo no alto da colina viu os cavaleiros se aproximando correndo. Não havia perseguidores atrás deles, mas era clara a urgência. Assim que chegaram no grande portão de madeira, se identificaram. A porta se abriu e eles entraram na grande área, onde camponeses e mercadores os olhavam curiosos. Um grupo de guardas armados os acompanhou até as portas do castelo, onde finalmente foram recebidos pelo Rei do Norte.

– Minha nossa! – disse o Rei Conwal. – Vocês estão horríveis!

O Rei Conwal era um homem de barbas e cabelos castanhos. Era alto e suas roupas eram de pele de um grande urso marrom, o que Lorena achou um tanto politicamente incorreto e Marcos achou de gosto duvidoso. A coroa era simples e encaixava perfeitamente em sua cabeça, como se tivesse sido feita especialmente para ele.

A princesa Maeve saiu de trás de Fergus e se apresentou com uma reverência formal.

– É bela! – disse o rei com um sorriso, mas esticando o olho para Lorena. – A outra faz mais o meu tipo, mas você até que está bem.

– Princesa Maeve, eu lhe apresento, meu filho, o príncipe Boreas!

– Não é bela sua noiva, filho? – disse o rei.

O príncipe virou-se para o pai e sorriu.

—É.

E então subiu até o pedestal do trono de seu pai e sentou-se ao lado dele, dando uma virada de capa ruidosa.

– HUUUUMMMM!!!! Essa Coca é Fanta! – disse Marcos, entredentes.

– Cala a boca, Marcos! – respondeu Marcel, o mais discretamente possível.

– Bem, eu agradeço a vocês por terem trazido a princesa. Enviarei meus cumprimentos ao rei Augustus. Fiquem e teremos um belo jantar para comemorar essa feliz ocasião!

– Desculpe, majestade, não podemos, já temos um compromisso urgente – disse Lorena.

– Oh, que lástima! Então, creio que estão livres para ir!

E quando eles inclinaram as cabeças em respeitosa reverência, sentindo-se a um passo da liberdade daquele compromisso, ouviram a voz de Maeve.

– Majestade, posso me pronunciar?

Marcos, Marcel e Lorena arregalaram os olhos. O rei fez um gesto para que a moça falasse e ela deu um passo a frente, mantendo a postura altiva de uma princesa.

– Eu lamento, majestade, mas eu não posso me casar com o seu filho.

Um burburinho cresceu pelo grande salão do trono, já que havia vários presentes, pessoas da corte, conselheiros, damas. Todos começaram a cochichar ao mesmo tempo interjeições de surpresa e de indignação.

– Silêncio! – ordenou o rei.

Prontamente, o silêncio se fez. O rei inclinou-se para frente, observando melhor a moça e seus acompanhantes.

– Posso saber por que, menina?

– Porque eu não amo seu filho!

Mais cochichos se elevaram e se espalharam pelo salão, mas dessa vez, um simples olhar do rei fizera todos se calarem.

– Sequer o conheço! – continuou Maeve. – Como posso me casar com um homem que não conheço? E como ele pode se casar comigo, se nunca me viu, se nem sabe se sente alguma coisa por mim?

A fúria começou a se apossar do rei e a mudança de sua expressão era patente. Marcel interveio, na tentativa de salvar a situação.

– Majestade! Permita-me, por favor! – ele deu um passo a frente. – Fomos atacados no caminho para cá. A princesa Maeve sofreu uma feia queda de cavalo e bateu com a cabeça! Desde então, ela não tem falado coisa com coisa!

Marcos aproveitou que estava atrás de Maeve e retirou do cabelo desgrenhado dela um galho. De fato, Maeve estava descabelada, o vestido estava rasgado e ela não parecia muito sã. O argumento desesperado de Marcel pareceu surtir efeito. O rei relaxou o rosto, e voltou a se recostar no trono.

– Se ela puder descansar uma noite, tenho certeza de que estará melhor! – finalizou Marcel.

– Mas... – tentou falar Maeve, mas Marcel se virou e falou entredentes para ela, simulando um sorriso.

– Se você falar alguma coisa agora eu juro que te mato aqui mesmo!

– Está bem! Mulheres são mesmo todas loucas, ainda mais quando batem a cabeça! – ordenou o rei. – Providenciem aposentos para a princesa e um médico.

Que ela seja bem cuidada!

Poucos minutos depois, antes do médico examiná-la, eles se reuniram com Maeve em seus ricos aposentos. Maeve pediu para que as criadas a deixassem só por alguns minutos para se despedir dos amigos. Assim que elas saíram, Marcel explodiu, uma veia pulsando em sua testa.

– Ficou louca?! Quer nos matar?! De onde veio essa ideia maluca de recusar o casamento?!

– Dela! – e Maeve apontou para Lorena.

Lorena arregalou os olhos, sendo imediatamente fuzilada pelos outros.

– Eu?! Quando? Como?!

Maeve andou em sua direção com um sorriso de êxtase.

– Quando conversamos! Você me disse que foi o amor quem tornou você a mulher que é hoje! E eu passei esses dias querendo ser igualzinha a você! Eu quero ser essa mulher que luta pelo que quer, que defende o seu povo, que é capaz de loucuras e como poderei fazer isso se não tiver ao meu lado o homem que meu coração escolheu?

E ao dizer isso, ela se voltou para Fergus, que estava de queixo caído desde a audiência com o rei.

Marcel tomou ar, tentou falar, não conseguiu, tomou ar de novo, levou a mão ao peito, achou que estava enfartando. Marcos lhe trouxe um copo com água e começou a abaná-lo. Então, Marcel andou decidido até Lorena e apontou o dedo para ela.

– Conserte isso!

Lorena, pega de surpresa por tudo aquilo, se aproximou de Maeve.

– Querida, você precisa pensar com cuidado!

– Mas você fez tudo por Urbain! E eu vi como vocês dois são juntos! Marcos me contou como vocês se conheceram, que ele não valia nada e que você arriscou a vida para salvá-lo!

– É, é um resumo interessante, mas uma coisa é arriscar a sua vida, e outra é arriscar a vida de outras pessoas. Inclusive a dele! – Lorena apontou para Fergus, que ergueu a cabeça assim que viu que as atenções estavam nele de novo. – Se você recusar esse casamento agora, vai colocar seu povo em perigo. E o povo daqui! Numa guerra, sempre quem se ferra é o povo! Se descobrirem que você ama Fergus, vão matá-lo! Você entende isso, Maeve?

Maeve pareceu desapontada e perdida e aquilo partiu o coração de Lorena. De repente, ela compreendeu porque a menina a irritava. Ela se parecia muito com ela antes de abrir suas asas, quando era apenas uma lagarta...

– Então... Eu terei que sacrificar tudo?...

– Não! – tornou Lorena. – Não terá. Mas terá que sacrificar alguma coisa, todos temos. Você terá que ser mais inteligente, mais cuidadosa. Faça o seguinte: fique, conheça o rei, conheça o príncipe. Vocês não vão se casar amanhã ou coisa assim. Essas coisas levam meses. Às vezes anos! Ganhe tempo. Fergus estará com você e, se, ao final desse tempo, você achar que não há outra saída, ele a ajudará a fugir.

Elas olharam para Fergus, esperando sua confirmação. O rapaz se colocou em posição de cavaleiro.

– Estarei ao seu lado, princesa – respondeu ele. – Sempre.

Maeve sorriu, os olhos cheios de lágrimas. Voltou-se para Lorena e a abraçou.

– Obrigada! Você fez toda a diferença na minha vida!

Então ela abraçou Marcos também.

– E você também!

Despediram-se afetuosamente e deixaram para trás a princesa prometida, o soldado apaixonado, e dois reinos que, ao menos por enquanto, não estariam mais em pé de guerra.

Não tinham muito tempo. Zac estava na sala de torturas sofrendo horrores há dois dias e uma noite. Pela falta de tempo e pela inexperiência, o plano era simples e frágil. Mas era o que elas tinham.

No corredor escuro onde era impossível saber se era noite ou dia e o estômago era o melhor relógio que tinha, o elfo solitário guardava a porta trancada. Deixado sozinho há cerca de meia hora, não ouvira mais nada do prisioneiro, nem mesmo gemidos. Provavelmente, desmaiara. “Pobre diabo...”, pensou o guarda, que não gostava daquele trabalho e, em especial, da forma com que o príncipe Asram conduzia as coisas. Torcia para que logo rei e rainha voltassem, embora isso fosse só uma esperança distante. O príncipe estava cada vez mais atuante nas decisões do reino, com ou sem seus pais presentes. Se o garoto tivesse sorte, morreria logo, talvez naquela noite. As coisas não iam melhorar para o lado dele.

Um movimento no corredor o colocou em guarda. Uma moça se esgueirava pela parede.

– Essa área é proibida! – avisou o guarda.

Mas a figura feminina continuava, inclinando-se sobre si mesma, usando a parede como apoio. Quando ela levantou o rosto, ele reconheceu Analice, a noiva de Asram. Mais do que isso, ela estava ferida. Estava escuro demais para que ele pudesse ver sangue ou coisa assim, mas a maneira com que se movia indicavam que estava ferida e a parede era a única coisa que a impedia de cair. O guarda saiu de seu posto e correu para socorrer a moça. Chegou no exato instante em que ela caiu em seus braços.

– Milady! O que houve?!

– Trolls...

Murmurou a moça. E uma pancada forte acertou a cabeça do guarda. Ele caiu por cima dela.

– Você é boa atriz... – comentou Bianca.

– Obrigada! – disse Analice, pegando o molho de chaves da cintura do guarda.

– Não foi um elogio.

– Dá pra parar de paranoia! – pediu Analice, se levantando e mostrando as grandes chaves de ferro escuro presas numa argola. – Eu estou do seu lado!

Abriram a porta e o ar úmido e frio bateu em seu rosto. O lugar estava à meia luz, lamparinas ardiam pelas paredes. Instrumentos de tortura que Bianca só

vira em filmes ou em trabalhos da escola estavam ali. O garrote, a dama de ferro e a cadeira do interrogatório, uma cadeira de metal totalmente coberta por pontas afiadas, se misturavam com coisas que ela nem sabia o que eram. Ela passou pelo banco da tortura, uma mesa de madeira onde a vítima era esticada até que seus ligamentos se rompessem. Em uma mesa, instrumentos que ela nem sabia para que serviam, como a aranha espanhola, repousavam em silêncio, quase todos manchados de sangue fresco. Elas entraram devagar e a visão daqueles instrumentos do inferno tirou um pouco de seu chão.

– Zac!...

Bianca correu para um canto mais escuro do lugar, onde um corpo inerte pendia de um tronco. Ela chegou até ele e tocou seu rosto. Analice pegou um lampião e se aproximou da amiga. As mãos de Bianca voltaram manchadas de sangue. Sob a luz tremulante da lamparina, ela pôde ver seu real estado. As roupas não existiam mais. O corpo estava coberto de marcas de chicote, perfurações e cortes. No peito, uma queimadura feia. No rosto, hematomas e um ferimento no supercílio feito recentemente, pois o corte ainda estava fresco, escorrendo sangue por todo um lado do rosto.

Ela o chamou de novo, sentindo a urgência de tirá-lo dali. O rapaz abriu os olhos e gemeu ao ser tocado. Piscou várias vezes por causa da luz do lampião e só então conseguiu ver o rosto de Bianca.

– Bianca... – murmurou ele. – Saia... Saia daqui... Eles não podem pegar você, saia...

– Não sem você!

Ela se pôs a cortar com uma faca a corda que o prendia ao grande pedaço de madeira. Ficou feliz dele não estar em nenhum dos outros instrumentos preso a grilhões, o que teria dificultado sua soltura. Quando terminou de cortar as cordas, ela e Analice o apoiaram, para que não caísse. Deixaram que ele se pusesse de joelhos e Bianca o cobriu com o manto negro que usava. Analice pegou uma concha num balde de água e experimentou um gole. Levou até o rapaz no chão.

– Tome, é água fresca!

Ele bebeu avidamente. Bianca tentou não deixar transparecer o quanto estava chocada com o estado dele. Analice não conseguiu. A visão de tanta crueldade a chocou profundamente.

– Se eu não conseguir... – murmurou ele – vocês têm que escapar... Não deixe... não deixe que eles as peguem!...

Bianca puxou seu rosto e o fez olhar em seus olhos.

– Escute aqui e preste muita atenção – disse ela, tentando manter a firmeza na voz. – Nós vamos sair daqui. Se você não sair, eu não saio. Ou saímos todos, ou não sai ninguém. Entendeu?

Os olhos dele brilharam e ele contorceu o rosto como se fosse chorar, as lágrimas fazendo seus olhos brilharem, mas não o fez. Apenas tocou o rosto dela com a mão machucada, esperando que esse pequeno gesto lhe dissesse tudo o que ele sentia por ela naquele momento e que ele não podia dizer.

Elas o ajudaram a se levantar e, aos poucos, ele foi conseguindo dar passos mais rápidos. Tudo em seu corpo doía e ele temia não conseguir dar o próximo passo e colocar as duas meninas em perigo. Usava de toda a sua força para sair dali, esforçando-se por ignorar a dor e segurar qualquer gemido.

Quando chegaram ao corredor, Analice foi na frente, vendo se não havia ninguém no caminho. A arrogância de Asram lhe deram uma falsa certeza de que ninguém chegaria até o prisioneiro e, por isso, não havia guardas extras no caminho. Mesmo assim, havia guardas.

No caminho que planejaram seguir, pelos fundos do castelo, Analice tinha que se preocupar apenas com dois guardas numa passagem. Ela os distraiu facilmente, jogando conversa fora e um pouco de charme, fazendo com que eles se voltassem para ela, permitindo assim que Bianca e Zac passassem pelas costas deles.

Já estavam quase fora do castelo, usando passagens obscuras pouco frequentadas, quando um guarda apareceu inesperadamente. Deu de cara com Bianca e Zac e ele levou apenas frações de segundos para perceber que eles não deveriam estar ali. Bianca paralisou, sem saber o que fazer, imaginando que se fossem pegos, seria o fim para eles. O guarda puxou a espada que fez seu sibilo ao sair da bainha e abriu a boca para dar o alerta.

Alguém acertou o guarda por trás antes que ele algum som saísse de sua boca. Surpresa, Bianca viu Bran surgir atrás do guarda que caiu. Ele lhe fez um sinal de que estava tudo bem e a ajudou a carregar Zac, aliviando o peso para ela e acelerando a fuga.

Analice apareceu logo depois. Já era fim de tarde, o céu estava violeta e logo estaria escuro demais para cavalgarem. Quatro cavalos os esperavam numa das saídas laterais do castelo.

– Há comida e roupas, o bastante para passarmos alguns dias fora – explicou Analice.

– E depois? – perguntou Bianca.

– Depois? Depois a gente vê...

Eles ajudaram Zac a montar, imaginando a dor terrível que ele sentiu ao fazer isso, e partiram, seguindo Bran, que conhecia um lugar para passarem a noite. O tempo começou a esfriar. Não podiam correr, Zac não aguentaria. Ele se mantinha em silêncio, enrolado no manto, de cabeça baixa, curvado com a dor. Embrenharam-se na floresta por caminhos estreitos, camuflados por espinheiros

densos com os quais tiveram que ter muito cuidado. Em cerca de meia hora, chegaram numa caverna. Bran desceu e verificou o lugar. Então voltou e ajudou Bianca com Zac. Ele estava quase desfalecendo e já não respondia quando falavam com ele. Analice iluminou a caverna com um lampião e improvisaram rapidamente uma cama com as cobertas.

Bran ajudou Analice com as coisas e, depois que amarraram os cavalos, eles voltaram para o lado de Bianca, pegando um cantil e entregando-lhe um pano limpo.

– Precisamos limpar os ferimentos.

Bianca concordou, não entendendo porque ele tinha feito um ar tão grave para dizer isso. Tudo o que precisavam era passar a água do cantil nos ferimentos. Quando ele abriu o cantil, um forte cheiro de álcool subiu. Assim que ele derramou um pouco nas feridas, Zac gritou.

– O que está fazendo?! – perguntou ela. – O que é isso?

– Se não fizermos isso, vai infeccionar. Eu sinto muito.

Não foi uma tarefa fácil em nenhum momento. Foi doloroso, foi triste, foi horrível. Mas, como tudo na vida, acabou. Zac perdera os sentidos em algum momento, tornando tudo mais fácil. Quando terminaram, Bianca se lembrou de algo muito importante. Enfiou a mão no bolso oculto da saia e encontrou a garrafinha com o unguento que Frabato lhe dera. Então, pôs-se a passar a substância oleosa com cheiro de ervas no corpo nu do rapaz.

– O que é isso? – perguntou Analice.

– Um unguento de um mago poderoso! – respondeu Bianca. – Isso já o curou uma vez. Pode curar de novo.

Infelizmente, a quantidade não era o bastante para todos os ferimentos, então ela priorizou os mais profundos. Quando terminou, Bran a ajudou a vesti-lo e finalmente eles puderam parar um pouco. Havia comida, mas ninguém estava com fome. Beberam água e Bran pediu permissão para Analice para beber um pouco de vinho. Naquele momento, ele precisava disso. Ela não só deu a permissão, como pediu um gole.

– O que fazemos agora? – perguntou Analice, iluminada pela luz de uma lamparina.

– Já devem ter dado por nossa falta no castelo... – comentou Bran.

– Acha que virão até aqui? – perguntou Bianca, ligeiramente assustada.

– Não. Está tarde, esse lugar é muito escondido. Fiquem tranquilas. Durmam um pouco, descansem. Amanhã, precisaremos de forças.

Bran observou Zac por um momento. Torturas não eram comuns no reino, mas os raros casos que ouvira falar não terminavam muito bem. É muito difícil

alguém tão ferido sobreviver sem sequelas. A preocupação em seu rosto foi vista por Bianca.

– O que o preocupa?

– Nada! – ele tentou sorrir. Bran tinha um rosto suave, bem desenhado e parecia sob aquela luz ainda um menino. – Vá descansar. Eu ficarei atento a qualquer coisa.

Ele foi até um ponto mais próximo da entrada da caverna e se sentou. Bianca e Analice estavam exaustas, física e emocionalmente esgotadas. Analice se deitou sobre um cobertor e cobriu-se com o manto. Não deixou que Bianca visse que estava chorando. Lamentava por Zac, mas não conseguia deixar de pensar em Asram. Não podia acreditar que ele tinha feito aquilo com o garoto. Não o mesmo Asram por quem se apaixonara, que arriscara-se no mundo dos homens apenas para buscar seu caderno de pensamentos em seu mundo. Não, ele não podia ter feito aquilo... Devia haver uma outra explicação...

Bianca colocou um pano úmido na testa de Zac. Sem todo aquele sangue, ele parecia bem melhor, mas a exaustão era evidente. Deitou-se ao lado dele e o observou com pesar. Acariciou o belo rosto, agora tão machucado. Sua alma se encheu de mágoa pelo que fizeram com ele. Como alguém pode machucar outra pessoa desse jeito? Será que essa pessoa não ama ninguém? Porque se amasse, saberia que estaria destruindo não só uma pessoa, mas todas aquelas que a amam, porque, naquele momento, Bianca podia não ter nenhuma ferida exposta no corpo, mas traria por muito tempo feridas profundas na sua alma. Quando machucam alguém que amamos, é como se arrancassem nosso coração e o jogassem de um penhasco.

Bianca não conseguiu evitar as lágrimas e deitou-se quietinha ao lado de Zac, deixando que o sono a roubasse por algumas horas.

O dia seguinte chegou. Bianca acordou com a fraca claridade da manhã que invadia a caverna. Ela abriu os olhos assustada e sentiu Zac ao seu lado. Colocou a mão em sua testa e viu que a febre tinha cedido um pouco, mas ainda estava lá. A respiração dele também parecia mais tranquila. Olhou por baixo da camisa e viu que os ferimentos ainda estavam feios, mas já começavam a se fechar, graças ao unguento de Frabato.

Analice entrou na caverna trazendo água fresca e perguntando em tom baixo como ele estava. Bianca respondeu com um movimento de ombros um tanto ressentido.

– Eu sinto muito... – disse Analice.

Bianca a olhou e viu que ela estava sendo sincera.

– Eu nunca imaginei que Asram fosse capaz de uma coisa dessas...

– Você ainda o ama? – perguntou Bianca.

Analice não respondeu de imediato. Então ela ergueu os grandes olhos sentidos para a amida.

– Não dá para parar de amar uma pessoa de repente, Bianca...

Bianca anuiu com a cabeça. De certa forma, sentia-se traída. Como Analice podia amar um monstro como Asram depois de tudo o que ele fizera? Por outro lado, sentia pena.

– Deve ser muito difícil amar um monstro...

As palavras de Bianca feriram Analice. A lágrima que havia nascido caiu pesadamente pelo rosto de porcelana. Ela se levantou e deixou Bianca sozinha. Bianca não a chamou de volta.

Bran chegou de cavalo e da entrada da caverna deu as notícias.

– Apaguei nosso rastro! Estão procurando na direção totalmente oposta, podemos ficar seguros aqui!

Analice não disse nada, apenas deixou a caverna de cabeça baixa. Bianca também não disse nada. Bran não compreendeu o clima gelado na caverna. Foi até Zac e Bianca e perguntou como estava o rapaz. Bianca disse que ele parecia melhor, mas não tinha acordado ainda.

– Ele vai ficar bem – disse Bran, tocando gentilmente no ombro de Bianca.

Ele se levantou, mas Bianca o puxou pelo braço, olhando em seus olhos castanhos esverdeados.

– Obrigada – disse ela.

Bran pareceu surpreso e subitamente constrangido. Desviou o olhar e com um movimento de cabeça, aceitou o agradecimento e deixou a caverna.

Algumas horas depois, Zac abriu os olhos. A primeira reação foi de medo e ele se retraiu quando Bianca, que não saiu do lado dele, tocou sua testa.

– Zac!... Você está bem?

Ele tentou se levantar para se sentar.

– Não! – respondeu ele.

Analice e Bran se aproximaram. Zac conseguiu se recostar na parede, mas isso machucou suas costas e ele não conseguiu evitar escapar um gemido.

– Vá devagar, os ferimentos ainda não estão fechados – disse Bianca. – O unguento de Frabato precisa de tempo para agir.

Analice lhe deu água e ele bebeu, deixando um pouco escorrer pelo canto da boca. Ele demorou alguns instantes para falar novamente.

– Onde estamos? – perguntou ele.

– Numa caverna na floresta perto do castelo – respondeu Bianca. – Mas Bran encobriu nossos rastros e eles estão nos procurando na outra direção.

– Não vão demorar até perceberem o erro... – disse Zac, agitando-se de repente. – Temos que sair daqui. Ir para o mais longe que pudermos, achar seus pais, achar o Marcos e sumirmos daqui!

Bianca o segurou para que ele parasse de se mexer.

– Zac! Estamos seguros aqui. Descanse e se recupere, vai ficar tudo bem.

Ele a olhou e subitamente se sentiu envergonhado. Lembrou que Bianca o vira naquele estado deplorável. Ele desviou o olhar, sentindo-se humilhado em ter se mostrado para ela tão vulnerável.

– Zac, o que Asram queria saber? – perguntou Bran.

– Onde ficava o covil dos trolls.

– E você sabe onde fica?

Zac olhou para o jovem guarda que não chegara a conhecer.

– E você é...

– Desculpe, esse é Bran! – apresentou Analice. – Ele nos ajudou na fuga.

Zac o olhou, o rosto ainda ferido e os olhos desconfiados. Até que baixou a guarda.

– Não, eu não sei onde fica – disse por fim, recostando a cabeça cansada na parede que o apoiava. – Quando eles me levaram, eu desmaiei. Quando acordei, já estava lá dentro.

– E você, Bianca? Você não sabe onde é?

– Sei, Bran! – respondeu Bianca impaciente. – Resolvi guardar essa informação só pra mim porque tenho um especial apreço por trolls! Eles são tão fofinhos! Claro que não sei! Fomos arrastados, jogados num buraco e quando fugimos, caímos no toboágua do Indiana Jones! Eu não saberia voltar lá nem se a minha vida dependesse disso.

– E afinal, por que ele quer tanto saber isso? – perguntou Zac, que tentava encontrar em sua cabeça uma explicação para terem feito o que fizeram a ele.

– Asram quer mostrar serviço para o pai – deduziu Analice. – Ele quer provar que merece o trono e que o rei pode passar a coroa para ele. Ele não vê a hora de assumir o trono.

Zac recostou a cabeça na parede de novo, pensativo. Virou os olhos magoados para eles.

– Ele me torturou... – disse, num tom incrédulo. – para receber uma coroa a que ele já tem direito?...

Ninguém lhe respondeu. O espanto deu lugar a um ressentimento profundo. Zac olhou para o nada, o cenho franzido, o rosto zangado. Asram o levava até o calabouço andando, sem guardas, enquanto conversava com ele. Sentiu-se um

estúpido. Como não viu que aquele elfo não tinha boas intenções? Uma fúria cresceu dentro dele, fazendo sua respiração mudar, até que Bianca pousou a mão quente sobre a mão dele.

– Zac... Não pense nisso. Não agora. Estamos juntos e vamos sair daqui. E tudo isso será passado...

Ele não se virou para olhá-la, ainda mergulhado no próprio rancor. Ela apertou sua mão e então ele a olhou. Assim que se deparou com o rosto dela, algo dentro dele se aplacou. De repente, uma onda de serenidade se apossou dele. Ainda se sentia covardemente traído, mas a fúria parecia ter dado lugar a um sentimento muito mais morno e iluminado.

Ele concordou com um menear de cabeça e permitiu que ela o puxasse do mar escuro onde estava mergulhando.

A volta para Luzandefall foi tranquila. Não foram emboscados nem encontraram criaturas bizarras, não caíram em armadilhas e nem foram interpelados por vendedores. Já estavam na estrada que levava à pequena casa onde Urbain e Eileen esperavam e o pôr do sol lhes dava a impressão de estarem cavalgando sobre um tapete dourado. Pequenas pedrinhas brilhavam em laranja e pássaros de cores múltiplas e de vários tamanhos enchiam o céu.

– Isso deve ser um bom sinal! – disse Marcos, quando comentaram sobre a viagem tranquila de volta.

– Espero que sim... – respondeu Lorena. – Mas eu ainda me preocupo com Maeve e Fergus...

– Eu não! – falou Marcel. – Aliás, considero esse caso oficialmente encerrado! Não pensarei mais nisso até que meus outros problemas mais prementes se resolvam!

– Vocês não acharam aquele príncipe meio estranho, não?

– Como assim, Marcos?

– Lorena! Minha flor! Minha amiga de coração puro! Você não percebeu nada? Não viu o jeito que ele olhou para os homens, especialmente Fergus? Aquele Nescau é Quik, santa!

– Será? – Lorena estava espantada com sua falta de sensibilidade para detectar essas coisas.

– Bom, isso pode resolver muita coisa! – comentou Marcel.

– Mas, se vamos embora, como vamos saber o que aconteceu? – preocupou-se Marcos.

– Leremos em algum livro! Ou veremos em algum filme! – respondeu Marcel. – Oisin disse que muitos artistas vêm para cá enquanto dormem e levam para nosso mundo o que veem aqui.

E então Marcel desfez o sorriso e pareceu subitamente infeliz.

– O que foi? – perguntou Lorena.

Ele se virou para ela, surpreso com uma constatação.

– Estou com saudades dela!

– De Oisin? – espantou-se Marcos.

– Sim... Gostaria de estar com ela agora, e, de repente, me ocorreu que quando eu arrumar um jeito de ir embora, terei que deixá-la para sempre...

– Sério? Achei que você estivesse com ela obrigado!

Marcel moveu a cabeça como se ainda estivesse pensando.

– Eu me apaixonei por ela. Me apaixonei de verdade. Mas, quando vocês chegaram, eu achei que a única coisa sensata a fazer era fugir do compromisso de um casamento maluco baseado em uma única noite de amor. Tudo bem que foi a noite mais maravilhosa de todos os tempos em todo o espaço sideral, mas mesmo assim, foi só uma noite. Mas agora que tudo está se resolvendo e o fim parece próximo... sei lá... Preciso pensar...

– Vamos tocar uma música para fazer o clip do Marcel pensando na sua amada com os cabelos ao vento.

E, enquanto Marcel fazia várias caras de um homem apaixonado pensando na amada ao pôr do sol, Marcel e Lorena cantavam “All by myself” em alto e divertido tom. E com as brincadeiras, o caminho foi rápido e a viagem foi breve. O Sol já tinha partido e o horizonte foi tingido de negro. Conversavam sobre bobagens e planos para o futuro, quando Lorena interrompeu a conversa ao perceber uma estranha luminosidade avermelhada em algum ponto a frente, de onde também se erguia uma fumaça cinzenta.

– O que é aquilo? – perguntou ela.

Urbain e Eileen não tinham muito a fazer enquanto esperavam. O silêncio e a brisa fresca eram um convite para uma boa soneca. Urbain não contava que o cansaço o tomasse de pronto e uma soneca lhe tomasse praticamente a tarde inteira. Quando acordou, o Sol já estava se despedindo. Foi até a cozinha e procurou alguma coisa para Eileen. Em sua bolsa, ainda tinha algumas poucas coisas que Dana lhe dera, mas obviamente já estavam um tanto passadas. Mesmo assim, acreditou que se conseguisse esquentar o pão, que já ficara meio duro, poderia fazer uma torrada e derreter o último pedaço de queijo. Ainda se lembrava de como acender o forno a lenha, mas isso não impediu a enorme saudade de toda a parafernália de sua cozinha. Chamava de “sua” porque ele a usava muito mais do que Lorena. Podemos dizer que Urbain se adaptara muito bem à vida moderna. Depois de algum tempo, pensava que aquele era o tempo ideal para ele. Uma das coisas que amava era o infinito leque de sabores desse tempo. Ele adorava brincar com temperos e inventar novos pratos quando tinha tempo e inspiração. Só não engordava porque de todos os seus pecados, a vaidade ainda era vencedora.

Eileen acordou com o cheiro bom que subiu e logo se sentou na mesa, ainda esfregando o olho. Urbain lhe serviu pão com queijo e requentou um bolinho dormido.

– Lorena, Marcos e Marcel já devem estar chegando! – disse ele, vendo a menina comer.

– E aí vamos pra onde? – perguntou a fadinha.

– Vamos para um reino perto da Colina dos Amores Perfeitos, encontrar Bianca e Zac. Aí, voltaremos para a Vila das Fadas D'Água, sua casa!

– Mas você não vai embora, vai? – perguntou ela com um olhar ansioso.

Urbain se sentou diante dela com um sorriso.

– Não agora, querida. Ainda vamos levar algum tempo juntos, está bem?

A fadinha abriu um sorriso encantador e bebeu um copo com água. Quando ela terminou, já era noite. Ouviram sons de cavalos e Urbain sorriu.

– Viu? Eu não disse que eles já estavam chegando?

Ele foi até a janela, imaginando que talvez pudessem ir até a cidade comer alguma coisa. O sorriso se apagou imediatamente. Fechou a janela e correu até Eileen. Levou a menina até o quarto e a segurou firmemente pelos bracinhos de forma que ela o olhasse e prestasse atenção.

– Se esconda e só saia daqui quando for seguro! Não saia antes disso! Entendeu?

A menina assustada concordou com a cabeça e ele a empurrou para debaixo da cama, reiterando a ordem. Ele se levantou correndo e pegou sua espada. Quando chegou no aposento que era ao mesmo tempo sala e cozinha, a porta se escancarou com violência e quatro homens entraram. Um deles tinha o nariz quebrado, os outros tinham marcas recentes de luta. E ele os reconheceu todos.

– Ora, ora, vejam só quem está aqui!... – disse um deles, de espada em punho. – Nosso velho amigo defensor das viúvas...

– Eu me lembro desse daí... – falou o de nariz quebrado. – E acho que ele vai se lembrar da gente todo dia a partir de hoje!...

Eles atacaram, não um de cada vez, mas todos ao mesmo tempo, como fazem os covardes. Urbain se abaixou e evitou um dos golpes, chutou um deles no peito e girou a espada com rapidez, interrompendo dois golpes ainda no ar. Isso não intimidou seus antagonistas, que continuaram em cima dele em golpes sem parar.

Dessa vez, os homens estavam mais preparados. Eles o atacava sem trégua, encurralando-o, sem dar chance para que ele revidasse. Também notaram que ele estava um pouco mais lento que na noite anterior. Um chute pelas costas o projetou para a frente, onde um dos bandidos o esperava com o cabo da espada. Tonteou com o golpe e não esperou o segundo, que lhe arrancou a espada das mãos, fazendo-a voar longe.

Os homens riram, vendo seu inimigo desarmado. Depois do primeiro segundo de surpresa, Urbain partiu para cima do que parecia o líder, um homem

totalmente calvo. Acertou-lhe um chute e dois murros nos dois que tentaram detê-lo, até que alguém acertou-lhe um soco nas costelas. Ele gritou e foi ao chão. Começaram a chutá-lo, até que ele não oferecesse mais resistência, o que não demorou muito.

O líder foi até ele e o puxou pelos fartos cabelos negros.

– Onde está a viúva?

Como ele não respondesse, acertou-lhe um soco no rosto e ele cuspiu sangue.

– Onde está o ouro? – gritou o homem.

Ele murmurou que não sabia, mas não adiantou. Um soco explodiu em seu estômago, fazendo-o perder a direção de tudo por alguns instantes.

Eles o ergueram e ele se aproveitou disso para tentar fugir. Se pudesse tirá-los da casa, Eileen estaria a salvo. Não conseguiu chegar na porta. Eles o agarraram e lhe deram socos violentos que o jogaram para trás. Ele nem percebeu que tinha ido parar no outro aposento. Um chute no peito o derrubou no chão, o rosto ensanguentado, o olhar assustado. Ao seu lado, viu Eileen com as mãozinhas na boca e lágrimas escorrendo, encolhida debaixo da cama. Ele tentou se levantar, na urgência de tirar aqueles homens dali, mas eles o chutaram de novo, repetindo a pergunta.

– Esquece! Ele não sabe! – disse um deles, o que dera o último chute no homem caído.

O homem calvo grunhiu de raiva e derrubou um móvel. Então andou pelo pequeno aposento.

– Não vou sair daqui de mãos abanando! – disse o homem calvo, fazendo um movimento rapidamente entendido pelos outros.

Então viraram Urbain de bruços e ele pode ver novamente o rosto apavorado de Eileen segurando o choro. Amarraram suas mãos atrás das costas.

– Esse vai dar uma grana como escravo!

Eles o ergueram e Eileen só viu os pés dos homens desaparecendo pela porta, enquanto engolia os soluços.

Eles o arrastaram até os cavalos. Para sua surpresa, um quinto homem chegava a cavalo.

– E então? – perguntou o que chegava, que ele não conseguia ver ainda, pois a visão estava meio turva.

– Não tinha ouro nenhum! A viúva foi embora, deve ter levado o ouro com ela! Sua dica não serviu pra nada! Pelo menos pegamos esse aqui, vai dar um bom dinheiro no mercado de escravos.

O quinto homem riu quando se aproximou.

– Eu nunca vi um corvo numa gaiola!

Urbain reconheceu a voz e quando o olhou, viu o homem com quem brigara duas vezes, o que trazia a cicatriz no rosto. Ele tinha o sorriso da vitória.

– Isso vai ser divertido!... – disse o homem, olhando-o nos olhos.

O líder deu a ordem final, a ordem que fez Urbain reunir suas últimas forças para tentar impedi-los.

– Queimem tudo!

– Não!

Os homens jogaram querosene na casa e usaram archotes para acender o fogo. Urbain chutou e se debateu, gritou para pararem, enquanto via as chamas começarem a consumir a pequena casa. Em poucos segundos, labaredas lambiam como línguas famintas toda a construção, erguendo-se em pontas furiosas para o céu negro. Como não sossegasse, o homem de cicatriz deu-lhe um soco no estômago e outro no rosto, desacordando o prisioneiro. Com facilidade, jogou-o sobre o cavalo, montando a seguir.

Lorena, Marcos e Marcel chegaram correndo e viram apavorados a casa sendo totalmente consumida por chamas. Mesmo assim, Lorena saltou do cavalo e correu para a casa, gritando o nome do marido. Marcel correu o mais rápido que pôde e a segurou, Marcos teve que ajudá-lo. Ela continuava gritando seu nome, se debatendo, enquanto a fumaça subia e as lágrimas caíam.

Quando o Sol estava se despedindo naquele mesmo dia, Bianca ouviu uma estranha movimentação fora da caverna. Apenas Bran estava lá fora, mas ele poderia estar com problemas. Pegou uma espada e foi verificar. Assim que saiu, foi pega por um soldado elfo que a segurou fortemente por trás. Gritou, dando o sinal de alerta. Analice apareceu logo depois, mas não havia nada que ela pudesse fazer. O lugar estava cercado por soldados armados e seu futuro marido estava na liderança, montado em um garboso cavalo branco.

Bianca mordeu o braço do guarda que a segurava. O elfo gritou e a jogou no chão num impulso. Bianca viu Analice parada diante da caverna e a acusou.

– Você nos traiu! – gritou.

Bianca se levantou e Asram desceu do cavalo com ar vitorioso. Então, uma voz suave foi ouvida.

– Eles não sabem de nada, senhor.

Bianca e Analice observaram perplexas Bran passar o relatório para seu comandante.

– Nem o garoto, nem a menina – continuou ele.

– Você tem certeza? – perguntou Asram, sem tirar os olhos de Bianca.

– Sim, senhor. Certeza absoluta. Eles não podem ajudar e também não são ameaça.

Asram demorou alguns segundos, como se estivesse pensando. Mas ele não estava pensando, pois já sabia muito bem o que ia fazer.

– Muito bem, peguem o garoto e o levem de volta para o calabouço. Vamos continuar nosso interrogatório. Mas dessa vez ele terá companhia!

E com um gesto, ele deu ordens para prenderem Bianca. Ela se debateu, em vão, sendo segura por dois guardas. Outros cinco elfos armados adentraram a caverna, o que fez com que Bianca se agitasse e se debatesse.

– Por favor, não façam isso!!! Ele não sabe de nada! Ele não sabe! Ele está ferido, não o toquem! Não o toquem!

– Senhor! – interveio Bran, num tom de urgência. – Eu já lhe disse que eles não sabem de nada!

– E eu já ouvi, soldado! Agora, cale-se! Você já fez o seu trabalho.

Analice correu até Asram, desesperada.

– Pelo amor de Deus, Asram, pare com isso! Zac e Bianca são nossos amigos, e você já machucou esse rapaz demais! E pra quê? O que você está fazendo é loucura!

Asram a agarrou pelo braço com força, machucando-a, e a olhou nos olhos com fúria.

– Não esqueci que você me traiu, Analice! Que preferiu sua amiga ao seu futuro marido! Então, não force minha paciência com você, ou teremos três naquele calabouço ao invés de dois! Traição é um crime muito grave.

Ele a soltou, empurrando-a para longe. A menina ainda o olhava atônita quando um guarda gritou dentro da caverna, chamando a atenção de todos. A seguir, dois soldados voaram mais de cinco metros para fora da caverna.

– O que está acontecendo? – Asram se precipitou para a entrada, e mais um guarda foi lançado longe, batendo contra o tronco de uma árvore e caindo inconsciente. Os outros dois foram jogados de lá de dentro dois segundos depois. Asram diminuiu o passo, mas continuou indo na direção da caverna. Puxou a espada e tentou ver o que tinha na caverna escura.

Alguma coisa voou lá de dentro e saltou em cima de Asram. Tinha enormes asas de morcego vermelhas e, o que a princípio pareceu só um vulto, logo foi reconhecido, mesmo num movimento tão rápido.

– Zac?...

Asram caiu de costas no chão, soltando a espada. Sobre ele, uma criatura. Ainda era Zac. Era o mesmo rosto, o mesmo corpo, mas agora ele tinha asas de troll e as orelhas eram ligeiramente pontudas. E os olhos... Os olhos eram maus...

Os poucos guardas que ficaram soltaram Bianca e investiram contra a criatura. Zac, acorado sobre Asram, o segurava pela capa perto do pescoço, obrigando-o a olhar em seus olhos. Com a chegada dos guardas, levantou voo, agitando as enormes asas, levando consigo Asram. Chegou a uma altura de quase 15 metros.

– Me solte, seu monstro! – gritou Asram, lutando contra seu captor.

Zac o olhou e sorriu.

– Como quiser!

E então o largou. Asram despencou daquela altura gritando. Caiu sobre uma árvore, batendo nos galhos com violência, até cair inconsciente no chão. Zac flutuou por alguns momentos acima dos guardas, acima de Analice e de Bianca. Rasgou o resto da camisa que as asas já tinham destruído parcialmente e a jogou longe com um movimento brusco. Seu corpo ainda estava coberto pelas marcas da tortura, mostrando que o unguento de Frabato não tivera muito tempo para agir. Passou os olhos pelos elfos que corriam lá embaixo como se fossem formigas. Um guarda atirou uma flecha. Ela passou raspando por sua asa. E então ele voou para longe.

Capítulo 33

Recomeçando

Eles passaram a noite ali. O fogo consumiu a casa até que as paredes desmoronassem. Quando o céu cinza da madrugada anunciou um novo dia, apenas brasas ardiam. Marcel e Marcos permaneceram ali, em silêncio, abraçando a amiga de joelhos no chão de terra. As lágrimas não pararam de cair por nem um segundo e ninguém falava nada. Foi uma noite de silêncio e lágrimas, ao som do crepitar do fogo, implacável e insensível a sua dor.

Então, Lorena se levantou. Os outros se ergueram também e a acompanharam. Era hora de procurar pelos corpos. Ela parou no exato ponto onde beijara o marido pela última vez. Limpou as lágrimas do rosto cansado e continuou.

Passos pesados entraram no que já foi uma casa, onde já moraram pessoas, onde lembranças foram reduzidas a cinzas e pó. Com medo de encontrar uma prova de sua perda, eles olharam. Marcel achou a espada que Urbain carregava, o que era uma triste constatação. Ele não sairia da casa sem a espada.

O Sol começava a raiar, jogando luz sobre sua dor. Lorena sentiu que aquele fogo consumira sua vida e que nada mais ia ser como antes. Seu coração estava desmoronando.

– Lore! – chamou Marcel, não acreditando no que via.

Lorena e Marcos olharam e viram Eileen saindo de uma moita e correndo na direção deles. Lorena se abaixou e recebeu a criança nos braços, chorando de alegria e enchendo o coração de esperança.

Eileen chorava muito, foi difícil entender o que ela dizia.

– Homens maus entraram! Os mesmos de antes. Ban mandou eu me esconder! Eles queriam ouro. Ban não tinha, brigou com eles. Mas eles eram muitos, bateram muito nele e levaram ele embora! Eu saí pela janela!

E ela recomeçou a chorar. Lorena a abraçou novamente, olhando para os amigos com um sorriso no meio das lágrimas.

– Ele está vivo!

O alívio de não ter perdido alguém que se ama é uma sensação rara e poderosa. O coração deles ganhara asas de novo.

Sem mais nada para fazer ali, eles se levantaram para ir embora. Estavam sujos de cinzas e muito cansados, mas a esperança havia voltado. Quando estava saindo, Marcos esbarrou com o pé em uma coisa dura entre as cinzas. Abaixou-se para ver melhor e encontrou um pequeno tijolo. O que lhe chamou a atenção é que

o tijolo envolvia um saquinho que saíra quase ileso do incêndio. Ele pegou o saco, sentindo o peso na mão.

– Nós vamos achá-lo, Lore... – disse Marcel, envolvendo a prima num abraço fraterno.

– Gente! – chamou Marcos. – Olha o que eu achei!

Eles se viraram e Marcos lhes mostrou, derramando nas mãos, as pepitas douradas que enchiam o saco que encontrara.

– Hum... – disse Marcel, sem mudar sua expressão. – Isso pode ajudar...

Bianca estava na prisão. Não fora levada para o calabouço ainda, mas sabia que era só uma questão de tempo. Provavelmente aguardavam ordens de Asram, que estava ocupado sendo remendado em algum lugar daquele castelo. A queda lhe quebrara alguns ossos, com certeza. “Pena que não lhe quebrou o pescoço...”, pensou Bianca, com amargor.

Estava encolhida num canto escuro e não tocara na comida que lhe fora levada. Sentia-se aniquilada. Tudo havia sido tirado dela e ela não via como recuperar. Era isso. Asram finalmente a derrotara. Ele conseguira com a dor o que ela não conseguira com amor. Fazer Zac se lembrar de quem era.

Um guarda abriu a porta da prisão e Analice entrou. Estava abatida e triste. O guarda fechou a porta atrás dela e se manteve de costas. Analice se aproximou da amiga e se sentou ao lado dela em silêncio por alguns segundos.

– Eu sinto muito... – disse, finalmente, a voz embargada de quem vai chorar a qualquer momento.

– Eu também... – respondeu Bianca, olhando para ela.

– Bem, agora você sabe como é amar um monstro...

Bianca não desviou o olhar. Parecia amortecida, embora estivesse sentido tanta dor quanto era humanamente possível.

– Eu nunca deveria ter dito aquilo... – disse Bianca, sabendo que magoara a amiga de uma maneira que ela não merecia. – Me perdoe.

– Eu nunca traí você! – disse Analice, as lágrimas começando a correr. – Ou Zac! Eu nunca...

– Eu sei.

Analice começou a chorar convulsivamente e as duas se abraçaram, chorando uma nos braços da outra as perdas irremediáveis daquele dia.

Então o guarda caiu. Elas ergueram as cabeças e viram o guarda caído diante da porta da cela. Levantaram-se curiosas e, assim que o fizeram, viram Bran

com um molho de chaves, abrindo a cela.

– Vamos! – disse ele, já com a porta aberta. – Não temos muito tempo!

O soldado caído tinha um dardo no pescoço. As moças se aproximaram, mas não saíram.

– Ficou louco?! – disse Analice.

– Acha que vamos confiar em você de novo? – completou Bianca.

Ele deixou os ombros caírem e seu rosto de contorceu.

– Me perdoem! Eu errei, eu achei que Asram jamais torturaria inocentes. Eu sinto muito, mas eu quero remediar isso. Por favor, me deem essa chance!

Analice e Bianca se entreolharam, sentindo pela primeira vez em muito tempo a velha cumplicidade de quando eram melhores amigas. Analice saiu primeiro e deu uma bofetada bem forte em Bran. Bianca saiu em seguida e lhe deu um soco no estômago. Ele se curvou, imaginando quanta raiva tinha naquelas duas para elas estarem com a mão tão pesada.

Ele as guiou pelos corredores. Dessa vez, Asram tinha reforçado a segurança. Havia mais guardas e no meio da escada que dava para a saída, três elfos armados estavam descendo, fazendo algum tipo de patrulha.

– Há cavalos e provisões depois do armazém de armas, numa saída secreta perto de uma pedra em forma de bruxa! Vão, eu vou segurá-los por aqui!

As espadas se cruzaram e Bran abriu caminho para que elas passassem. Assim que o fizeram, impediu a passagem dos guardas como pôde. Bran era jovem e ágil. O rosto tímido escondia, no final, um excelente espadachim. Mas ainda eram três contra um e não demorou muito até que fosse perdendo terreno.

– Bran! Sai da frente!

Ele obedeceu e bem a tempo. Um barril vazio rolou escada abaixo assim que ele se colou contra a parede. O barril atropelou os elfos, que caíram escada abaixo. Bran olhou espantado para as meninas que voltaram por ele.

– Vamos!

Eles seguiram correndo e chegaram aos cavalos com rapidez. O alarme já tinha sido dado, eles sabiam que em poucos minutos, a guarda inteira estaria atrás deles. Porém, Bran já tinha pensado nisso.

Dispararam com os cavalos e entraram na floresta. Poucos segundos depois, cavalos com guardas armados dispararam atrás deles.

– O que vamos fazer? – gritou Bianca, já vendo os guardas atrás deles.

– Estamos quase chegando! – respondeu Bran.

– Aonde?!

– É aqui!!!

Ele parou o cavalo bruscamente, retirando a bolsa de provisões. Elas fizeram o mesmo, sem entender o que ele estava fazendo.

Bianca só entendeu o que ele pretendia quando reconheceu os cogumelos em círculo.

– É um círculo de fadas!

Analice também sabia o que significavam. Entraram os três juntos no círculo e esperaram que a magia acontecesse. Os soldados se aproximavam, algumas flechas já sendo lançadas e caindo no chão perto deles. Seus pés pararam de tocar o chão.

– Está funcionando! – disse Bianca.

O guarda que vinha na frente brandiu a espada. Bran tomou a frente das duas. A lâmina se aproximou e passou bem no meio de seu pescoço.

Foi o que o soldado pensou. Não tinha como errar. Porém, cortara apenas vento. Eles haviam desaparecido.

Caíram no meio de uma colina verdejante. Levantaram-se e olharam em volta.

– Onde estamos?

Não havia cidade à vista, apenas o céu azul e colinas verdejantes.

– A salvo... – suspirou Bran.

– E agora? – perguntou Analice.

Bianca suspirou profundamente.

– Agora? Preciso encontrar Zac. E minha família. Fazê-lo voltar a ser quem ele é. E voltar pra casa.

Eles ficaram em silêncio.

– Só isso? – perguntou Bran.

– Pra começar... – respondeu Bianca, dando um sorriso que tornou tudo um pouco mais leve. Alguns sorrisos fazem isso.

Eles começaram a caminhar. Parecia um longo caminho para qualquer lugar ali de onde eles estavam. A situação não estava muito boa para eles. Mas já esteve pior. Agora, ao menos, estavam livres. Quando se é livre, sempre se pode escolher pra onde ir e o que fazer com o que a vida nos dá. E era o que estavam fazendo.

Epílogo

O covil dos trolls estava em polvorosa. Kajinski fora chamado e caminhava apressado na direção da sala do trono. Quando chegou lá, surpreendeu-se com o que viu.

Zac estava com a coroa nas mãos. Apesar da aparência ainda humana, agora ele tinha asas como as deles e uma malícia no olhar.

– Que bom que guardaram isso pra mim! – disse, a franja caindo sobre os olhos e um sorriso perigoso desenhado no belo rosto.

Colocou a coroa sobre a própria cabeça e subiu até o trono. Algumas dezenas de trolls o olhavam, entusiasmados. Kajinski se aproximou com um sorriso. Fez uma reverência.

– Bem-vindo ao lar, majestade...

Zac sentou-se no trono, abrindo as asas e observando seus domínios.

– Qual a sua primeira ordem? – tornou Kajinski.

– Minha primeira ordem?... – repetiu Zac.

Ele olhou para algum ponto perdido além dos trolls diante dele por alguns segundos, os olhos brilhando.

– Reúna todos os trolls... Avise a eles que a Corte Unseelil está de volta e que há um lugar para eles aqui!

– Sim, majestade! – Kajinski já se preparava para partir, quando ouviu seu rei falar novamente.

– Mas não é só isso... Avise a todos que, a partir de agora, estamos em guerra!

Ele se levantou, pegando uma espada que estava ao lado do trono e a apontou para seus súditos.

– GUERRA!!! – gritou.

Os outros trolls repetiram.

– GUERRA!!!

Zac ergueu a espada e os trolls gritaram em uníssono, espalhando aquela palavra por todos os corredores, por todos os salões, reverberando-a por todas as paredes, até que chegasse ao mundo e o estremecesse também.

– GUERRA!!!

A Autora

Formada em Jornalismo, Eddie Van Feu acabou se entregando ao seu grande amor: escrever. São, até o momento, mais de 150 títulos, entre quadrinhos, revistas, anuários e livros, além de artigos e entrevistas. Ficou conhecida mesmo com a *Série Wicca*, da Editora Escala, nas bancas há nove anos e com mais de um milhão de exemplares vendidos no Brasil e em Portugal. Seu conhecimento sobre o tema a levou a escrever romances repletos de informação sobre outros mundos, portais e viagens pelo impossível, como *O Portal*, *Alcateia – Prateada*, *Crônicas de Leemyar*, *Lua das Fadas* e *Uma Guerra de Luz e Sombras*.

Em *O Trono Sem Rei*, Eddie retoma a aventura que encantou milhares de pessoas pelo Brasil no livro *Lua das Fadas* e nos brinda com os personagens deliciosos de *O Portal*. Já dizem por aí que os livros da Eddie já vêm com gás lacrimogêneo, pois são comuns os relatos de leitores que choram de rir ou choram de emoção no decorrer de suas histórias. Mas a verdade é que como são histórias escritas com o coração, é com o coração que as lemos. Assim como em *Lua das Fadas*, o *Trono Sem Rei* nos faz rir, sonhar e viajar por outros mundos, sempre nas melhores companhias. Não conseguimos parar de ler, mas lamentamos quando chegamos ao fim.

Eddie voa por todo o Brasil ministrando aulas e workshops, sempre transportando suas experiências e divertida visão do mundo para seus livros e revistas. Criadora da Cadeira de Mangá da Oficina de Desenho Daniel Azulay, criou um curso de quadrinhos para crianças e adolescentes. A apostila do curso foi idealizada por ela.

Mais da metade de suas revistas e livros estão esgotados, mas há sempre uma novidade pintando. Dentre os programas dos quais participou, destacam-se Ana Maria Braga, TV Câmara em entrevista com Moacyr Scliar, Globo.com, Programa Manhã Maior, Jornal do SBT, etc...

Para ficar por dentro dos lançamentos e novidades do que a moça anda aprontando, é só fazer uma visitinha aos seus sites e blogs:

alcateia.com

omundodeeddie.com

eddievanfeu.com

Para entrar em contato com a autora, é só mandar um e-mail:

eddie@eddievanfeu.com

A Ilustradora

Apaixonada por ilustrações com temáticas de fantasia desde que largou a mamadeira, Carolina Mylius sempre se imaginou trabalhando com isso um dia. Felizmente, isso é uma realidade hoje.

Formada em Design Gráfico pela Uniritter de Porto Alegre em 2008, já tinha começado a trabalhar com ilustrações e coloração digital em 2001, quando prestou serviço para várias agências e editoras nacionais e internacionais. Nessa época, foi responsável pela coloração das capas das versões brasileira dos mangás Samurai X, Shaman King e Battle Angel Alita, dentre outros.

Em 2006, teve a chance de se juntar ao time de artistas na desenvolvedora de jogos *Southlogic Studios*, onde aprendeu muito do que sabe hoje sobre arte conceitual e teve a oportunidade de realizar inúmeros trabalhos de arte conceitual, modelagem 3D e desenvolvimento de mapas de textura para modelos 3D. Três anos depois, juntou-se ao time de artistas dos *Estúdios da Ubisoft Brasil*, onde foi responsável por boa parte da produção artística dos dois jogos produzidos para Nintendo DS e também pelo conceito e desenvolvimento de *assets* do jogo online “*Gone Amazon*”, para a rede social *Facebook*.

Atualmente, Carolina está realizando um dos seus maiores desejos como artista profissional, trabalhando como designer gráfica e ilustradora *freelancer* para editoras e agências de publicidade. Dentre suas capas para essa editora, destacam-se *Lua das Fadas*, *Dragões de Titânia Vol. 1 e 2*, *Magia dos Dragões* e *A Vassoura Atrás da Porta*.

Se quiser entrar em contato e saber um pouco mais sobre o trabalho da moça, mande um e-mail para carolmylius@gmail.com. Ou visite sua página oficial: www.carolmylius.com

Table of Contents

[Copyright](#)

[Prefácio](#)

[Capítulo 1 Mudança de Hábito](#)

[Capítulo 2 Sorvete Interrompido](#)

[Capítulo 3 As Coisas em Que Acreditamos](#)

[Capítulo 4 Jesus, Moisés e o Velhinho](#)

[Capítulo 5 A Festa](#)

[Capítulo 6 A Verdade, Nada Mais que A Verdade](#)

[Capítulo 7 Pratos Limpos](#)

[Capítulo 8 Um Pouco de Loucura É Bom](#)

[Capítulo 9 O Inesperado](#)

[Capítulo 10 Que As Verdades Sejam Ditas](#)

[Capítulo 11 Buscando um Caminho](#)

[Capítulo 12 As Coisas Nunca Saem Como Planejamos...](#)

[Capítulo 13 Uma Noite na Vila](#)

[Capítulo 14 A Fada-menina](#)

[Capítulo 15 O Rei](#)

[Capítulo 16 A Fuga](#)

[Capítulo 17 Surpresa!](#)

[Capítulo 18 Meu Querido Pônei](#)

[Capítulo 19 Um Velho Amigo](#)

[Capítulo 20 Andarilhos](#)

[Capítulo 21 Manhã Azul](#)

[Capítulo 22 A Princesa e o Soldado](#)

[Capítulo 23 Rainha da Ventania](#)

[Capítulo 24 Jenny Dentes-Verdes](#)

[Capítulo 25 O Recado de Paralda](#)

[Capítulo 26 Reencontro](#)

[Capítulo 27 Na Taberna](#)

[Capítulo 28 A Caminho do Norte](#)

[Capítulo 29 As Escadas Escuras](#)

[Capítulo 30 Medidas Extremas](#)

[Capítulo 31 A Fuga](#)

[Capítulo 32 Fogo, Cinzas e Asas](#)

[Capítulo 33 Recomeçando](#)

[Epílogo](#)

A Autora
A Ilustradora